

Olhão Cubista **Reabilitação no bairro histórico da cidade**

Yilson Stivel Ospina Gómez

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
Ciclo de estudos integrado

Orientador: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins
Coorientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

setembro de 2020

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Dedicatória

À minha alma gémea, Vanessa, à minha extraordinária mãe e ao meu incansável pai, ao meu grande irmão e aos meus avós. Dedico-vos este último trabalho académico, sem vocês nada teria sido possível.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado nos melhores e nos piores momentos do meu longo percurso académico. Por toda a ajuda proporcionada e pela confiança que depositaram nas minhas capacidades.

À Vanessa, por ter estado comigo desde o início, por me animar e me empurrar na direção certa. Por que sem ela, tudo seria diferente.

À minha orientadora, a professora Ana Maria e ao meu coorientador, o professor Miguel Nepomuceno, por que eles foram sempre a maior ajuda ao longo do curso.

À Mafalda, por estar ao meu lado quando era necessário um cúmplice na “malandrice”.

À Saudade Algarve, à Cláudia Lichtenstein e ao Marcelo Marreiros, por que foram um dos principais pilares no meu crescimento académico durante estes últimos três anos. Graças a eles, sinto-me realizado e confiante para enfrentar o futuro como arquiteto.

Ao Olivier, por ter permitido o seguimento de todo o processo criativo e construtivo da sua casa.

Ao Lourenço, pela sua boa disposição e paciência, por transmitir parte do seu conhecimento e experiência.

E por último, mas não menos importante, a todos aqueles que comigo se cruzaram e deixaram uma pequena parte deles junto a mim.

Obrigado

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Resumo

A reabilitação nos últimos anos ganhou uma importância maior na sociedade, tanto histórica como cultural. Desta forma, algumas das mais antigas e emblemáticas casas da cidade de Olhão voltam a despertar interesse.

A grande massa turística que chega ao Algarve todos os anos e a forma como chama a atenção de quem visita pela primeira vez e que considera a cidade simples, atrai cada vez mais investidores e conseqüentemente mais habitantes, não somente de outros países, mas também portugueses.

Este estudo visa uma abordagem atual, dando importância às origens da cidade de Olhão, que tem crescido ao longo dos anos graças à dedicação dos habitantes e ao esforço dos pescadores que pretendiam ter uma cidade virada para o mar, cultivando e mantendo sempre uma influência do Norte da África em suas casas modestas.

No entanto, esse crescimento grande e acelerado levaria a cidade a se tornar um pequeno labirinto de pequenas casas brancas cúbicas, não muito altas e bastante estreitas.

Os dois moinhos em cada ponta, um no bairro da Barreta e outro no bairro do Levante, influenciaram a expansão inicial, desenvolvendo-se depois para o Norte, onde surgiria outro tipo de habitação, muito maior e mais comprida, ao contrário dos principais bairros.

Essas mudanças na arquitetura cubista despertam o interesse de perceber o desenvolvimento da cidade, as características e métodos de construção, as diferenças de materiais utilizados e seus fundamentos.

Quatro projetos serão propostos em casas cubistas, cada uma em uma parte da cidade que tem características diferentes. As tipologias das casas variam em tamanho, comprimento e altura, apresentando-nos todas as principais características da cidade.

Palavras-chave

Reabilitação; Olhão; Cubista; Histórico; Conforto.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Abstract

Rehabilitation over the last few years has gained a greater importance in historical and cultural society. In this way, some of the oldest and most emblematic buildings of the city of Olhão once again gain interest.

The great tourist mass that arrives in the Algarve every year and the way it catches the attention of those who pass through it for the first time and who find it a simple to way of life, attracts more and more investors and eventually more inhabitants, not only from other countries but also Portuguese.

This study aims at a current approach, giving importance to the city of Olhão, that has been grown over the years thanks to the dedication of the inhabitants and the effort of the fishermen who aimed to have a city facing the sea, cultivating and maintaining always an influence from the North of Africa in their modest houses.

However, this large and accelerated growth would lead the city to become a small labyrinth of small white cubic houses, not very tall and quite narrow.

The two mills at each end, one in the neighborhood of Barreta and another in the neighborhood of Sete Cotovelos, influenced the initial expansion, developing later way up north, where would arise another type of housing, much larger and longer, unlike the main neighborhoods.

These changes in cubist architecture arouse the interest of perceiving the development of the city, the characteristics and methods of construction, the differences of materials used and their foundations.

Four projects will be proposed in cubist houses, each in a part of the city that has different characteristics. These houses variate in size, length and height, presenting us all the main characteristics of the city.

Keywords

Renovation; Olhão; Cubic houses; History; Comfort.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Índice

Lista de Figuras	xiii
I - Introdução	1
1.1 - Interesse do Tema	3
1.2 - Objetivos do trabalho	5
1.3 – Metodologia e Estrutura	7
II – Olhão, Contextualização	9
2.1 – Origens, o Sítio de Marim	10
2.2 - O lugar e a freguesia da praia de Olhão	12
III – Evolução, desenvolvimento e crescimento urbano.....	23
3.1 Os bairros.....	25
IV - A casa Cubista	37
4.1. Materiais, metodologia e distribuição interior	39
V – Descrição urbana da zona de estudo.....	45
5.1 Situações atuais	47
VI. Casos de estudo	55
6.1 Norte – Caso de estudo na rua Manuel Oliveira Nobre, 38	57
6.2 Centro - Caso de estudo na rua Serpa Pinto 18.	73
6.3 Sul - Caso de estudo na rua dos Micanos 26	85
VII – Caso prático – Contextualização	103
7.1 - Memória descritiva do projeto	113
7.2 – Processo construtivo	115
7.3 – Conclusão do processo construtivo	123
Conclusão	127
Anexos	135

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Lista de Figuras

Figura 1 – Atalaia de Quatrim, estado atual. – **Fonte:**

<https://miscastillos.blog/2017/09/14/torres-de-olhao/> acedido pela ultima vez em 19 de outubro de 2017;

Figura 2 – Parte da Carta do Reyno do Algarve, 1730 - **Fonte:**

<https://io.wp.com/www.vortexmag.net/wp-content/uploads/2015/12/reinoalgarve2-1.jpg?fit=1517%2C1082> acedido pela ultima vez em 16 de outubro de 2017;

Figura 3 – Cabanas semelhantes as dos primeiros habitantes de Olhão e pescadores, fotografia tirada possivelmente na Ilha da Culatra, editada na década de 1940 - **Fonte:**

http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.htm acedido pela ultima vez em 12 de outubro de 2017;

Figura 4 – Estaleiros de construção naval, já desaparecidos, junto ao Moinho do Levante, dos irmãos e mestres José e António da Graça, nos finais do século XIX.-

Fonte: <http://www.olhao.web.pt/images/Museu/MoinhoDoLevante.jpg> acedido pela última vez em 18 de outubro de 2017;

Figura 5 – Compromisso Marítimo de Olhão, postal com carimbo datado de 7 de dezembro de 1922. – **Fonte:**

http://www.olhao.web.pt/museu_fotografico_de_olhao.htm acedido pela última vez em 20 de outubro de 2017;

Figura 6 – Alfandega de Olhão, Postal. **Fonte:**

<http://www.olhaocubista.pt/Patrimonio/Alfandega.htm> acedido pela última vez em 12 de agosto de 2018;

Figura 7 – Fotografia datada entre 1912 e 1916, é possível identificar o mercado de peixe no centro **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015, P.1;

Figura 8 – Hospital da Nossa Sra. da Conceição **Fonte:**

<http://www.olhaocubista.pt/Patrimonio/Hospital.htm> acedido pela última vez em 12 de Agosto de 2018;

Figura 9 – Cabana de pescador na ilha da Armona, Olhão, década de 1920. **Fonte:**

<https://br.pinterest.com/pin/478859372850395492/> acedido pela última vez em 31 de outubro de 17;

Figura 10 – Cabanas situadas na Ilha da Armona em Olhão, década de 1920. **Fonte:**

Arquivo da Câmara Municipal de Olhão, fotografia da exposição Olhão Cubista de 2017 realizada pela CMO;

Figura 11 – Levantamento topográfico de 1873_Direção Geral do Território. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 12 – Parte da carta de 1873, D.G.T. Bairros identificados: ① Não identificado; ② Barreta; ③ Sete Cotovelos; ④ Manuel Lopes; ⑤ Gaibéu; ⑥ Pelourinho; ⑦ Arménios. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 13 – Planta atual dos bairros da cidade. Planta do Câmara Municipal de Olhão, edição do autor. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 14 – Bairro da Barreta – Planta da Câmara Municipal de Olhão – Análise do autor. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 15 – Planta do alinhamento do bairro da Barreta. Alinhamento atual, planta Câmara Municipal de Olhão, edição do autor. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 16 – Planta do alinhamento do bairro da Barreta. Análise do alinhamento atual e o possível alinhamento sem intrusão da esquina na rua de São Sebastião. **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do autor;

Figura 17 – Planta do alinhamento do bairro das igrejas. Análise do alinhamento atual e os eixos criados pelo bairro da Barreta. Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do autor;

Figura 18 – Planta do alinhamento do bairro dos Sete Cotovelos (Atual bairro do Levante). **Fonte:** Análise do alinhamento atual e os eixos criados pela avenida da república. Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do autor;

Figura 19 – Planta do alinhamento interior dos seguintes bairros: Bairro do Manuel Lopes; Bairro do Gaibéu. **Fonte:** Análise do alinhamento atual e os eixos criados pela avenida da república. Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do autor;

Figura 20 – Trecho do porto de pesca de olhão, década de 1900 – Antes da expansão **Fonte:** http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/OlhaoPostais/006_Olhao.jpg

Figura 21 – Fotografia da expansão de Olhão - Zona ribeirinha e mercados, década de 1920. **Fonte:** http://www.cm-olhao.pt/images/phocagallery/EspacosMunicipais/Mercados_de_Olhao/Antigamente/thumbs/phoca_thumb_1_6_mercados%20dcada%201960.jpg;

Figura 22 – Parte da carta de 1873, D.G.T. Alterações identificadas: 1. Antigo mercado do peixe; 2. Edifício da Alfândega; 3. Antigo cais de venda do peixe; 4. Nova localização dos mercados municipais; 5. Nova linha da frente ribeirinha. **Fonte:** ROMBA, Sandra;

Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 23 – Planta do alinhamento interior dos seguintes bairros: 1. Bairro do Peti; 2. Bairro dos Arménios – Novas frentes criadas pelos aterros sobre a Ria Formosa.

Fonte: Análise do alinhamento atual e os eixos interiores dos bairros. Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;

Figura 24 – Planta e corte transversal de cabana. **Fonte:** VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 43;

Figura 25 – Desenho da vila piscatória de Monte Gordo, realizado em 1773. **Fonte:** CORREIA, José Eduardo Horta; Vila Real de Santo António, Urbanismo e Poder na Política Pombalina, Faculdade de Arquitectura do Porto, FAUP Publicações, Porto 1997; P. 466;

Figura 26 – Preparação de cal, ferramentas utilizadas em aplicação. **Fonte:** VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 50;

Figura 27 – Telhado abobadado na rua Manuel de Oliveira Nobre. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 28 – Telhado de Tesouro na rua do Sol Posto. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 29 – Distribuição da casa olhanense, começando pela casa de fora, quarto e pátio com acesso à cobertura. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 5. Pátio; 8. Açoteia. **Fonte:** VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 46;

Figura 30 – Expansão da casa cubista. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 3. Pátio; 4. Chaminé de balão; 6. Pangaio; 8. Açoteia. **Fonte:** VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 55;

Figura 31 – Ilustração da estrutura da cobertura em dormentes. 1. Viga de madeira; 2. Traves de madeira; 3. Tijoleira de Santa Catarina (15x30); 4. Argamassa; 5. Tijoleira de Santa Catarina (15x30). **Fonte:** MARTINS, Artur; CASTRO, Celestino de; TORRES, Fernando; Arquitectura popular em Portugal, 3ª edição, vol. 3, zona 6, pág. 183. Associação Arquitectos Portugueses. Lisboa, 1988;

Figura 32 – Fotografia das açoteias, mirantes e contra mirantes de olhão – Artur Pastor 1955 – 1965. **Fonte:** Arquivo fotográfico de Lisboa.

<https://biclaranja.blogs.sapo.pt/geometria-956983?thread=5896247>;

Figura 33 – Expansão da casa cubista. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 3. Pátio; 4. Chaminé de balão; 6. Açoteia; 8. Açoteia. 9. Mirante. **Fonte:** Expansão da casa cubista. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 3. Pátio; 4. Chaminé de balão; 6. Pangaio; 8. Açoteia. **Fonte:** VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 61;

Figura 34 – Planta geral da zona de estudo; 1. Zona Norte; 2. Zona Centro; 3. Zona Sul, histórica. **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;

Figura 35 – Fachada na rua dr. Miguel Bombarda. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 36 – Fachada na rua de São José. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 37 – Fachada na rua Serpa Pinto. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 38 – Planta geral da zona de estudo destacando edifícios devolutos e abandonados. **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;

Figura 39 – Fachada com trabalhos a decorrer na rua da Cerca do Filipe. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 40 – Fachada com trabalhos de restauro nos azulejos na rua Gonçalo Velho. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 41 – Interior de habitação parcialmente demolida na rua da Cerca – **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 42 – Planta geral da zona de estudo destacando edifícios em processo de reabilitação **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;

Figura 43 – Fotografia do interior do Convento. **Fonte:**

<https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipO1O1mWLVLCaQJ3wYX1xfxIyXpA-Jk7UzyqPEN=w325-h577-k-no>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;

Figura 44 – Fotografia do pátio interior. **Fonte:**

<https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipOFOpjWB6heHNNm3qGSwdyYP7ofz9h5cp6N2BzB=w325-h433-k-no>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;

Figura 45 – Fotografia da açoteia. **Fonte:**

https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipNYNqvsXHS3QZjP-_OY4YvFmUAd69MGci4coIMS=w325-h325-k-no. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;

Figura 46 – Fotografia do exterior renovado, São visíveis os diferentes cubos que compõem a casa. **Fonte:** <https://www.casafuzetta.com>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020.

- Figura 47** – Fotografia do tanque na açoteia da casa Fuzetta. **Fonte:** <https://www.casafuzetta.com>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;
- Figura 48** – Fotografia da fachada. **Fonte:** <https://www.casaceu.pt>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;
- Figura 49** – Cozinha interior. **Fonte:** <https://www.casaceu.pt>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;
- Figura 50** – Acesso à açoteia da casa Céu. **Fonte:** <https://www.casaceu.pt>. Visitado pela última vez em 18 de julho de 2020;
- Figura 51** – Planta geral da zona de estudo assinalando reabilitações finalizadas. Destaca-se a localização das seguintes casas: 1. Casa Convento; 2. Casa Fuzetta; 3. Casa Céu. **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;
- Figura 52** – Preparação de estrutura em alvenaria, materiais utilizados. **Fonte:** – VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada da Lisboa; Lisboa 2015. P. 49;
- Figura 53** – Localização da habitação em estudo. Parte norte da zona de estudo. **Fonte:** Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;
- Figura 54** – Fotografia da fachada principal na rua Manuel de Oliveira Nobre. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 55** – Fotografia do pavimento existente no corredor de entrada. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 56** – Fotografias do corredor de acesso. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 57** – Vista de entrada e do fundo. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 58** – Fotografia da “casa de fora”, com acesso bilateral ao quarto seguinte. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 59** – Fotografia da porta de acesso à segunda divisão. Arranjos temporários permitem visualizar os sinais de salitre. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 60** – Vista do quarto de apoio. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 61** – Vista do teto abobadado e das paredes em gesso cartonado pintado de cor encarnada, apresenta sinais de salitre. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 62** – Fotografia dos acessos diferentes presentes na sala. Fotografia do autor.
- Figura 63** – Revestimento das paredes da sala. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 64** – Fotografia da Cozinha. Apresenta ainda a saída de fumo tradicional, mas construída em cimento. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 65** – Fotografia da sala de jantar. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 66** – Fotografia do Quintal e acesso à açoteia. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 67 – Fotografia dos acessos do anexo existentes no Pátio. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 68 – Corredor de acesso tardoz. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 69 – Fachada existente na rua Joaquim Ribeiro. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 70 – Fotografia da cobertura da casa. Apresenta vários sinais de deterioração e problemas estruturais. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 71 – Fotografia superior do pátio. É possível identificar o acesso tardoz e o espaço ocupado pelos anexos. A cobertura destes encontra-se frágil e danificada pelo tempo. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 72 – Fotografias do corredor de acesso, vista frontal. Durante a remoção das placas de gesso cartonado e após a picagem das paredes. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 73 – Fotografias do corredor de acesso, visto desde o espaço da sala. Fotografias do autor. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 74 – Fotografia da “casa de fora”, após a remoção do gesso cartonado. Fotografia do autor. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 75 – Fotografia da “casa de fora” após a remoção dos revestimentos arruinados e a picagem das paredes até “ao osso”. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 76 – Fotografia da sala antes do início dos trabalhos. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 77 – Fotografia da sala após a remoção das placas plásticas de revestimento e mosaico hidráulico. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 78 – Cozinha e sala de jantar, demolição da laje de cobertura. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 79 – Fotografia da sala sem cobertura. É possível verificar o espaço deixado pelas peças de mosaico retiradas para serem reutilizadas. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 80 – Fotografia do exterior. Remoção de elementos antes do início da nivelção de pavimentos. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 81 – Fotografia da “casa de fora”. Elementos a serem aplicados para salubrificação das paredes e compartimentos da casa. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 82 – Fotografia do processo de construção da nova ampliação da cobertura, vista desde a escada de acesso. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 83 – Fotografia da fachada frontal da ampliação. É possível visualizar o espaço restante que será preenchido com betão leve para evitar sobrecargas na estrutura inferior. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 84 – Espaço restante da açoteia que será nivelado e preenchido com betão leve e posteriormente instalado pavimento tradicional de Sta. Catarina. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 85 – A esquerda – planta existente. A direita – planta de alteração. É possível verificar a remoção das paredes estruturais da sala e o novo espaço criado. Plantas do Autor;

Figura 86 – Nova porta de acesso à habitação. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 87 – Novo espaço de cozinha. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 88 – Fotografia da ampliação nova, vista desde as escadas de acesso. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 89 – Vista da cobertura restaurada dos anexos. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 90 - Localização da habitação em estudo. Parte centro da zona de estudo.

Fonte: Planta da Câmara Municipal de Olhão, edição do Autor;

Figura 91 – Corredor de acesso, ao fundo encontra-se o hall de distribuição. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 92 – Fotografia da Sala, (do lado esquerdo do corredor) é possível observar o hall de distribuição e ao fundo o corredor interior que permite o acesso aos quartos, instalações sanitárias, sala de jantar e cozinha. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 93 – Fotografia do corredor central de distribuição. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 94 – Fotografia do interior da instalação sanitária. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 95 – Parede da sala de jantar que apresenta humidade ascendente. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 96 – Fotografia do vão existente na sala de jantar. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 97 – Cozinha em alvenaria com pormenores tradicionais, entre eles a saída de fumo e a estrutura baixa. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 98 – Acesso à cozinha traves da porta do pátio. Esta foi alterada para evitar a entrada de águas pluviais. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 99 – Fotografia do pátio coberto por chapas metálicas. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 100 – Fotografia do acesso à açoteia. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 101 – Corredor de acesso à açoteia. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 102 – Arcos tradicionais existentes sobre a cobertura de zinco. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 103 – Lateral do anexo com escada de acesso ao mirante. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 104 – Teto do anexo onde é possível observar a estrutura original. **Fonte:** Fotografia do autor;

- Figura 105** – Paredes danificadas sob a zona das escadas, junto à parede interior do anexo. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 106** – Sinais de humidade e fragilidade estrutural nas paredes que suportam as escadas. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 107** – Fotografia das escadas de acesso ao mirante. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 108** – vista das açoteias e mirantes vizinhos desde o topo das escadas. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 109** – Novo espaço da sala. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 110** – Fotografia do novo espaço destinado à cozinha. É visível o pequeno cubo de luz que seria modificado. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 111** – Fotografia do reforço estrutural necessário ao demolir a parede que divide os dois quartos. Este passa a ter duas entradas de luz, aumentando o conforto dentro da nova divisão. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 112** – Fotografia das paredes da antiga cozinha, a ser preparada para a criação da nova instalação sanitária. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 113** – Fotografia do pátio lateral, sem revestimentos e elementos de sombreamento. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 114** – Processo de construção do anexo. Durante a armação dos pilares. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 115** – Isolamentos e acabamentos, diferentes fases na reconstrução do anexo. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 116** – Acabamento interior revestido no teto em madeira, sendo apenas um efeito visual, já que a estrutura foi efetuada em cimento. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 117** – Conclusão dos trabalhos no pátio exterior. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 118** – Conclusão dos trabalhos na açoteia. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 119** – Fotografia dos acabamentos finais na nova saída de fumo e escadas do mirante. **Fonte:** Instagram @saudadealgarve. Seguimento de obra pelo autor;
- Figura 120** – A esquerda – Planta antes da intervenção. RDC e 1º piso. A direita – Planta do processo de alteração e reabilitação. Projeto completo em anexo;
- Figura 121** – Localização da habitação em estudo. Zona sul em destaque. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 122** – Porta de acesso à habitação. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 123** – Corredor de entrada. À direita encontra-se a “casa de fora” e ao fundo o hall de distribuição. **Fonte:** Fotografia do autor;

- Figura 124** – Acesso à “casa de fora”, com portas originais da época. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 125** – Estado das janelas de alumínio pintadas de cor branca, é visível no canto superior esquerdo, os sinais de humidade. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 126** – Acesso bilateral, a divisão de apoio e ao hall de distribuição. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 127** – Teste efetuado ao pavimento existente para verificar a existência de mosaicos hidráulicos na habitação, porém, apesar de existirem, não foi possível a sua recuperação. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 128** – Acesso ao hall de distribuição a través do corredor de entrada. É visível a quantidade de humidade presente na parede. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 129** – Teto abobadado do hall de distribuição. Apresenta sinais de humidade avançada, destruindo parcialmente a pintura e molduras existentes. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 130** – Vista completa do quarto, desde a porta de acesso da “casa de fora”. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 131** – Teto abobadado do quarto, deteriorado pela humidade. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 132** – Vista completa do corredor central desde a sala. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 133** – Teto abobadado do quarto de arrumos, deteriorado pela humidade. É possível ver o alastramento da água até as madeiras da porta. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 134** – Fotografia da cozinha. É possível ver os diferentes tipos de revestimentos existentes. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 135** – Fotografia da sala, com humidades presentes na abobada. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 136** – Fotografia do pátio a través da porta da sala. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 137** – Fotografia do pátio e arco baixo as escadas. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 138** – Fotografia do lanço de escadas estreito que permite o acesso até a açoteia. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 139** – Fotografia da açoteia, desde o fim das escadas. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 140** – Fotografia do início da açoteia, após o lanço de escadas. **Fonte:** Fotografia do autor;

- Figura 141** – Fotografia do interior do anexo, carece de qualquer característica tradicional. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 142** – Fotografia da vista oposta da açoteia, onde é possível observar o espaço da nova cobertura, coberto com azulejo avermelhado, e o espaço definido pelo anexo. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 143** – “Casa de Fora”, é possível observar a previa existência de azulejos na parede. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 144** – Acesso ao quarto 1, após a remoção da porta de acesso a traves da “casa de fora”. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 145** – Corredor de acesso após a remoção dos revestimentos. O teto foi preservado com o maior cuidado para ser restaurado numa fase final. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 146** – Deterioração das madeiras dos aros das portas, consequência da humidade. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 147** – Corredor central decapado. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 148** – Estado dos vãos após a remoção dos aros das portas. É Visível o estado de deterioração causado pela humidade. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 149** – Sala de estar, Fotografia na fase de demolições. Apresenta vários tipos de problemas derivados de humidades ascendentes e revestimentos antigos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 150** – Sala de estar, durante a primeira fase de rebocos. Foi elaborado um pequeno vão para iluminação de nova instalação sanitária. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 151** – Sala de estar durante a fase previa aos acabamentos finais. É possível verificar o aparecimento de humidades após a intervenção derivado da não aplicação de materiais porosos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 152** – Cozinha, fotografia na fase de demolições. Pode ser observado alguns dos aros de porta estragados. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 153** – Fotografia durante a primeira fase de rebocos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 154** – Fotografia antes da construção da estrutura da cozinha durante a fase previa aos acabamentos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 155** – Açoteia, fotografia na fase de ampliação do anexo. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 156** – Fotografia durante a aplicação de revestimentos interiores. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 157** – Deterioração das paredes e do pavimento aplicado nas novas zonas de circulação. Foram necessárias obras de correção. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 158 – A esquerda – planta antes da intervenção. A direita – planta de alteração. É possível verificar o aumento da sala de jantar e cozinha. Projeto completo em anexo. Escala 1:200;

Figura 159 – Fotografia do novo corredor de entrada, revestido com mosaico hidráulico. **Fonte** – www.saudadealgarve.com;

Figura 160 – Fotografia da nova sala de estar e leitura. **Fonte:** www.saudadealgarve.com;

Figura 161 – Nova sala de jantar e cozinha. É possível ver a evolução nas figuras anteriores 152, 153 e 154. **Fonte:** www.saudadealgarve.com;

Figura 162 – Fotografia lateral da cozinha. **Fonte:** www.saudadealgarve.com;

Figura 163 – Fotografia de nova escada. **Fonte:** www.saudadealgarve.com;

Figura 164 – Porta e pátio da habitação. **Fonte:** www.saudadealgarve.com;

Figura 165 – Placa com o nome da rua existente junto ao caso de estudo. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 166 – Fachada principal da habitação em estudo. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 167 – Destaque do quarteirão formado pela rua da Cerca e a rua Gonçalo Velho;

Figura 168 - Levantamento Topográfico de 1873 – Direção Geral do Território. **Fonte:** ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015. Papeis de prancheta – 1873;

Figura 169 – Pormenores na fachada principal da casa, na rua Gonçalo Velho. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 170 – Estado do corredor de acesso da casa e do teto. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 171 – “Casa de fora”, acesso através do corredor de entrada, apresenta o estado das paredes e o pavimento descaracterizado. Na última imagem é possível observar a mudança de material nas janelas mantendo as portadas originais. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 172 – Fotografia parcial do quarto um, onde é possível verificar a existência de humidades ascendentes nas paredes junto à porta. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 173 – Fotografia do hall principal e do corredor central. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 174 – Fotografia parcial do quarto dois, onde é possível verificar a existência de humidades ascendentes nas paredes junto à porta. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 175 – Fotografias da instalação sanitária, verificando humidades nas paredes e no teto. É possível observar o estado da pintura a cair. **Fonte:** Fotografia do autor;

- Figura 176** – Fotografia da cozinha. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 177** – Fotografia do extremo do corredor, antes do pátio coberto. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 178** – Fotografia do terceiro quarto, onde é possível observar o material descaracterizado da porta-janela. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 179** – Fotografias interiores de parte do anexo exterior. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 180** – Fotografia exterior do acrescento. É possível observar que foi construída mais do que uma divisão. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 181** – Fotografia da escada e a chaminé existente na açoteia. Apresentam sinais de desgaste e musgo criado pelas chuvas sazonais. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 182** – Planta da habitação existente. Projeto completo em anexo. Escala 1:200;
- Figura 183** – Estado das paredes do corredor. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 184** – Fotografias do Hall, onde é possível observar a parede antes de aplicar a argamassa consolidante. É possível observar o pavimento que foi removido para conservação. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 185** – Fotografia tirada durante a remoção da parede divisória existente entre os dois quartos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 186** – Fotografia do antigo vão existente na instalação sanitária central. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 187** – Corredor central durante a primeira fase de remoção de revestimentos. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 188** – Fotografias do quarto cuja nova funcionalidade será escritório. É possível observar o material original das paredes. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 189** – Fotografias do corredor antes da remoção da parede da cozinha. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 190** – Fotografia da estrutura metálica necessária para a abertura do vão da cozinha. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 191** – Fotografia dos pilares de suporte da nova laje. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 192** – Fotografia da nova laje, durante a fase de execução. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 193** – Fotografia durante a triagem de materiais no pátio. **Fonte:** Fotografia do autor;
- Figura 194** – Fases de construção do tanque, desde as escavações, construção das fundações e antes dos revestimentos, já impermeabilizada no interior. **Fonte:** Fotografia do autor;

Figura 195 – Fotografia das diferentes camadas aplicadas. **Fonte:** Fotografia do autor tirada durante visita em 2018 à Feira Tektonica em Lisboa;

Figura 196 – Fotografia da parede do corredor antes das últimas camadas de produto serem aplicadas. **Fonte:** Fotografia cedida pelo proprietário da habitação;

Figura 197 – Fotografia da porta do pátio, acesso do corredor ao pátio. **Fonte:** Fotografia cedida pelo proprietário da habitação;

Figura 198 – Pormenor de acabamento no banco exterior. **Fonte:** Fotografia cedida pelo proprietário da habitação;

Figura 199 – Fotografia da fachada interior da habitação já finalizada. **Fonte:** Fotografia cedida pelo proprietário da habitação;

Figura 200 – Fotografia do teto do corredor e da primeira divisão, a sala; **Fonte:** Fotografia cedida pelo proprietário da habitação;

Figura 201 – Fotografia do pátio e do tanque finalizado. **Fonte:** Fotografias cedidas pelo proprietário da habitação;

Figura 202 – Planta de proposta – Piso 1. Projeto completo em anexo. Escala 1:200;

Figura 203 – Planta de proposta – Piso 2. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

I - Introdução

O interesse no tema nasceu inicialmente na vontade de conhecer as raízes da cidade de Olhão, interpretando a história da sua evolução e da arquitetura que se instalou na cidade desde as suas origens, em conhecer as razões da expansão de uma cidade que começou a enriquecer graças ao seu pequeno porto de pesca com alta qualidade de peixe. Nasce também do interesse de estudar um espaço urbano que se apresenta de uma maneira diferente de outros tão próximos como a cidade de Faro e Tavira.

Algumas características de Olhão já têm sido estudadas por investigadores durante o século XX. Como por exemplo alguns habitantes locais mais estudiosos entre eles, Francisco Fernandes Lopes que era natural da cidade de Olhão. Era médico de profissão, mas também foi reconhecido como musicólogo, historiador, filósofo, etnógrafo e inventor. “*escreveu a entrada Olhão na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*” como refere Sandra Romba¹, onde estudou, entre outras características da cidade, a possível origem do mirante. Foi uma das principais pessoas que deu a conhecer ao mundo o tipo de arquitetura diferente que se construiu em Olhão.

Antero Nobre (historiador, político e jornalista) publicou pequenas obras dedicadas à história de Olhão, das quais a última foi publicada em 1984: “*História breve da Vila de Olhão e da Restauração*” citado por Sandra Romba², texto no qual escreve com base em pesquisas de arquivos e bibliotecas durante quatro décadas.

O tema de Olhão começou a ganhar importância a nível nacional. Leite de Vasconcelos, etnógrafo, fez uma descrição da tipologia das habitações caracterizando a utilização das açoteias e dos mirantes. Também o geógrafo Orlando Ribeiro escreve no livro: “*Geografia e Civilização – Temas Portugueses*” igualmente citado por Sandra Romba³, um capítulo dedicado às açoteias de Olhão e telhados de Tavira, onde procura encontrar influências orientais na arquitetura nestas duas cidades, procurando uma ligação paralela entre as açoteias de Olhão e o clima intentando criar uma ligação entre Aiamonte e Cádiz em Espanha e Marrocos em Africa.

¹ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 1; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

² NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

³ RIBEIRO, Orlando; *Açoteias de Olhão e telhados de Tavira – Influências orientais na Arquitetura urbana*; in *Geografia e Civilização – Temas Portugueses*; Editora Livros Horizonte; Lisboa 1992.

Procura-se saber como surgiram os bairros da Barreta e dos Sete Cotovelos (atual bairro do Levante) situados nas traseiras da Avenida 5 de Outubro, como foram formando o traçado urbano atual e como foi distribuído e organizado o terreno à beira-mar, que eventualmente iria se expandir a Norte, criando espaço suficiente para desenvolver uma tipologia de habitação muito maior e mais cuidada. As várias partes que compõem a casa cubista, as platibandas pouco ornamentadas que cortam a vista da açoteia e simplesmente escondem a curvatura das abóbadas, os mirantes e por vezes os contra mirantes e por último os pangaios.

1.1 - Interesse do Tema

A arquitetura “Cubista”, chamada assim pelos populares e pelos habitantes da cidade, destaca-se por possuir uma história ampla e com origens um pouco incertas. A evolução da cidade de Olhão, o seu crescimento e as suas características foram adotadas pelos pescadores e mareantes que, nas suas viagens eram influenciados pela estética e arquitetura dos lugares que visitavam. Cádiz, no Sul de Espanha e Agadir no Norte de Marrocos são os principais responsáveis por tais características arquitetónicas.

As casas com telhados planos, platibandas, açoteias, mirantes e pangaiois, retratam as influências de outrora na população. Mas esta intervenção das características não termina só na forma da estética exterior da habitação, mas também a sua disposição, imitando a distribuição das casas no seu interior especialmente na organização horizontal em comprimento. No entanto, os materiais e métodos construtivos, areia e cal, a cor branca e simplicidade das fachadas também eram praticadas pelos marinheiros Olhanenses.

O desenvolvimento rápido e descontrolado fez da zona ribeirinha da cidade um espaço urbano pouco organizado, delineado principalmente por construções que desenharam becos e ruas sem um aparente alinhamento. A falta de coordenação por parte de uma entidade responsável gerou uma vila pouco organizada desde o ponto de vista urbano. O tamanho das habitações variava conforme as capacidades económicas do proprietário e eram construídas tendo em conta o alinhamento que já existia, mas por vezes desrespeitando-o e criando um novo quarteirão, que por sua vez geraria uma praça ou um beco.

Após este crescimento alargado na zona ribeirinha, os primeiros sinais de degradação começaram a aparecer, pondo em causa a estabilidade das casas e a sua habitabilidade. O conforto foi posto em causa, já que a proximidade do mar era uma das principais razões na criação de humidade e salitre⁴ nos pequenos quartos escuros sem ventilação natural. As coberturas típicas da cidade, suportadas por vigas de madeira

O interesse de abordagem neste tema, é a possibilidade de incorporação de novos materiais de construção, adequando-se ao tratamento do salitre e da humidade criada nas casas. O novo despertar da cidade que tem vindo a ser desenvolvido por cidadãos

⁴ Nome vulgar do nitrato de Potássio ou Nitro. Sal produzido pela água utilizada durante a construção das habitações. Surge depois da aparição de humidade nas paredes, tornando-se as vezes impossível de remover.

estrangeiros com poder económico de compra e no restauro de imóveis degradados, adaptando-os ao tempo moderno para uma utilização sazonal turística ou permanente.

1.2 - Objetivos do trabalho

A formação da comuna marítima de olhão é um caso de estudo pouco explorado na história portuguesa e no Algarve, despertando interesse daqueles que procuram saber mais sobre a origem da cidade que têm vindo a chamar a atenção de muitas pessoas, locais e estrangeiras no decorrer dos últimos anos.

A investigação feita nesta dissertação procura entender as origens da cidade cubista e da sua arquitetura peculiar, procurando perceber as influências adquiridas do Norte de África e Espanha, estudando a metodologia construtiva e materiais utilizados na época.

Tenta-se enfatizar e compreender a problemática resultante da utilização de materiais precários, cuja idade apresenta problemas atualmente que têm vindo a ser descobertos nos anos atuais graças ao desenvolvimento económico de Portugal, levando ao encontro de casas centenárias construídas com materiais em decadência que só nos tempos de hoje nos permitem ver as consequências de uma evolução acelerada.

Apresentar-se-ão diversos casos de estudo, em diferentes zonas da cidade. A cidade será segmentada em três partes, Norte (acima da linha de comboio), centro (Zona inserida entre o Plano de Pormenor da Zona Histórica de Olhão e a linha de comboio) e Sul (área determinada pelo Plano de Pormenor). Serão apresentados os pontos característicos de cada caso, tendo em conta a sua envolvente e as particularidades principais na construção. Serão explorados os diferentes materiais utilizados e as consequências da degradação com o passar do tempo.

Por último, o caso prático explora as soluções técnicas mais viáveis para o aproveitamento das casas cubistas, proporcionando características de conforto e salubridade.

A conclusão da dissertação visa entender melhor a história da cidade, a evolução, o método construtivo das casas cubistas olhanenses, os materiais utilizados e as problemáticas resultantes do tempo.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

1.3 – Metodologia e Estrutura

A cidade de Olhão apresenta várias possibilidades estudo, onde a análise da arquitetura tradicional se manifestou de grande interesse. Entre várias questões pertinentes, apresentam-se os métodos construtivos e processos de construção, distinguindo-se os diferentes materiais utilizados e as suas características principais.

Contudo, é necessário criar uma linha de tempo que permita uma perceção pormenorizada das diferentes situações presentes na grande extensão da cidade.

Inicia-se uma descrição do geral para o particular, partindo de uma contextualização da ampla cidade de Olhão, explorando a sua origem no sítio de Marim passando pela sua evolução ao longo dos anos e recentemente o interesse que desperta na população estrangeira, que é atraída pela simplicidade e ambiente contagiante.

Para alcançar uma perceção detalhada, é necessário estabelecer um método de trabalho de proximidade, desenrolando-se através da pesquisa “*in situ*”, com a deslocação ao arquivo municipal e aos diferentes bairros e zonas de estudo da cidade. A caracterização espacial nos bairros permitirá uma compreensão mais correta das zonas examinadas e é um ponto fundamental na compreensão da situação arquitetónica presente na cidade, salientando as circunstâncias divergentes de cada casa.

O estudo bibliográfico aprofundado da matéria já existente sobre o tema da cidade de Olhão e é essencial para a compreensão correta da informação sobre o tema, sendo analisados diferentes obras de autores cujos trabalhos se destacaram na descrição da história e evolução da cidade de Olhão, dos quais se salientam obras como a “*Evolução Urbana de Olhão*” de Sandra Romba, “*História Breve da Vila de Olhão da Restauração*” de Antero Nobre, “*Geografia e Civilização – Temas Portugueses, Açoteias de Olhão e telhados de Tavira – Influências orientais na Arquitetura urbana*” de Orlando Ribeiro, “*A Medina de Olhão: A origem da arquitectura popular de Olhão – Um contributo*” de Carlos Filipe Vasconcelos ou “*Etnografia Portuguesa, Vol. VI*” de José Leite de Vasconcelos, entre outros.

Também a plataforma disponibilizada pela APOS, Associação de Valorização de Património Cultural e Ambiental de Olhão se revela importante. Onde é possível encontrar um amplo conjunto de informação alusiva à cidade, focando-se não só nas características urbanas, mas também nos aspetos históricos, culturais e ambientais.

Após a elaboração da contextualização da cidade, será estudado o método construtivo utilizado durante a evolução urbana da cidade, estudando a metodologia local utilizada.

Posteriormente, serão analisados vários casos de estudo, em diferentes zonas da cidade com diversas condições, derivados sempre conforme a sua proximidade ou afastamento da linha do mar. Estes casos de estudo serão descritos minuciosamente para perceber as fraquezas de cada um deles, idealizando uma solução técnica para resolver as problemáticas diversas existentes.

Será efetuado um registo fotográfico minucioso de cada caso de estudo, registando pormenores que caracterizem cada um deles, expondo ao máximo graficamente a situação inicial da habitação, passando pelo processo de construção até a fase de conclusão. Serão registados através de fotografias os vários problemas a serem abordados e estudados.

Uma vez finalizada a descrição fotográfica e técnica dos diferentes casos de estudo e da solução aplicada, será idealizado um projeto de intervenção que ponha em prática os diferentes materiais observados e descritos, visando um acabamento ideal para a resolução dos problemas locais. O acompanhamento do processo de construção, a verificação da correta utilização de materiais e produtos indicados para solucionar os contratemplos em obra será essencial para uma melhor perceção dos resultados obtidos após a intervenção.

II – Olhão, Contextualização

A costa Algarvia possui uma variedade morfológica de Este para Noroeste e é dividida em duas zonas, Sotavento e Barlavento, que proporcionam condições diferentes para a prática da pesca.

A zona do Sotavento algarvio encontra-se entre a cidade de Faro e Vila Real de Sto. António. Esta extensão apresenta as condições favoráveis para uma pesca abrigada de ventos e correntes fortes, requisitos perfeitos para a passagem e atracagem dos barcos de pesca. Ao longo do tempo, estes níveis de qualidade favoreceram o crescimento económico das pequenas vilas costeiras espanholas e portuguesas.

Atualmente, o Sotavento é muito procurado pelas ótimas praias de água calma, morna e extensos areais, contudo, continua a prover as condições perfeitas para a entrada e ancoragem de embarcações piscatórias ao porto de Faro.

Do lado contrário, desde a cidade de Faro até Sagres, encontramos o Barlavento algarvio, caracterizando-se por possuir grandes falésias, grutas, águas mais agitadas e frias. Contudo, esta zona do Algarve possui portos de pesca com outras características diferentes do Sotavento. Sendo o Barlavento mais procurado durante a época balnear, atraindo mais turistas e visitantes sazonais.

É referido pelo historiador português Dr. Alberto Iria no texto sobre o compromisso marítimo, as memórias paroquiais do Dr. Sebastião de Sousa, num dos seus textos menciona o lugar de Olhão, nas margens da ria onde *“hua praya, nas margens de hum braço do mar oceano, o qual faz frente ao Sul, e se estende de Levante a Ponente: Nenhuma povoação se discobre delle, e só confina pelo Levante, e Norte com fazendas da freguesia de São Sebastião de Quelfes, meya legoa distante deste lugar, e pelo Ponente com fazendas da freguesia de São Bartholomeu de Pixão, que dista também meya legoa deste povo, e pelo Sul com o mar ocean”*⁵. Querendo indicar o pequeno povoamento que já se encontrava estabelecido.

Porém, a cidade de Olhão da Restauração só alcançou o estatuto de Vila após conseguir uma alteração na freguesia onde pertencia após a expulsão do exército francês em 1808 e pela viagem realizada por alguns Olhanenses no Caíque Bom Sucesso ao Brasil, como

⁵ SOUSA, Sebastião de; **Memórias Paroquiais**; 1758. in IRIA, Alberto; **O Compromisso Marítimo da Vila de Olhão da Restauração**; 1956.

recompensa e prova de gratidão do Príncipe Regente D. João, foi criada a vila do Olhão da Restauração.

Este acontecimento representou parte da independência que a população do lugar de Olhão tanto desejava. O crescimento urbano do centro da cidade e da beira-mar iria desencadear um crescimento acelerado e descontrolado por parte da população, criando becos e ruas estreitas.

A arquitetura olhanense, viria a ser influenciada pelo povo marítimo, que por sua vez se encarregava de trazer das suas viagens e expedições piscatórias um leque de características semelhantes de Espanha e do Norte de África.

2.1 – Origens, o Sítio de Marim

Muito antes de existir o lugar, o sítio e a vila de Olhão no Sul de Portugal, o território não era completamente lusitano, só no ano de “1249, com a tomada de Faro e outros lugares aos moiros pelo Rei D. Afonso III e pelos Mestres das Ordens de Santiago e Calatrava, o extremo Sudoeste da Península Ibérica foi total e definitivamente ocupada pelas hostes portuguesas e o Algarve passou, assim, a ser também Portugal”⁶. O Algarve viria a ser invadido por povos e raças diferentes ao longo do seu crescimento, mas só os mais importantes deixaram a sua marca no território e uma influência visual importantíssima na arquitetura no coração da cidade de Olhão.

Porém, alguns dos vestígios mais antigos e importantes destas civilizações não se encontram no centro de Olhão, mas sim nos arredores. É o caso dos tanques de salga de peixe, que só foram descobertos na década de 1950 durante a construção das fundações do novo porto de pesca no Sítio de Marim, onde outrora existiu uma pequena vila agrícola e pesqueira durante o século II ao IV. Foi povoada pelos romanos que se encarregaram de construir e implementar a indústria de pesca, as salinas e a salga de peixe durante este período. A produção era depois exportada para todo o Império. Mas o império Romano iria cair e a invasão dos Visigodos era iminente no Sítio de Marim, como refere Antero Nobre: “igualmente parece não haver dúvidas de que por ali estiveram os chamados bárbaros, que em dada altura alastraram até aos confins do Império Romano;

⁶ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág. 4; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

primeiro talvez os vândalos e os suevos, por último e com maior certeza os visigodos, estes de que há vestígios inequívocos pelo menos em Moncarapacho e em Marim”⁷.

No século VIII foi iniciada a ocupação árabe estendendo-se até finais do século XIII, tendo deixado memórias e uma herança importantíssima no Algarve, mas especificamente em Olhão, que, embora seja considerada uma cidade de características mouriscas mais acentuadas não há nenhuma construção importante deixada pelos Árabes, sendo ela a única cidade com traços mouriscos construída pelos europeus.

Apesar de o povo árabe ter sido expulso do Sítio de Marim, este continuaria a ser o povoamento mais importante da área de Olhão, já que possuía um grande “olho d’água” doce e foi um dos primeiros pontos de crescimento da região. No entanto, não seria este o poço que daria o nome à cidade de Olhão, mas sim outro “olho d’água” que se encontrava perto do atual Jardim João Serra, chamado de “Poço Velho”.

Em 1282, durante o reinado de D. Diniz, foi iniciada a construção da Torre de Marim, ou atalaia de Marim⁸, cuja função principal era prover segurança a Barra Velha, que durante essa época era o único acesso do mar para a Ria Formosa, entre a Fuseta e Faro.

A zona onde esta se inseria, era rica em agricultura graças à quantidade de água que podia ser retirada das nascentes próximas. Para além de esta atalaia, o concelho de Olhão possuía outras espalhadas no seu território das quais se destacam a torre de Bias I e II, torre de Quatrim (Fig. 1), torre da Amoreira e a torre de Aires. Todas com a principal função de avisar e proteger as populações que ocuparam a zona da chegada de inimigos, protegendo de igual forma a armação de atum instalada no Sítio de Marim. Dita armação do atum atraía pescadores de Faro que vinham sempre acompanhados pelas famílias. Graças às condições atmosféricas e à segurança fornecida pelas atalaias, a pesca sazonal durante os meses de março, abril e maio viria ser implantada. Contudo, vários pescadores decidiram fixar-se permanentemente na praia. Estes iriam construir as primeiras cabanas no Lugar de Olhão.

⁷ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág. 5; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

⁸ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág. 8; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984



Figura 1 - Atalaia de Quatrim, estado atual.

2.2 - O lugar e a freguesia da praia de Olhão

O lugar da praia de Olhão, era delimitado por pequenas lagoas formadas na Ria Formosa, constituído por um grupo de cinco ilhas maiores e duas penínsulas, que depois são separadas por seis barras. A sua localização exata encontrava-se em frente à Barra Grande, onde o acesso das embarcações em direção ao porto e à cidade de Faro era mais frequente. No local, era possível encontrar várias reservas de água doce, chamados de “olhos d’água” pelos populares, bastante comuns na praia e nas zonas de cultivo. Neste pequeno espaço da Ria Formosa, as águas calmas permitiam a atracagem das embarcações para reabastecer a água doce nos ilhotes enquanto os pescadores aguardavam pela subida da maré para poder entrar de novo no canal e seguir em direção ao porto de Faro.

A informação mais antiga sobre a cidade encontra-se numa carta de aforamento do ano 1378, onde é feita uma referência a uma herdade que se encontrava perto de Faro e que chamavam de “Olham” que era partilhada por dois cidadãos. Esta referência é feita num artigo do escritor olhanense Alberto Iria.⁹

⁹ IRIA, Alberto; Artigo no Jornal *O Correio Olhanense*; Olhão 1948.

Este documento com origem anterior ao século XIV confirma que houve um pequeno espaço entre Faro e Tavira que seria ocupado posteriormente durante as melhores estações para a apanha de peixe¹⁰.

O local apresentava condições naturais perfeitas para o estabelecimento sazonal de pescadores durante o período romano e medieval. Só mais tarde, devido ao seu crescimento, foram estabelecidas definitivamente cabanas para o alojamento da população. Estas pequenas construções, erguidas com materiais precários tinham várias funções para além de proteger os habitantes do clima, eram também usadas para o armazenamento dos materiais necessários para a prática da pesca. Após a construção dos refúgios, foi mais fácil enfrentar as condições do tempo e estabelecer-se definitivamente sem ter que se deslocar para cidades com condições semelhantes do sotavento algarvio, como Manta Rota e Monte Gordo para trabalhar na apanha de peixe.

Contudo, as mudanças de marés, especialmente as enchentes e inundações das marés vivas, foram as maiores desvantagens para a cimentação destes pequenos núcleos sazonais e as suas cabanas primitivas. Mas apesar dos impedimentos e problemas naturais, a localização junto à barra revelou-se como o melhor sítio para o crescimento económico em Olhão. Os marinheiros podiam entrar diretamente com as suas embarcações e finalizar os seus negócios antes dos navios atracarem em Faro, fugindo assim, aos direitos régios. O sucesso do pescador olhanense e os seus ganhos levou a uma fixação progressiva da população nas praias e graças a este crescimento, as cabanas foram substituídas pouco a pouco por casas de pedra, areia e cal. A pescaria de Olhão era, talvez, superior à de todos os lugares da costa algarvia, em quantidade e qualidade de peixe, número de embarcações e experiência dos mareantes.

António Rosa Mendes escreveu, sobre o tema das barras, como o porto de pesca da cidade de Faro era um dos mais importantes recetores de barcos da região, descrevendo os seus principais acessos, destacando a Barra Nova, ou barra da Ilha da Armona, sendo que esta última se encontrava de frente às cabanas dos pescadores olhanenses¹¹.

Estes pescadores que decidiram enfrentar as alterações do tempo e a mudança das estações, graças a sua persistência viram-se compensados pela abundância de peixe nesta zona da Ria Formosa, permanecendo nas suas humildes cabanas de canas de madeira e palha.

¹⁰ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág. 7; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

¹¹ MENDES, António Rosa; *Olhão Fez-se a Si Próprio*, pág. 31; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2016.

O lugar de Olhão foi constituído como nova freguesia autónoma de Quelfes e foi construída a Igreja da Nossa Senhora do Rosário (atual Igreja da Soledade) que os populares chamam de Igreja Pequena. Em 1614 os registos paroquiais de Quelfes já documentavam os moradores da praia de Olhão (Fig. 2).

Consta ainda num documento sobre a decisão régia da separação dos pescadores de Olhão do Compromisso Marítimo de Faro transcrito pelo autor na Casa dos Pescadores no “*Livro de todas as Ordens, Privilégios, Alvarás, Provizoens e mais Coisas*” de 1767, que os primeiros habitantes eram pescadores da cidade de Faro, e que esta cidade serviu de escola para o aparecimento de hábeis mareantes. Aumentando assim o número de aglomerados de cabanas rodeadas por árvores de Figueiras e vinhedos, alimentados por “*uma olham ou grande fonte natural, de água pura e magnifica, jorrava continua e abundante*”¹².

Porém, seria este pequeno aglomerado de cabanas (Fig. 3) que levaria mais tarde a uma expansão na zona ribeirinha e daria origem à construção do Forte de São Lourenço em 1654¹³, criando um ambiente ainda mais calmo e propício à prática das atividades piscatórias.



Figura 2 – Parte da Carta do Reyno do Algarve, 1730.

¹² ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 15; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

¹³ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 28; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

É possível verificar na carta do Reyno do Algarve de 1730 as várias povoações da época, entre elas Faro, Loulé, Tavira e o pequeno aglomerado de Olhão.

Destaca-se também a posição dos vários fortes das barras, entre eles o Forte do Sto. de Quarteira, Forte de São Lourenço e o Forte Velho. É possível identificar ainda a localização de várias das torres que ainda se encontravam erguidas.



Figura 3 - Cabanas semelhantes as dos primeiros habitantes de Olhão e pescadores, fotografia tirada possivelmente na Ilha da Culatra, editada na década de 1940.

Esta atmosfera segura e estável no lugar da praia do Olhão despertou o interesse dos pescadores de terras vizinhas, aumentando significativamente o número de interessados no pequeno povoamento à beira da praia. Este aumento de pescadores na região gerou alguma rivalidade com os moradores da cidade de Faro, sendo depois discutido em Conselho de Guerra no ano de 1654 a falta de pagamentos dos impostos de pesca pela parte dos moradores da Praia do Olhão, propondo como solução a demolição e queima das cabanas dos moradores de dita Praia. No entanto, os moradores não foram considerados um perigo para Faro, “*porque aquilo é uma habitação de pescadores pobres que pela comodidade de terem os seus barcos perto do mar [...] escolheram aquela local*”¹⁴.

¹⁴ MAGALHÃES, Joaquim Romero; *O Algarve Económico 1660-1773*, pág. 112; Editorial Estampa; Lisboa 1988.

O crescimento do pequeno acampamento acentuou-se de tal maneira que no ano de 1680, foi destacada pela Cidade de Faro, a proibição de construção de cabanas e todo o tipo de construções de apoio à população à beira mar, ameaçando com a pena de serem queimadas¹⁵. Contudo, a ameaça por parte da Câmara Municipal de Faro aos moradores do pequeno aglomerado de cabanas não foi considerada importante e foi ignorada pela população, por sua vez continuou a crescer até atingir cinco vezes o seu tamanho inicial.

Mais tarde, no dia 11 de junho de 1695, o Lugar da Praia do Olhão foi reconhecido como freguesia, graças ao Bispo do Algarve, D. Simão da Gama, referindo que “*todos os moradores que atualmente são e ao diante forem da dita praia do Olhão*”¹⁶ tal como os seus dois moinhos, um a levante e um a poente.

Os limites do pequeno grupo de cabanas situadas à beira da Ria Formosa seria então, a igreja primitiva de Nossa Senhora do Rosário (atual Igreja da Soledade) que passava a ser a igreja Paroquial e os dois moinhos, um à Levante chamado de moinho do Sobrado (Fig. 4) e um à Poente chamado de moinho da Barreta, este último adotará o nome de uma das barras.



Figura 4 - Estaleiros de construção naval, já desaparecidos, junto ao Moinho do Levante, dos irmãos e mestres José e António da Graça, nos finais do séc.XIX.

¹⁵ MAGALHÃES, Joaquim Romero; *O Algarve Económico 1660-1773*, pág. 113; Editorial Estampa; Lisboa 1988.

¹⁶ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág. 22; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

Três anos depois de ter sido atribuído o título de Praia do Olhão, foi iniciada a construção da nova Igreja Paroquial, a atual Igreja Matriz da Nossa Senhora do Rosário, uma vez que a Igreja primitiva estava a ficar pequena para acolher os fiéis. Só seria concluída e aberta ao público 17 anos depois, em 1715. Para além da inauguração da Igreja Matriz, outro acontecimento provocou uma mudança significativa na organização urbana na Praia do Olhão, um dos pontos mais importantes para a sua expansão. Trata-se do pedido de um habitante dirigido à rainha, “*João Pereira, de profissão mareante, requereu à Rainha autorização para a construção de uma morada de casas, alegando como causa os primeiros incêndios que ocorriam na praia*”¹⁷, sendo este o primeiro pedido oficial para obter uma licença de construção de casas em pedra, areia e cal.

No ano de 1722, o limite a Norte da freguesia passaria a ser o poço¹⁸ ao contrário da anterior Igreja primitiva. Isto indica um acréscimo da população para o interior.

Somente no ano de 1808 houve uma nova alteração da freguesia. Obtida como prova de gratidão e recompensa ao povo Olhanense por parte do Príncipe Regente D. João. Foi graças à revolta dos mareantes e ao povo do lugar de Olhão contra a armada francesa e pela ida de alguns Olhanenses no Caíque Bom Sucesso ao Brasil para comunicar a vitória e a expulsão dos franceses do território algarvio¹⁹. Este acontecimento deu origem a Vila de Olhão da Restauração. Título que já era bastante cobiçado pela população do lugar do Olhão, e assim representou a sua independência. No entanto, de vila só possuíam o nome, pois na realidade não existia ainda uma Câmara Municipal e permaneciam associados ao Termo da cidade de Faro.

Esta situação desagradava maior parte da população, que procurou defender os seus direitos junto do Príncipe Regente sendo representada pelo Compromisso Marítimo de Olhão²⁰ (Fig. 5). Procuravam o provimento de um Juiz de outra freguesia, o acréscimo das freguesias de Quelfes e Pechão, que pertenciam ao Termo de Faro, e a inclusão do povoamento da Fuseta que fazia parte da Freguesia de Moncarapacho que por sua vez, concernia ao Termo de Tavira.

¹⁷ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 30; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

¹⁸ O poço mencionado é conhecido como “poço velho” e encontrava-se perto do Jardim João Serra.

¹⁹ Era caracterizado por ser um dos barcos mais usados pelo povo olhanense na pesca do alto mar. Era também usado no transporte de mercadorias por ser bastante resistente, veloz e de fácil manobra. Encontra-se atualmente uma réplica da embarcação atracada no cais do Bate Estacas inaugurada no ano de 2002.

²⁰ O Compromisso marítimo de Olhão foi fundada no ano de 1765 por Alvará Real. Era também conhecida como a Confraria Real do Corpo Santo dos Mareantes e a sua sede encontrava-se na Igreja da Nossa Senhora do Rosário (atual Igreja da Soledade).

No ano de 1826, o Conselho governamental do reinado de D. Pedro IV, que se encontrava ainda no Brasil, concretizou as exigências da população da praia do Olhão, mesmo com a oposição da cidade de Faro que se negava a entregar o que pertencia à nova freguesia²¹. Em 1834 a voltou a ser discutida a condição de Olhão, com um novo requerimento dos direitos concedidos aos moradores. No ano seguinte, parte da objeção foi solucionada. A freguesia de Moncarapacho foi transcrevida ao Termo de Olhão. Em 1836, a Câmara Municipal de Olhão tomou posse definitiva do termo dos seus limites e das freguesias de São Bartolomeu de Pechão, São Sebastião de Quelfes e parte da freguesia de Moncarapacho²².



Figura 5 - Compromisso Marítimo de Olhão, postal com carimbo datado de 7 de Dezembro de 1922.

A expansão da freguesia iria continuar contando já com vários edifícios importantes que aumentavam o crescimento da população, começando com o edifício da Alfândega (fig. 6) inaugurado em 1842, no gaveto da praça Joaquim Lopes e a Av. 5 de Outubro, serviria como gestor principal das pescas da população de Olhão e até o ano de 1904 iria angariar perto de 25,983,727 Réis²³. Existia também no mesmo edifício a repartição da Capitania do Porto, ocupando o extremo mais a Sul do prédio.

²¹ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág.85; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

²² http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.html; sítio web da APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão.

²³ OLIVEIRA, Ataíde; *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 156; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.



Figura 6 - Alfândega de Olhão, Postal

Foi mais tarde construído em 1852 o cemitério de Quelfes, com “*mais de cem metros de comprimento e quarenta de largura. Está muito bem tratado. [...] Tinha a primitiva demarcação das freguesias de Olhão e Quelfes sido de tal forma alterada com o tempo que, não obstante ficar o cemitério próximo da vila, estava construído na freguesia de Quelfes*”²⁴, afortunadamente, dito espaço foi incluído nos limites da nova freguesia.

É então no ano de 1866²⁵ que o primeiro mercado coberto para o comércio de peixe de Olhão (Fig. 7) é erguido. Encontrava-se perto do porto de pesca, na zona da Barreta, onde se implantaram as primeiras edificações que deram origem à Vila. Poucos anos depois, é construído o mercado da fruta perto do extremo Norte da Igreja Matriz da Nossa Sra. do Rosário.

Estes mercados iriam continuar em funcionamento até 1917, ano em que foram abertos ao público as novas instalações dos Mercados de Peixe e Fruta/Verdura, em frente à Ria Formosa, em espaço já roubado ao mar, muito perto do sítio original do primeiro mercado de Peixe e praticamente junto ao edifício da Alfândega. Já referia Ataíde Oliveira que “*tem Olhão um excelente Caes mandado construir pela câmara ahi por 1857. De antes o Caes servia conjuntamente para o estaleiro na construção das diversas embarcações. Depois da construção do Caes, o estaleiro foi d’ali transferido para as proximidades do Moinho do Levante. O mercado do peixe, na parte coberta, é*

²⁴ OLIVEIRA, Ataíde; **Monografia do Concelho de Olhão**, pág. 144; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.

²⁵ ROMBA, Sandra; **Evolução Urbana de Olhão**, pág. 68; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

insuficiente, porque é pequeno e acanhado para as transações que ali se realizam. O matadouro público fica situado junto da Barreta”²⁶.



Figura 7 – Fotografia datada entre 1912 e 1916, é possível identificar o mercado de peixe no centro

Em 1874, foi efetuada uma revisão da divisão administrativa em Portugal. *“Esse acontecimento levou à constituição definitiva do concelho de Olhão, as atuais cinco freguesias. A freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Olhão, a freguesia de Nossa Senhora da Graça de Moncarapacho, a freguesia de São Sebastião de Quelfes, a freguesia de São Bartolomeu de Pechão e a freguesia da Nossa Senhora do Carmo da Fuzeta”²⁷.*

Já em 1875, foi nomeado o edifício do tribunal da cidade e repartições públicas na Rua dos Mercadores. Neste edifício, encontrava-se instalada também a Câmara Municipal e a administração do concelho, que só mais tarde iria possuir o seu próprio edifício.

Em 1883, a herança de José Mendes mencionava como beneficiário de uma quantia razoável dos seus bens o Compromisso Marítimo de Olhão, com a condição que estes bens fossem utilizados na construção de um novo hospital para pobres, atribuindo um prazo de início de obra de dois anos. Foi então que, o presidente do Compromisso Marítimo em vigor, Domingos da Costa Mera, aceitou o encargo da construção do

²⁶ OLIVEIRA, Ataíde; *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 162; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.

²⁷ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 19; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

edifício, mas a sua gerência terminou e o próximo presidente, Manuel Machado, ficou encarregue do desenvolvimento do projeto.

Manuel Machado, contribuiu com donativos para o início das obras e a aquisição de materiais de construção, ajudando monetariamente a construção. O terreno onde o Hospital iria ser instalado foi comprado ao Francisco Fernandes, que por sua vez, doou parte do dinheiro ganho à construção das fundações. As obras iriam começar no ano de 1884 e terminar um ano depois em 1885. O Hospital da Nossa Sra. Da Conceição (Ver Fig. 8) “*é obra digna do brio e do patriotismo dos filhos de Olhão*”²⁸.



Figura 8 - Hospital da Nossa Sra. da Conceição junto à linha de comboio

O crescimento da cidade continuou e como refere Ataíde Oliveira, “*a Villa de Olhão oferece as comodidades das suas irmãs mais velhas: tem clubs, hotéis, associações, escolas e fabricas, que muito a enaltecem. Nunca foi, como o sr. Lourenço Pinto sonhou que fosse no seu livro – O Algarve, pois só a arrojo de estilo se deve atribuir a sua ilusão, quando compara a laboriosa Villa com povoado marroquino, e lhe parece que o olhanense vestido de albornoz árabe daria um tangerino escorreito e completo. Muitas villas do Algarve e Minho desejariam ter em tão curto praso progredido tanto*”²⁹, colocando assim, a Vila de Olhão numa posição próspera em relação a outras no resto do país. Contudo, este crescimento volumoso na zona ribeirinha não foi organizado e a

²⁸ OLIVEIRA, Ataíde; **Monografia do Concelho de Olhão**, pág. 155; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.

²⁹ OLIVEIRA, Ataíde; **Monografia do Concelho de Olhão**, pág. 164; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.

distribuição urbana de ruas e quarteirões viu-se fortemente afetada pelas construções descontroladas e desorganizadas de uma população nómada.

III – Evolução, desenvolvimento e crescimento urbano

O povoamento sazonal das barras nas ilhas de Olhão foi descrito no ano de 1758, data posterior ao início da ocupação do lugar na praia, pelo D. Sebastião de Sousa referindo “*Que Este Lugar hé porto de mar com mayor Barra, que se acha em toda esta Província, e por ella entrão fazenda para os Mercadores da Cidade de Faro [...]. Depois de entrarem as embarcaçoens da Barra para dentro, pode estar no dito canal athe trezentas, sem perigo algum [...]. As embarcaçoens, que mais frequentão esta Barra, são Inglezas, e Orlandezas, que vem carregar figos, passas, amêndoas, vinhos, azeyte, e cortissa, as quais costumão vir carregadas de trigo, e mais fazendas de ropas, ferro e madeyras. Também entrão muytas Setias de Espanha, e Catalunha, que vem carregar de Atum no tempo das armaçoens, e peyxe seco, e salgado*”.³⁰

Certamente no início não havia nenhuma edificação permanente na praia quando os primeiros pescadores aqui se fixaram. Porém, foram as viagens e as admiráveis relações com algumas cidades africanas, tais como Larache, Tanger e Tunes, que através de expedições de pesca e trocas comerciais, foram aprendendo a forma de fazer arquitetura e de como a organizar. Consequentemente iria desencadear o aumento de casas construídas para uso permanente na Praia, optando por trocar as cabanas de junco e palha por casas de alvenaria, sólidas e resistentes às diferentes condições climáticas³¹.

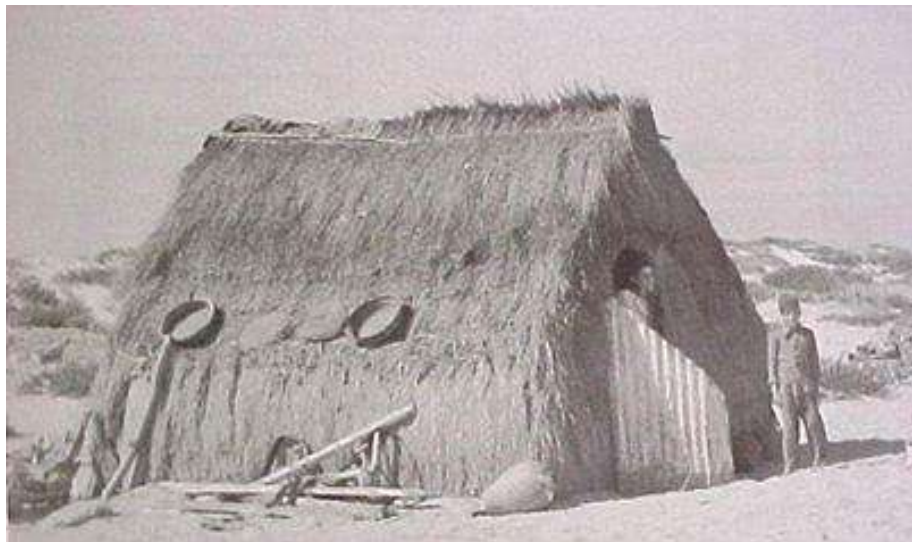


Figura 9 - Cabana de pescador na Ilha da Armona, Olhão, década de 1920.

³⁰ SOUSA, Sebastião de; *Memórias Paroquiais*; 1758. in IRIA, Alberto; *O Compromisso Marítimo da Vila de Olhão da Restauração*; in *Mensário das casas do Povo*, nº 120, 1955-56.

³¹ VIEGAS, Miguel de Jesus; *Olhão, Cidade Cubista, Requalificação dos Bairros da Barreta e do Levante*, pág. 43; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa 2016.

É difícil traçar uma linha de tempo em que se consiga justificar com registos da época os primeiros sinais iniciais de desenvolvimento de Olhão, e é considerada a hipótese de se aproximar de uma tipologia predominante no Sotavento Algarvio e da qual existem provas até ao século XX. Representava edifícios de 6 a 8 metros de altura, construídos com materiais precários – junco/colmo existente na praia (Fig. 9) que eram organizadas em filas simétricas de 15 ou 20 cabanas paralelas à costa (Fig. 10). Os arraiais aglomeravam entre 90 a 100 famílias compostas por pescadores, agricultores e comerciantes de peixe³².



Figura 10 - Cabanas situadas na Ilha da Armona em Olhão, década de 1920.

O início da construção dos primeiros bairros de Olhão foi muito similar ao conceito utilizado por outros pequenos assentamentos, como o de Monte Gordo³³, onde um grupo de cabanas edificadas eram chamadas de bairro, sendo sempre a população quem se encarregou de batizar e expandir os seus limites. A própria documentação existente sugere uma semelhança entre rua e bairro, que se destaca por dois conjuntos de edificações cobertas designadas de bairro e não serem mais do que as filas simétricas de 15 ou 20 cabanas, formando pequenas ruas e travessas³⁴.

A singularidade da arquitetura cubista de Olhão diferencia-se do tipo de arquitetura no território português, assemelhando-se muito mais a um estilo construtivo Norte-africano, como já foi referido, é o culminar de um conjunto de influências adotadas pela população e pelos pescadores que a traziam das suas viagens as visões de um povo

³² VASCONCELOS, J. Leite de; *Etnografia Portuguesa, Vol. VI*, pág. 279; Casa da Moeda; Lisboa 1975.

³³ VIEGAS, Miguel de Jesus; *Olhão, Cidade Cubista, Requalificação dos Bairros da Barreta e do Levante*, pág. 43; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa 2016.

³⁴ VASCONCELOS, J. Leite de; *Etnografia Portuguesa, Vol. VI*, pág. 282; Casa da Moeda; Lisboa 1975.

diferente. Tornou-se no estilo arquitetónico principal no núcleo dos principais bairros fundadores da cidade (Barreta e Levante) revelando uma sobreposição de casas praticamente cúbicas crescendo na sua simplicidade morfológica que por vezes possuía mais do que um pangaio na cobertura, originando os espaços conhecidos de açoteias, que por sua vez se elevam ainda mais por pequenas escadas estreitas até os mirantes.

Contudo, situando aparte o fator arquitetónico, foi a partir dos acessos principais que se começaram a desenvolver os bairros à beira-mar, estendendo-se ao largo da praia.

Estes acessos principais eram feitos através da rua de São Bartolomeu (atual rua Almirante Reis), o caminho de terra que conduzia desde o passeio público em direção à estrada Faro-Tavira (atual rua 18 de Junho) e o Passeio Público, atual Av. Da República³⁵.

A partir destes eixos seria criada a primeira expansão em direção ao antigamente conhecido campo das prainhas, estendendo-se o aglomerado de casas pela rua Formosa (atual rua Gonçalo Velho e pela rua Direita (atual rua Dra. Paula Nogueira. Tais eixos conduziam a população proveniente das vilas vizinhas até ao centro da vila, onde eram efetuadas diferentes funções comerciais.

Porém, estes eixos importantes e o traçado entre o ramal de acesso e a rua de São Bartolomeu não era constante. A população viria a influenciar fortemente a construção de casas em direção ao mar, criando quebras nos percursos originais e alterando a circulação de acesso à cidade. Este grupo de alterações iria aumentar o desenvolvimento desenfreado à beira-mar, resultando em bairros centrais irregulares.

3.1 Os bairros

O primeiro bairro a surgir na zona ribeirinha da cidade possui o nome do Moinho de Maré que neste se insere, a Barreta. É possível identificar no levantamento topográfico (Fig. 11) efetuado no ano de 1873 os diferentes bairros já existentes na época, contudo, o bairro da Barreta não é mencionado, apenas é assinalado o moinho nele existente.

³⁵ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, pág.75; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

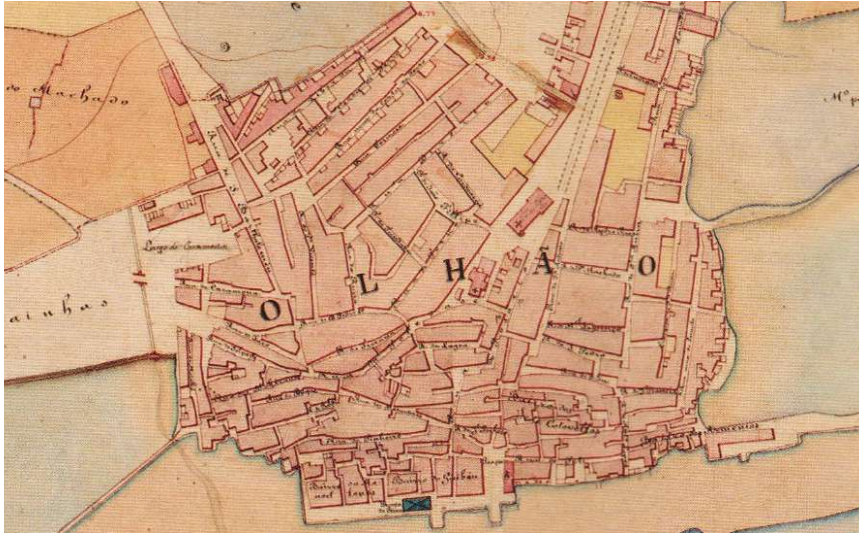


Figura 11 – Levantamento Topográfico de 1873 – Direção Geral do Território

A evolução é apenas visível através da sobreposição das diferentes plantas existentes da zona baixa da cidade (Fig. 12). Os alinhamentos e pequenos arruamentos estreitos, becos e travessas sinuosas mantêm as dimensões demarcadas pelas antigas habitações de colmo.

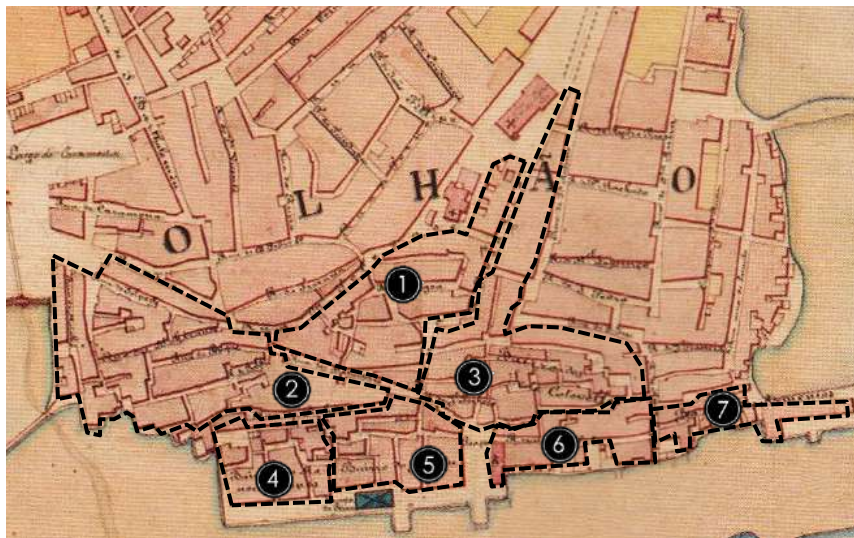


Figura 12 - Parte da carta de 1873, D.G.T. Bairros identificados: ① Bairro das Igrejas, sem nome; ② Barreta; ③ Sete Cotovelos; ④ Manuel Lopes; ⑤ Gaibéu; ⑥ Pelourinho; ⑦ Arménios.

O desenvolvimento desenfreado alargou-se até os extremos mais chegados ao mar, levando a um acréscimo de terra que ocupou grande parte das praias. Para tal, foram necessárias inúmeras intervenções por parte do município para criar as infraestruturas necessárias para suportar as novas construções. É possível observar este crescimento nas figuras seguintes, 12 e 13.

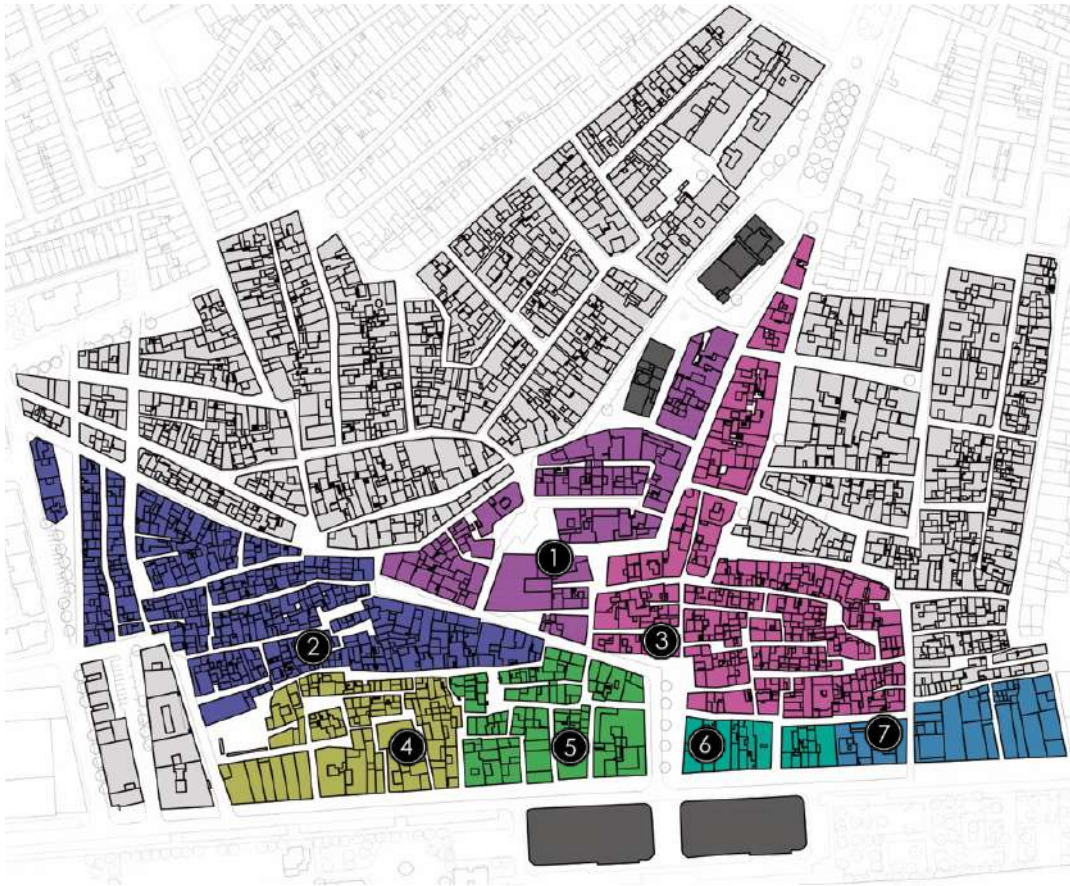


Figura 13 – Planta atual dos bairros da cidade. Bairros identificados: ① Bairro das Igrejas, sem nome; ② Barreta; ③ Sete Cotovelos; ④ Manuel Lopes; ⑤ Gaibéu; ⑥ Pelourinho; ⑦ Arménios.

O bairro da Barreta, era delimitado pelo Moinho da Barreta, o estreito da Barreta e o Campo das prainhas, pontos identificados na planta de 1873, sendo estes os lugares mais importantes no delinear dos limites da cidade, elementos estes que iriam dar o nome ao bairro.

Vários eixos exteriores facilitam a circulação dentro das ruas do bairro, desde a igreja da nossa senhora da Soledade (igreja primitiva) estendendo-se até o Moinho da Barreta através da rua Capitão João Carlos Mendonça, elaborando um traçado regular dentro do bairro. É possível ainda destacar a facilidade de acesso através da rua de Faro e pela rua Almirante Reis, permitindo uma circulação direta desde a estrada que ligava Faro à Tavira.

Embora a orientação irregular das habitações existentes no bairro seja caótica, é possível observar alguma distribuição linear nas ruas, sendo possível constatar as semelhanças em alguns dos lotes laterais do bairro, aproximando-se em tamanho, tanto em largura como em comprimento. Esta regularidade deve-se aos pedidos régios do século XVIII, cujo interesse era manter um alinhamento reto nas ruas e não atravessado, “*podendo [...]*

*os moradores construir a sua casa como o entenderem no interior, deverão contudo manter a mesma figura uniforme no exterior, sempre com a justificação de se manter a mesma formosura da terra e a mesma largura das ruas*³⁶.



Figura 14 – Bairro da Barreta – Planta da Câmara Municipal de Olhão – Análise do autor



Figura 15 – Planta do alinhamento central do bairro da Barreta. planta Câmara Municipal de Olhão –
Planta do autor

³⁶ CORREIA, José Eduardo Horta; **A Importância da Arquitectura de Programa na História do Urbanismo Português**; V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Faro, Universidade do Algarve, 2001; p. 164; in ROMBA, Sandra; **Evolução Urbana de Olhão**; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015; p. 38.

Apenas foi mantido o cuidado de preservar as fachadas frontais viradas para a rua principal e as traseiras para um pequeno beco ou travessa. Estes pequenos corredores de circulação permitiam ter vários quarteirões interligados e de fácil acesso pedonal (Fig. 15).

É possível identificar um alinhamento proveniente do acesso principal da cidade, interrompido pela rua da S. Sebastião, gerando uma descontinuidade linear e gerando diferentes esquinas e quarteirões irregulares. Esta perda de alinhamento custou o acesso direto ao mar (Fig. 16).



Figura 16 – Planta do alinhamento do bairro da Barreta. Análise do alinhamento atual e o possível alinhamento sem intrusão da esquina na rua de São Sebastião.

No coração do aglomerado de bairros que compõem o centro histórico, encontra-se o grupo de casas que formavam o quarteirão das igrejas. Este apresenta uma falta de alinhamento, sendo bastante irregular e curvo, derivado das várias ruas secundárias que atravessam desde os eixos transversais criados pela rua 18 de Junho (antigo ramal de acesso à vila desde a estrada de Faro-Tavira) e a rua Almirante Reis (antiga rua de São Bartolomeu).

O limite do bairro é definido pela rua Capitão João Carlos Mendonça a Norte e a Sul pela rua do Comércio. Segue o seu percurso junto às igrejas em direção ao mar e é obrigado a

desviar-se seguindo o trajeto criado pelo traçado proveniente do bairro da Barreta (Fig. 17).

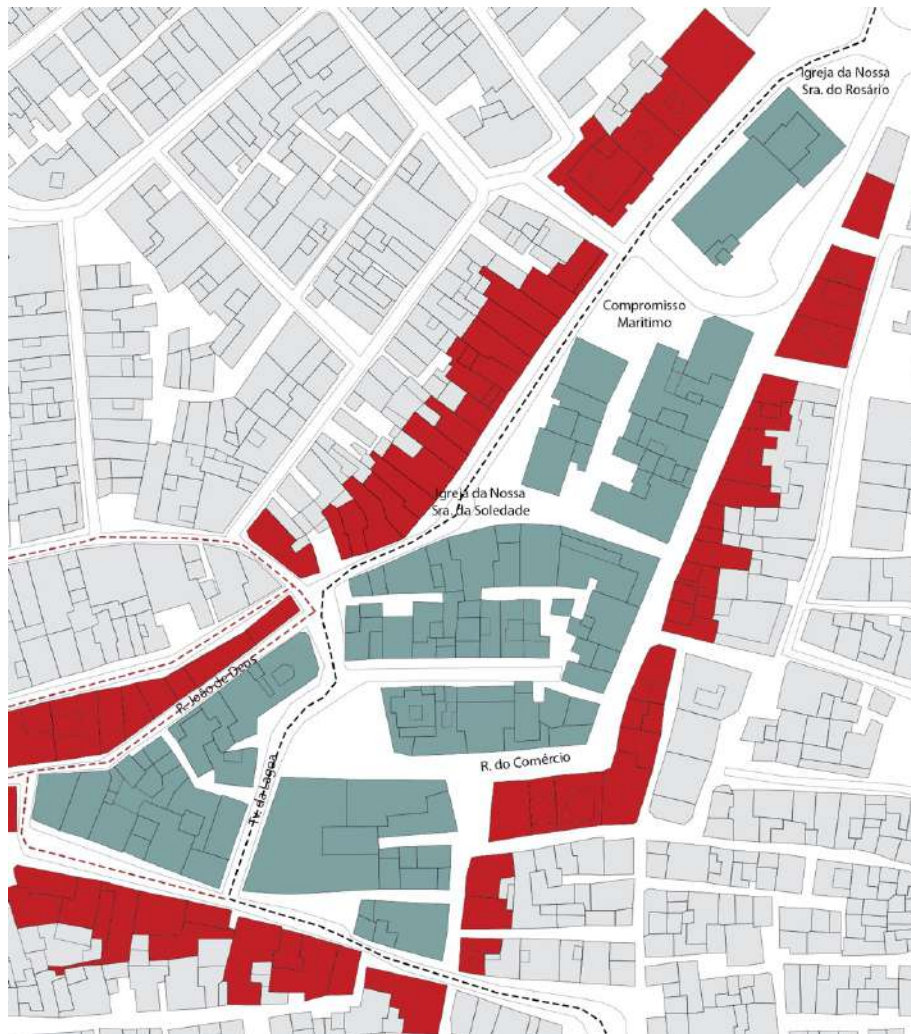


Figura 17 – Planta do alinhamento do bairro das igrejas. Análise do alinhamento atual e os eixos criados pelo bairro da Barreta.

Após o bairro das Igrejas, é possível identificar na planta de 1873 o nome do bairro dos Sete Cotovelos, atualmente conhecido como bairro do Levante (consequente do moinho antigamente existente no extremo Este mais afastado da vila). Ao contrário do bairro da Barreta, os eixos principais que iriam definir o alinhamento principal seriam provenientes do interior da própria vila e não das vias de acesso exteriores e pelo limite imposto pelas igrejas paroquiais e o compromisso marítimo.

Os seus limites entendem-se entre a rua do Rosário (atual rua do Comércio) e a rua de Sto. António (atual rua Vasco da Gama). Prolongando-se em direção ao mar, limitado pela rua do Peti (atual rua Alexandre Herculano)³⁷.

O conjunto de habitações apresenta uma malha diferente, composta por vários quarteirões irregulares. Pode observar-se uma procura de alinhamento horizontal (Fig. 18), porem, é descontinuada e interrompida por diferentes ruas verticais que procuram um acesso direto ao mar. Isto ainda é possível de verificar, já que o alinhamento de alguns quarteirões ainda possui dimensões regulares. É o caso do quarteirão resultante da rua dos Sete Cotovelos e a rua do Peti (atual rua Alexandre Herculano) e o quarteirão resultante da Travessa do Comércio e a rua Teófilo de Braga, ambos com um alinhamento reto, regular e contínuo.

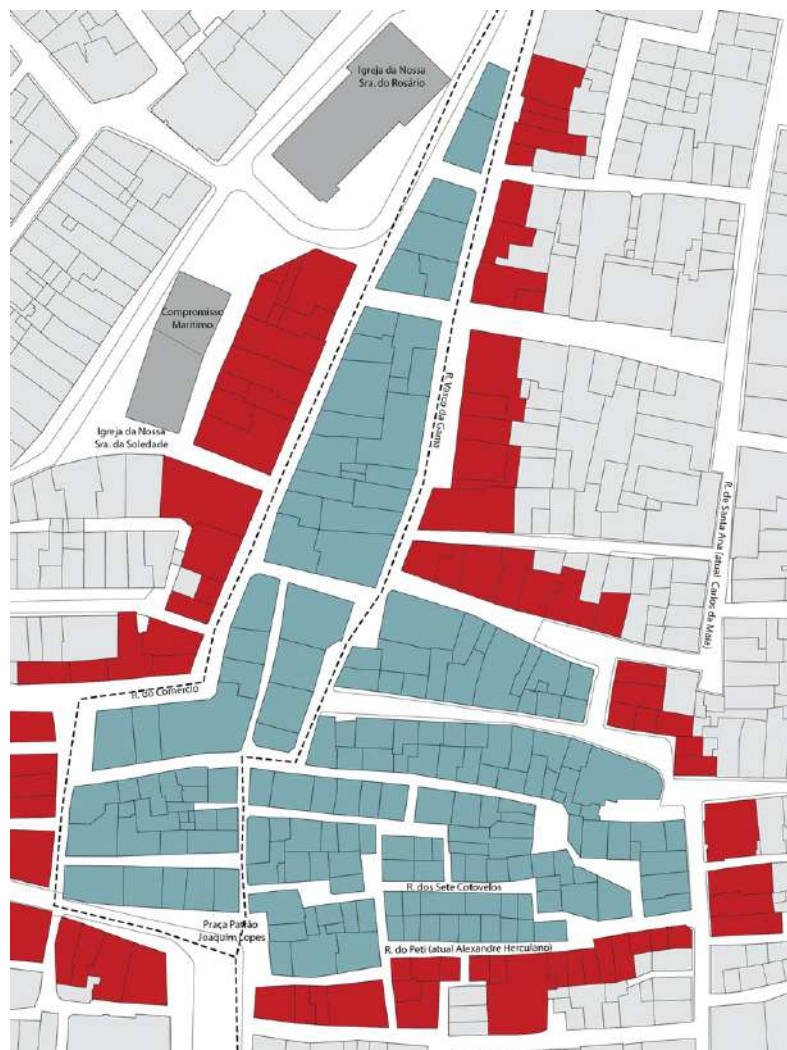


Figura 18 – Planta do alinhamento do bairro dos Sete Cotovelos (Atual bairro do Levante). Análise do alinhamento atual e os eixos criados pela avenida da república.

³⁷ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 50; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

Embora o bairro da Barreta e o bairro do Levante sejam o epicentro do crescimento demográfico da cidade, existem ainda dois bairros contemporâneos que surgiram durante o mesmo período de expansão, sem embargo, foi um crescimento menos acelerado e, ao contrário do bairro da Barreta, mais controlado e linear. Trata-se do bairro do Manuel Lopes e o bairro do Gaibéu. Surgiram em meados do século XIX e foi um movimento que se distinguiu pela criação de uma zona especificamente industrial e comercial na frente da baixa-mar.

Apresentam um grupo de quarteirões compostos por diferentes travessas estreitas que procuram o caminho mais curto em direção ao mar (Fig. 19). É possível que em alguma instância da evolução dos bairros, o alinhamento proveniente da rua Dr. Pádua e o início da rua Teófilo de Braga desaparecesse, deformado pelas quebras criadas pelos eixos transversais provenientes do bairro da Barreta.

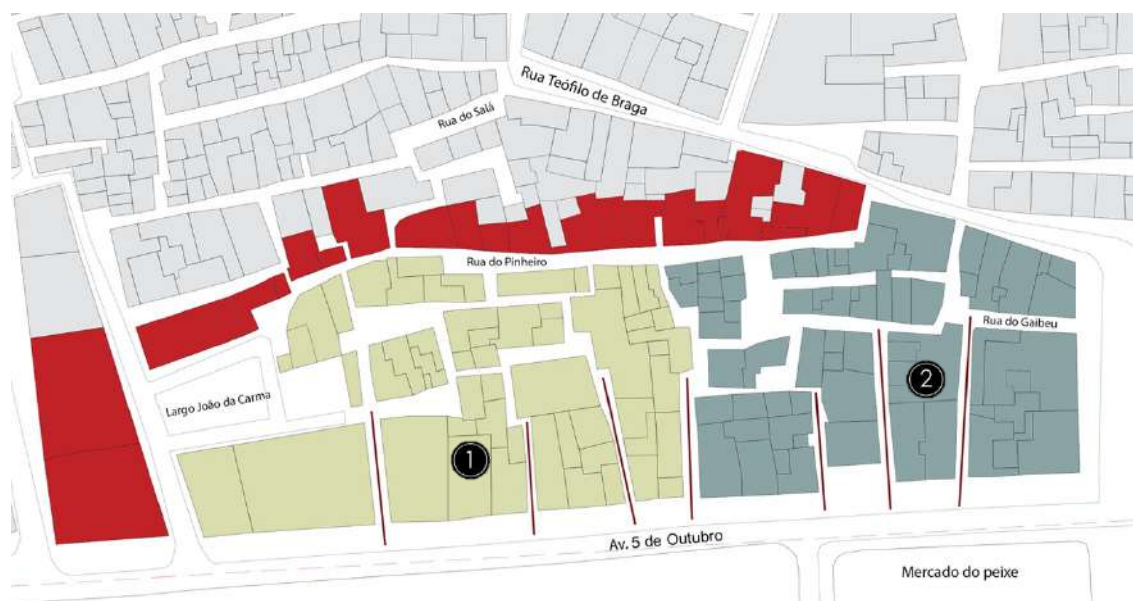


Figura 19 – Planta do alinhamento interior dos seguintes bairros: ① Bairro do Manuel Lopes; ② Bairro do Gaibéu – Eixos criados pelas travessas provenientes do interior dos bairros.

Com este crescimento, “procedeu-se a uma série de aterros promovidos pela camara e levados a cabo por particulares que possuíam casas e armazéns junto à ria, de forma a alinharem os edifícios e construírem os cais, impedindo desse modo que o mar pusesse a população em risco. Uma nova frente a sul e virada para o mar, sinonimo de evolução económica que a vila estava a ser alvo, passou a constituir uma das entradas principais, tendo em conta as relações comerciais realizadas nesse espaço. Propunha-se uma campanha urbanística que protagonizasse essa realidade”³⁸, dita indústria

³⁸ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 34; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

continuava ligada ao mar, já que os trabalhos principais serviam principalmente aos marinheiros, tratando-se de fabrico de anzóis, redes, olarias, extração de sal, entre outros. Esta industrialização alterou a imagem da frente ribeirinha, passando a existir sobre as águas da Ria Formosa (Fig. 20). Os novos mercados, inaugurados em 1916, passaram a ser os primeiros a ser construídos sobre os novos aterros, prolongando-se depois para uma área maior (Fig. 21).



Figura 20 - Trecho do porto de pesca de olhão, década de 1900 – Antes da expansão



Figura 21 - Fotografia da expansão de Olhão - Zona ribeirinha e mercados, década de 1920

O crescimento à baixa mar sobre os aterros deu-se de nascente, desde o bairro da Barreta, estendendo-se pelo novo cais para venda de peixe, a praça de comércio (atual praça Patrão Joaquim Lopes) e o edifício principal da alfândega. Este crescimento iria culminar no extremo poente, com a aumento de dois de pequena dimensão, o bairro do Pelourinho e o bairro dos Arménios.

O novo cais para venda de peixe e a praça do peixe foram os pontos mais importantes no crescimento económico, contudo, tratava-se de um espaço aberto, sem cobertura, onde as vendas do peixe eram feitas com algum controlo fiscal. Estas estruturas foram demolidas mais tarde para dar início à construção de dois novos edifícios que iriam albergar ditas funções (Fig. 22). Apesar de este movimento de crescimento e tentativa de organização ter sido liderado pela Câmara, esta não possuía os meios económicos suficientes para o desenvolvimento completo do cais e das rampas de acesso à ria, construindo apenas parte do cais³⁹.

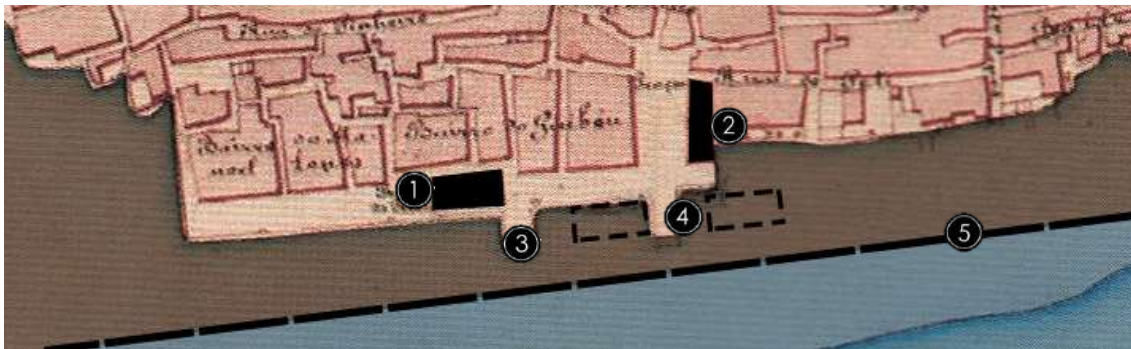


Figura 22 - Parte da carta de 1873, D.G.T. Alterações identificadas: ① Antigo cais de venda de peixe; ② Edifício da Alfândega; ③ Antigo cais de venda do peixe; ④ Nova localização dos mercados municipais; ⑤ Nova linha da frente ribeirinha.

Independentemente de os meios económicos influenciarem o desenvolvimento das obras de carácter público, a Câmara Municipal foi o principal promotor do crescimento urbano à beira-mar, já que foi a responsável pela construção do novo edifício da alfândega e a praça de peixe, mas também contribuindo com ajuda oferecida aos proprietários de habitações e armazéns próximos à zona em desenvolvimento, com vista à manter um alinhamento contínuo.

Após as regras impostas pela Câmara Municipal, o alinhamento das fachadas foi mantido e o crescimento dos bairros adjacentes foi avançando em direção ao mar. O bairro do

³⁹ Livro nº4 de Atas, f.52 v, Ata da sessão de 9 de julho de 1841 in ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 55; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015

Pelourinho era igualmente destinado à indústria e ao comércio, porém, muito menos importante e pouco referido durante a evolução urbana.

Este iria dar continuidade ao aumento da área e à criação do cais nascente. Prolongando a rua do Peti, atual rua Alexandre Herculano, até o início do bairro dos Arménios, atualmente rua da Marquita. Esta área a nascente do edifício da alfândega foi a última a ser alterada, obras que datam de inícios do século XX.

Estes bairros possuíam uma característica diferente ao extremo poente, já que as fachadas frontais se encontravam viradas para o interior, na rua do Peti, deixando o alçado tardoz de frente para o mar, de difícil acesso. Esta característica deixou de existir no momento em que a frente ribeirinha foi crescendo, passando a ter uma nova edificação encostado às traseiras (Fig. 23). Nesta parte do desenvolvimento urbano, as fachadas deixaram de ser simples e pouco caracterizadas para passarem a ser decoradas e semelhantes umas as outras. Tratava-se maioritariamente de espaços comerciais e armazéns.



Figura 23 – Planta do alinhamento interior dos seguintes bairros: ① Bairro do Peti; ② Bairro dos Arménios – Novas frentes criadas pelos aterros sobre a Ria Formosa.

Apesar do crescimento urbano e dos novos edifícios estarem de frente para a Av. 5 de Outubro, os eixos interiores procuravam chegar de forma mais direta à principal zona comercial da cidade. Desta forma, os percursos continuaram a ser lineares e com poucas interrupções no interior dos bairros.

Os primeiros trabalhos de alinhamento das fachadas do bairro do Peti foram iniciados em 1876, porém, o bairro dos Arménios só começou a ser alterado no final do século XIX e início do século XX. Apesar desta evolução tardia, foi um dos primeiros bairros a possuir uma fábrica de conservas de sardinha, tratava-se da fábrica Delory, cujo nome era o mesmo que o do proprietário de nacionalidade francesa, Frederic Delory.

No entanto, o crescimento da vila não foi focado unicamente nos bairros da zona ribeirinha, mas também na zona poente das igrejas, um pequeno povoamento das áreas à Norte da vila que era composto por hortas e fazendas. A sua primeira fase ocorreu até finais do século XVIII, caracterizando-se por ser bastante rural, na sua maior parte utilizado como cultivos e hortas. Refere Orlando Ribeiro que *“No Algarve, a par de algumas grandes aglomerações de pescadores, o que mais impressiona, são as hortas, os favais à sombra do arvoredor, policultura intensiva que só se detém na borda da arriba ou lambida pela maré”*⁴⁰.

Na grande maioria eram terrenos agrícolas, com sistemas de irrigação próprios inseridos no terreno, tanques, poços e levadas. Alguns possuíam noras próprias para a extração de água. O desenvolvimento principal foi junto aos principais eixos de circulação.

Mais tarde, durante a primeira metade do século XIX as hortas e cercados deixaram de ter um impacto limitante na expansão dos quarteirões a Norte da vila. Os terrenos começaram por ser urbanizados devido ao elevado crescimento na zona ribeirinha e nos bairros da Barreta e do Levante, iniciando assim um novo alinhamento mais organizado e contínuo tendo em conta as parcelas criadas pelas hortas.

⁴⁰ RIBEIRO, Orlando; *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, pág. 125; Editora Livraria Sá da Costa, 1987

IV - A casa Cubista

A evolução das casas teve origem na necessidade dos pescadores em possuir um espaço adequado com as comodidades mínimas de habitação. Inicialmente, as cabanas na praia eram construídas em filas com 15 a 20 habitações, dando forma a pequenas ruas. Estas cabanas juntas umas as outras, assemelhavam-se aos agrupamentos de casas já existentes nas vilas piscatórias de Aveiro, Setúbal ou Monte Gordo⁴¹.

Devido às dificuldades económicas da povoação e o carácter sazonal, eram constituídas por vigas e pilares de madeira recolhidas nas cercanias que depois eram enterradas parcialmente para assegurar a estabilidade das coberturas de duas águas, cobertas por junco, ou barrão. Estas por sua vez eram asseguradas por ripas de cana longitudinais (Fig. 24).

As paredes eram revestidas pelos mesmos materiais. O acesso era feito através de uma pequena porta na parte frontal e a ventilação através de uma pequena janela lateral e por vezes um pequeno postigo nas traseiras. O pavimento geralmente era o próprio areal da praia⁴².

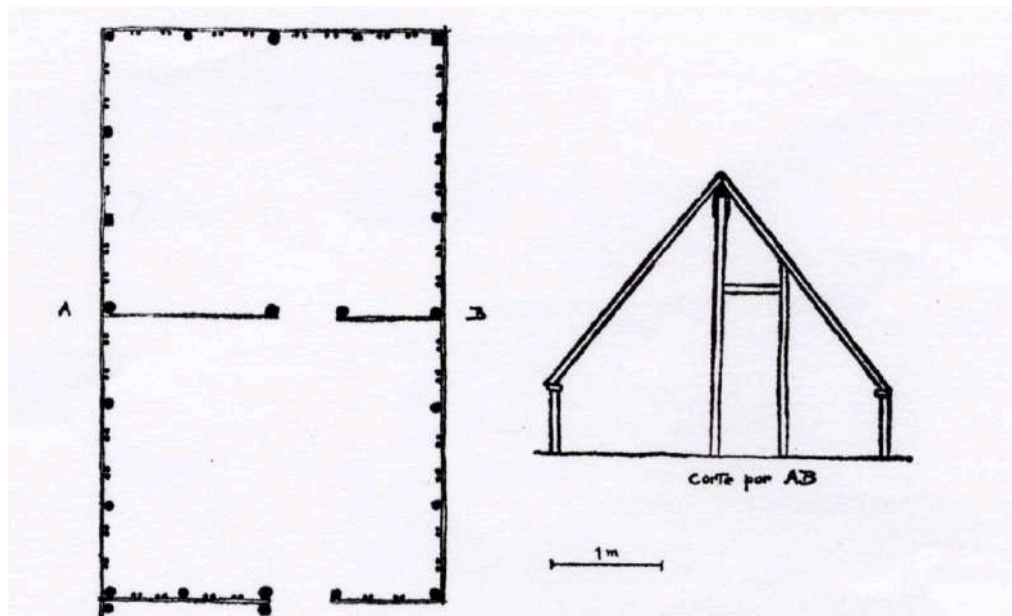


Figura 24 – Planta e corte transversal da cabana.

⁴¹ VIEGAS, Miguel de Jesus; *Olhão, Cidade Cubista, Requalificação dos Bairros da Barreta e do Levante*, pág. 43; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa 2016.

⁴² VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; *A Medina de Olhão: A origem da arquitetura popular de Olhão – Um contributo*, pág. 44; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusitana de Lisboa; Lisboa 2015.

A planta retangular simples possui apenas dois espaços com dimensões irregulares, sugerindo um maior número de atividades no exterior e servindo apenas como espaços de refeição e descanso no interior.

A dimensão regulamentar, segundo um levantamento de dados referentes à construção de casas entre os anos 1715 e 1745, era “uma média de 5 varas de frente por 15 varas de fundo com forma retangular”⁴³, sendo cada vara equivalente a 1,10m atuais. Estas dimensões seriam a base utilizada na criação dos lotes no bairro da Barreta e dos Sete Cotovelos. Originalmente, os lotes constituídos atravessavam os quarteirões de um extremo ao outro, formando uma “casa em profundidade”⁴⁴.

A organização inicial assemelhava-se ao grupo de cabanas que se encontrava já instalado por sua vez na pequena vila de Monte Gordo (Fig. 25). Com a mesma particularidade e proximidade do mar e a conexão inevitável com o comercio de peixe.

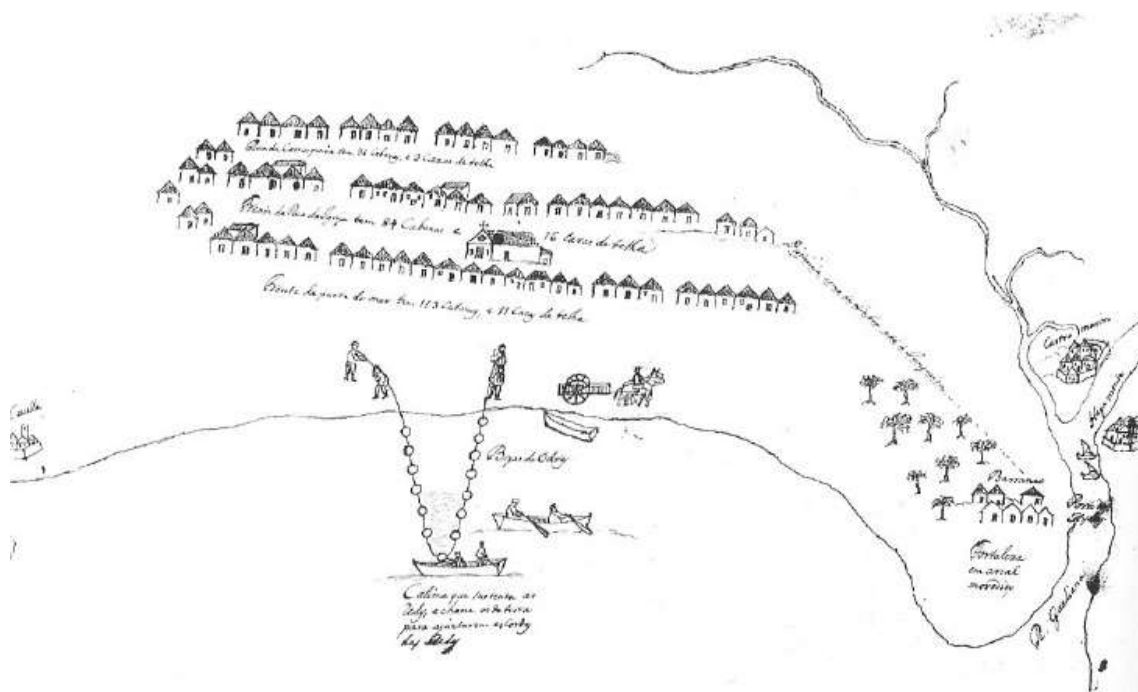


Figura 25 – Desenho da vila piscatória de Monte Gordo, realizado em 1773.

⁴³ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 41; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

⁴⁴ VIEGAS, Miguel de Jesus; *Olhão, Cidade Cubista, Requalificação dos Bairros da Barreta e do Levante*, pág. 47; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa 2016.

4.1. Materiais, metodologia e distribuição interior

Com o passar dos anos, as pequenas cabanas elaboradas com materiais precários foram substituídas por um tipo de construção mais sólido e duradouro. Contudo, as características das novas habitações assemelham-se na distribuição utilizada nas cabanas.

A evolução do método construtivo levou à utilização de novos materiais, sendo aplicado um estilo de construção semelhante à alvenaria aparelhada, simplificado e muito menos cuidado. São assentadas pedras de grandes dimensões na base da habitação para suportar o peso exercido pelas paredes e viabilizar a estabilidade da habitação. Para efetuar a fixação das pedras, era utilizado barro ou argamassa simples de cal e areia. Esta última característica será a predominante na zona baixa da cidade.

Após a execução da alvenaria estrutural, era aplicado o reboco derivado de argamassa de cal e areia, seguida de pintura à base de cal. As propriedades da cal adaptam-se perfeitamente à alvenaria tradicional, devido à porosidade que facilita a respiração das alvenarias (Fig. 26). Contudo, é um material que necessita de alguma manutenção periódica. Esta manutenção ocorria todos os anos durante o mês de maio e era maioritariamente uma tarefa destinada às mulheres.



Figura 26 – Preparação de cal, ferramentas utilizadas em aplicação

As portas e janelas eram de pequena dimensão, sendo apenas suficientes para garantir a ventilação e iluminação natural das paredes e divisões interiores. As ombreiras eram regularmente em pedra e nas vergas utilizavam-se arcos estruturais em tijolo de barro.

Por norma, as habitações originais possuem planta retangular, que continua a ser dividida em dois espaços. O primeiro, conhecido popularmente como a “Casa de Fora⁴⁵”, desempenhando as funções de vestíbulo ou receção/acolhimento, seguida por uma segunda divisão utilizada como quarto. Na parte posterior da habitação, encontrava-se a cozinha, por vezes semiexterior que se alongava até o pequeno quintal nas traseiras. O quintal, para além de ser utilizado como zona de jantar, desempenhava várias funções familiares e era o sítio de acesso à cobertura plana que podia ser feito através de pequenas escadas estreitas e com degraus altos. Isto devia-se ao facto de se encontrar num espaço confinado.

A cobertura, ou açoteia, era utilizada para várias funções relacionadas com a vida piscatória, tanto na criação de redes para apanha do peixe ou até a secagem do mesmo. Para além de estas atividades relacionadas com o mar, era também utilizada para a secagem de frutos sazonais, como os figos e as alfarrobas⁴⁶. Por vezes, esta cobertura podia ser mista (Figs. 27 e 28), possuindo um pequeno telhado de tesouro, característico da cidade de Tavira.



Figura 27 - Telhado abobadado na rua Manuel de Oliveira Nobre. Figura 28 - Telhado de Tesouro na rua do Sol Posto.

⁴⁵ Divisão mais importante da casa, onde se encontrava a entrada principal e acesso para o resto da casa. Era o local de chegada e receção de visitas.

⁴⁶ VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; *A Medina de Olhão: A origem da arquitetura popular de Olhão – Um contributo*, pág. 45; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa 2015.

Frequentemente, os lotes estendiam-se na totalidade do quarteirão, possuindo um acesso através de uma rua principal na frente e um beco na outra extremidade. Este cenário impedia a expansão das habitações em comprimento, limitando-os a uma evolução vertical. O resultado desta restrição forçada pela própria malha urbana originou a criação de novos espaços nas habitações (Fig. 29).

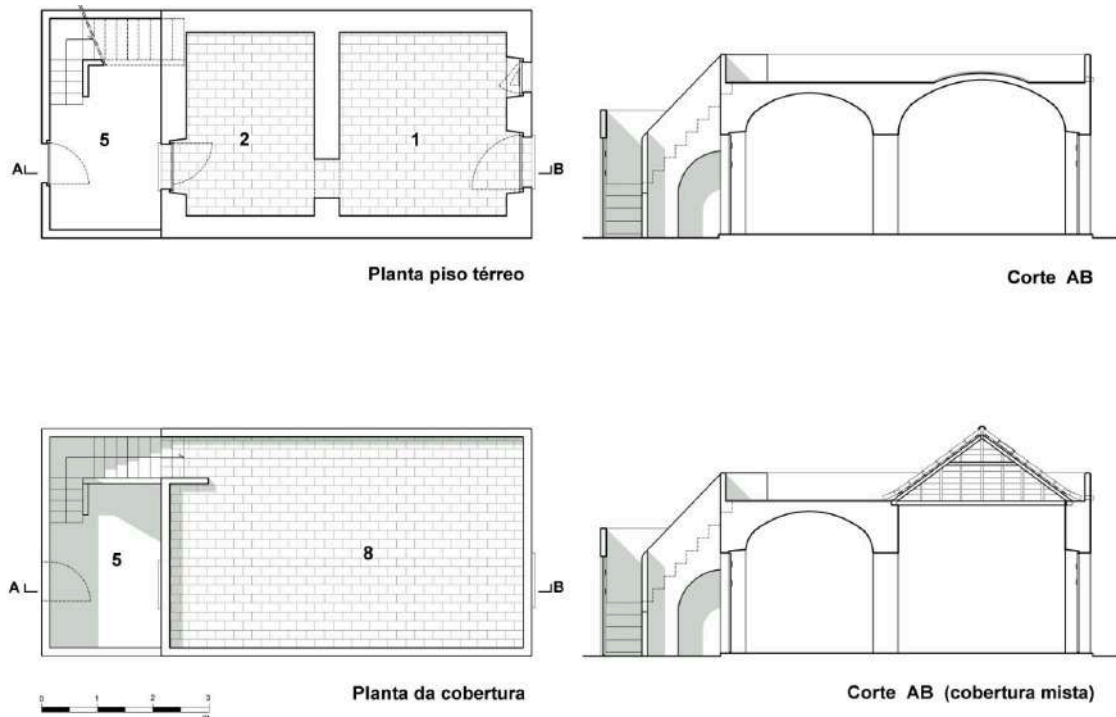


Fig. 29 – Distribuição da casa cubista olhanense, começando pela casa de fora, quarto e pátio com acesso à cobertura. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 5. Pátio; 8. Açoteia.

Os pátios começaram a ser cobertos e continuaram a ser o espaço principal de confeição e refeição das famílias. Da mesma forma, as escadas de acesso às coberturas foram abrigadas. Esta expansão deu origem a dois novos elementos construtivos, o pangaio e a chaminé de balão, sendo este último um dos elementos típicos da cidade. Com este aumento em altura, os bairros foram se transformando pouco a pouco numa sociedade horizontal.

É chamado de pangaio a pequena estrutura que cobre as escadas de acesso à açoteia, esta segue o mesmo ângulo inclinado das escadas e culmina com uma pequena porta. Esta modificação na estrutura da habitação permite aos moradores utilizar o espaço que outrora fora exterior como mais uma divisão interior. Os telhados de quatro águas que cobriam parte das formas onduladas das abóbadas foram rapidamente desaparecendo para dar lugar a uma nova construção, por vezes uma ampliação ou mais um espaço de secagem de frutos secos e peixe (Fig. 30).

A evolução da casa não ficaria apenas pela criação do pangaio, a população procederia ao aumento das dimensões da pequena cobertura do pagaio, passando este a ser utilizado como arrumos.

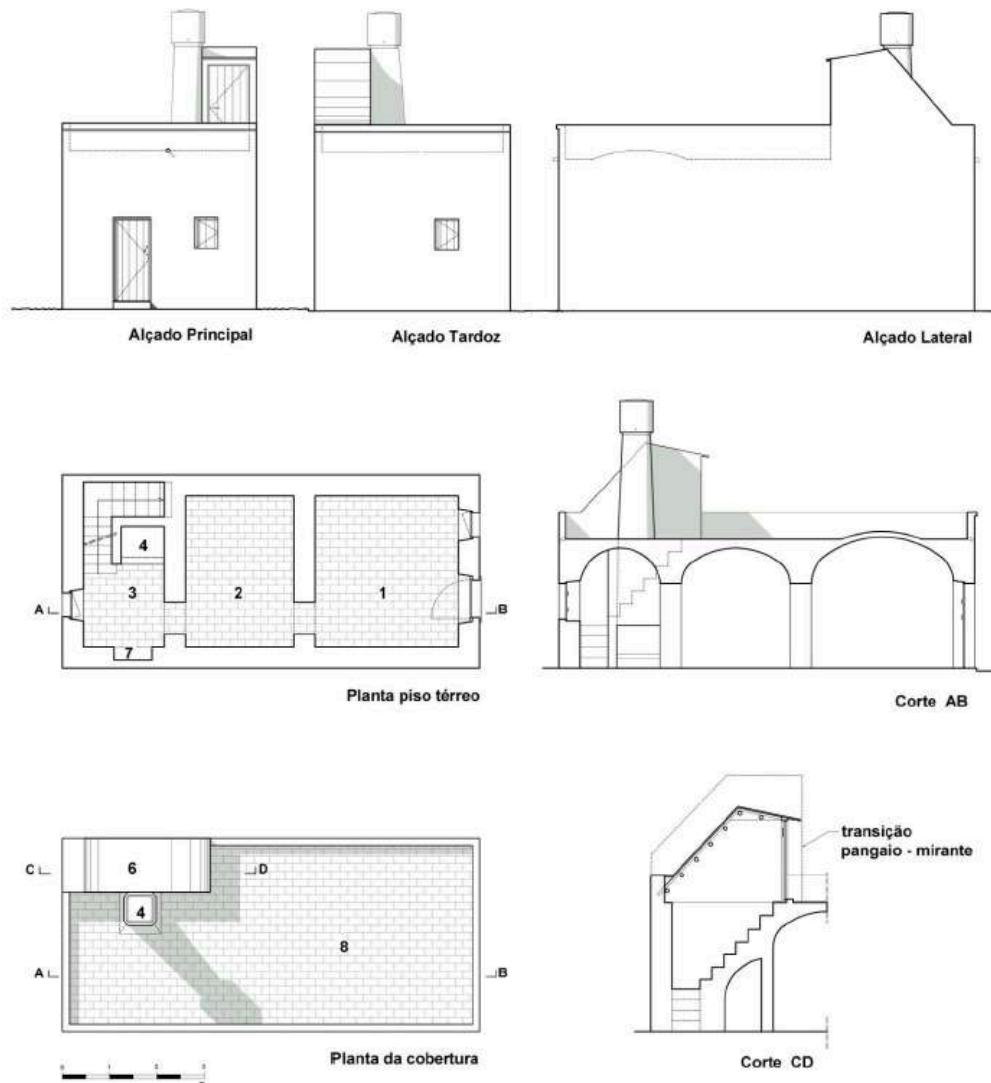


Fig. 30 – Expansão da casa cubista olhanense: 1. Casa de fora; 2. Quarto; 3. Pátio; 4. Chaminé de balão; 6. Pangaio; 8. Açoteia.

Durante o mesmo período de construção é acrescentado no exterior um estreito lanço de escadas que se elevam até uma nova superfície, o mirante. Este serviria principalmente para observar se as condições do mar eram as mais propícias para a pesca.

Nestas novas estruturas, seria adotado um novo sistema construtivo aligeirado nas coberturas, evitando cargas adicionais nas paredes em pedra e nas abóbadas da açoteia (Fig. 31).

Trata-se da disposição em dormentes, a qual “É uma estrutura mais leve, geralmente constituída por pequenos barrotes de madeira suficientemente juntos para o respetivo vão poder ser vencido por peças de tijoleira. Sobre o vigamento de madeira, modulado ao tamanho do ladrilho (3x15x30) é colocada uma primeira fiada, à qual se sobrepõem mais duas ou três fiadas, argamassadas e com as juntas contra fiadas. O exterior é em regra caiado. O emprego dos dormentes é restrito, pois limita-se a algumas açoteias espalhadas pelo litoral e aos mirantes das vilas de Olhão e Fuzeta”.⁴⁷

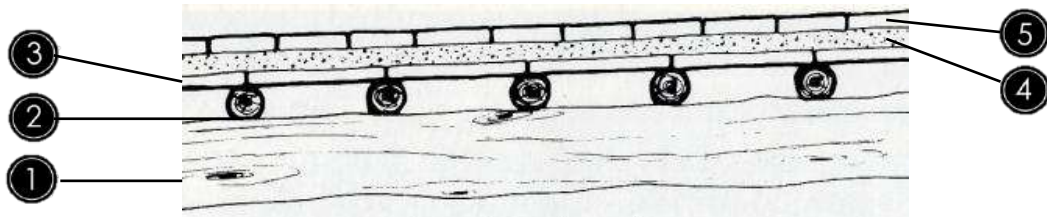


Figura 31 – Ilustração da estrutura da cobertura em dormentes. 1. Viga de madeira; 2. Traves de madeira; 3. Tijoleira de Santa Catarina (15x30); 4. Argamassa; 5. Tijoleira de Santa Catarina (15x30).

Embora o crescimento da habitação seja principalmente horizontal, a planta térrea também sofreu pequenas alterações, das quais se destaca a criação de um corredor lateral de distribuição, alterando a separação contínua entre a casa de fora e a alcova (Fig. 33).



Figura 32 – Fotografia das açoteias, mirantes e contra mirantes de olhão – Artur Pastor 1955 – 1965.

⁴⁷ MARTINS, Artur; CASTRO, Celestino de; TORRES, Fernando; *Arquitectura popular em Portugal*, 3ª edição, vol. 3, zona 6, pág. 182. Associação Arquitectos Portugueses. Lisboa, 1988.

Este desenvolvimento estrutural da casa básica iria terminar pela criação de um pequeno contra mirante, resultando da sobreposição de mirantes. Porém, é uma estrutura pouco comum e difícil de se encontrar nas habitações atuais (Fig. 32).

Os acessos mantêm-se inalterados, por vezes transformando apenas a distribuição interior. A cozinha seria ampliada utilizando o espaço do quarto, que passaria a ser a sala de estar. Os aposentos passavam a estar nos anexos da cobertura.

As fachadas frontais mantêm uma ornamentação simples, com alguma cantaria nas portas e janelas e em algumas ocasiões possuíam platibandas embelezadas com balaustres, embora nos bairros mais antigos da cidade, a platibanda simples seja mais comum. Os motivos mais genéricos variam entre os desenhos geométricos e florais, diversificando de casa para casa e com cores diferentes.

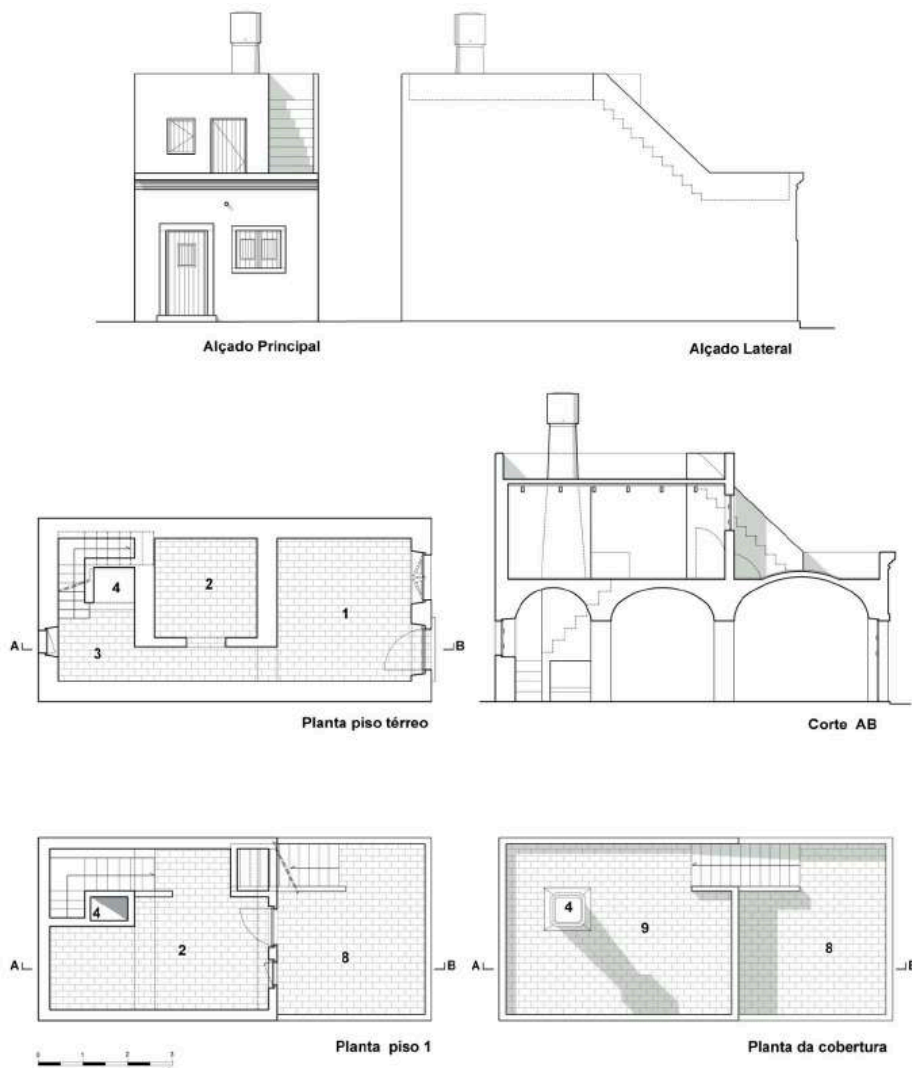


Figura 33 – Expansão da casa cubista. 1. Casa de fora; 2. Quarto; 3. Pátio; 4. Chaminé de balão; 6. Açoteia; 8. Açoteia. 9. Mirante.

V – Descrição urbana da zona de estudo

Durante os últimos quatro anos a cidade de Olhão tem recebido uma grande quantidade de pessoas provenientes de outros países como a França, Itália, Inglaterra e Alemanha. Chegam à procura de um ambiente calmo, sossegado e um clima ameno, características perfeitas da cidade olhanense. Estes estrangeiros, por vezes na reforma, procuram uma experiência diferente ou uma vida pacata. Pouco a pouco entenderam o potencial que uma pequena casa retangular pode oferecer no centro histórico ou na periferia deste.

Contudo, o estado das casas cubistas olhanenses nem sempre apresenta as melhores condições de habitabilidade e vêm-se obrigados a intervir superficialmente ou estruturalmente para providenciar melhores condições de conforto.

Os primeiros inconvenientes são as dimensões das habitações, tanto em largura e comprimento, começando pelas divisões sinuosas e por vezes estreitas, continuando pelas alturas dos acessos verticais ou pela distribuição vertical. Problemas estes que facilmente podem ser solucionados com uma renovação parcial. Apesar destes inconvenientes, é quando os problemas estruturais ou materiais começam a surgir que se apercebem da gravidade da humidade e o salitre.

A maior parte das casas nos bairros à beira-mar foram construídas com materiais precários recolhidos nas proximidades do local, como a pedra da serra e a areia do mar. Esta mistura de diversos materiais resultou em numerosos problemas de patologias construtivas nas habitações, sendo mais acentuados no Sul da cidade.

Contudo, as características da cidade são variáveis conforme o afastamento do mar e a sua expansão. Para realizar um estudo focado e mais apurado, foi necessário efetuar a divisão da cidade em três partes, Norte, Centro e Sul (Fig. 34).

A secção Norte, é demarcada pelos eixos principais verticais de acesso ao centro histórico, a rua Almirante Reis e a rua 18 de Junho. A Norte, delimitada pela rua Joaquim do Ó e a Sul pela rua do Caminho de Ferro. As ruas circundantes à área de estudo apresentam algumas características tradicionais no método construtivo, alternando de igual forma entre diferentes materiais e organização espacial interior. Contudo, trata-se de uma zona mista, resultante de uma evolução que se desenvolveu rapidamente entre os anos 60 e 90, cobrindo uma parte dela com fábricas de conservas de peixe.

A fração centro apresenta uma distribuição linear e mais organizada. Delimitada igualmente pelos eixos de acesso ao centro histórico (rua Almirante Reis e rua 18 de Junho). A Norte o limite é demarcado pelo caminho de ferro e a Sul pela rua da Cerca, o largo São João de Deus, a travessa Heliodoro Salgado e a rua Dra. Paula Nogueira. Esta demarcação tem como base os limites impostos no novo plano de pormenor atualmente em execução pela Câmara Municipal de Olhão.

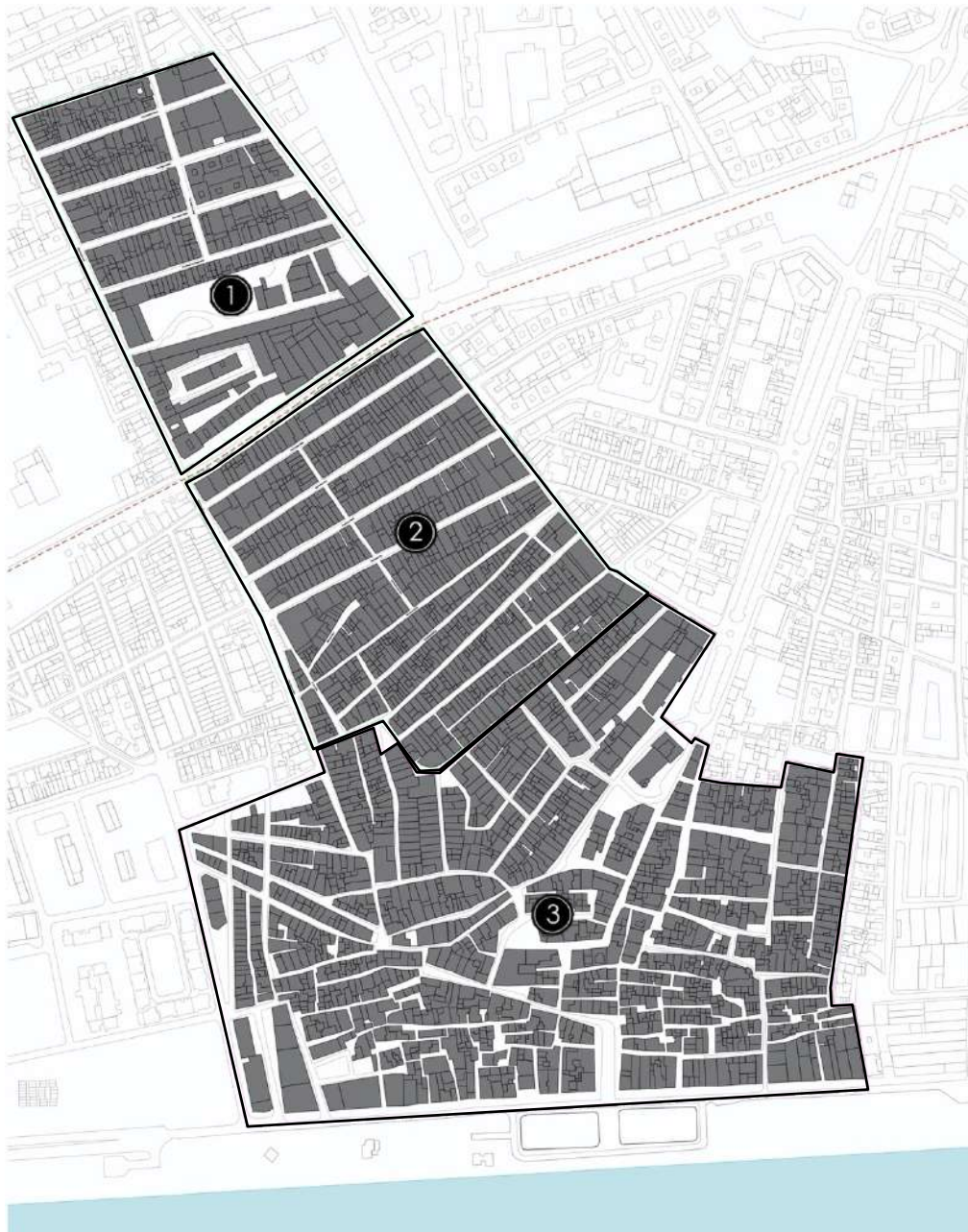


Fig. 34 – Planta geral da zona de estudo; ① Zona Norte; ② Zona Centro; ③ Zona Sul, histórica.

Por último, a secção Sul é considerado o espaço circundante imposto pelo plano de pormenor da Câmara Municipal de Olhão. A poente, o limite é traçado pelo eixo vertical de acesso, proveniente da rua Almirante Reis percorrendo a praça João de Deus e

finalizado na rua Dr. Alberto Iria. A nascente é delineada pela rua 18 de junho, no seguimento do eixo proveniente dos acessos principais. A Norte é igualmente cerceada pela rua da Cerca, o largo São João de Deus, a travessa Heliodoro Salgado e a rua Dra. Paula Nogueira. No extremo Sul é delimitado pela Av. 5 de Outubro e a ria formosa.

5.1 Situações atuais

A evolução da cidade de olhão retrata em muitos casos o desaparecimento da grande indústria de conservas de peixe existentes na vila piscatória, resultando numa imensidão de edifícios, de entre os quais habitações e fábricas, abandonadas com a decadência da indústria e expostos á intempérie e a degradação com o passar do tempo (Figs. 35, 36 e 37).

Durante a fase de estudo da cidade, viu-se a necessidade efetuar um levantamento do número de edifícios devolutos e abandonados na área de estudo.



Figura 35. Fachada na rua dr. Miguel Bombarda; Figura 36. Fachada na rua de São José; Figura 37. Fachada na rua Serpa Pinto.

Para entender o estado atual da cidade foi elaborado um minucioso levantamento, tendo como base a planta disponibilizada pelos serviços camarários. Nesta planta, foi destacado o estado atual das casas, abrangendo apenas a zona de estudo. Neste levantamento não foram consideradas as casas renovadas durante as décadas de 1980 e 1990, habitadas ainda pelas famílias olhanenses. Contudo, foram considerados os alinhamentos resultantes das ruas e avenidas principais.



Figura 38 – Planta geral da zona de estudo destacando edifícios devolutos e abandonados.

As tipologias devolutas são extensas, sendo possível observar um grande número de habitações construídas por pescadores à beira-mar que ainda possuem características e materiais precários. Estas tipologias, regularmente pequenas, seguiram o rumo de crescimento desenfreado, desenvolvendo-se geralmente em altura. Por consequência e derivado à época, os materiais disponíveis facilitavam uma construção rápida e sólida. O aproveitamento da madeira como matéria prima na construção dos suportes da cobertura viria a desencadear problemas com o aparecimento da humidade e a degradação por causa do abandono. O apodrecimento da madeira utilizada nas vigas da cobertura, enfraqueceria a estrutura superior, resultando na maior parte em coberturas abatidas.

Apesar do número elevado de habitações e edifícios degradados, é possível verificar um grande aumento na quantidade de processos de restauro nas diferentes zonas da cidade.

Este incremento ocorre graças ao movimento turístico que atinge a cidade atualmente. A popularidade da cidade tem vindo a aumentar gradualmente e a atrair cada vez mais a atenção de estrangeiros que procuram um destino calmo e pacato para descansar. Contudo, a cidade não se encontra preparada estruturalmente e com capacidade para receber a alta procura turística. Este progresso obrigou de certa forma ao incremento do investimento na área imobiliária, resultando num aumento no número de agências imobiliárias e empresas de construção civil. De tal forma que a compra e venda de habitações típicas olhanenses mostra uma tendência de aumento.

Assim sendo, a procura desenfreada de casas devolutas ou abandonadas que se encontram em venda são adquiridas maioritariamente por estrangeiros franceses, alemães ou italianos. Em casos excecionais por pessoas locais ou nacionais de outros concelhos, já que a procura é diferente.

A compra de um edifício devoluto ou abandonado leva os proprietários a serem confrontados com diferentes problemas por resolver. O primeiro, será o planeamento e distribuição do espaço habitável. Imaginando como a utilização das diferentes divisões das pequenas habitações poderão ser utilizadas. A criação de vãos e aumento de espaços abertos é um dos pontos mais importantes. O aumento das cérceas e o aproveitamento dos pátios exteriores, quando existentes, é um fator chave, porém, as possibilidades de alterações estruturais são limitadas.

No entanto, a distribuição de espaços e reestruturação da habitação não é o principal problema, visto que o conforto e salubridade são postas em risco devido aos materiais precários utilizados originalmente nas edificações.

Muitos destes novos proprietários prefere uma reabilitação rápida e opta por uma solução estética e não por um tratamento adequado das paredes existentes, por causa do preço elevado do processo de restauro. Por consequência, o aparecimento de salitre resultante da humidade entranhada nas paredes é visível após poucos meses dos trabalhos serem concluídos.



Figura 39 - Fachada com trabalhos a decorrer na rua da Cerca do Filipe. Figura 40 - Fachada com trabalhos de restauro nos azulejos na rua Gonçalo Velho. Figura 41 - Interior de habitação parcialmente demolida na rua da Cerca.

Os bairros históricos, da Barreta e do Levante, viram-se renovados, modernizados e deslumbrantes com as transformações efetuadas pelos novos habitantes.

Contudo, o aumento de projetos de restauro e reabilitação focam-se na baixa da cidade, de tal forma, estas mudanças não são visíveis na cidade por inteiro, já que é possível apurar uma afluência em zonas diferentes. Verifica-se estas situações atuais na planta, na qual são apresentadas as habitações em processo de reabilitação existentes na cidade através do levantamento efetuado “*in situ*”.

Como é possível visualizar na planta (Fig. 42), este incremento acentua-se na zona histórica e centro da cidade, já que esta contém diversos tipos de habitação, com tamanhos e tipologias diferentes. Esta localização e a proximidade do mar acentua o grau dos problemas nas estruturas.

É importante referir que cada reabilitação é diferente uma da outra, dependendo sempre do poder de compra e do orçamento do proprietário. Deste modo, nem sempre são utilizados os materiais indicados para o tratamento do salitre que se encontra entranhado na estrutura das casas. Alguns dos problemas são ignorados e ocultados com placas de gesso cartonado, revestidos com argamassas pouco porosas e tintas que não são indicadas para a utilização em alvenarias antigas. Estes materiais resultam, como é lógico, num deterioramento acelerado dos trabalhos elaborados, surgindo de forma espontânea em forma de “bolhas de tinta” e manchas de humidade/ou bolor.



Figura 42 – Planta geral da zona de estudo destacando edifícios em processo de reabilitação.

A vaga de estrangeiros interessados na pequena vila piscatória não tem uma data certa que possa ser considerada inicial, contudo, é possível apenas assumir que se acentuou mais no final do ano de 2014, ano em que as primeiras habitações reabilitadas começaram a surgir, realçando a cor branca das fachadas renovadas, muito resplandecentes e limpas, destacando-se no meio das casas abandonadas e degradadas pelo tempo.

Um dos primeiros exemplos que marca o início do processo de reabilitação que até hoje decorre em olhão, é o da casa conhecida como “Convento”⁴⁸ (Figs. 43, 44 e 45). Trata-se do resultado do projeto de um dos primeiros arquitetos interessados pela arquitetura olhanense, Filipe Monteiro, que descreve a cidade de olhão como uma cidade que “não é assética, formatada; não é moderna”. Desenvolveu ele próprio o projeto de reabilitação no centro do bairro da Barreta, entre pequenas ruas estreitas e escondido à simples vista. Trata-se de uma habitação tipicamente olhanense, com a primeira divisão de entrada, conhecida como “a casa de fora”, que serve de entrada para as outras divisões. De igual modo, utiliza as dimensões existentes no local e cria uma ampliação vertical, aproveitando o espaço da mesma forma que o povo local. Cobrindo o pátio traseiro para ganhar área coberta e aumentar o número de pisos acima da cota de soleira, no entanto, cria um espaço amplo e a céu aberto no centro da habitação. O detalhe mais importante e uma das características principais, é a piscina incorporada na cobertura tradicional, a açoteia, revestida com pavimento artesanal elaborado em terracota proveniente de Santa Catarina da Fonte do Bispo, uma pequena freguesia portuguesa do concelho de Tavira.

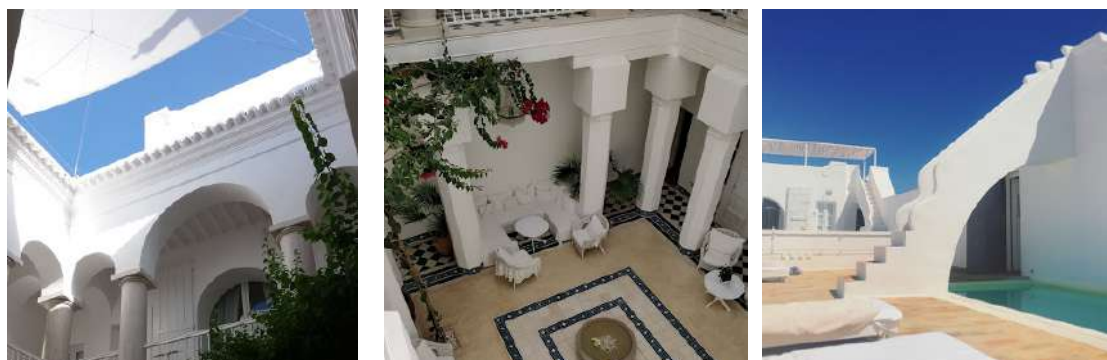


Figura 43 – Fotografia do interior do Convento. Figura 44 - Fotografia do pátio interior. Figura 45 – Fotografia da açoteia

Seguindo o mesmo caminho que o arquiteto traçou, as primeiras famílias que se aventuraram à procura um espaço novo e confortável longe do país de origem, encontravam sempre uma pequena cidade pacata, mas rodeada de um enorme potencial imobiliário. Assim sendo, os primeiros habitantes oriundos dos países europeus, deram início à atual vaga de reabilitações urbanas da cidade que se identificou nas novas linhas curvas nas escadas e retas das fachadas da casa “Convento”, no tanque na açoteia e no pátio central, inspirando-se, e de certa forma, modernizando a imagem das suas próprias casas e alterando a imagem da cidade. O pavimento tradicional que outrora fora utilizado

⁴⁸ Site da casa: <https://www.conventoolhao.com>. É possível visitar a entrevista e visualizar a casa através do site alemão [Urlaubs Architektur](https://www.urlaubsarchitektur.de/en/convento-olhao/) <https://www.urlaubsarchitektur.de/en/convento-olhao/>.

na estrutura da casa e das coberturas, destaca-se de novo, passando a ser uma das peças artesanais mais importantes, procuradas e utilizadas nas reabilitações.

De entre outros vários projetos de reabilitação, destacam-se ainda a “Casa Fuzetta” (Fig. 46 e 47) e a “Casa Céu” (Fig. 48, 49 e 50), que seguem a mesma linguagem criada pelo arquiteto Filipe Monteiro.



Figura 46 – Fotografia do espaço exterior renovado, são visíveis os diferentes “cubos” que compõem a casa.

Figura 47 – Fotografia do tanque na açoteia na casa Fuzetta.



Figura 48. Fotografia da fachada, Figura 49 – Cozinha interior. Figura 50 - Acesso à açoteia da casa Céu.

Este movimento atual de requalificação da arquitetura olhanense tem vindo a tornar-se uma mais valia para a cidade. Contudo, a cidade não desperta apenas o interesse dos estrangeiros, mas também o dos serviços camarários, estes encarregues pela fiscalização de obras. Atualmente é necessário seguir uma lista de características importantes que visam uma continuidade nos aspetos estéticos das habitações, cuidando os atributos principais, assinalando regras e condicionantes importantes a ter em conta durante o processo. Estas regras têm vindo a ser adaptadas no decorrer dos últimos quatro anos e continuam a ser desenvolvidas no âmbito da preservação da arquitetura olhanense.

Embora os serviços camarários influenciem o aspeto estético final das habitações, não controlam de forma alguma o tratamento técnico das paredes interiores nem os materiais utilizados no decorrer das obras, focando-se unicamente no resultado final.

O levantamento efetuado à cidade é concluído pela sinalização das habitações cujo processo de reabilitação finalizou antes de janeiro de 2020.



Figura 51 - Planta geral da zona de estudo assinalando reabilitações finalizadas. Destaca-se a localização das seguintes casas: ① Casa Convento; ② Casa Fuzetta; ③ Casa Céu.

VI. Casos de estudo

As diferenças construtivas encontradas em diversas zonas da cidade revelam distintos períodos de construção, resultando em várias técnicas utilizadas e materiais muito rudimentares, em casos mais antigos, bastante precários.

Devido à origem da cidade e à sua localização próxima da fonte de rendimento, grande parte das casas de Olhão se encontra à beira-mar, relativamente perto da zona de atracagem dos barcos e no extremo mais próximo das zonas de comércio de peixe, que atualmente se encontra fundado em terreno sobre o que outrora era um areal.

Esta expansão do terreno sobre o areal foi sustentada por um número incalculável de aterros que serviram como base para estabelecer as fundações da nova área preenchida de edificações, este crescimento foi levado a cabo no início do século XIX⁴⁹.

Tais construções que inicialmente se encontravam parcialmente inseridas em sapais, revelam problemas graves de humidade que, com o decorrer dos anos e dos diferentes períodos de construção, permaneceram escondidos debaixo de camadas de materiais que pretendiam apenas esconder os problemas e não os solucionar.

Em diversos casos, trata-se problemas derivados da humidade extrema que sobe pelas fundações inundadas por água da ria e pela localização próxima do mar, resultando em habitações cobertas de salitre, espalhado pelas diferentes divisões da casa, subindo pelas paredes, danificando estruturas e revestimentos, retirando o conforto aos moradores.

O facto dos materiais se encontrarem em contacto direto com água ou com materiais húmidos, favorecem a rapidez de absorção da água que se evapora conforme ascende pelas paredes. No entanto, a ascensão da água é mais rápida que o poder de evaporação, resultando na degradação das paredes e ao mesmo tempo do revestimento aplicado.

Com a grande decadência das empresas de conserva de peixe durante o século XX, veio instalar-se uma vaga de fechos comerciais e abandonos de edifícios e habitações por parte dos moradores, que deixavam a cidade à procura de um local melhor para prosperar. O salitre, embora seja uma característica que resulta do fecho prolongado e do abandono das habitações, é uma das grandes falhas na construção. Alastra-se desde a criação das fundações das habitações. Embora estas não fossem cimentadas no terreno

⁴⁹ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 58; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

devido a porosidade do cimento favorecer a propagação de água, eram construídas com pedra de rio e areia do mar. As fundações cavadas eram reforçadas com pedras grandes para conseguir uma estabilidade eficaz (Fig. 52). Após a fundação ser construída, levantam-se as paredes igualmente em pedra, utilizando diferentes tamanhos para realizar a estrutura e pequenas pedras para fixar a alvenaria robusta. Estas pequenas pedras iriam reduzir o tamanho das juntas, permitindo um acabamento uniforme que seria rebocado com cal.

Esta construção vulgar procurava uma redução da humidade existente nas habitações, mas só iria adiar os problemas a longo prazo, com o aparecimento do salitre num período tardio. Atualmente, existem soluções simples que evitam o aparecimento de salitre nos edifícios, sem embargo, continua a ser um desafio aplicar técnicas modernas em edifícios centenários.

Apesar de existirem bastantes problemas à beira-mar, a zona norte da cidade apresenta poucos casos e é a menos afetada por problemas relacionados com a humidade e o salitre, resultante da utilização de areias do mar e das alvenarias.



Figura 52 – Preparação de estrutura em alvenaria, materiais utilizados.

Os seguintes subcapítulos, optam por analisar diferentes tipologias de habitação em três zonas diferentes, destacando questões pertinentes de conforto, nomeando diferentes soluções na prevenção do reaparecimento de humidades.

6.1 Norte – Caso de estudo na rua Manuel Oliveira Nobre, 38

O primeiro caso de estudo localiza-se na zona norte da cidade, mais afastada da zona baixa (Fig. 53).

Trata-se de uma moradia unifamiliar de planta retangular que atravessa desde a rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38, à rua Joaquim Ribeiro nº 35. Encontra-se no centro de dois quarteirões limitados pelos dois antigos eixos principais de acesso ao centro da cidade, a rua Almirante Réis e a rua 16 de Junho. Estes dois provenientes da estrada nacional 125, que outrora apenas foi conhecida como a estrada de Faro e Tavira.

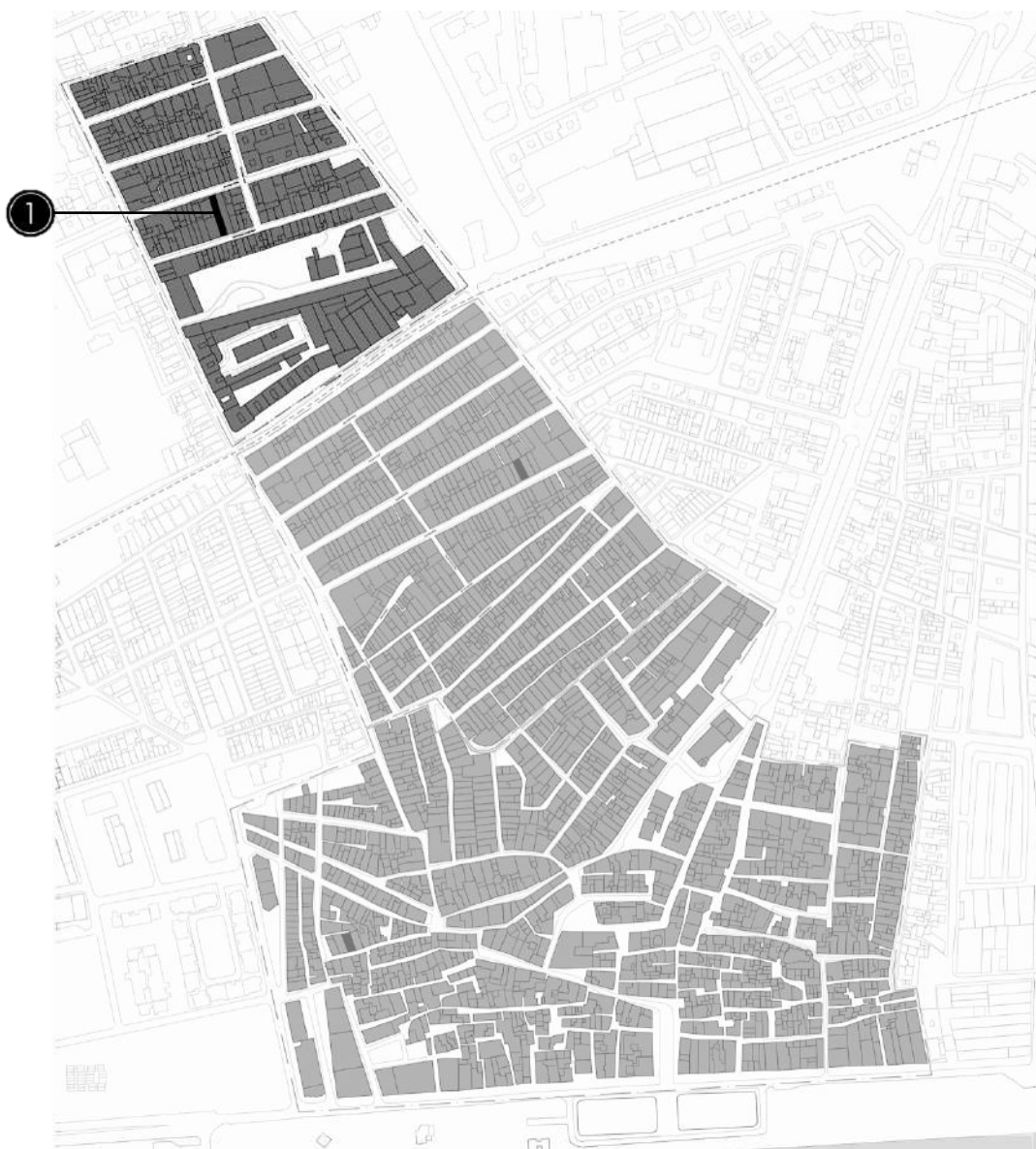


Figura 53 – Localização da habitação em estudo. Zona norte em destaque.

A casa apresenta o acesso principal pela rua Manuel de Oliveira Nobre. Possui uma fachada de cor branca pouco ornamentada e descaracterizada, resultado das diferentes épocas de construção. As janelas, em alumínio, ocupam o mesmo vão de origem. O formato manteve-se e apenas se atualizou o material, já que as originais provavelmente eram em madeira. A porta, de igual forma, foi modificada. O vão manteve-se igualmente inalterado.

As cantarias em pedra da porta e das janelas foram pintadas de cor cinza escura, contrastando com a cor branca da fachada. De igual forma e com a mesma linguagem clara, as molduras e frisos/relevos existentes na platibanda são de formas geométricas simples e pouco elaboradas. As cores predominantes continuam a ser o branco e o cinza, alternando entre elementos (Fig. 54).

Ao entrar na casa encontramos um pequeno patamar que nos obriga a subir dois degraus (Fig. 55) para entrar ao nível principal da habitação. Neste corredor de entrada, deparamo-nos afortunadamente, com peças de mosaico hidráulico tradicional conservadas no pavimento, com um padrão simples e geométrico.



Figura 54 – Fotografia da fachada principal na rua Manuel de Oliveira Nobre. Figura 55 - Fotografia do pavimento existente no corredor de entrada.

Neste corredor lateral de distribuição é possível verificar as paredes num estado bastante deteriorado, vítimas do passar do tempo e da humidade ascendente. Contudo, apresentam o resultado de uma tentativa de recuperação rápida, mas pouco eficaz. Encontram-se nelas instaladas placas de gesso cartonado, pintadas de cor branca. A tinta

encontra-se já bastante seca e deteriorada. Porém, a humidade é apenas visível na parte superior das paredes, acentuando-se mais após as placas de gesso cartonado e estendendo-se até a parte mais alta do corredor.

O teto, abobadado e de cor vermelho escuro (Figs. 56 e 57), estende-se ao longo do mesmo corredor a uma altura bastante razoável. É possível ver um pouco de luz exterior através dos pequenos cubos de vidro, com pouco mais de 20 cm, que proporcionam uma luz ténue sob o traçado de distribuição imposto pelo corredor.



Figura 56 – Fotografias do corredor de acesso. Figura 57 - Vista de entrada e do fundo.

A primeira divisão que podemos aceder através do corredor principal é o quarto, ou popularmente conhecida “casa de fora”. Servia principalmente para receber as visitas e como lugar de reunião ou para se beber o café. Com o passar dos anos e das diferentes gerações, o crescimento do agregado familiar obrigou as famílias olhanenses à criação de novos espaços destinados ao descanso. Desta forma, a “casa de fora” passou a ser utilizada de alcova. O acesso é feito através de uma pequena porta de madeira, que outrora era alta e de estilo tradicional.

Esta divisão apresenta um teto abobadado e pouco ornamentado. O pavimento, dando continuidade ao mesmo material já utilizado no corredor, é de mosaico hidráulico, embora com outro padrão da mesma forma geométrico e simples. É possível ainda aceder à outra divisão através de duas pequenas portas laterais (Fig. 58). A pintura branca das paredes apresenta alguns sinais de humidade, não sendo tão acentuado como

nas janelas e rodapés. Ao contrário do corredor, esta divisão não sofreu alterações nas paredes de forma a prevenir o aparecimento do salitre, contudo, é possível verificar que na divisão seguinte foi feito de forma diferente. Continuando, ao atravessar uma das portas estreitas, encontramos na divisão seguinte, de igual forma que a anterior, possui um teto bastante alto e abobadado com um pequeno tijolo de vidro que proporciona a luz apenas necessária para o iluminar. Nestas divisões, durante os primeiros tempos de crescimento da cidade, eram conservadas as peças de loiça e outros elementos necessários na hora de receber as visitas, servindo de apoio à divisão anterior.



Figura 58 – Fotografia da “Casa de Fora”, com acesso bilateral ao quarto seguinte.



Figura 59 – Fotografia da porta de acesso à segunda divisão. Arranjos temporários permitem visualizar os sinais de salitre.

Destaca-se ainda a alteração da porta de acesso ao corredor. Tudo indica que esta seria inicialmente alta e estreita como as portas existentes no acesso proveniente da divisão lateral, mas que terá sido substituída por uma pequena porta de madeira durante uma primeira fase de reabilitação.

Seguindo o percurso de distribuição criado pelo corredor, atravessa-se a porta divisória que separa a primeira parte da casa, introduzindo-nos na zona intermédia. Nesta secção podemos encontrar duas portas de acesso. A primeira para a divisão de apoio à “Casa de Fora” e a segunda para o segundo quarto.

Este segundo quarto <possui acabamentos semelhantes à divisão anterior, um teto abobadado e paredes pintadas de uma cor vermelha escura (Figs. 60 e 61). Da mesma forma que a divisão anterior, esta possui um pequeno quadrado de vidro para se servir da luz solar. Embora não seja muito grande, é o suficiente para iluminar o último quarto. O pavimento, à semelhança das outras divisões, continua a ser mosaico hidráulico, de cor branco e encarnado.



Figura 60 – Vista do quarto de apoio. Figura 61 - Vista do teto abobadado e das paredes em gesso cartonado pintado de cor encarnada, apresenta sinais de salitre

É possível determinar que a primeira parte da habitação destinava-se principalmente a secção de receção de visitas e descanso, onde encontramos dois quartos e uma divisão de apoio. Contudo, é graças às divisões impostas no corredor lateral que podemos realizar tais afirmações. Ao chegarmos ao final do corredor, deparamo-nos com outra porta que

nos separa da zona intermédia, introduzindo-nos a sala, zona de jantar e cozinha. A sala dispõe de duas portas (Figs. 62 e 63) que separam os espaços de confeção de alimentos e de refeição. O teto alto e abobadado transmite uma sensação de amplitude e espaço, embora se trate de uma divisão com pouco mais de 13m².



Figura 62 – Fotografia dos acessos diferentes presentes na sala. Figura 63 – Revestimento das paredes da sala.



Figura 64 – fotografia da cozinha. Apresenta ainda a saída de fumo tradicional, mas construída em cimento. Figura 65 - Fotografia da sala de jantar.

Nesta zona da habitação, é possível verificar dois períodos de construção diferentes. O primeiro e mais antigo, encontra-se na sala e sala de jantar, ambos com pé direito mais alto e teto abobadado. O segundo período de construção é mais recente e trata-se do acrescento elaborado na zona da cozinha, onde o teto é plano e mais baixo, e a ampliação

da sala de jantar, onde ainda é possível verificar a viga que foi construída para alargar o espaço de refeição (Fig. 65). Esta identificação dos diferentes períodos de construção é possível ao observar os materiais utilizados. A existência de estruturas betão armado revela uma alteração recente, ao contrário do material aplicado no resto da casa, onde normalmente foram empregues alvenarias de pedras de grandes dimensões e outros materiais precários.

O material do pavimento prevalece, embora com padrão e cores diferentes das zonas privadas. A sala possui um padrão estrelado com várias tonalidades, verde, branco e vermelho. Na sala de jantar e cozinha o pavimento é o mais simples possível, peças individuais de duas cores intercaladas que formam um padrão xadrez de cor mostarda e encarnado.

As paredes foram igualmente revestidas para evitar o aparecimento acelerado do salitre. Contudo, o material utilizado não é gesso cartonado, mas ripas de plástico verticais e pintadas de branco. São igualmente ancoradas nas paredes originais da casa, com um pequeno espaço para permitir a ventilação das alvenarias.

Ao efetuar o percurso pela casa, é possível verificar a ausência de instalações sanitárias dentro das habitações, característica comum nas casas olhanenses. Estas instalações normalmente encontravam-se fora da habitação, num pequeno anexo destinado a tais funções. Neste caso em particular, as instalações sanitárias encontram-se a seguir à cozinha, ao sair para o quintal, do lado esquerdo. Estas modestas instalações unicamente dispõem de uma sanita, lavatório e base de duche.

Contudo, no quintal existem vários sinais de ter existido uma cobertura (Fig. 66), que permitia a circulação entre a casa de banho e cozinha de forma mais confortável durante os meses de mais frio. A existência de uma janela grande e uma porta para o pátio justificam esta afirmação. Porém, também é possível encontrar vestígios da inclinação da cobertura, tanto nas paredes dos anexos como na parte superior da estrutura que suporta a janela.

O acesso ao pátio é efetuado através do espaço sem cobertura. No mesmo alinhamento seguindo a mesma largura da primeira instalação sanitária, encontram-se mais uma pequena casa de banho de serviço, uma divisão de arrumos e um antigo espaço com um forno de lenha (fechado). Estas quatro divisões exteriores possuem o acesso através de portas viradas para o pátio.

No restante espaço exterior ainda podemos encontrar alguns alegetres com plantas bastante descuidadas, uma árvore de tamanho médio e um pequeno corredor estreito que nos conduz até a saída posterior, na rua Joaquim Ribeiro nº 35 (Figs. 67 a 69). É possível encontrar ainda no espaço exterior o acesso à cobertura. Este é feito por umas pequenas e estreitas escadas no lado esquerdo do quintal. O pavimento presente no exterior é diverso, existindo peças de mosaico hidráulico, ladrilho de Sta. Catarina, cerâmico moderno e peças de cimento pré-moldado com cascalho.



Figura 66 – Fotografia do Quintal e acesso à açoteia.



Figura 67 – Fotografia dos acessos do anexo existentes no Pátio. Figura 68 – Corredor de acesso tardoz.
Figura 69 – Fachada existente na rua Joaquim Ribeiro.

Ao efetuarmos a subida para a cobertura, conseguimos perceber as diferentes curvas criadas pelas abobadas dos tetos da parte interior da habitação. O pavimento, geralmente, é em ladrilho de Sta. Catarina (Figs. 70 e 71).

O estado de conservação não é o melhor, sendo possível sentir diferentes oscilações em algumas partes da cobertura, indicando uma fraqueza estrutural.



Figura 70 – Fotografia da cobertura da casa. Apresenta vários sinais de deterioração e problemas estruturais. Figura 71 – Fotografia superior do pátio. É possível identificar o acesso tardoz e o espaço ocupado pelos anexos. A cobertura destes encontra-se frágil e danificada pelo tempo.

A reabilitação desta habitação decorreu de fevereiro de 2018 até os primeiros meses de 2019. Durante o processo de reabilitação foram necessárias diferentes intervenções na estrutura da casa, sendo que a parte posterior onde se encontrava a sala, sala de jantar e cozinha, foi completamente demolida. Isto deveu-se a uma degradação dos materiais que punha em causa a estabilidade estrutural desta zona.

Na fase de construção, e iniciando de novo o percurso pelo corredor de entrada, foram retiradas as placas de gesso cartonado que revestiam o compartimento (Fig. 72). Isto permitiu verificar o estado das paredes. O processo de remoção das placas de gesso permitiu a picagem das primeiras camadas de revestimento da parede (Fig. 73). A completa remoção dos revestimentos, até à profundidade de alguns centímetros nas paredes era necessária para conseguir um melhor resultado na remoção do salitre, embora não completamente, e uma melhor impermeabilização. Este processo de

picagem foi efetuado até uma altura média de 2,50m, em alguns casos até o teto (Figs. 74 e 75), embora o produto para impermeabilização só fosse aplicado até 1,5m de altura.



Figura 72 – Fotografias do corredor de acesso, vista frontal. Durante a remoção das placas de gesso cartonado e após a picagem das paredes. Figura 73 – Fotografia do corredor de acesso, visto desde o espaço da sala.



Figura 74 – Fotografia da “casa de fora”, após a remoção do gesso cartonado. Figura 75 – Fotografia da “casa de fora” após a remoção dos revestimentos e a picagem das paredes até à alvenaria.

O processo foi repetido pela totalidade da casa, sempre tendo em atenção a fragilidade da estrutura envelhecida. Durante o processo criativo, foi decidido que seriam mantidos os pavimentos originais da habitação, posto isto, foi necessária a remoção de algumas peças para reutilização após instalação das canalizações. Na zona frágil da casa, (Figs. 76 e 77) onde a demolição da estrutura era necessária, foi decidido remover as peças de mosaico hidráulico para posterior utilização.



Figura 76 – Fotografia da sala antes do início dos trabalhos. Figura 77 – Fotografia da sala após a remoção das placas plásticas de revestimento e mosaico hidráulico.



Figura 78 – Cozinha e sala de jantar, demolição da laje de cobertura. Figura 79 – Fotografia da sala sem cobertura. É possível verificar o espaço deixado pelas peças de mosaico retiradas para serem reutilizadas.

Na parte posterior da casa, foi necessário remover a estrutura de alumínio e o pavimento existente para efetuar a nivelção do piso (Fig. 80), permitindo a criação de uma pendente nova para escoamento de águas pluviais.



Figura 80 – Fotografia do exterior. Remoção de elementos antes do início da nivelção de pavimentos.

A fase de demolições permitiu verificar o estado das paredes, a humidade que nelas se encontrava e o estado estrutural destas. Em alguns casos, na zona demolida, a humidade ascendente era bastante elevada e as estruturas de madeira que suportavam o vão das portas se encontravam decompostas. Visto que a zona onde se inseriam os lintéis iria ser demolida, não implicou nenhum trabalho nem impedimento na remoção. Serviu apenas para elucidar o estado estrutural desta zona da casa.

Ao destruir as paredes estruturais da sala, foi possível criar novos pilares para suporte de uma nova estrutura. Isto iria ajudar ao nivelamento da cobertura, já que esta possuía diferentes níveis, ficando assim apenas com um terraço acessível. De igual forma, foi possível criar um novo conjunto de paredes que permitiria a instalação de isolamento térmico e acústico. Esta nova estrutura, em conjunto com novas propriedades térmicas e acústicas da envolvente, oferece novas condições de salubridade, reduzindo o risco de aparição de novas humidades.

O processo de impermeabilização que foi levado a cabo no perímetro da habitação, teve como base produtos com base porosa. Foram utilizados produtos da marca Mapei, que envolveram uma gama especializada para o tratamento de alvenarias envelhecidas.

Foi aplicada uma argamassa de consolidação Mapei-Antique Rinzafo (Fig. 81), à base de cal, para encher as cavidades criadas durante a remoção das pedras e argamassas das paredes. Esta argamassa de consolidação evita o “esmigalhar” da pedra existente e é resistente aos sais originados pelo salitre. Ao ser aplicado, é necessário picar a parede até 0.50m de altura, onde se encontra a zona húmida de segurança. No caso da habitação, esta já se encontrava preparada até ao teto, dependendo da divisão. Esta aplicação deverá ser consolidada depois com um reboco à base de cal hidráulica natural, macro porosa, de forma a evitar novas aparições de humidade ascendente. Em casos extremos, não o desta habitação, será necessário aplicar uma manga de plástico no pavimento com dobra até 0.50m na parede.

A pintura de acabamento, deverá ser derivada de minerais e não siliconica, já que o silicato de potássio funde-se com o reboco, outorgando um nível de respiração até 40%, evitando o aparecimento de humidades e fungos. Ao contrário das tintas com base aquosa que criam um filme e não permite a respiração das paredes.



Figura 81 – Fotografia da “casa de fora”. Elementos a serem aplicados para salubrificação das paredes e compartimentos da casa.

Este processo viria ser repetido em todas as paredes adjacentes à construção vizinha, no perímetro interior da habitação.

Após o processo de reabilitação no piso inferior, foram iniciados os trabalhos de ampliação no piso superior. Estes trabalhos pretendem aumentar o número de quartos da habitação. Para além da ampliação, os trabalhos restantes concentram-se na regularização das coberturas.



Figura 82 – Fotografia do processo de construção da nova ampliação da cobertura, vista desde a escada de acesso. Figura 83 - Fotografia da fachada frontal da ampliação. É possível visualizar o espaço restante que será preenchido com betão leve para evitar sobrecargas na estrutura inferior



Figura 84 – Espaço restante da açoteia que será nivelado e preenchido com betão leve e posteriormente instalado pavimento tradicional de Sta. Catarina.

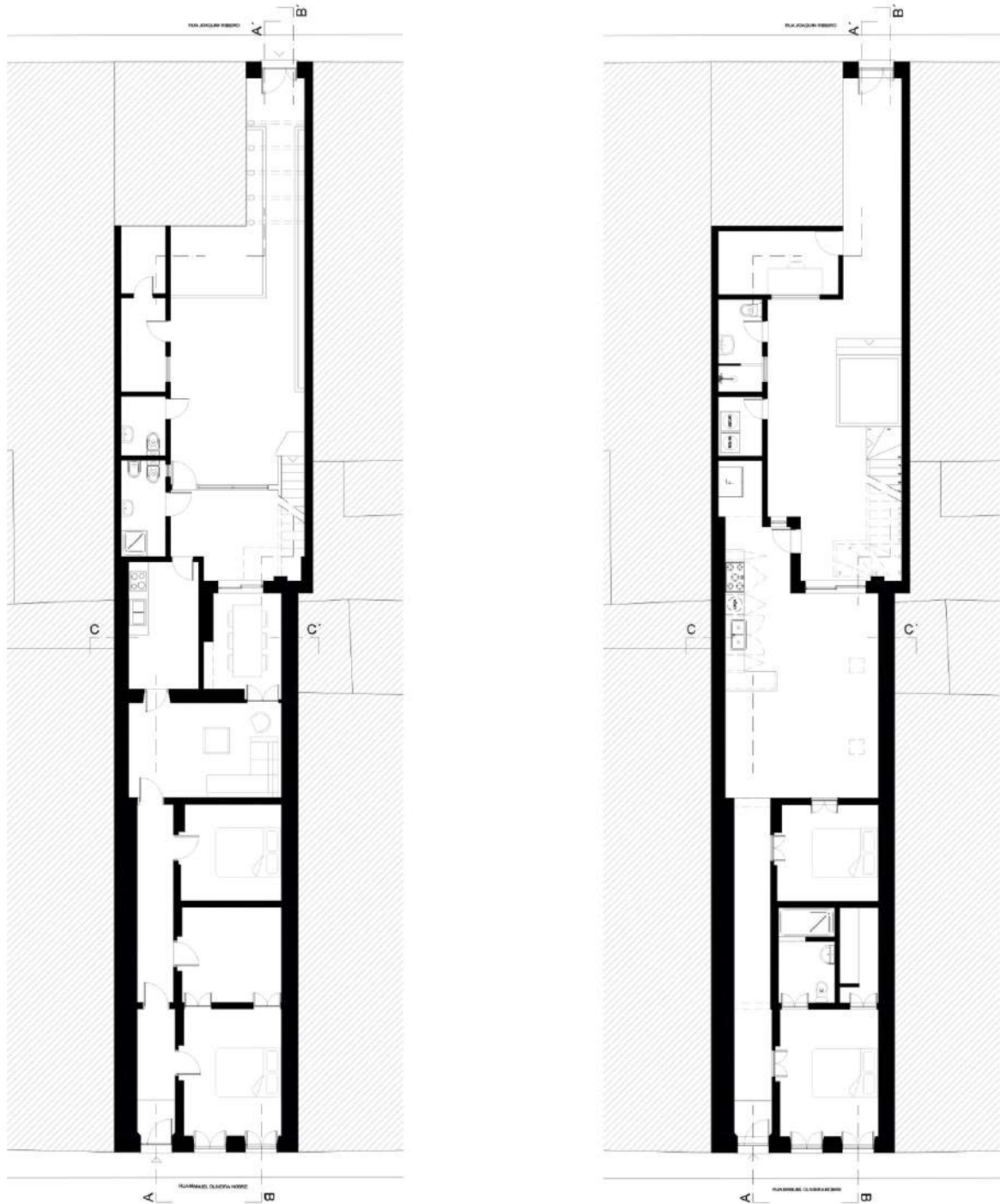


Figura 85 – A esquerda – planta antes da intervenção. A direita – planta de alteração. É possível verificar a remoção das paredes estruturais da sala e o novo espaço criado. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

A conclusão dos trabalhos efetuados na casa na rua Manuel de Oliveira Nobre permite obter um leque de informações sobre o comportamento de uma habitação reabilitada com materiais salubres que visam o aumento da qualidade de vida dentro dela própria. As características e garantias dos produtos aplicados permitem a “respiração” das paredes, evitando aparecimento de humidades e bolor. Contudo, é possível encontrar

alguns sinais de humidade, mas não nas paredes. Trata-se de um espaço onde não foi aplicado material indicado que permitisse a ventilação natural da divisão. Para além de este pequeno contratempo, a casa permanece imaculada.

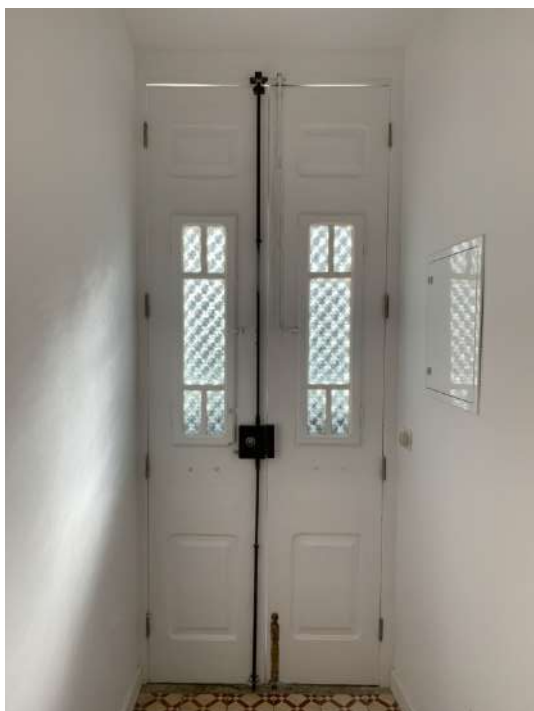


Figura 86 –Nova porta de acesso à habitação. Figura 87 -Novo espaço de cozinha.

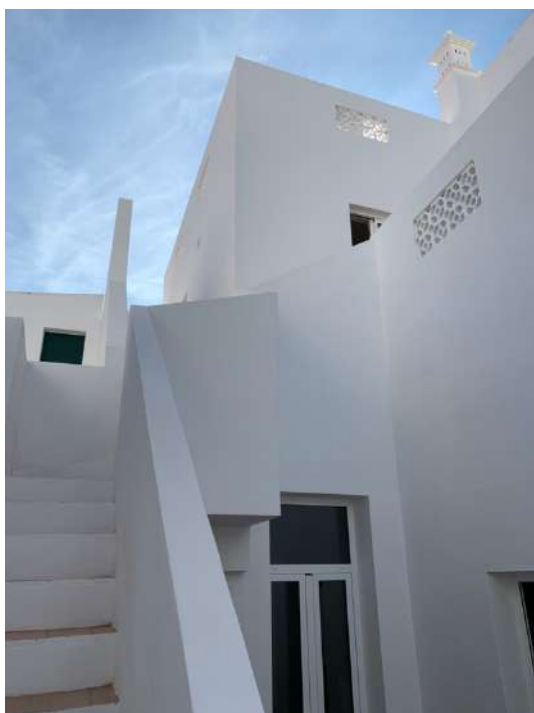


Figura 88 – Fotografia da ampliação nova, vista desde as escadas de acesso. Figura 89 – Vista da cobertura restaurada dos anexos.

6.2 Centro - Caso de estudo na rua Serpa Pinto 18.

O segundo caso de estudo localiza-se na zona central de estudo (Fig. 90). Esta compreende-se a sul da linha de comboio, com o limite imposto pelo PP da zona histórica.

Trata-se igualmente de uma moradia unifamiliar, com planta retangular e dois pisos, mas com uma característica diferente da anterior, pelo facto de não se prolongar pelo comprimento total do quarteirão.

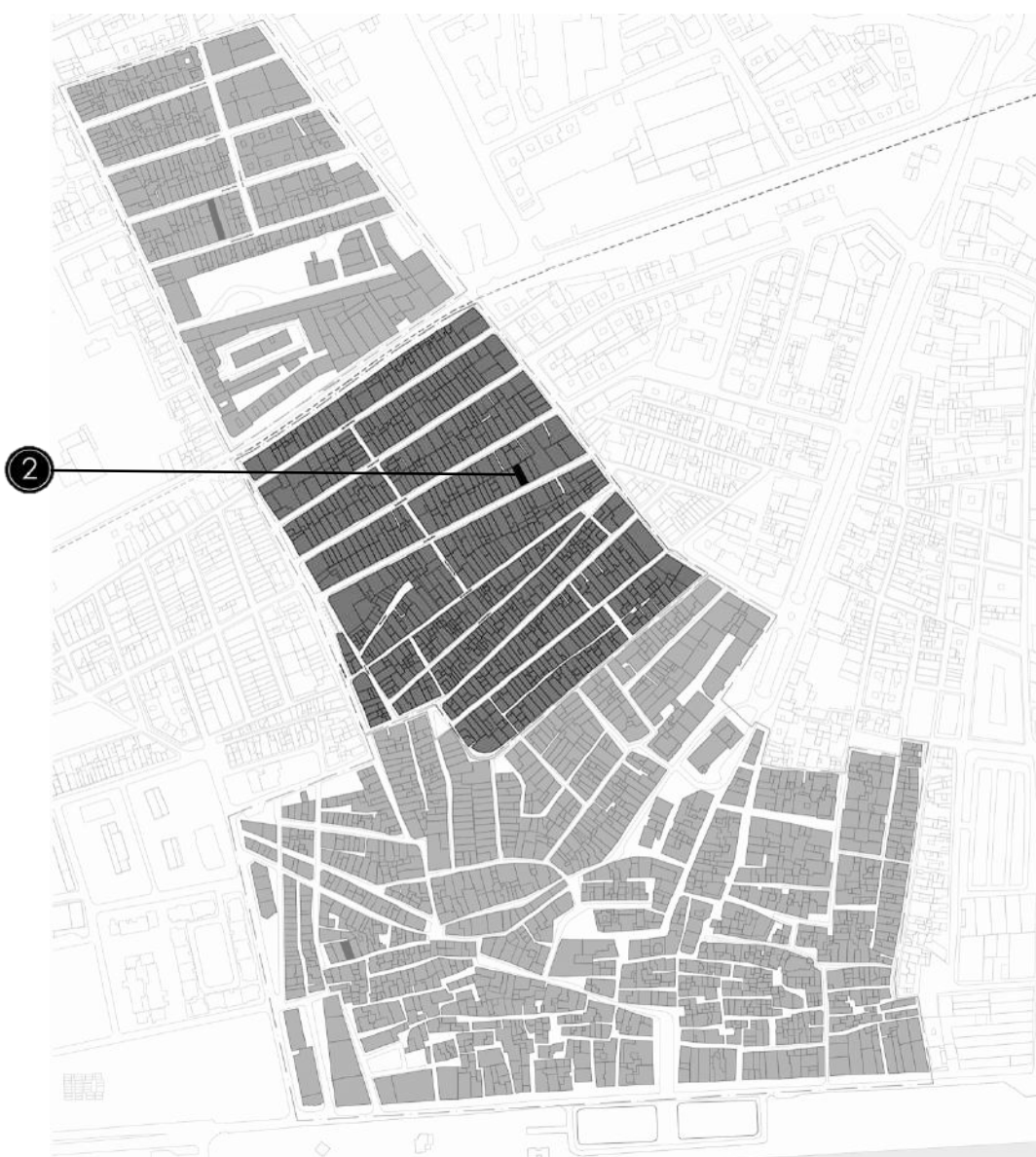


Figura 90 – Localização da habitação em estudo. Zona centro em destaque.

A fachada principal encontra-se na rua Serpa Pinto 18. De igual forma que o caso de estudo anterior, encontra-se numa rua transversal aos acessos principais da cidade. Esta rua funciona de forma diferente ao caso de estudo anterior, sendo muito menos transitada.

A fachada, simples e descaracterizada, possui apenas alguns traços de arquitetura tradicional, que podem ser verificados nas alvenarias e num pequeno elemento decorativo em telha. Apesar de possuir uma platibanda bastante larga, existe uma carência de decoração, porém, poderá ter sido ocultado durante o segundo período de construção.

Para além da carência decorativa na fachada, esta sofreu alterações no revestimento. Tendo sido coberta com azulejo simples biselado, sem características tradicionais. Isto implica a descaracterização tradicional da fachada.

Ao entrar, encontramos um corredor lateral do lado direito, o pavimento apresentado é hidráulico de aspeto simples e de cores bastante fortes. O estado de conservação é bom e não possui sinais de humidade ascendente. Da mesma forma, as paredes e teto do corredor não apresentam sinais de humidade, encontrando-se em muito melhor estado, comparando diretamente com o caso de estudo anterior (Figs. 91 e 92).



Figura 91 – Corredor de acesso, ao fundo encontra-se o hall de distribuição. Figura 92 - Fotografia da Sala, (do lado esquerdo do corredor) é possível observar o hall de distribuição e ao fundo o corredor interior que permite o acesso aos quartos, instalações sanitárias, sala de jantar e cozinha. Fotografias do autor

Ao efetuar o percurso pelo corredor, alcançamos um pequeno espaço de distribuição, pelo qual podemos aceder à sala, que se encontra paralela ao corredor de acesso, e aos quartos de seguida.

É possível verificar um dos períodos de construção e de reabilitação, porém, não foi utilizada a mesma solução para tratamento da humidade nas paredes. O primeiro período terá sido a construção inicial, da qual podemos observar os mosaicos hidráulicos e a estrutura robusta das paredes principais. A segunda fase de reabilitação teve como objetivo reparar os problemas com argamassas à base de cimento e outros materiais. A remoção das abóbadas existentes na “casa de fora” e nos quartos reforçam esta possibilidade.

Continuando o percurso pelo corredor principal (Fig. 93), encontramos à esquerda, três pequenas divisões com pouco mais de 5 m² cada uma delas. Estas tinham a função principal de dormitórios ou arrumos. Possuem pavimento em tacos de madeira, da mesma forma e padrão existente na sala.

No mesmo alinhamento do corredor encontra-se do lado direito uma pequena instalação sanitária, não existindo outra na habitação. O pavimento predominante é mosaico hidráulico (Fig. 94).



Figura 93 – Fotografia do corredor central de distribuição. Figura 94 – Fotografia do interior da instalação sanitária.

Apesar de existirem diferentes períodos de construção no segundo caso de estudo, existe ainda alguma evidencia de humidade. Pode ser encontrada na parte posterior da habitação, onde não foi efetuado uma correção nem prevenção para o eventual surgimento do salitre. É então nas últimas duas divisões da casa, a sala de jantar e a cozinha, que é possível encontrar problemas derivados da humidade (Figs. 95 a 98). Um

destes espaços, possui ainda a cobertura original abobadada (Fig. 95), na qual é visível a deterioração criada pelo passar dos anos e o abandono.

Contudo, não é um caso extremamente agravado, mas sim uma pequena mancha numa habitação relativamente grande. Estas duas divisões, ao contrário da sala e alcovas, apresentam um pavimento descaracterizado.



Figura 95 – Parede da sala de jantar que apresenta humidade ascendente. Figura 96 – Fotografia do vão existente na sala de jantar.



Figura 97 – Cozinha em alvenaria com pormenores tradicionais, entre eles a saída de fumo e a estrutura baixa. Figura 98 – Acesso à cozinha através da porta do pátio. Esta foi alterada para evitar a entrada de águas pluviais.

A parte exterior da casa encontra-se num estado diferente ao resto. É possível encontrar sinais de salitre na parte baixa das escadas e nas paredes junto as construções vizinhas.

No pátio, coberto com chapas metálicas, encontra-se uma pequena instalação de apoio para lavagem de roupas e outra para arrumos debaixo das escadas (Fig. 99). Existe ainda o acesso para a açoteia (Fig. 100), que é feito através de um pequeno e estreito lanço de escadas. O percurso necessário para subir é incómodo, já que para se ocupar menor espaço no pátio, os degraus foram criados bastante altos, chegando a ter até 0,25m de altura de espelho.



Figura 99 – Fotografia do pátio coberto por chapas metálicas. Figura 100 - Fotografia do acesso à açoteia.

Ao efetuarmos o percurso estreito e incómodo, chegamos a açoteia (Fig. 101). Nela ainda é visível a curva traçada pela única cobertura original da casa, abóbada de berço da sala de jantar. Para além da curva na açoteia, outro elemento originário da casa é o arco que se encontra sobre a cobertura metálica do pátio (Fig. 102). No entanto, estes dois elementos característicos não são as únicas estruturas tradicionais à vista, sendo ainda possível observar a existência de um mirante (Fig. 103). O pavimento existente na cobertura é tradicional, fabricado em Sta. Catarina. Porém, encontra-se pintado de cor branco, manchado pelos fungos e mal conservado. Ainda é possível distinguir, de entre o padrão criado pelo pavimento em terracota, os quatro pequenos cubos de vidro que permitem a entrada de luz zenital ao interior da casa. A pintura, nas paredes que fecham o perímetro da açoteia encontram-se igualmente deterioradas.



Figura 101 – Corredor de acesso à açoteia. Figura 102 - Arcos tradicionais existentes sobre a cobertura de zinco. Figura 103 – Lateral do anexo com escada de acesso ao mirante.

Ao observarmos as condições na açoteia, deparamo-nos igualmente com o pequeno anexo que ocupa uma pequena fração da cobertura. Neste podemos encontrar apenas duas divisões que serviriam de arrumos. É fácil percebermos que existiu uma tentativa de reparação do teto interior. É necessário removermos um par de placas de esferovite que escondem a estrutura original para verificar que esta ainda se encontra assente em dormentes (Fig. 104). As condições atmosféricas criadas pela humidade e calor no interior do anexo favoreceram a deterioração dos materiais ao longo dos anos. Os revestimentos interiores encontram-se bastante danificados e em alguns casos completamente descolados da parede, características normais criadas pela existência de humidade e salitre (Figs. 105 e 106).



Figura 104 – Teto do anexo onde é possível observar a estrutura original. Figura 105 - Paredes danificadas sob a zona das escadas, junto à parede interior do anexo. Figura 106 – Sinais de humidade e fragilidade estrutural nas paredes que suportam as escadas

No exterior a situação é semelhante, no entanto, a humidade e outros problemas relacionados com a água são derivados da chuva e da posterior secagem dos materiais e revestimentos ao sol.

Ao chegarmos ao extremo do corredor que nos introduz à açoteia, podemos encontrar o acesso ao mirante que se encontra instalado na cobertura do anexo (Fig. 107). Este, já muito fragilizado pelo apodrecimento da estrutura interior, não permite a circulação. No entanto, é possível ter uma visão deslumbrante das coberturas tradicionais e da arquitetura olhanense que envolve este caso de estudo.



Figura 107 – Fotografia das escadas de acesso ao mirante. Figura 108 - vista das açoteias e mirantes vizinhos desde o topo das escadas.

Ao contrário do caso de estudo anterior, esta habitação ainda se encontra na fase final de reabilitação.

Ao serem iniciados os trabalhos de remoção de revestimentos e pavimentos nas zonas necessárias, verificou-se que as paredes não se encontravam em más condições e existiam poucos sinais de humidade e salitre. Os trabalhos outrora efetuados para evitar o aparecimento de humidade e salitre foram bastante efetivos e não é necessário efetuar um tratamento extenso. Opta-se por uma solução simples, mas efetiva. Trata-se da utilização de argamassas à base de cal, apenas para não impedir que as reparações já efetuadas deixem de cumprir a sua função. Por último, será aplicada uma camada de tinta de base mineral.

No seguimento das obras de alteração e reabilitação foi mudada a distribuição de algumas peças da habitação, alternando a posição inicial da cozinha, que deixava de estar ao fundo e passava a estar na primeira divisão da casa. O corredor de acesso e o corredor de distribuição mantiveram-se inalterados. Foi apenas necessário proteger o pavimento existente nestas duas divisões, já que seria reaproveitado, com exceção do hall.

Para conseguir obter um espaço aberto e amplo, foi necessária a remoção de uma das paredes adjacentes ao pequeno hall de distribuição e do primeiro quarto. Isto viria a garantir um aumento no espaço destinado à nova cozinha. Foi aberto o vão para a saída de fumo da cozinha e os foses de luz com a mesma dimensão dos já existentes no pequeno hall, permitindo uma simetria no teto. Desta forma, a sala, primeiro quarto e hall de entrada formam um novo espaço amplo e luminoso (Figs. 109 e 110).

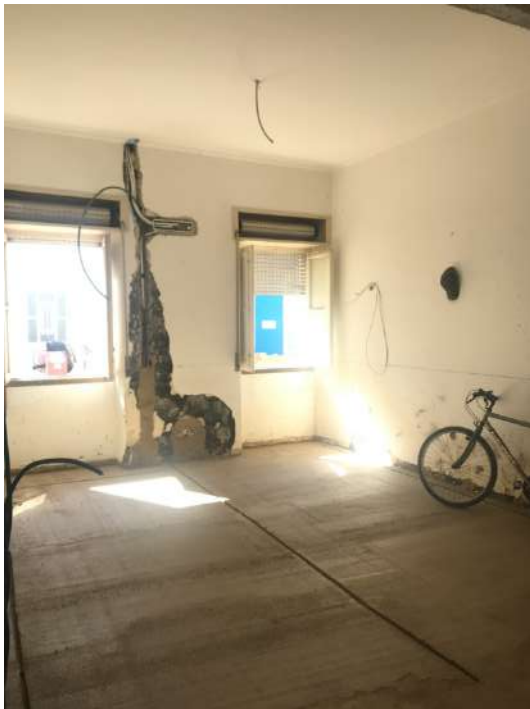


Figura 109 – Novo espaço da sala. Figura 110 – Fotografia do novo espaço destinado à cozinha. É visível o pequeno cubo de luz que seria modificado.

Nos dois quartos seguintes foi decidido remover a parede que os separa, criando uma divisão maior e mais confortável (Fig. 111). A porta mais ao fundo transforma-se em janela interior, apenas com a função de iluminar o novo quarto.

No corredor, a casa de banho mantém-se, alterando apenas as loiças sanitárias e os revestimentos. A pequena janela existente será restaurada a forma original.



Figura 111 – Fotografia do reforço estrutural necessário ao demolir a parede que divide os dois quartos. Este passa a ter duas entradas de luz, aumentando o conforto dentro da nova divisão.

Na parte posterior da habitação, o espaço que fora utilizado como sala de jantar e cozinha passa a ter a função de quarto principal e casa de banho privada. Os pavimentos existentes e os revestimentos foram removidos, de forma a ser possível aplicar novos acabamentos (Fig. 112).

Uma vez que esta divisão apresenta sinais de humidade, foi decidido aplicar uma nova camada de material indicado para o restauro e consolidação de alvenarias fragilizadas. Posto isto, foi necessário picar a parede até uma altura média de 1.5m de altura, ao contrário do caso de estudo anterior onde o caso era mais grave e foi necessário uma intervenção maior.

No exterior, foi removida a cobertura existente (Fig. 113). Isto permitiu a remoção dos revestimentos existentes já bastante deteriorados. O pavimento exterior foi removido igualmente, embora na zona das escadas fosse preservado. Esta pequena alteração, tanto nos revestimentos como na remoção dos elementos de sombreamento ajudou ao incremento de iluminação no interior da habitação, proporcionando o corredor de distribuição e os novos quartos de luz natural.



Figura 112 – Fotografia das paredes da antiga cozinha, a ser preparada para a criação da nova instalação sanitária. Figura 113 - Fotografia do pátio lateral, sem revestimentos e elementos de sombreamento.

O processo de reabilitação focou-se inicialmente nos trabalhos a serem desempenhados na cobertura, na demolição do anexo e na sua reconstrução. Este processo foi bastante rápido e permitiu a criação de um novo elemento na cobertura, mas desta vez, com materiais contemporâneos e soluções térmicas adequadas. O facto de não se tratar de um restauro diminuiu o cuidado a ser mantido com as alvenarias existentes, já que tudo foi considerado dispensável (Figs. 114 e 116).



Figura 114 – Processo de construção do anexo, durante armação dos pilares. Figura 115 – Instalação de novas camadas de isolamentos térmicos. Figura 116 - Acabamento interior revestido no teto em madeira, sendo apenas um efeito visual, já que a estrutura foi efetuada em betão armado.

Atualmente a fase final de construção teve início e os primeiros detalhes olhanenses começam a surgir nos acabamentos da açoteia. As paredes brancas e luminosas

destacam-se de novo e refletem a luz forte do sol. As pequenas curvas e acabamentos redondos sobressaem de entre as linhas retas e dos volumes retangulares da casa. O processo na açoteia encontra-se quase finalizado e resta apenas concluir igualmente o piso térreo da habitação (Figs. 117 a 120).

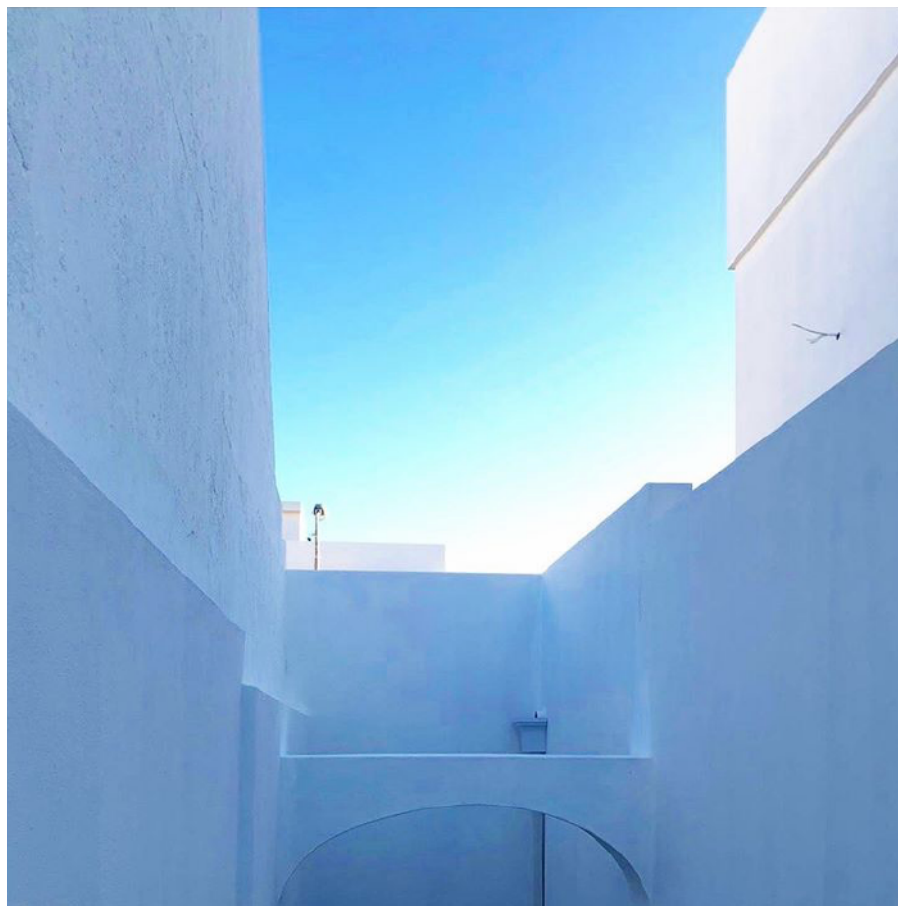


Figura 117 – Conclusão dos trabalhos no pátio exterior. Figura 118 – Conclusão dos trabalhos na açoteia. Figura 119 – Fotografia dos acabamentos finais na nova saída de fumo e escadas do mirante.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

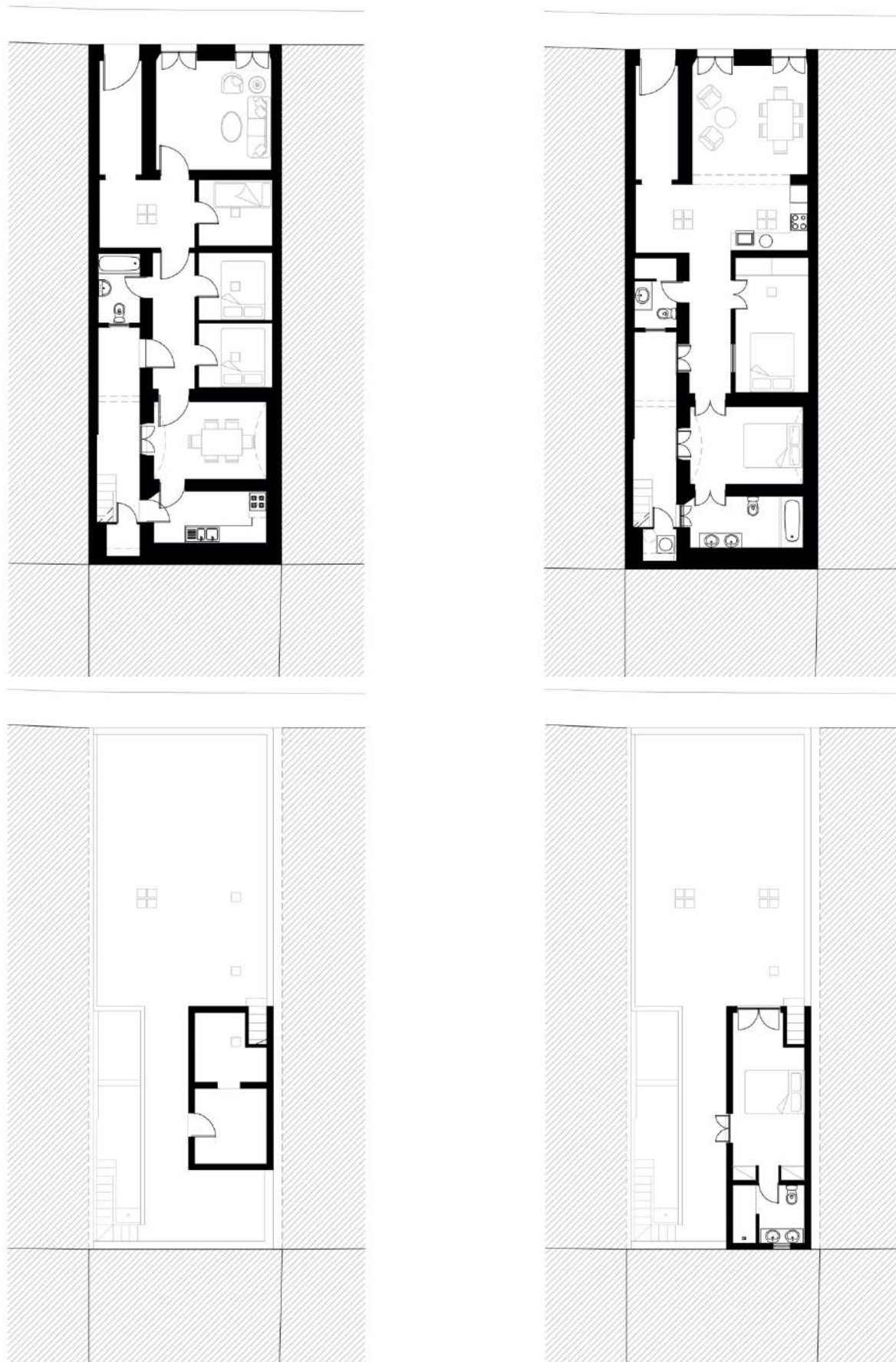


Figura 120 – A esquerda – Planta antes da intervenção. RDC e 1º piso. A direita – Planta do processo de alteração e reabilitação. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

6.3 Sul - Caso de estudo na rua dos Micanos 26

O terceiro e último caso de estudo localiza-se na rua dos Micanos, no extremo oeste do bairro da Barreta. Os seus limites estendem-se na profundidade completa do quarteirão, porém, encontra-se num quarteirão particularmente diferente, já que este apresenta diferentes tipos de profundidades e possui um traçado bastante irregular.

Encontra-se na zona definida pelo plano diretor municipal que impõe uma serie de regras a cumprir durante os processos de restauro e reabilitação das habitações inseridas nos limites impostos.

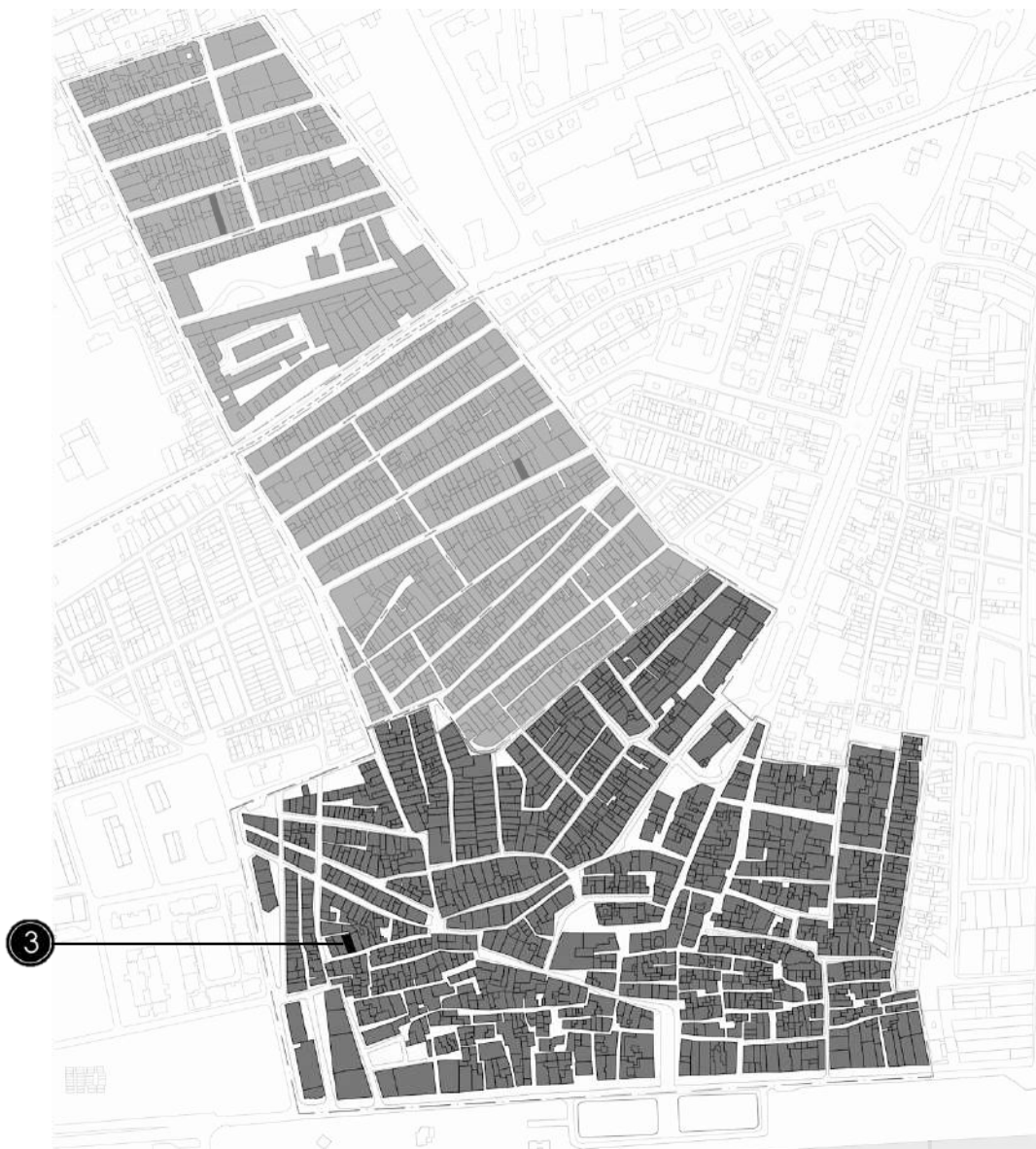


Figura 121 Localização da habitação em estudo. Zona sul em destaque.

O facto do terceiro caso de estudo se encontrar inserido num dos bairros fundadores da cidade implica que seja muito mais fácil encontrar problemas relacionados com o salitre e a humidade, já que o mar e as zonas húmidas encontravam-se relativamente perto.

O acesso até à habitação é feito através de pequenos becos e travessas perpendiculares aos eixos transitáveis por viaturas. A fachada principal, na rua dos Micanos, apresenta um revestimento descaracterizado, isenta de elementos tradicionais. Deve-se aos trabalhos de restauro efetuados durante a década de 90. Os azulejos brancos e azuis da fachada perdem o foco ao olharmos para a porta de acesso vermelha, que se destaca ao longe (Fig. 122).

Começamos o percurso pela habitação ao atravessarmos pela porta de alumínio vermelha, chegando ao corredor de entrada. Este possui um teto bastante alto e com arcos bastante elaborados. A esquerda podemos aceder à “casa de fora” e ao fundo do corredor, o hall de distribuição (Fig. 123). Este primeiro compartimento, apresenta já vários sinais de degradação e humidade. O caso mais grave dos três casos de estudo. Contudo, e da mesma forma que os anteriores, apresenta sinais de reconstrução, restauro e alteração de materiais. Os azulejos aplicados na parede poderão ter sido utilizados para evitar o aparecimento de humidades.



Figura 122 -Porta de acesso à habitação. Figura 123 – Corredor de entrada. À esquerda encontra-se a “casa de fora” e ao fundo o hall de distribuição.

De seguida, ao entrarmos na primeira divisão à esquerda, podemos observar o estado das portas de madeira brancas tradicionais, que foram mantidas inalteradas (Fig. 124).

Por outro lado, o teto, pavimento e janelas, sofreram alterações de material e forma. A humidade é visível e destaca-se da cor branca da divisão (Fig. 125). As paredes desfazem-se facilmente e a pintura cai com o toque, esta situação repete-se ao longo do perímetro do teto.

Esta habitação apresenta uma característica semelhante ao primeiro caso de estudo, embora um pouco diferente. Possui um acesso bilateral que nos transporta à divisão de apoio, no entanto, este divide-se e a segunda porta transporta-nos até o hall de distribuição (Fig. 126). No hall de distribuição não foi possível recuperar o revestimento do piso pré-existente (Fig. 127)



Figura 124 -Acesso à “casa de fora”, com portas originais da época. Figura 125 –Estado das janelas de alumínio pintadas de cor branca, é visível no canto superior esquerdo, os sinais de humidade.

O percurso continua e ao passar pelo hall de distribuição é possível observar a humidade presente nas paredes. Esta alastra-se de tal forma que prejudica igualmente o teto do espaço completo (Fig. 128 e 129).

Através de uma das portas presentes no hall, acedemos diretamente ao espaço de apoio vindo da “casa de fora”, já utilizado como quarto pelos antigos moradores.

Atualmente a estrutura do dormitório encontra-se dividida em duas frações, já que aparenta ter existido uma parede divisória que fora removida no período do primeiro restauro. Poderá ter sido numa tentativa de aumentar o espaço original e oferecer melhores condições de conforto, ainda assim, mesmo depois de ter sido aumentado o espaço do quarto, a divisão não é muito larga e carece de luz natural. A humidade está presente, impregnada nas paredes e no teto.



Figura 126 -Acesso bilateral, a divisão de apoio e ao hall de distribuição. Figura 127 – Teste efetuado ao pavimento existente para verificar a existência de mosaicos hidráulicos na habitação, porém, apesar de existirem, não foi possível a sua recuperação.



Figura 128 -Acesso ao hall de distribuição a través do corredor de entrada. É visível a quantidade de humidade presente na parede. Figura 129 – Teto abobadado do hall de distribuição. Apresenta sinais de humidade avançada, destruindo parcialmente a pintura e molduras existentes.

O pavimento instalado no aposento é o mesmo que se encontra no resto da habitação, peças cerâmicas brancas, sem traços tradicionais. Foi elaborado igualmente o teste para perceber se existia ainda por baixo do pavimento atual alguma peça tradicional escondida, mas foi escusado. O pavimento inferior encontrado é igualmente cerâmico e não existem vestígios de pavimento tradicional nesta divisão. Talvez tenha havido mais do que um período de reabilitação, já que este vestígio assim o indica.

Um pequeno cubo de vidro é a única entrada de luz nesta divisão, que não é suficiente para iluminar o quarto inteiro, já que apenas se encontra instalada numa das abobadas.

O quarto apresenta um elevado estado de degradação dos revestimentos e sinais de infiltração (Fig. 130), mas as portas ainda conservam as ferragens originais da época. Este compartimento possui três pares de portas e cada uma delas conduz a uma divisão diferente, seja a “casa de fora” ou sala, o hall de distribuição e corredor central.



Figura 130 - Vista completa do quarto, desde a porta de acesso da “casa de fora”. Figura 131 – Teto abobadado do quarto, deteriorado pela humidade.

Atravessando a porta visível na figura 130 cruzamos o corredor central (Fig. 131) para alcançar a próxima divisão. Trata-se de um pequeno quarto de arrumos cuja função era apenas essa, já que as dimensões não permitem a instalação de outro tipo de mobília sem ser para arrumos. As paredes pintadas de cor branco, aparentam terem sido revestidas por azulejos, já que é possível identificar as juntas ainda existentes sob a tinta aplicada.

Um pequeno cubo de vidro é, da mesma forma que na divisão anterior, a única entrada e luz natural na pequena divisão. O teto, abobadado apresenta os mesmos problemas que as restantes divisões. A pintura a soltar-se e a cair das paredes, a humidade a danificar as madeiras (Figs. 132 e 133). Apesar disto, as paredes não evidenciam tanto os problemas existentes, já que com a camada aplicada de cerâmica e a tinta impedem a água de aparecer nestas zonas, obrigando a aparecer em outras zonas da casa.



Figura 132 - Vista completa do corredor central desde a sala. Figura 133 – Teto abobadado do quarto de arrumos, deteriorado pela humidade. É possível ver o alastramento da água até as madeiras da porta.

A cozinha e a sala encontram-se ao final do corredor central. Têm um teto dividido, parte dele é plano e outro abobadado, amplo e alto. A humidade não deixa de estar presente e acentua-se com força na abóbada da sala. O pavimento é igualmente cerâmico, mudando apenas de cor. Tal como nas divisões anteriores, foi efetuado o teste para determinar se existem pavimentos originais nesta parte da casa, revelando a existência de dois tipos de mosaico hidráulico numa só divisão. Um possui um padrão simples de xadrez e o outro geométrico. Porém, da mesma forma que o pavimento na “casa de fora”, é impossível efetuar um restauro que seja efetivo e pouco dispendioso.

A cozinha encontra-se em más condições e bastante danificada (Fig. 134). Nota-se uma falta de cuidado com os elementos existentes. A tinta encontra-se ao ponto de descolar e cair, tanto nas paredes como nos móveis de cozinha. Foi revestida com azulejos de cor branca apenas para tentar evitar o aparecimento de mais humidades. As peças de azulejo começam a descolar das paredes, apenas estão seguras por uma pequena camada de cola.

A existência de uma viga entre os dois espaços sugere a existência de uma parede no passado que foi removida da mesma forma que a parede do quarto. Isto explica a diferença de padrões existentes no pavimento.

Existem três portas nesta zona da habitação, duas delas permitem o acesso ao pátio e uma destina-se ao acesso da instalação sanitária principal da casa. As portas encontram-

se em muito mau estado, com a madeira bastante degradada e frágil. A tentativa de conserto funciona apenas esteticamente.



Figura 134 - Fotografia da cozinha. É possível ver os diferentes tipos de revestimentos existentes. Figura 135 – Fotografia da sala, com humidades presentes na abóbada.

O acesso a instalação sanitária é efetuado através de um par de pequenas portas com vidros coloridos. É possível verificar mais uma alteração estrutural. Esta instalação sanitária possuía o acesso pelo exterior e foi alterado para o interior da habitação para obter mais conforto. As paredes estão revestidas com azulejo branco simples e apresenta poucos sinais de humidade.

Ao sair da casa por uma das duas portas disponíveis na sala e cozinha, deparamo-nos provavelmente, com um dos mais belos espaços da casa, o pátio (Fig. 136). Encontra-se enfeitado com uma buganvília rosa e bastante florida. A cor esverdeada do mosaico hidráulico destaca-se de entre as folhas e realça as cores brancas das paredes que envolvem o pátio. À direita, o acesso para a açoteia é bastante estreito e íngreme, com degraus bastante altos (Figs. 137 e 138). No pátio encontra-se a porta das traseiras, que dá para um pequeno e estreito beco com apenas uma saída. A porta é igual à que se encontra na entrada oposta, apenas sendo diferente na cor de acabamento.



Figura 136 – Fotografia do pátio através da porta da sala.

Para subir as escadas até a açoteia é necessário algum esforço, já que os degraus são sobredimensionados e a largura do percurso muito estreita (Fig. 138). Ao alcançarmos a açoteia, encontramos um grande espaço aberto (Fig. 139), com um pequeno anexo no lado direito (Figs. 140 e 141). A simples vista percebe-se a alteração feita ao teto das primeiras divisões da casa ao observar a mancha avermelhada criada pelas peças

cerâmicas aplicadas na cobertura. Apercebemo-nos também das várias curvas criadas pelas abobadas do quarto, arrumos e sala, embora esta última se encontre sob o pavimento do anexo.

No extremo direito do anexo, encontra-se instalado um outro pequeno anexo que serviria como espaço de arrumos exterior. Estas pequenas divisões encontram-se sobre-elevadas em cerca de 0,20 m de altura em relação ao resto da cobertura, e isto deve-se ao facto de terem sido construídas sobre a curva criada pela abóbada da sala de jantar (Fig. 141).



Figura 137 – Fotografia do pátio e arco baixo as escadas. Figura 138 – Fotografia do lanço de escadas estreito que permite o acesso até a açoteia. Figura 139 – Fotografia da açoteia, desde o fim das escadas.



Figura 140 – Fotografia do início da açoteia, após o lanço de escadas. Figura 141 – Fotografia do interior do anexo, carece de qualquer característica tradicional. Figura 142 – Fotografia da vista oposta da açoteia, onde é possível observar o espaço da nova cobertura, coberto com azulejo avermelhado, e o espaço definido pelo anexo.

O projeto de reabilitação, restauro e ampliação da habitação teve como objetivo principal aumentar o nível de conforto nas divisões. Porém, dada a capacidade económica do

proprietário, não foi possível satisfazer completamente os objetivos propostos. As limitações impostas pelo orçamento influenciaram o resultado final da construção.

Os trabalhos tiveram início na divisão da “casa de fora”, concentrando-se na remoção de revestimentos existentes no interior da habitação. Durante este processo, verificou-se a existência de uma camada de azulejos sob o revestimento da casa, praticamente em todas as divisões e até uma altura média de 2 m. Seriam apenas utilizados para reduzir os níveis de humidade e prevenir deterioração das paredes (Fig. 143, 144 e 145).

Porém, dado as diferenças orçamentais, o problema da humidade foi abordado de forma diferente do caso de estudo nº1, tendo em conta que não seria aplicado nenhuma argamassa consolidante porosa e materiais com base calcária. Apenas foi aplicada uma camada de impermeabilização sob o pavimento e um reboco geral simples. A decapagem das paredes foi feita até ao teto da habitação, sendo que nas zonas mais húmidas foi necessária a decapagem do teto.



Figura 143 – “Casa de Fora”, é possível observar a previa existência de azulejos na parede. Figura 144 – Acesso ao quarto 1, após a remoção da porta de acesso através da “casa de fora”. Figura 145 – Corredor de acesso após a remoção dos revestimentos. O teto foi preservado com o maior cuidado para ser restaurado numa fase final.

O facto da habitação se encontrar inserida numa zona de humidade elevada devido à proximidade do mar, deteriorou bastante as portas tradicionais e os aros de suporte. Ao serem removidas as portas dos vãos, foi possível decidir o tratamento a ser efetuado conforme o estado destas (restauro ou substituição), contudo, o a degradação da madeira era tão elevada que apenas foi possível resgatar as portas e não os aros de suporte (Fig. 146, 147 e 148). Ainda é visível na figura 147 a quantidade de material junto aos aros das portas existentes que foi necessário remover para o vão ser retificado antes da instalação dos novos. Ao ser isto feito, foi possível encontrar o lintel de madeira sobre o vão da porta

já bastante decomposto, tendo sido substituído por perfil pré-fabricado em betão pré-esforçado com armadura de aço aderente.

O apodrecimento da madeira nos aros das portas foi geral, afetando a maior parte das madeiras existentes junto as paredes. Apesar deste contratempo, os aros das portas foram elaborados seguindo o estilo já existente na habitação.



Figura 146 – Deterioração das madeiras dos aros das portas, consequência da humidade. Figura 147– Corredor central decapado. Figura 148 – Estado dos vãos após a remoção dos aros das portas. É visível o estado de deterioração causado pela humidade.

Continuando encontramos, provavelmente o espaço mais importante da habitação, a sala e a cozinha. Tal como nas primeiras divisões da habitação, esta zona possuía o mesmo revestimento em azulejo simples oculto sob as camadas de tinta. Estes foram retirados da mesma forma para permitir a aplicação de reboco liso e posteriormente a camada de estuque e pintura.

A remoção total do pavimento existente permitiu a criação de novos esgotos para a nova localização da instalação sanitária, deixando de estar na zona pública e passando a estar numa zona intermédia, no corredor.

Esta alteração permitiu a mudança da cozinha e o aproveitamento da sala na totalidade para a criação de um espaço de refeições vantajoso. É possível observar a evolução dos trabalhos nas figuras seguintes (Figs. 149, 150 e 151), onde é visível o estado da antiga cozinha após a remoção dos revestimentos, verificando a existência de canalizações tanto elétricas como de águas em muito más condições. Os materiais, e em especial o aço, encontrava-se completamente corroídos pela ferrugem, permitindo o escoamento indesejado de águas para o interior da parede. Após a primeira fase de construção e a passagem de novas canalizações, foram efetuados os primeiros rebocos e regularizações

do pavimento para permitir igualmente a instalação de novos revestimentos. Também foi elaborado um vão entre a sala e a nova instalação sanitária, interrompido por pequenos cubos de vidro que permitem uma transparência parcial e entrada de luz zenital.



Figura 149 – Sala de estar, Fotografia na fase de demolições. Figura 150 – Fotografia durante a primeira fase de rebocos. Figura 151 – Fotografia durante a fase previa aos acabamentos.

O lado oposto da sala foi preparado para acolher um novo espaço destinado à confeção de alimentos (Fig. 152 e 153). Posto isto, foi necessário remover as loiças sanitárias existentes na antiga instalação sanitária, reorganizar as canalizações e adaptá-las para acolher uma cozinha. Visto que a bancada de apoio se alonga desde uma divisão até a outra, foi necessário alterar a porta de separação das duas divisões, para criar um espaço contínuo. Isto foi apenas possível após a verificação das cargas estruturais. O pavimento escolhido para o revestimento deste espaço foi o ladrilho tradicional de Sta. Catarina (Fig. 154), aplicado na totalidade do espaço.

Ao contrário do resto da habitação, foi necessário elaborar portas novas no espaço. Dado que estas se encontravam completamente degradadas e não foi possível recuperar nada. É possível observar a evolução dos trabalhos elaborados nesta zona da habitação nas figuras seguintes.

Com a criação da nova cozinha, foi necessário criar um elemento de iluminação na habitação que permitisse a circulação entre espaços de forma rápida. Para tal, foi criada uma porta janela, não tradicional, desde a cozinha para o pátio, permitindo uma comunicação direta entre interior e exterior neste extremo da casa. O pavimento hidráulico foi mantido, contudo, foi necessário fabricar peças novas, já que o espaço sob as escadas não possuía o mesmo revestimento. Este foi aplicado com sucesso e pode verificar-se uma continuidade de material perfeita entre o novo e o antigo. Para além do

pavimento do pátio, o mosaico existente nas escadas foi removido para ser substituído por peças de ladrilho Sta. Catarina.



Figura 152 – Cozinha, fotografia na fase de demolições. Pode ser observado alguns dos aros de porta estragados. Figura 153 – Fotografia durante a primeira fase de rebocos. Figura 154 – Fotografia antes da construção da estrutura da cozinha durante a fase prévia aos acabamentos.

Ao começarem os trabalhos na zona exterior e antes de se iniciar outro tipo de tarefa, foi removido o telhado de amianto que se prolongava sobre a escadaria que dá acesso à açoteia. Após isto, foram iniciadas as demolições necessárias para aumentar o pequeno anexo existente na açoteia. Este apenas iria aumentar o suficiente para dar lugar a uma casa de banho privativa, evitando assim deslocações ao piso inferior durante as estadias.

Para além da demolição de algumas paredes, foi necessária também a criação de novas canalizações para a passagem de águas da nova instalação sanitária. Esta fase desenvolveu-se de forma normal e sem nenhum tipo de contratempo.

Durante a fase das demolições verificou-se igualmente a inexistência de isolamento térmico e acústico no anexo, algo que tem vindo a ser comum ao longo da habitação em questão. Esta carência de isolamentos é normal na zona baixa da cidade, sendo uma característica comum apenas na zona nova da cidade. Podemos considerar a hipótese dos diferentes períodos de construção, sendo que as alterações prévias efetuadas na cobertura, na ligação da instalação sanitária do piso baixo e na construção do anexo tenha sido desenvolvida ao mesmo tempo, visto que possuem características e materiais semelhantes e da mesma época, tal como a utilização de tijolo furado, argamassas de assentamento e acessórios auxiliares (tomadas, interruptores e pontos de luz).

Ao longo dos trabalhos optou-se por alterar os materiais utilizados nos vãos (Fig. 155 e 156), de forma a proporcionar um melhor comportamento térmico no interior, passando

a ser em alumínio com corte térmico. Esta opção, menos estética e mais económica proporciona o conforto necessário no interior da divisão.



Figura 155 – Açoteia, fotografia na fase de ampliação do anexo. Figura 156 – Fotografia durante a aplicação de revestimentos interiores.

O processo de construção iniciou-se no mês de dezembro de 2018 e foi concluído durante o mês de setembro de 2019. No entanto devido aos materiais utilizados, foi necessária a correção de problemas relacionados com a humidade no mês de outubro.

Os primeiros sinais foram aparecendo nas paredes e abóbada do hall de distribuição em forma de uma grande mancha escura no estuque. A pintura, por outro lado, começou a descolar da parede e a cair lentamente no chão. O pavimento apresenta igualmente problemas com a pigmentação, no entanto, estes foram rapidamente corrigidos (Fig. 157).

A tendência no aparecimento de humidade foi identificada nas paredes adjacentes à construção vizinha. Esta situação repetiu-se duas vezes durante o período de correção dos trabalhos. A única solução que diminuiu os níveis de humidade foi a decapagem da zona afetada até uma profundidade significativa e a instalação de novas camadas de material indicado para alvenarias antigas.

Outra razão pela qual o reaparecimento da humidade na habitação é comum origina-se na condensação criada pelo vapor da água no interior das divisões que é expelido pelas paredes durante o dia, isto deve-se ao facto da habitação se encontrar fechada durante a maior parte do tempo. Para solucionar este contratempo, o proprietário viu-se obrigado a substituir as janelas de abertura com bandeira fixa por janelas de abertura com bandeira basculante, permitindo a circulação de ar no interior das divisões, para além da

criação de uma conduta de respiração natural na sala de jantar, junto as portas de acesso ao pátio. Após estas duas alterações, verificou-se uma diminuição significativa nos danos efetuados pela humidade

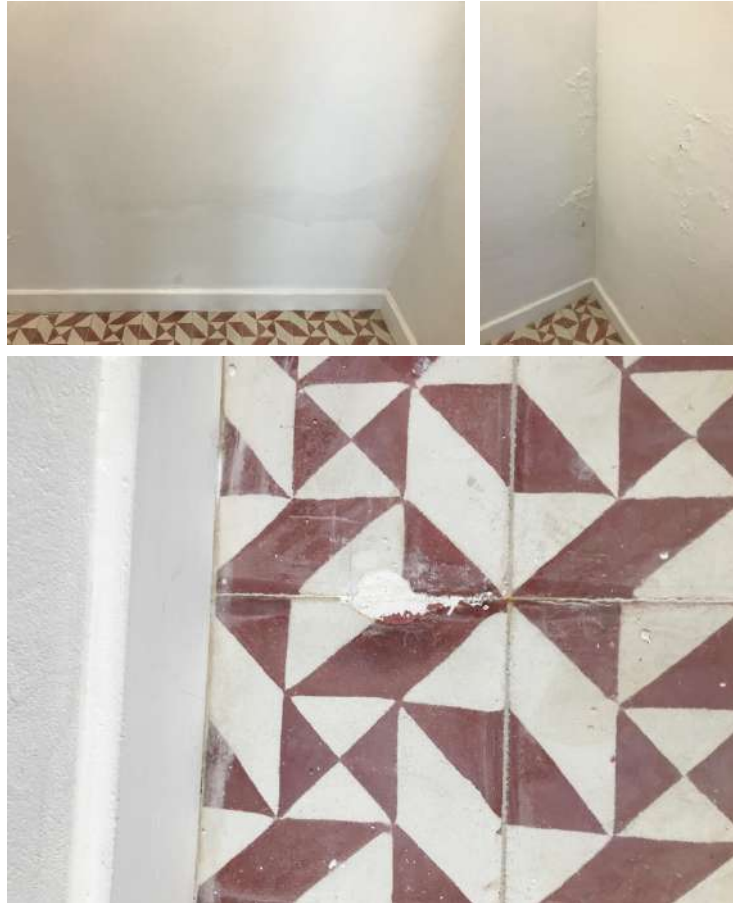


Figura 157 – Deterioração das paredes e do pavimento aplicado nas novas zonas de circulação. Foram necessárias obras de correção.

Apesar dos contratemplos no final das obras, o resultado final foi o desejado. A habitação apresenta atualmente uma mistura de características tradicionais e contemporâneas equilibradas na perfeição.

O novo pavimento do corredor apresenta um novo padrão de mosaico hidráulico (Fig. 159), elaborado de forma tradicional por artesãos locais. As portas de madeira, restauradas, encaixam-se na perfeição nos novos aros de madeira que as suportam, elaborados cuidadosamente por carpinteiros olhanenses. Na primeira divisão, dantes “casa de fora” (Fig. 160), serve como nova sala de estar e de leitura, possuindo vários arrumos destinados ao armazenamento de livros e outros elementos de viagem, já que esta habitação apenas será utilizada como casa de férias. O primeiro quarto e a nova casa de banho encontram-se no seguimento do hall de distribuição, que se prolonga até chegar à sala e à cozinha. As paredes brancas refletem a luz que entra pelas portas altas

e cria um novo espaço acolhedor. A bancada em alvenaria remete para tempos antigos e os materiais escolhidos mantêm a memória da casa que outrora existiu (Fig. 161 e 162).

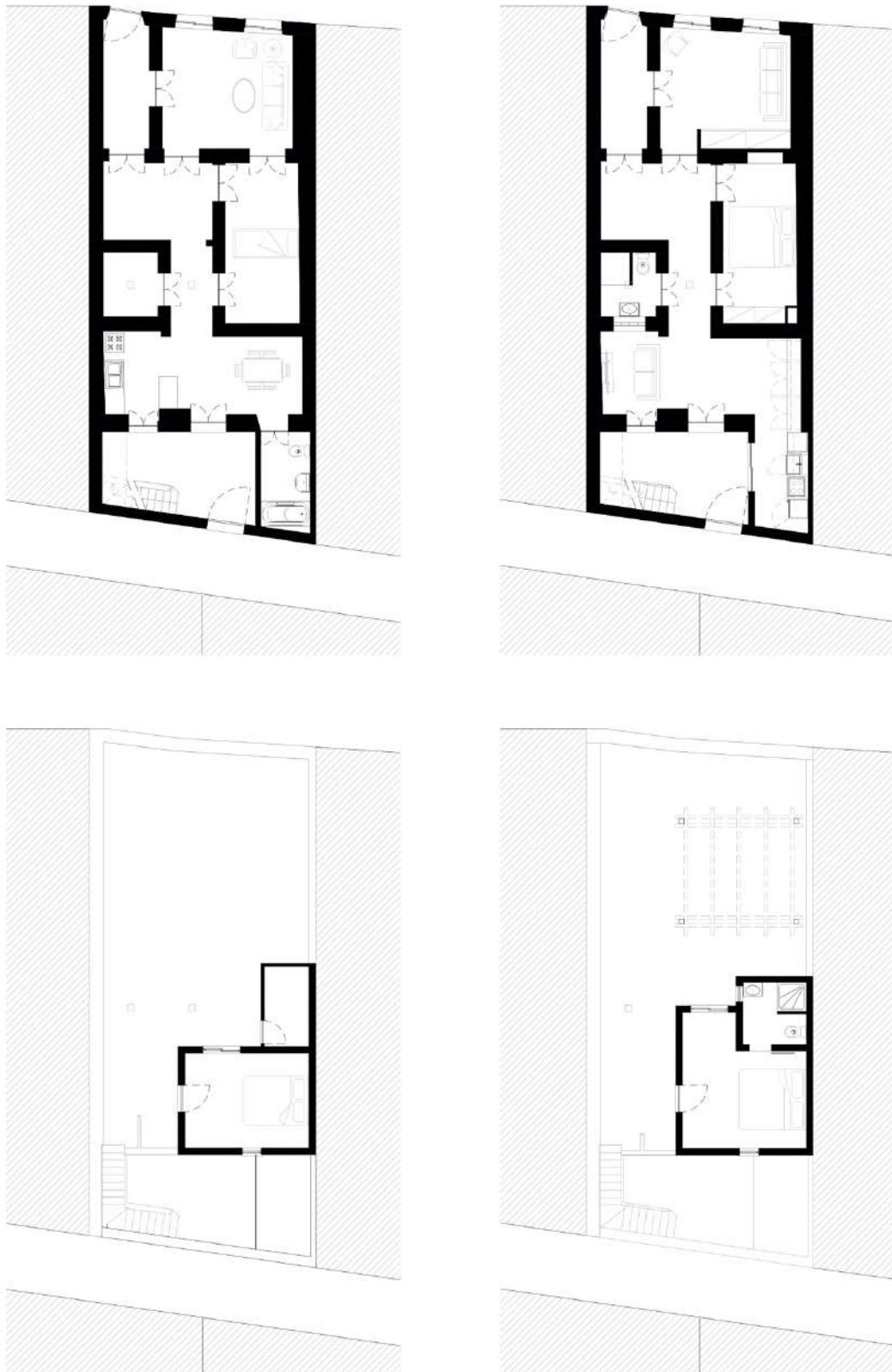


Figura 158 – A esquerda – planta antes da intervenção. A direita – planta de alteração. É possível verificar o aumento da sala de jantar e cozinha. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.



Figura 159 – Fotografia do novo corredor de entrada, revestido com mosaico hidráulico. Figura 160 – Fotografia da nova sala de estar e leitura.



Figura 161 – Nova sala de jantar e cozinha. É possível ver a evolução nas figuras anteriores 151, 152 e 153. Figura 162 – Fotografia lateral da cozinha.

No exterior, a casa apresenta um novo espaço de arrumos sob a estrutura das escadas (Fig. 163). Os degraus foram redimensionados para um melhor conforto. Os revestimentos das escadas foram alterados, dando ênfase ao ladrilho Sta. Catarina. A pintura branca, os acabamentos arredondados e “toscos” destacam-se e transmitem um

ar tradicional e calmo. O pátio permite um ambiente ideal para descanso, podendo igualmente ser utilizado como zona de estar e de leitura (Fig. 164).



Figura 163 – Fotografia de nova escada. Figura 164 – Porta e pátio da habitação.

A análise dos diferentes casos de estudo, localizados em três zonas diferentes da cidade e tratados de forma diferente conforme a problemática apresentada no local, permite uma melhor percepção das opções disponíveis no tratamento do salitre e da humidade ascendente. Posto isto, conclui-se que a utilização dos materiais adequados, tal como no caso de estudo um, permitem um acabamento certo e isento de problemas durante mais tempo. A não utilização destes materiais ou a incorreta aplicação deles pode originar problemas que rapidamente se transformam em despesas imprevistas, obrigando ao proprietário a investir no tratamento dos problemas que poderiam ser evitados desde o início, tal como é visível no caso de estudo três, na rua dos Micanos.

Por outro lado, nem sempre é necessário o tratamento das paredes. Existem zonas da cidade que possuem características favoráveis para dispensar certos materiais. Contudo, o aparecimento de salitre não deixa de ser um risco com o passar do tempo.

A análise aprofundada e o seguimento diário da evolução de cada caso de estudo foi essencial para a compreensão e o desenvolvimento da próxima fase da dissertação de projecto.

VII – Caso prático – Contextualização

Após uma análise extensa das zonas de maior impacto na cidade de Olhão, torna-se difícil escolher um caso prático, não pela falta de casos a serem estudados, mas sim pela diversidade e diferenças que estes apresentam. O acompanhamento e a evolução do caso prático é essencial para obter um resultado final muito próximo da realidade.

Porém, a possibilidade de seguir a evolução do caso prático era apenas um dos requisitos necessários do estudo, para além do material existente e o seu estado de conservação, as peças tradicionais e pormenores delicados, as alterações efetuadas durante o passar dos anos e a localização foram alguns dos fatores também importantes a ter em conta no momento da escolha.

Foi então decidido que o caso apresentado no subcapítulo seguinte se iria localizar na zona central de estudo, junto ao limite definido pelo Plano de Pormenor da Zona Histórica de Olhão. A escolha cumpriu os diferentes requisitos necessários para efetuar uma intervenção ideal, aplicando diferentes soluções nele presente.



Figura 165 – Placa com o nome da rua existente junto ao caso de estudo. Figura 166 – Fachada principal da habitação em estudo.

O edifício encontra-se localizado na rua Gonçalo Velho 42 e estende-se até ao outro extremo do quarteirão, até a rua da Cerca 17 (Figs. 165 e 166). Trata-se de uma construção com mais de cem anos, datando o seu primeiro registo de 1877, onde é possível obter informações valiosas sobre os diferentes elementos existentes na época da construção

original. Esta data apenas assinala o primeiro registo, pois a casa foi construída anos antes da data registada.

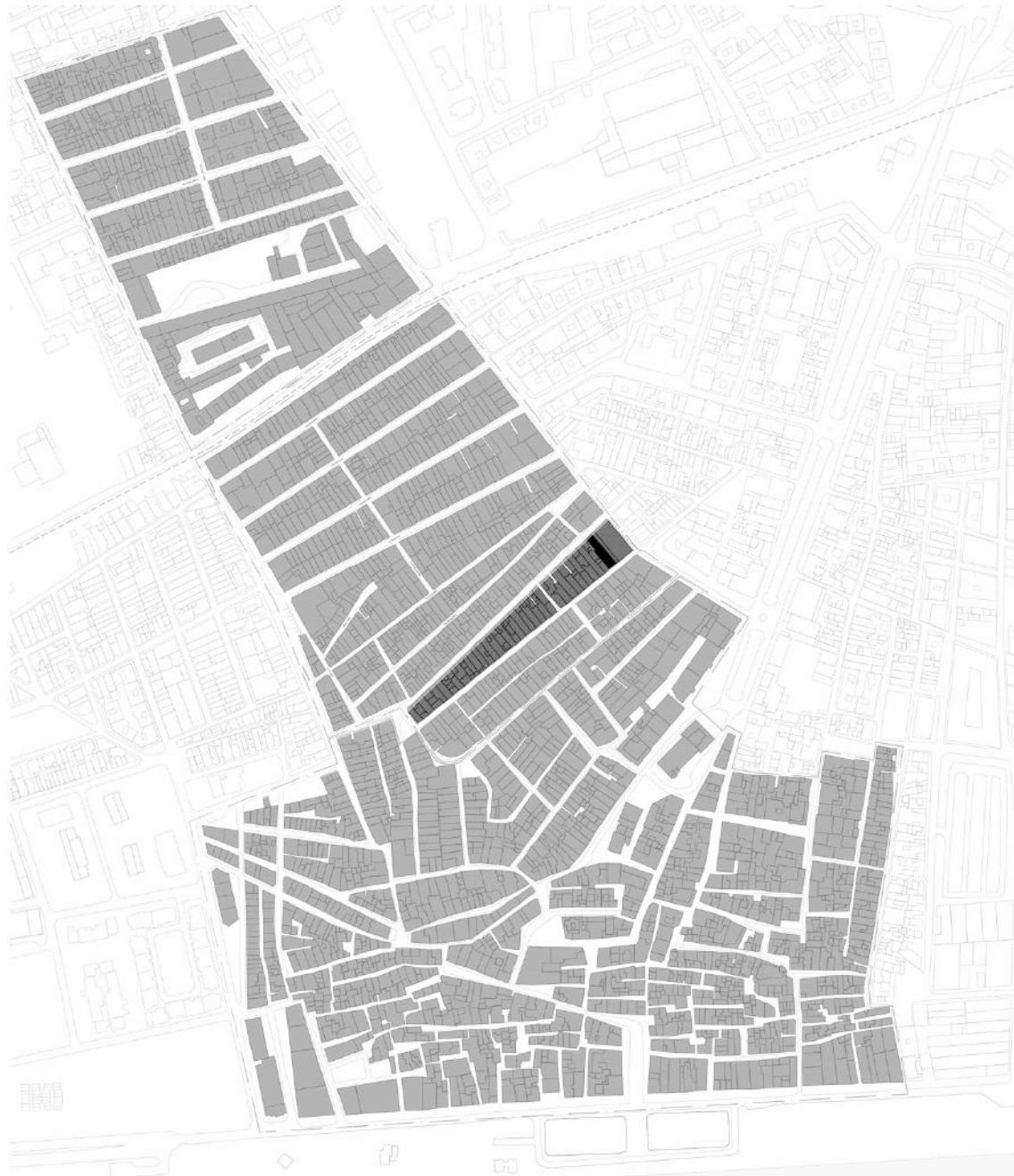


Figura 167 – Destaque do quarteirão formado pela rua da Cerca e a rua Gonçalo Velho.

O quarteirão onde este se encontra inserido era antigamente definido pela rua da Cerca do Ferro (atual rua da Cerca) e a Sul pela rua formosa (atual rua Gonçalo Velho)

Esta zona caracterizava-se inicialmente por ser utilizada para plantações, sendo maioritariamente hortas identificadas por diferentes cercas que possuíam o nome do proprietário. O caso do quarteirão onde este se insere encontrava-se nos limites da horta

do Júdice⁵⁰, como é possível identificar no mapa de 1873 (Fig. 168). Os arruamentos são mais direitos e simétricos, criando linhas paralelas com travessas e becos no interior, criando eixos de ligação entre a rua Almirante Reis e a rua 16 de Junho. Por regra, trata-se de lotes retangulares, com a frente para a rua principal e as traseiras para o beco, havendo situações em que os lotes se prolongam pelo comprimento do quarteirão.

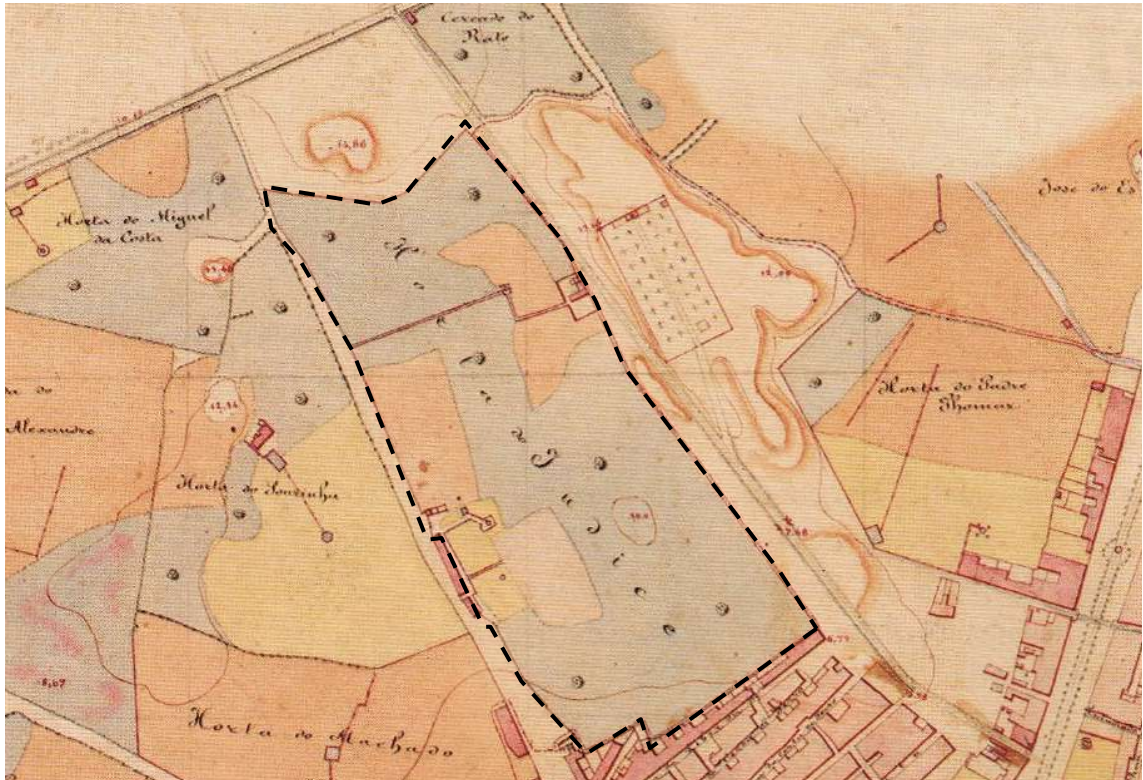


Figura 168 - Levantamento Topográfico de 1873 – Direção Geral do Território.

A simetria das fachadas principais das casas na rua Gonçalo Velho estende-se até ao largo de São João de Deus, intercalando entre platibandas coloridas e balaústres de cerâmica decorativos. As alturas dos edifícios são variáveis, nunca ultrapassando os três pisos acima da cota de soleira. Ao descer pela rua, *“encontram-se em olhão construções típicas que não se encontra noutras zonas do país, a açoteia. Trata-se, sem dúvida, de uma característica de mão humana que revela algo sobre os elementos naturais e humanos daquela região”*, como refere Filipa Sousa⁵¹. A rua é bastante ampla, permitindo uma fácil circulação de viaturas e pessoas, embora os passeios sejam estreitos ou, em alguns casos, inexistentes.

A fachada frontal da moradia, na Rua Gonçalo Velho (Fig. 169), é bastante ornamentada. Nos extremos laterais, elevam-se até aos frisos no topo duas faixas que relembram um

⁵⁰ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pág. 91; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

⁵¹ SOUSA, Filipa; *A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa*, pág. 32. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa 2016.

estilo romano ou grego antigo, criando uma mistura de estilos arquitetónicos diferentes. É revestida por centenas de azulejos, entre florais e geométricos de cor esverdeada e castanho.

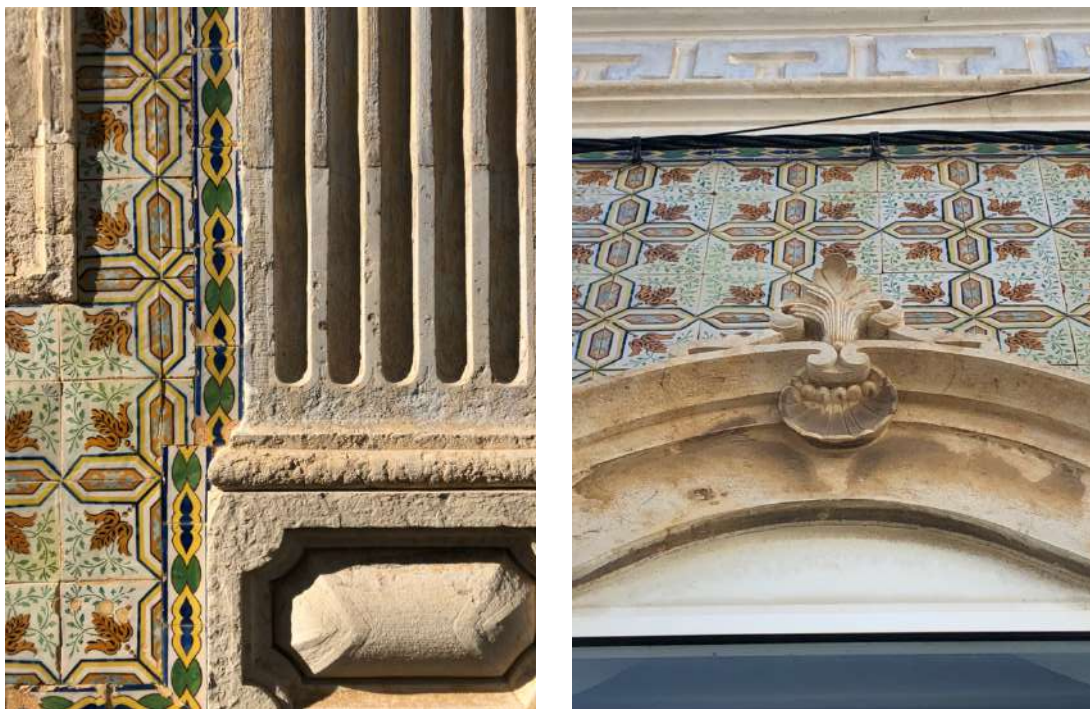


Figura 169 – Pormenores na fachada principal da casa, na rua Gonçalo Velho.

Os vãos, duas janelas e uma porta, são altos. Possuem uma moldura em pedra calcária bujardada. Tal como outras casas na mesma rua, as caixilharias das janelas e a porta, foram alteradas no decorrer dos anos. Atualmente são em alumínio. Embora a alteração do material das caixilharias no exterior (provavelmente feita durante os anos 80), o interior apresenta ainda as portadas das janelas em madeira da época.

A entrada faz-se através de uma porta alta e larga em alumínio que nos conduz até o corredor inicial um pouco elevado. Este apresenta sinais graves de humidade nas paredes e no teto abobadado. O pavimento encontra-se num estado razoável de conservação, existe algum desgaste que cria um acabamento rugoso no material. Existem também algumas peças danificadas junto às paredes, apresentando sinais de sais solúveis. Estes problemas, geralmente correntes na cidade de olhão, possuem a particularidade de serem difíceis ou mesmo impossíveis de remover, tal como foi possível verificar no terceiro caso de estudo.

Nesta habitação acontece o mesmo, as paredes existentes possuem vestígios de remodelações e arranjos anteriores, com peças de azulejo desfeitas e areosas. As pinturas, completamente descoladas da parede, soltam-se e caem no chão ao leve toque.

Esta situação repete-se pelo corredor de entrada sempre com um aspeto diferente. Os problemas alastram-se da mesma forma até ao teto, que mostra diferentes manchas nas abóbadas e pequenas fissuras no reboco. É desta forma que os sinais de humidade e salitre recebem-nos e dão-nos as boas vindas a casa.



Figura 170 – Estado do corredor de acesso à casa e imagem do teto.

Pelo mesmo corredor de entrada podemos aceder na primeira porta à direita, ao compartimento de receção. Este apresenta um teto bastante elevado e pouco ornamentado. As paredes brancas geram uma luminosidade intensa ao abrirmos as janelas principais da casa. Esta divisão já não apresenta o pavimento original, tendo sido alterado para peças cerâmicas simples. Nota-se, tal como nos outros casos de estudo, a existência de um acesso bilateral para a divisão seguinte, no entanto, um deles encontra-se fechado por alvenaria.



Figura 171 – “Casa de fora”, acesso através do corredor de entrada, apresenta o estado das paredes e o pavimento descaracterizado. Na última imagem é possível observar a mudança de material nas janelas mantendo as portadas originais.

Ao continuar pelo percurso, saindo da primeira divisão, encontramos o hall central que permite o acesso ao resto da casa. Este pequeno espaço tem ainda o pavimento original aplicado. As paredes expõem diferentes situações. Parte dela encontra-se revestida até 1,2 m de altura com azulejos e o resto da parede continua com o reboco até à abóbada. A humidade danificou grande parte da pintura e do reboco, deixando algumas zonas expostas com o material original. Na abóbada acontece de forma semelhante ao corredor de entrada. Várias manchas de cor cinza assinalam a existência de humidade profunda. Um pequeno cubo de luz permite uma iluminação zenital ténue no hall. À direita encontra-se o acesso ao primeiro quarto (Fig. 172). Este apresenta no interior os sinais da porta outrora existente atualmente coberta com uma parede em alvenaria. O teto abobadado exhibe problemas de humidade, embora em baixas quantidades, sendo mais forte na base das paredes. O percurso continua através do hall (Fig. 173) em direção ao corredor central da habitação. É possível identificar os mesmos problemas já existentes no início da casa nesta zona. As paredes igualmente revestidas até 1,2 m de altura não mostram sinais de decomposição, no entanto, os problemas surgem a partir do limite dos azulejos, prolongando-se até ao teto alto e abobadado. O acabamento das paredes também não é o ideal, já que foi pintado com tinta plástica, impedindo a respiração natural das paredes. Ao iniciar o percurso pelo corredor, podemos aceder à direita ao segundo quarto e à esquerda à instalação sanitária principal. Estas divisões revelam severos problemas de humidade embora tenha existido uma tentativa de remendo por parte dos anteriores proprietários. As paredes do quarto dois expõe fissuras bastante grandes ao ponto de cair a alvenaria existente no interior. As argamassas consolidantes encontram-se bastante danificadas e num estado areoso e de fácil remoção.



Figura 172 – Fotografia parcial do quarto um, onde é possível verificar a existência de humidades ascendentes nas paredes junto à porta. Figura 173 – Fotografia do hall principal e do corredor central.

Na instalação sanitária (Fig. 175) observamos diferentes problemas nas paredes, porém, acontece igualmente como nas outras divisões revestidas até 1,2m de altura. Os problemas de humidades são graves ao ponto de “esfarelar” material com a ponta dos dedos facilmente. No topo, existe uma grande entrada de luz zenital que ilumina o espaço apenas o suficiente.



Figura 174 – Fotografia parcial do quarto dois, onde é possível verificar a existência de humidades ascendentes nas paredes junto à porta. **Figura 175** – Fotografias da instalação sanitária, verificando humidades nas paredes e no teto. É possível observar o estado da pintura a cair.

De volta ao percurso pelo corredor central alcançamos finalmente as últimas duas divisões originais da casa. À esquerda encontra-se a cozinha (Fig. 176), revestida em azulejos simples. Aparenta encontrar-se em boas condições aparente, no entanto, no pequeno espaço de arrumos é possível encontrar sinais de salitre nas paredes. Trata-se de uma divisão com pouca luz e bastante fria.

No outro extremo do corredor, encontra-se o terceiro quarto da habitação (Fig. 178). Este é bastante amplo, ao contrário dos anteriores. Possui um teto alto e abobadado que atualmente se encontra danificado. Já que facilmente os rebocos saem devido à humidade. O revestimento no chão é em mosaico hidráulico e nas paredes cerâmico até 1,5 m de altura, tal como nas divisões anteriores foi aplicado para reduzir a probabilidade de aparecimento do salitre e humidades. Isto apenas piorou a situação, alastrando-se até ao teto, de onde grandes fragmentos de reboco ruíram. Isto causou a exposição da estrutura da abóbada de alvenaria centenária.

Ao retornar ao corredor (Fig. 177), podemos observar a mesma situação existente em todas as divisões da casa, os estragos causados nas paredes repetindo-se sempre a mesma situação acima do azulejo e até ao teto abobadado. Ao contrário da situação encontrada no terceiro quarto, são as paredes que se encontram em maior estado de degradação, pelo envelhecimento e pela humidade. A porta dupla em madeira ainda é original, porém,

apresenta desgaste na pintura e ferrugem nas dobradiças. A deterioração é elevada e não será possível efetuar um restauro perfeito.



Figura 176 – Fotografia da cozinha. **Figura 177** – Fotografia do extremo do corredor, antes do pátio coberto. **Figura 178** – Fotografia do terceiro quarto, onde é possível observar o material descaracterizado da porta-janela.

É através destas últimas três divisões que temos acesso à parte exterior da casa, embora parcialmente coberta. As portas do terceiro quarto e do corredor central transportam-nos a um espaço acrescentado à estrutura original da casa. Cobertura em chapa metálica com estrutura em ferro cobrem parte do pátio. Esta estrutura improvisada durante uma das fases de construção é ilegal, já que nos registos originais da casa consultados durante a fase de pesquisa de documentos não apresentam nenhuma informação relativa à criação deste espaço. Isto implica a remoção ou a legalização em projeto, conforme a decisão do proprietário. No entanto, para ser legalizada deverá passar por uma série de trabalhos e deverá sofrer várias alterações para cumprir minimamente as exigências impostas pela Câmara Municipal de Olhão. A total demolição do espaço acrescentado será a escolha certa.

Por outro lado, ao sair pela porta da cozinha encontramos um pequeno corredor estreito que se prolonga até ao fim do terreno, permitindo o acesso lateral as outras divisões acrescentadas ilegalmente. Chegando por fim à última divisão, esta sim legal. Trata-se de um pequeno espaço utilizado como arrumos e uma pequena casa de banho de apoio, com cobertura plana e revestida com pavimento tradicional de Sta. Catarina.

Voltando atrás, à saída da cozinha, também nos é possível aceder até a açoteia da casa, subindo um estreito lanço de escadas sem cobertura e apresentando sinais acentuados de humidade.

Ao chegarmos ao fim do percurso estreito das escadas, deparamo-nos com uma das peças mais antigas da casa, a chaminé. Encontra-se em mau estado de conservação e bastante danificada pelo tempo.

A açoteia ondulada pelas abobadas do piso inferior exhibe uma cor vermelha escura aplicada sobre o pavimento Sta. Catarina. É possível identificar a alteração principal feita na parte inicial da casa, onde o teto foi alterado e construída uma laje com uma inclinação um pouco acentuada para permitir a drenagem de águas pluviais. Este espaço eleva-se pouco mais de 0,30 m acima da cobertura ondulada e é decorada com balaústres cerâmicos na platibanda.

Desde esta açoteia, podemos contemplar as coberturas metálicas do acrescento na casa, permitindo também observar a cobertura tradicional dos arrumos e casa de banho.

As divisões existentes podem ser observadas na figura 182.



Figura 179 – Fotografias interiores de parte do anexo exterior. Figura 180 – Fotografia exterior do acrescento. É possível observar que foi construída mais do que uma divisão. Figura 181 – Fotografia da escada e a chaminé existente na açoteia. Apresentam sinais de desgaste e musgo criado pelas chuvas sazonais.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

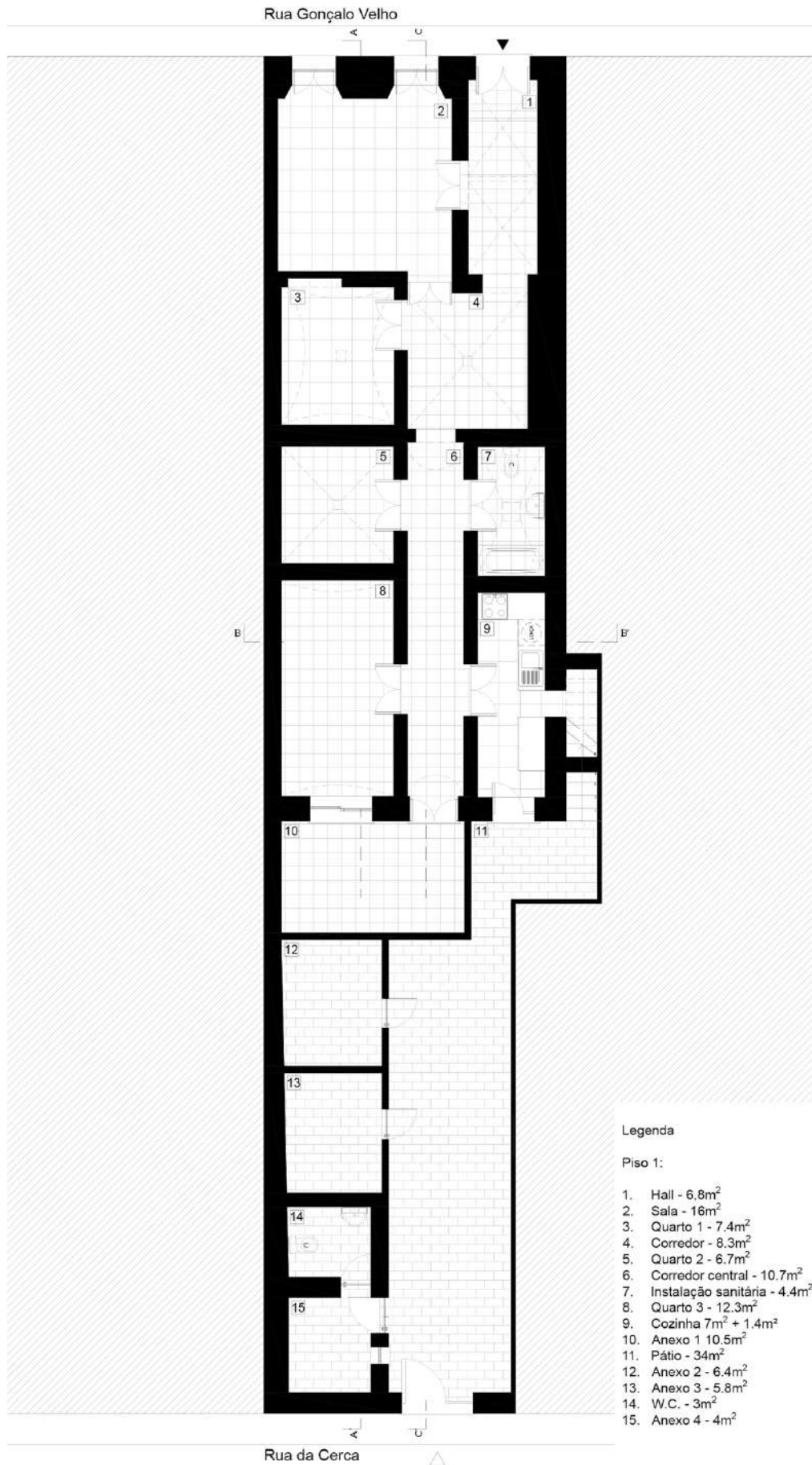


Figura 182 – Planta da habitação existente. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

7.1 - Memória descritiva do projeto

O projeto de arquitetura dividiu-se virtualmente em duas partes igualmente importantes. A primeira parte concentrou-se na reorganização espacial da casa, tendo em conta as divisões e a viabilização da sua utilização. Alterando funções em algumas divisões e ampliando em outras. A segunda parte, e não menos importante, focou-se no tratamento dos vários problemas de salitre expostos ao longo do tempo nas paredes da casa. Foi necessário estudar o tipo de material indicado para esta intervenção, tendo em conta o estado da estrutura e os imprevistos que poderiam vir a surgir durante o processo de restauro.

O corredor de acesso manteve a sua forma original, o seu teto alto e abobadado, no entanto, a porta de acesso ao hall e ao corredor de entrada foi alterada para coincidir com a altura existente no vão vizinho, garantindo-se uma continuidade. O pavimento foi restaurado, repondo as peças estragadas por novas peças feitas a mão.

O espaço da sala recebeu um tratamento especial, já que não existem muitas características tradicionais que se destaquem. O uso principal de esta divisão manteve-se inalterado, no entanto foram alterados diferentes materiais e acabamentos estéticos.

O pavimento foi removido na totalidade dando espaço a um novo material. Substituiu-se o cerâmico simples de cor rosa pálido por um pavimento em madeira de carvalho. Este foi utilizado de igual forma no primeiro quarto.

Para além da alteração no pavimento, a reabertura do vão existente é sugerida para a criação de uma janela estilo “verriere française” entre a sala e o quarto. Desta forma garante-se uma entrada de luz natural das janelas principais em direção ao primeiro dormitório.

Tratando-se de um espaço de estar e dedicado ao descanso, foi projetada uma lareira para proporcionar conforto térmico nesta zona da habitação.

A circulação entre a sala, o corredor de entrada e o hall manteve-se inalterado, no entanto, os revestimentos existentes nas paredes deram lugar a um reboco preparado a base de argamassas porosas com alta capacidade de respiração. Finalizando com pintura de cor branca.

Continuando para o hall de distribuição, foram removidas as peças de azulejo existente para ser aplicada uma nova camada de reboco.

O quarto inicial foi o primeiro a ter alterações estruturais. A parede que divide os espaços entre o primeiro e segundo quarto foi removida, criando um espaço maior e confortável. Os cálculos necessários para a remoção de tal parede foram aprovados pelo engenheiro responsável, garantindo o avanço do projeto. A existência de duas portas de acesso foi reduzida para apenas uma, maximizando a área aproveitada. Estes compartimentos criaram um novo quarto amplo e luminoso, graças à reabertura do vão na sala. Os tetos mantiveram a sua forma original, sendo apenas restaurados. O pavimento foi alterado, instalando madeira de carvalho para garantir um conforto maior.

Na outra lateral do corredor, na instalação sanitária, foram igualmente alterados os revestimentos existentes, retirando os azulejos desatualizados e aplicados revestimentos atuais e diferentes. A organização manteve-se, mas mudaram-se as loiças sanitárias.

Ao continuar pelo corredor encontramos de novo, à esquerda, a cozinha, no entanto, foi demolida a parede existente que a separa do corredor, criando um espaço amplo e aberto de forma a evitar as áreas pequenas e apertadas originais. Isto levou ao reforço da laje existente através de um perfil de ferro em H com 200mm, cujos suportes laterais também serão iguais.

A estrutura da cozinha nova é em alvenaria, de forma tradicional e com bancada em pedra Corian.

Na outra lateral do corredor, encontramos o acesso à nova zona de trabalho, onde outrora se encontrava o terceiro quarto. Este passou ter uma pequena casa de banho de apoio, caso seja desejado ser utilizada como quarto pequeno.

O espaço da cozinha e do escritório sofreram mais uma alteração conjunta, já que foi projetada uma nova estrutura de suporte e criado um reforço estrutural para apoiar uma nova laje superior que não exercesse cargas na laje antiga. Este reforço estrutural ocupa o retângulo criado pelas duas divisões, pois foram necessários quatro pilares em betão armado para garantir uma estabilidade estrutural. Sendo assim estes quatro pilares serão mais altos do que a cobertura ondulada e a laje não exercerá peso sobre as abóbadas existentes. Dado que não se trata de uma construção contemporânea foi necessário estudar a fundo a estrutura existente, para evitar quaisquer tipos de problemas nas paredes, de forma a evitar desmoronamentos e quedas de pedras não desejadas. Na

cobertura, a laje foi nivelada a uma nova altura e o espaço interior será preenchido com lâ de rocha para evitar reverberação e sons indesejados.

Ao cruzarmos em direção ao pátio, foram removidas todas as estruturas ilegais existentes, transformando o pátio de volta ao seu estado original. A única estrutura que se manteve foi o anexo centenário que se encontra no extremo do terreno.

Este pequeno anexo foi aumentado de forma a ser utilizado de novo como espaço de arrumos e instalação sanitária de serviço. Para além do aumento do anexo, foi construído criação de um tanque em alvenaria, cuja estrutura ficará acima da cota principal da casa, evitando escavações profundas.

O acesso à açoteia efetua-se pelo mesmo lanço de escadas, embora redimensionadas para conseguir vencer a altura criada pela nova laje. No topo, encontra-se a área ampliada. Crescem na açoteia duas novas divisões individuais e um mirante. Estes novos espaços foram projetados em estrutura leve para evitar descarregar mais peso na laje existente.

A nivelção permitira um fluxo melhor ao percorrer a açoteia, ciando espaços exteriores planos e agradáveis.

No mirante, serão instaladas todas as peças técnicas necessárias para melhorar o desempenho sustentável da habitação.

7.2 – Processo construtivo

O processo construtivo da habitação iniciou-se em fevereiro de 2019, começando pela remoção dos rebocos existentes bastante danificados. Como é possível observar na Figura 183, existem diferentes situações resultantes da humidade. Nas primeiras duas fotos podemos observar os “rebentos” na pintura. Trata-se de pequenos pontos de humidade que descolam a pintura da parede, formando pequenos pontos que facilmente podem ser removidos. Estes pequenos poros na pintura escondem por baixo os cristais de sal presentes na parede, como é possível observar na segunda imagem.

A meio, podemos destacar uma situação agravada, em que a pintura já foi retirada e a o reboco da parede que foi aplicado para solucionar o problema já se encontra aparente. É

possível observar que parte do azulejo que revestia a parede já se encontra desfigurado e partido.

O último par de fotografias apresenta a parte baixa da parede já oca no interior. Isto deve-se igualmente à humidade ascendente. Inicialmente a pintura na parede cria uma espécie de bolha que depois de seca muitas vezes acaba por fissurar e permite o “escoamento” das areias e material consolidante já danificado. Esta situação repete-se em algumas das divisões e permite uma melhor identificação dos locais mais problemáticos, facilitando assim o avanço dos trabalhos.



Figura 183 – Estado das paredes do corredor.

Para resolver este tipo de problemas foi necessário recorrer à remoção das primeiras camadas de material das paredes. Retirando uma grande parte evitaria a reaparição de humidades. No entanto, muitos destes problemas encontravam-se a simples vista, como é possível observar no caso do corredor de entrada.



Figura 184 – Fotografias do Hall, onde é possível observar a parede antes de aplicar a argamassa consolidante. É possível observar o pavimento que foi removido para conservação.

A seguinte fase após a remoção dos revestimentos consistiu na aplicação de uma nova argamassa consolidante que permitisse a respiração das paredes para reduzir o aumento dos níveis de humidade existente (Fig. 184). Os materiais e o método utilizado de aplicação tidos em conta como base foram os produtos da MAPEI, já que possui uma das soluções mais efetivas no tratamento do salitre. Este mesmo método foi aplicado no primeiro caso de estudo. No entanto, as camadas foram aplicadas conforme o decorrer da obra e não tudo de uma vez.

Por outro lado, foram removidos os pavimentos que não seriam reutilizados, na “casa de fora”, o primeiro quarto, instalação sanitária, corredor central e cozinha. No entanto, a remoção do mosaico hidráulico existente fez-se apenas com o objetivo de aplicar um novo padrão, uniformizando os espaços.

No quarto (Fig. 185), foi removida a parede que dividia os dormitórios e aberta a porta/janela existente, e que anteriormente fora coberta com alvenaria. Isto levou à necessidade da criação de um pequeno reforço estrutural. Nestas duas divisões, quarto e sala, aplicou-se um novo pavimento em madeira.

Ao serem removidos os revestimentos existentes na instalação sanitária no centro da habitação, foi possível encontrar os restos de um antigo vão existente (Fig. 186) que ligava à casa à do vizinho. Esta característica era bastante comum na cidade de Olhão,

devido ao contrabando. É possível encontrar ainda outro vão coberto, mas desta vez ligado ao vizinho contrário e encontrava-se no último quarto.



Figura 185 – Estado das paredes do corredor. Figura 186 – Fotografia do antigo vão existente na instalação sanitária central. Fotografia 187 – Corredor central durante a primeira fase de remoção de revestimentos.

Ao chegar às últimas duas divisões, cozinha e quarto, podemos já encontrar várias alterações efetuadas. Observa-se na figura seguinte (Fig. 188) a remoção dos revestimentos da zona do quarto, que foi transformado em escritório. É nesta divisão que será criado um dos pilares que servirá de suporte para a nova laje.

Do outro lado, encontra-se a cozinha, onde é possível observar a nova estrutura em ferro utilizada para garantir estabilidade (Fig. 189 e 190). No entanto, esta alteração estrutural teve como objetivo principal garantir uma maior entrada de luz e um aumento do espaço útil na cozinha, facilitando a circulação. A alteração da porta existente por uma janela permitiu criar uma nova organização.



Figura 188 – Fotografias do quarto cuja nova funcionalidade será escritório. É possível observar o material original das paredes.



Figura 189 – Fotografias do corredor antes da remoção da parede da cozinha.



Figura 190 – Fotografia da estrutura metálica necessária para a abertura do vão da cozinha.

Nesta zona da casa, como já foi referido na descrição do projeto, serão construídos quatro pilares (Fig. 191) para suportar uma nova laje (Fig. 192) na qual serão construídos os quartos e restantes divisões. Para efetuar esta nova estrutura, foi necessário tratar primeiro dos problemas derivados da humidade e de seguida remover o espaço necessário para “encaixar” a armação metálica numa fundação já construída no local para posteriormente construir o pilar. Isto obrigou a abertura de um rasgo na parede para incorporar o pilar cortando o teto abobadado do quarto. Desta forma garante-se uma redução de cargas na estrutura original.

Ao sair da habitação podemos contemplar o pátio na sua totalidade graças à remoção dos elementos ilegais ali instalados. Isto facilitou a identificação de espaços originais da casa. No início do pátio existia uma grande área com pavimento hidráulico para além do pavimento de Sta. Catarina e cerâmico no espaço restante, como é possível observar na Figura 193.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade



Figura 191 – Fotografia dos pilares de suporte da nova laje.



Figura 192 – Fotografia da nova laje, durante a fase de execução.



Figura 193 – Fotografia durante a triagem de materiais no pátio.

Esta triagem de materiais (Fig. 193) permitiu a separação e seleção de materiais a conservar e a reciclar ou a transportar para o vazadouro da cidade. Entre os diferentes

materiais a conservar encontravam-se peças de mosaico hidráulico originais da casa e as portadas das janelas da fachada principal.

Apesar do esforço em recuperar algumas das madeiras existentes na habitação, foi praticamente impossível obter um resultado positivo em alguns casos mais extremos, no entanto, a maior parte das portas interiores foi restaurada ao estado original ao contrário dos aros que foram fabricados de novo. Os problemas de humidade existentes na habitação que afetam as madeiras são semelhantes ao terceiro caso de estudo.

Finalizando a remoção de materiais e a estrutura principal para suporte da ampliação, deu-se início à construção do tanque no pátio. Esta será uma das peças principais da habitação, já que se trata de a criação de um espaço de lazer e descanso no piso térreo.

Dado que o tanque se encontra no pátio, numa zona onde existia um poço e alguns elementos auxiliares, não foi necessário efetuar a movimentação de terras pelo terreno inteiro para criar a fundação. Esta foi criada sobre uma nova laje de betão armado sobre o terreno, como pode ser observado a seguir (Fig. 194).



Figura 194 – Fases de construção do tanque, desde as escavações, construção das fundações e antes dos revestimentos, já impermeabilizada no interior.

Durante todo o processo de construção foi seguido o seguinte tratamento das paredes na habitação. Este é composto por quatro camadas de material (Fig. 195), cada um aplicado de forma diferente e com características próprias para o tratamento de paredes antigas em alvenaria. O tratamento utilizado na reabilitação de esta habitação foi recomendado por alguns dos melhores construtores nas reabilitações realizadas na cidade de Veneza, Itália.

A primeira camada a ser aplicada, é a argamassa Mape-Antique Rinzafo, bastante resistente aos sais produzidos pela humidade das paredes. Neste caso será utilizada a

melhor opção para a reabilitação das paredes, servindo como uma camada primária de proteção.

A segunda camada aplicada pertence à gama Mape-Antique MC, trabalhando como argamassa macro porosa cuja função é desumidificar a alvenaria existente. Serve também como uma pré-camada de reboco.

A terceira camada, Silexcolor Primer é a primeira camada de proteção para a argamassa já instalada de características mais aquosas. É absorvida pelo material já instalado. Este material não cria uma película vedante, facilitando na difusão do vapor criado no interior das paredes. Garante uma ótima aderência à camada de acabamento.

Por último, foi aplicada a camada de acabamento, Silexcolor Tonachino, utilizado geralmente para proteger e decorar o reboco instalado previamente. Depois de seco não altera de forma significativa a transpirabilidade. Esconde as irregularidades dos materiais antes aplicados e garante um agradável estilo estético.



Figura 195 – Fotografia das diferentes camadas aplicadas. Figura 196 – Fotografia da parede do corredor antes das últimas camadas de produto a serem aplicadas.

7.3 – Conclusão do processo construtivo

A conclusão dos trabalhos viu-se atrasada devido à decisão de adiamento da construção da ampliação da casa. Estes trabalhos foram suspensos por ordem do proprietário e visavam apenas abrandar o processo de obra perante a situação atual do país e as condições impostas pelo governo português. No entanto, a maior parte dos trabalhos no piso térreo encontra-se em fase de acabamentos.

Ao iniciar de novo o percurso, já comentado durante a descrição da fase de projeto e construção, entramos pelo corredor, onde o pavimento se encontra atualmente restaurado. Da mesma forma que as paredes tratadas com produtos a base de argamassas porosas. O teto encontra-se restaurado a sua forma original, como também a sua cor.

Na sala destaca-se o pavimento novo em madeira, que também se prolonga até ao quarto. De momento, o pavimento encontra-se protegido para evirar quaisquer estragos.

No hall e corredor central encontram-se instalados os pavimentos novos, resultando numa conjugação harmoniosa de elementos antigos e novos (Fig. 197). O pavimento do corredor prolonga-se até à cozinha criando uma continuidade cromática. As cores creme escolhidas misturam-se levemente com a cor branca das paredes, criando uma ilusão ótica de como se as duas peças fossem uma só e contínuas.

Ao sair pela porta nova do corredor ouvimos a água a encher o tanque (Fig. 201). Este elemento já concluído oferece um novo aspeto ao pátio, destacando-se do resto da habitação e sendo o centro das atenções.



Figura 197 – Fotografia da porta do pátio, acesso do corredor ao pátio. Figura 198 – Pormenor de acabamento no banco exterior. Figura 199 – Fotografia da fachada interior da habitação já finalizada.

Apesar dos trabalhos estarem na fase de final e ser possível iniciar a construção da ampliação na açoteia, foi decidido por parte do proprietário não avançar. No entanto, os trabalhos serão retomados durante o primeiro trimestre de 2021.



Figura 200 – Fotografia do teto do corredor e da primeira divisão, a sala.

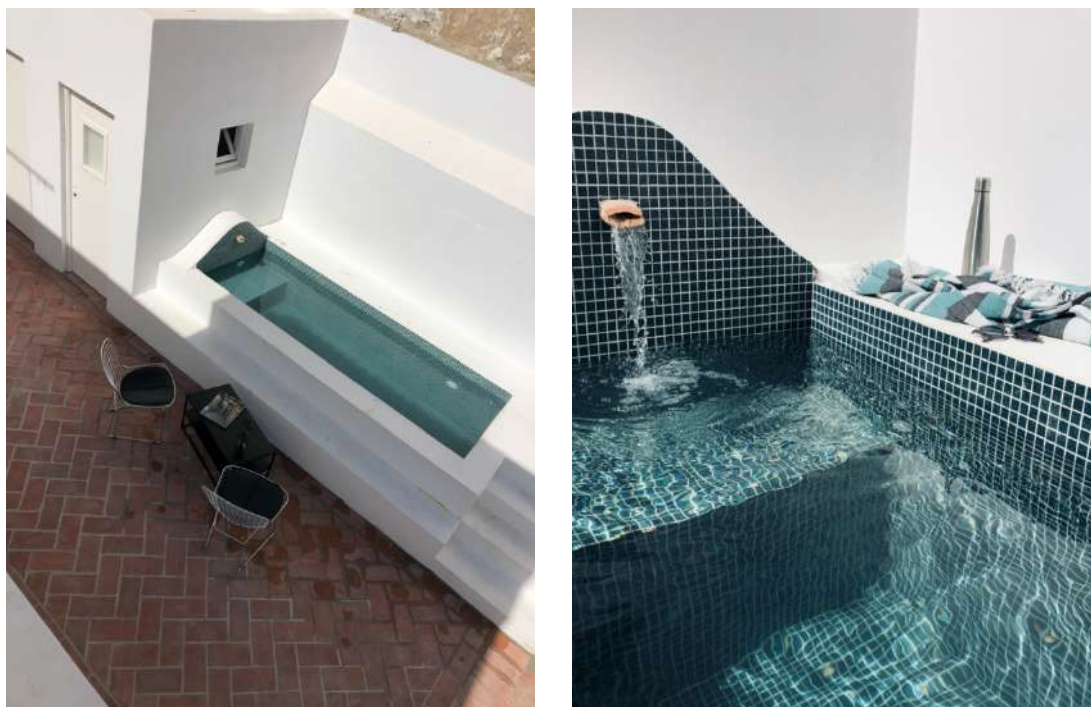


Figura 201 – Fotografia do pátio e do tanque finalizado.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

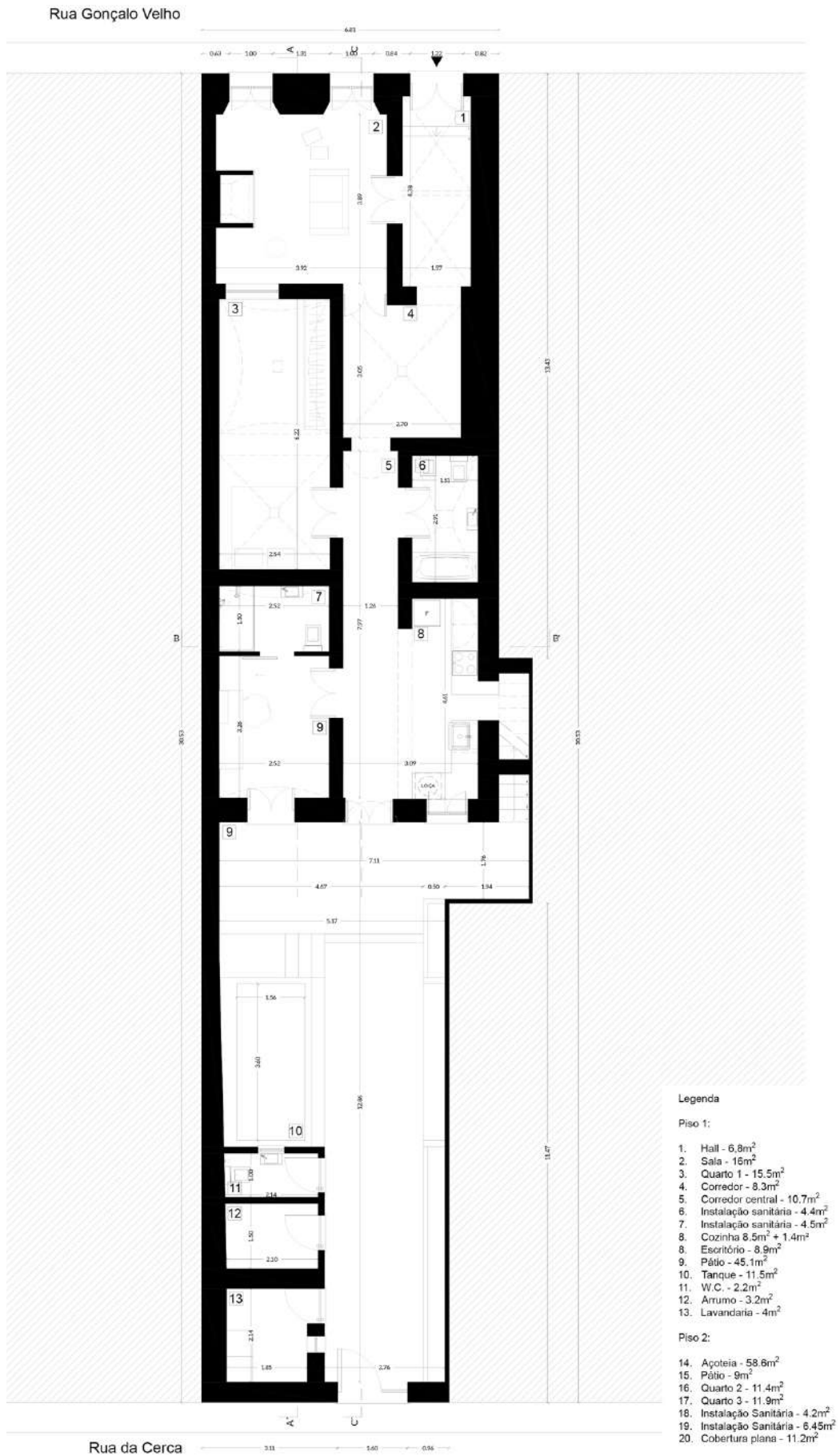


Figura 202 – Planta da proposta – Piso 1. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Rua Gonçalo Velho

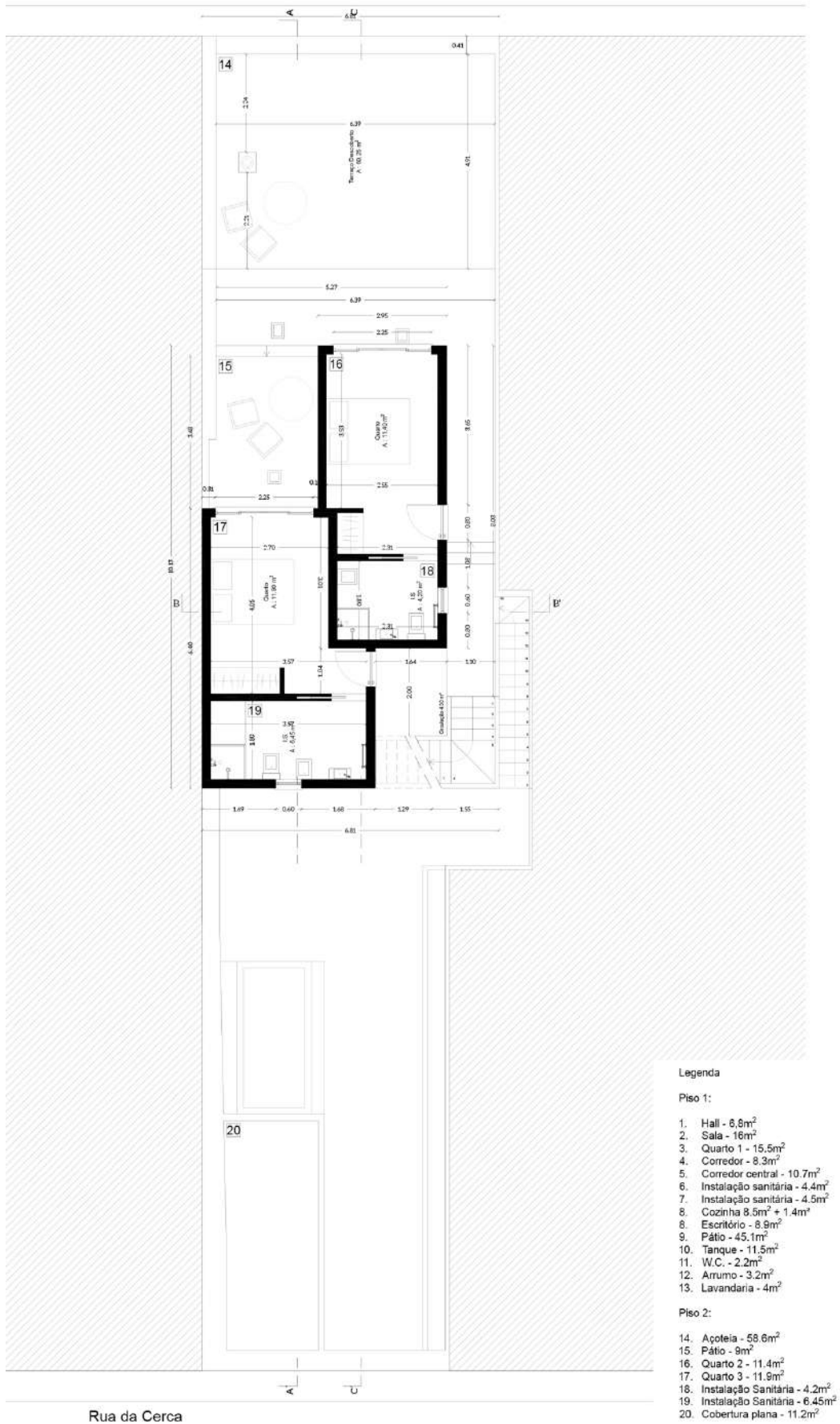


Figura 203 – Planta da proposta – Piso 2. Projeto completo em anexo. Escala 1:200.

Conclusão

A cidade de Olhão sempre foi um interesse sem oportunidade de aprofundamento, uma cidade de arquitetura misteriosa e distinta, uma cidade envolta em lendas e cheia de gentes simples e trabalhadoras, ligadas ao mar, pois dele dependiam para sobreviver e para ter o que conhecemos hoje.

A indústria piscatória foi o impulso que permitiu o desenvolvimento desta cidade e que permaneceu como referência até aos dias de hoje, pois atualmente esta cidade de cubos brancos continua em expansão e tem sofrido uma rápida evolução, tornando-se cada vez mais apelativa e de grande procura, de interesse e descoberta para muitos visitantes.

Nos últimos anos, Olhão tem-se mostrado uma oportunidade de investimento e uma aposta feliz para aqueles que ousaram e insistiram em permanecer, que arriscaram um novo projeto de vida, numa cidade diferente onde diversos obstáculos se impunham.

Foi o caso da “Casa Fuzetta”, do “Convento” e da “Casa Céu”, três projetos em grande escala no coração do centro histórico, com grande carácter, respeitando a história da cidade, do edifício, dos materiais e das referências locais.

Um dos proprietários é português e dois são estrangeiros, no entanto resolveram os três mudar de vida depois de se apaixonarem pelos diversos tons de branco do labirinto de cubos instalado de frente para um mar de cores azuis e verdes presentes na Ria Formosa, onde em maior parte dos dias do ano o Céu ganha um fogo-de-artifício de tons rosa e laranja.

Apesar de toda a burocracia até um sonho ficar concretizado, passando pelas dificuldades de trabalhar com materiais exigentes que continuamente teimam em incomodar, hoje recebem novos entusiastas curiosos que aproveitam uma vida sem pressas e com o que de melhor esta cidade pode oferecer.

Mas como nem sempre o que parece é, viver em Olhão parece mais simples e bonito do que verdadeiramente é. Por experiência própria e sem ter respostas a questões que não seriam unicamente individuais, resolveu-se aprofundar o assunto da habitação olhanense.

A razão para este facto está escondida na história, e foi desta forma que surgiu o interesse e a procura pela problemática que estaria a dar tanto que pensar a quem se tinha mudado para Olhão.

Os habitantes da terra já convivem de uma forma amigável e de aceitação para com esta questão. As casas reluzentes de cor branca em ruas labirínticas nasceram grande parte delas a partir do mar, isto é, os materiais utilizados para as construções eram provenientes da praia, dando origem a salitre e humidades ascendentes que insistem continuamente em reaparecer. Foi esta questão que desencadeou todo um retrocesso e resultou neste trabalho.

Mergulhou-se na história da cidade, nas origens e em saber como se formou, quem a habitou e influenciou, assim como onde se instalou e como o fez.

Após esta primeira fase algumas questões estariam clarificadas. Seguindo o caminho para compreender qual o impacto desta questão na cidade de Olhão, seguiu-se um estudo que passou do geral para o particular, isto é, foram destacados os principais bairros históricos até chegar à unidade arquitetónica que é a casa cubista, onde se percebeu como se organiza a sua morfologia, quais as características principais, os elementos de referência e a forma construtiva geral.

Um levantamento próximo pelas ruas da zona de estudo, permitiu compreender aproximadamente o número de habitações que estaria em renovação ou teriam sido renovadas recentemente, enquanto que um estudo de caso, referente a cada uma das zonas de incidência poderia trazer respostas mais concretas sobre a forma como se estaria a resolver, ou a mascarar o problema.

Quatro casos de estudo foram abordados, um a norte da cidade, um segundo a centro, o terceiro a Sul e um quarto novamente central, todos de épocas diferentes, mas semelhantes no programa e nos materiais de construção.

O quarto e último caso de estudo foi levado a um nível mais aprofundado, pois houve uma preferência pela realização do projeto por se tratar de uma habitação tradicional olhanense cujo primeiro registo data de 1877.

A idade da casa conferia-lhe características valiosas de interesse arquitetónico que despertou maior curiosidade, e cujo proprietário se mostrou também bastante envolvido em todas as fases de projeto e obra, desde a remoção dos antigos revestimentos sem grande valor histórico, à remoção de todos os elementos que compunham a casa e

separação por categoria de material, até às escolhas e propostas de novos revestimentos que evocavam o antigamente com uma subtil vontade de modernização e leveza.

O que realmente se tornou significativo neste trabalho, foi a oportunidade de estudo de casos reais em situação de obra, em que as diferentes situações apresentavam o mesmo problema, mas em diferentes níveis de evolução.

A oportunidade de seguir de perto, dia após dia a evolução que gradualmente ia acontecendo, de se ter discutido diferentes soluções e aplicação de materiais com quem mais entendia do assunto, apresentando diferentes soluções que foram testadas distintamente em cada obra.

Por fim, foi possível ter respostas concretas face às seleções escolhidas, e o primeiro caso de estudo foi o que apresentou melhores resultados, após correta aplicação da gama MAPE-ANTIQUE da marca MAPEI.

Desta forma, é possível concluir que a boa utilização dos materiais indicados permite um resultado positivo no tratamento de salitre e humidade, no entanto, não são só os materiais que fazem diferença no resultado final pois a forma de os aplicar também é muito importante.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Referencias bibliográficas

AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 – Algarve*; AAP; Lisboa, 1988.

AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve*; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004.

AGAREZ, Ricardo; *Algarve Building – Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925 – 1965*; Routledge, Taylor & Francis Group; New York and London, 2016.

BELCHIOR, Joaquim Lopes; *Faro e a Ria Formosa*; Faro, 1988.

BRANDÃO, Raúl; *Os Pescadores*; Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; Janeiro de 2005.

CALDAS, João Vieira; *A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve*; Dissertação de Doutoramento, Vol. I, Universidade Técnica de Lisboa; Instituto Superior Técnico; 2007; P. 211 in ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015; P. 44.

CLAUDINO, Maria de Fátima Portal; *Forte de São Lourenço, Arqueologia e História de uma Fortificação Moderna*; Dissertação de mestrado em arqueologia, In ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*, pag. 17; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

CORREIA, José Eduardo Horta; *A Importância da Arquitectura de Programa na História do Urbanismo Português*; V Coloquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Faro, Universidade do Algarve, 2001; p. 164; in ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015; p. 38.

CORREIA, José Eduardo Horta; *Vila Real de Santo António, Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, Faculdade de Arquitectura do Porto, FAUP Publicações, Porto 1997; P. 466.

FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *A casa popular do Algarve*; Edição CCDR Algarve, Algarve; Agosto 2008.

IRIA, Alberto; *Artigo no Jornal O Correio Olhanense*; Olhão 1948.

MAGALHÃES, Joaquim Romero; *O Algarve Económico 1660-1773*; Editorial Estampa; Lisboa 1988.

MARTINS, Artur; CASTRO, Celestino de; TORRES, Fernando; *Arquitectura popular em Portugal, 3ª edição, vol. 3, zona 6*. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, 1988.

MENDES, António Rosa; *Olhão Fez-se a Si Próprio*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2016.

MOUTINHO, Mário; *A Arquitectura Popular Portuguesa*; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; Lisboa, 1995.

NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*; Editora A Voz de Olhão; Olhão 1984.

OLIVEIRA, Ataíde; *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 144; Editora Algarve em Foco, Olhão 1999.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1994;

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; *Construções Primitivas em Portugal*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1994;

RIBEIRO, Orlando; *Geografia e Civilização – Temas Portugueses, Açoteias de Olhão e telhados de Tavira – Influências orientais na Arquitectura urbana*; Editora Livros Horizonte, LDA; Lisboa 1992.

RIBEIRO, Orlando; *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*; Editora Livraria Sá da Costa, 1987.

ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

SOUSA, Filipa Mariana Franco de; *A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa*; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusiana de Lisboa; Lisboa 2016.

SOUSA, Sebastião de; *Memórias Paroquiais; 1758*. in IRIA, Alberto; *O Compromisso Marítimo da Vila de Olhão da Restauração*; 1956.

SOUSA, Sebastião de; *Memórias Paroquiais*; 1758. In dissertação de licenciatura sobre a igreja de São Sebastião de Quelfes, In ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2015.

VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; *A Medina de Olhão: A origem da Arquitectura popular de Olhão – Um contributo*; Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa 2015.

VASCONCELOS, J. Leite de; *Etnografia Portuguesa, Vol. VI*, Casa da Moeda; Lisboa 1975.

VIEGAS, Miguel de Jesus; *Olhão, Cidade Cubista, Requalificação dos Bairros da Barreta e do Levante*; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa 2016.

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Anexos

Olhão Cubista
Reabilitação no bairro histórico da cidade

Caso de estudo 1

Projecto de alteração e ampliação de moradia unifamiliar.
Rua Manuel de Oliveira Nobre, nº. 38, Olhão.

Índice de peças desenhadas

1.0 Arquitectura existente – Piso 1;

1.1 Arquitectura existente – Piso de cobertura;

2.0 Sobreposição de elementos – Piso 1;

2.1 Sobreposição de elementos – Piso 2;

2.2 Sobreposição de elementos – Piso de cobertura;

3.0 Arquitectura proposta- Piso 1;

3.1 Arquitectura proposta- Piso 2;

3.2 Arquitectura proposta- Piso de cobertura;

4.0 Arquitectura existente – Secção AA’;

4.1 Arquitectura existente – Secção BB’;

4.2 Arquitectura existente – Secção CC’;

5.0 Sobreposição de elementos– secção AA’;

5.1. Sobreposição de elementos– secção BB’;

5.2. Sobreposição de elementos– secção CC’;

6.0. Arquitectura proposta – Secção AA’;

6.1. Arquitectura proposta – Secção BB’;

6.2. Arquitectura proposta – Secção CC’;

7.0. Alçado frontal – existente;

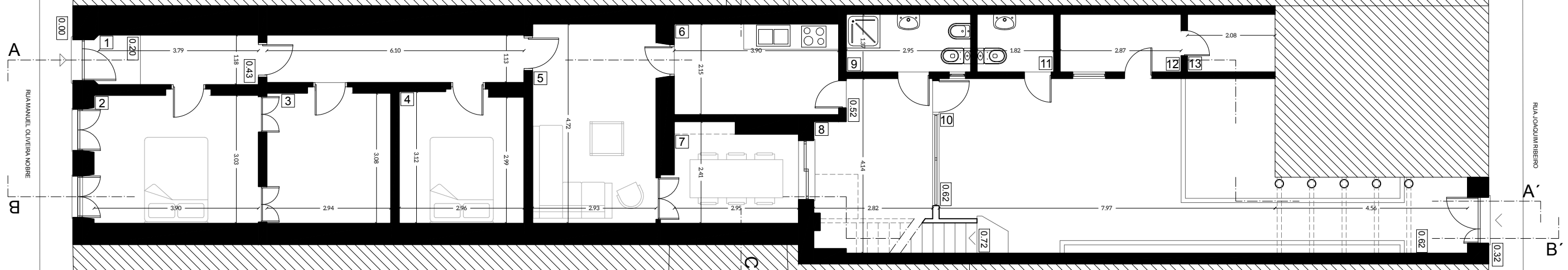
7.1. Alçado tardoz – existente;

8.0 Alçado frontal: sobreposição de elementos;

8.1 Alçado tardoz: sobreposição de elementos;

9.0 Alçado frontal: Arquitectura proposta;

9.1 Alçado tardoz: Arquitectura proposta;

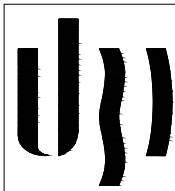


Legenda

- Piso 1:
- 1. Hall - 12m²
 - 2. Quarto 1 - 11,8m²
 - 3. Closet - 5,25m²
 - 4. Quarto 2 - 9,2m²
 - 5. Sala - 13,8m²
 - 6. Cozinha - 8,9m²
 - 7. Sala de Refeições - 6,6m²
 - 8. Quintal - 10,15m²
 - 9. Instalação sanitária - 4,1m²
 - 10. Quintal - 40,5m²
 - 11. Instalação sanitária - 2,5m²
 - 12. Arrumos - 3,9m²
 - 13. Forno - 2,9m²

Áreas Existentes	
Limite do terreno.....	167,50 m ²
Área de Implantação.....	111,40 m ²
Área Coberta	111,40 m ²
Área Descoberta.....	56,10 m ²

- Piso de cobertura:
- 14. Terraço - 70,2m²
 - 15. Terraço - 24,4m²



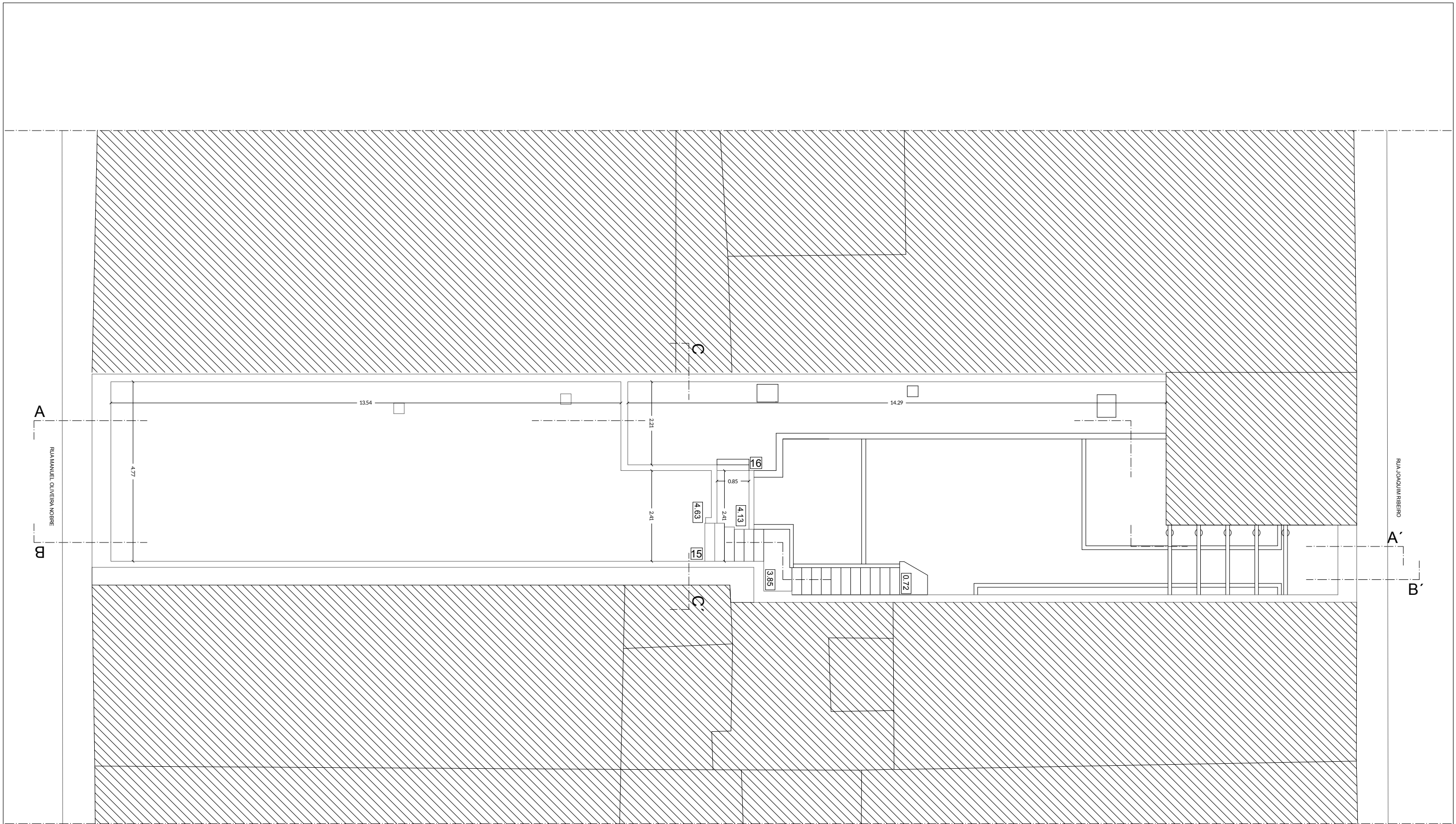
Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura existente - Piso 1

1/100

1.0

Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Legenda

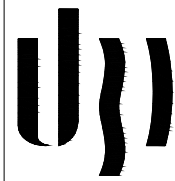
Piso 1:

- 1. Hall - 12m²
- 2. Quarto 1 - 11,8m²
- 3. Closet - 5,25m²
- 4. Quarto 2 - 9,2m²
- 5. Sala - 13,8m²
- 6. Cozinha - 8,9m²
- 7. Sala de Refeições - 6,6m²
- 8. Quintal - 10,15m²
- 9. Instalação sanitária - 4,1m²
- 10. Quintal - 40,5m²
- 11. Instalação sanitária - 2,5m²
- 12. Arrumos - 3,9m²
- 13. Forno - 2,9m²

Áreas Existentes	
Limite do terreno.....	167,50 m ²
Área de Implantação.....	111,40 m ²
Área Coberta	111,40 m ²
Área Descoberta.....	56,10 m ²

Piso 2:

- 14. Terraço - 70,2m²
- 15. Terraço - 24,4m²



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura existente - Piso de cobertura

1/100

1.1

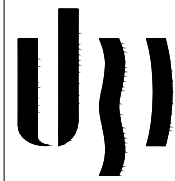
Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

A
B
RUA MANUEL OLIVEIRA NOBRE

A'
B'
RUA JOAQUIM FERREIRO

— A demolir
— A construir



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	
Sobreposição de elementos - Piso 1	

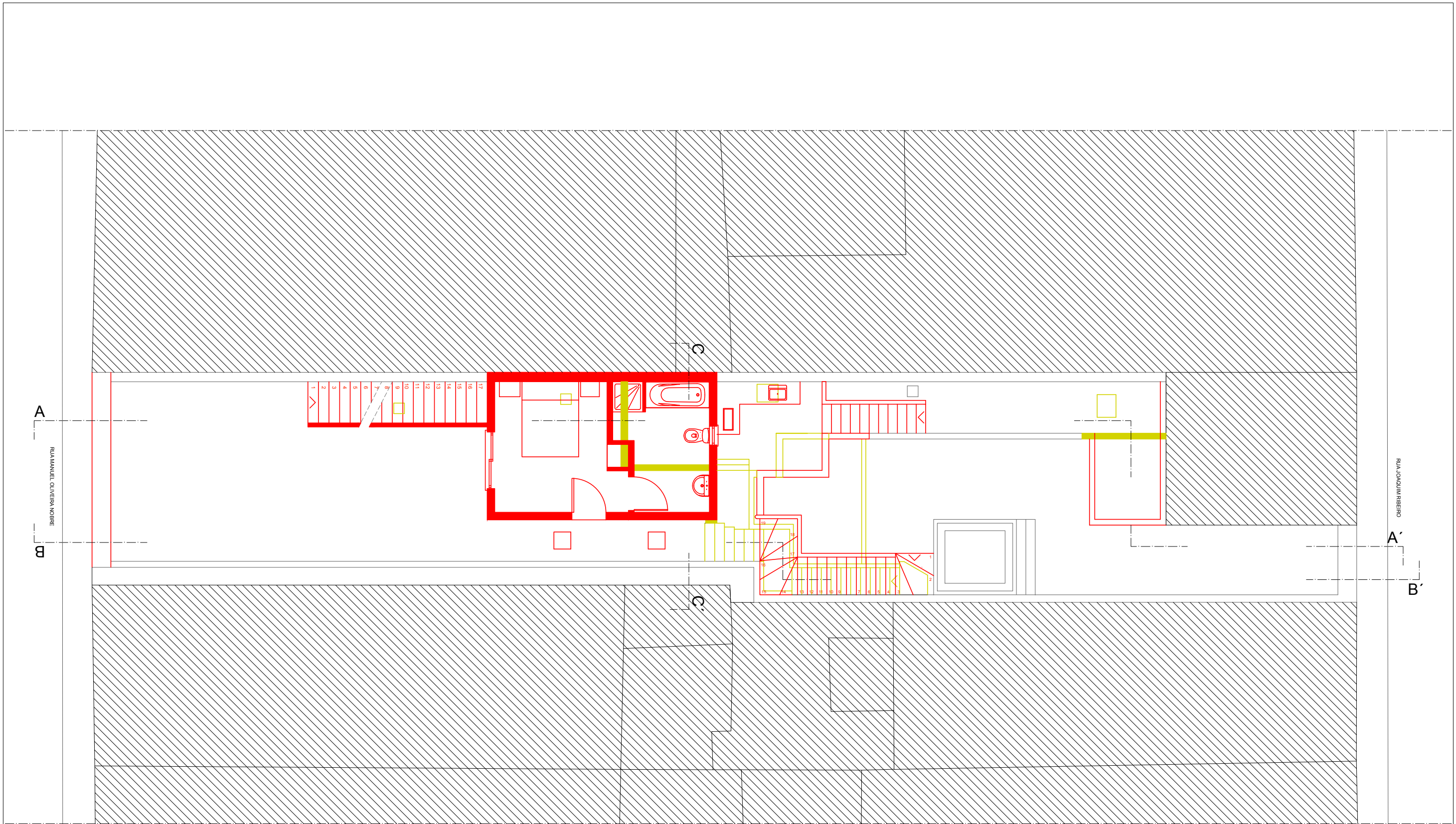
1/100

2.0

Data: 17-09-20

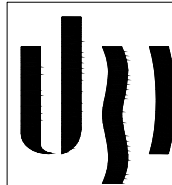
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

© REPRODUÇÃO PROIBIDA Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do desenho apresentado sem autorização do autor. Aplica-se a lei nº 45/85 de 17 de Setembro. O código dos direitos de autor e dos direitos conexos.



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



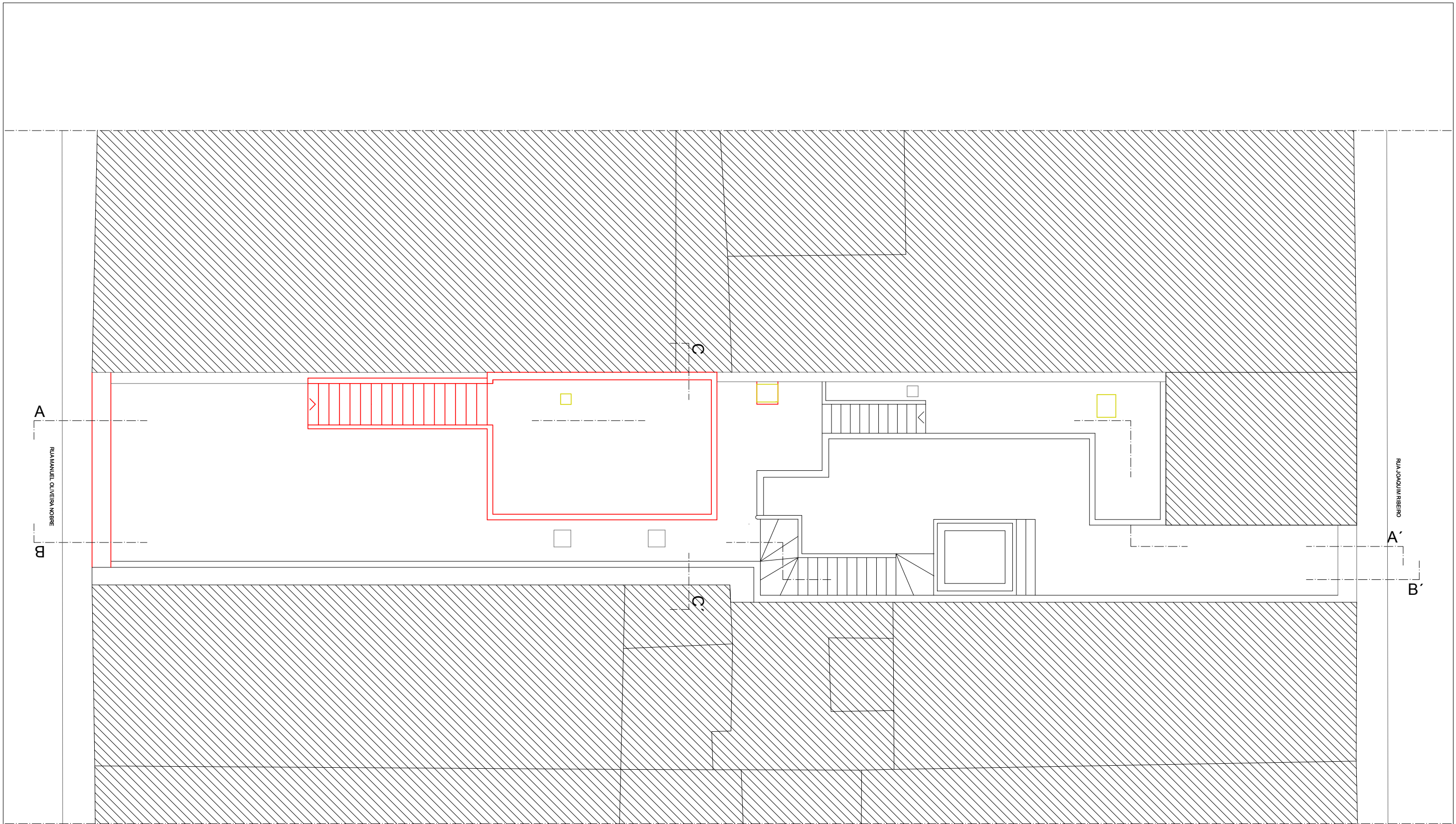
Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	Sobreposição de elementos - Piso 2



1/100

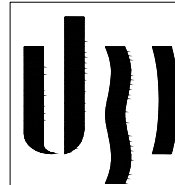
2.1

Data: 17-09-20



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

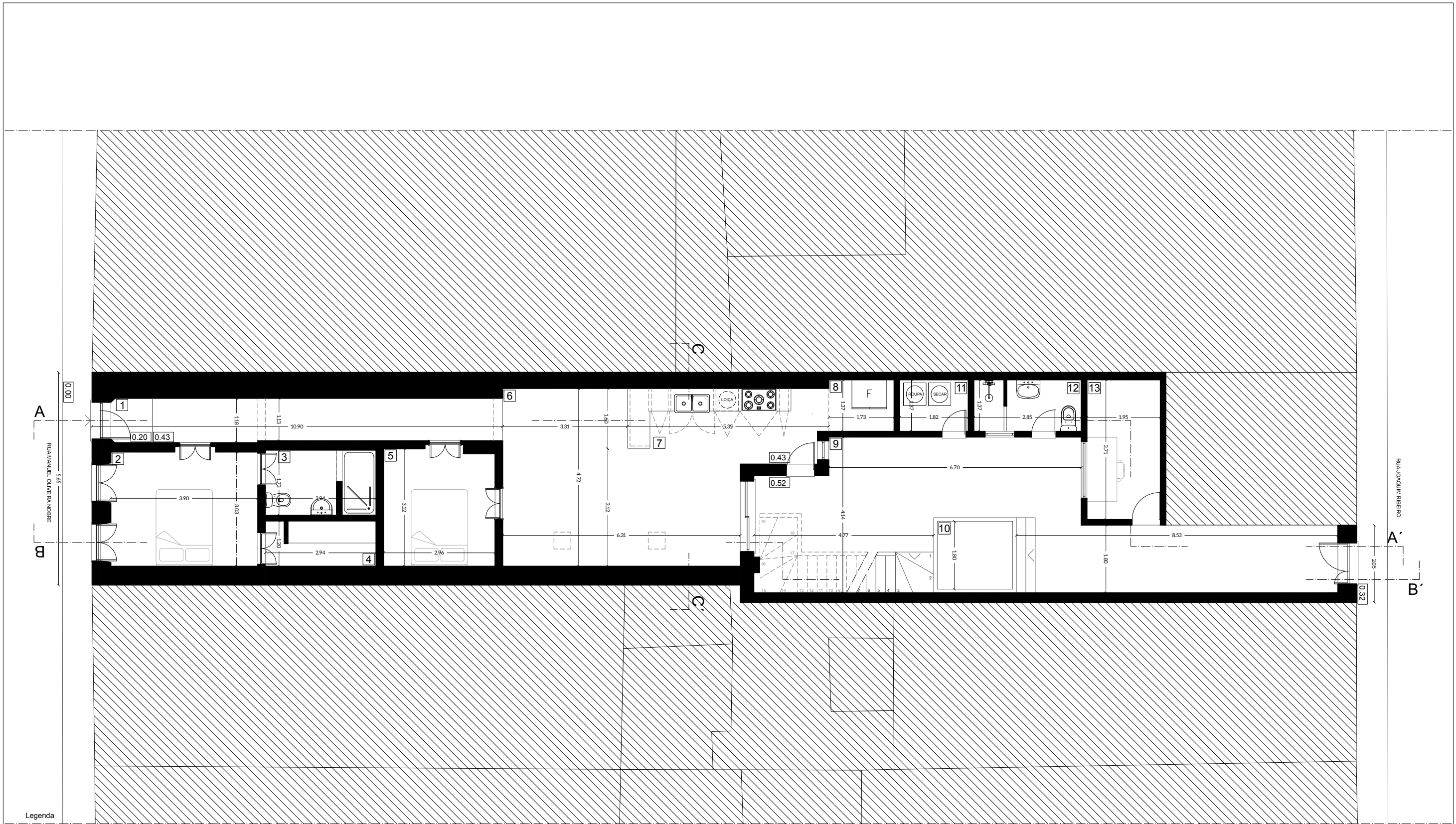


Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Yilson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	Sobreposição de elementos - Piso de cobertura

1/100

2.2

Data: 17-09-20



Legenda

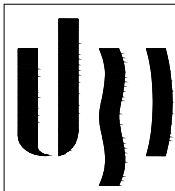
- Piso 1:
- 1. Hall - 12m²
 - 2. Quarto 1 - 11.8m²
 - 3. Instalação Sanitária - 5.25m²
 - 4. Arrumos - 3.5m²
 - 5. Quarto 2 - 9.2m²
 - 6. Sala - 23.7m²
 - 7. Cozinha - 10.5m²
 - 8. Arrumos - 2.4m²
 - 9. Quintal - 40.65m²
 - 10. Tanque - 5.4m²
 - 11. Lavandaria - 2.5m²
 - 12. Instalação Sanitária - 3.9m²
 - 13. Escritório - 7.2m²
- Piso 2:
- 14. Terraço - 54.5m²
 - 15. Quarto - 11.3m²
 - 16. Instalação Sanitária - 7.8m²
 - 17. Cozinha exterior - 7.7m²
 - 18. Terraço - 16.7m²
- Cobertura:
- 19. Açoteia - 20.9m²

Áreas Propostas

Área do terreno - 167,50 m²
 Área de Implantação - 111,40 m²
 Área Coberta - 111,40 m²

Área Bruta de Construção - 135,00 m²
 Piso 0 - 111,40 m²
 Piso 1 - 23,60 m²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

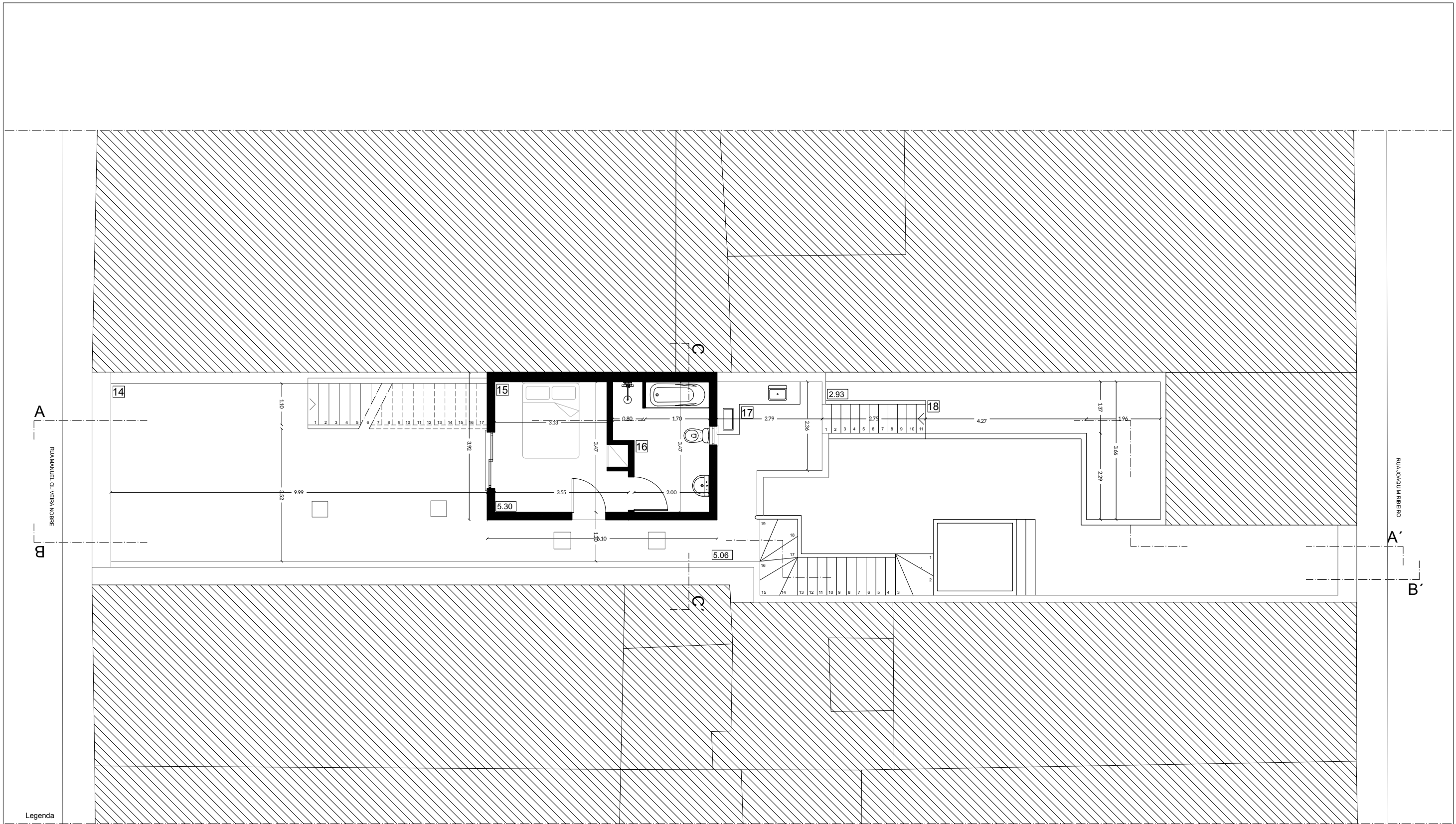


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso 1

1/100

3.0

Data: 17-09-20



Legenda

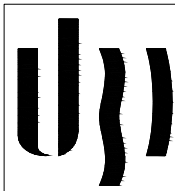
- Piso 1:
1. Hall - 12m²
 2. Quarto 1 - 11.8m²
 3. Instalação Sanitária - 5.25m²
 4. Arrumos - 3.5m²
 5. Quarto 2 - 9.2m²
 6. Sala - 23.7m²
 7. Cozinha - 10.5m²
 8. Arrumos - 2.4m²
 9. Quintal - 40.65m²
 10. Tanque - 5.4m²
 11. Lavandaria - 2.5m²
 12. Instalação Sanitária - 3.9m²
 13. Escritório - 7.2m²
- Piso 2:
14. Terraço - 54.5m²
 15. Quarto - 11.3m²
 16. Instalação Sanitária - 7.8m²
 17. Cozinha exterior - 7.7m²
 18. Terraço - 16.7m²
- Cobertura:
19. Açoteia - 20.9m²

Áreas Propostas

Área do terreno - 167,50 m²
 Área de Implantação - 111,40 m²
 Área Coberta - 111,40 m²

Área Bruta de Construção - 135,00 m²
 Piso 0 - 111,40 m²
 Piso 1 - 23,60 m²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

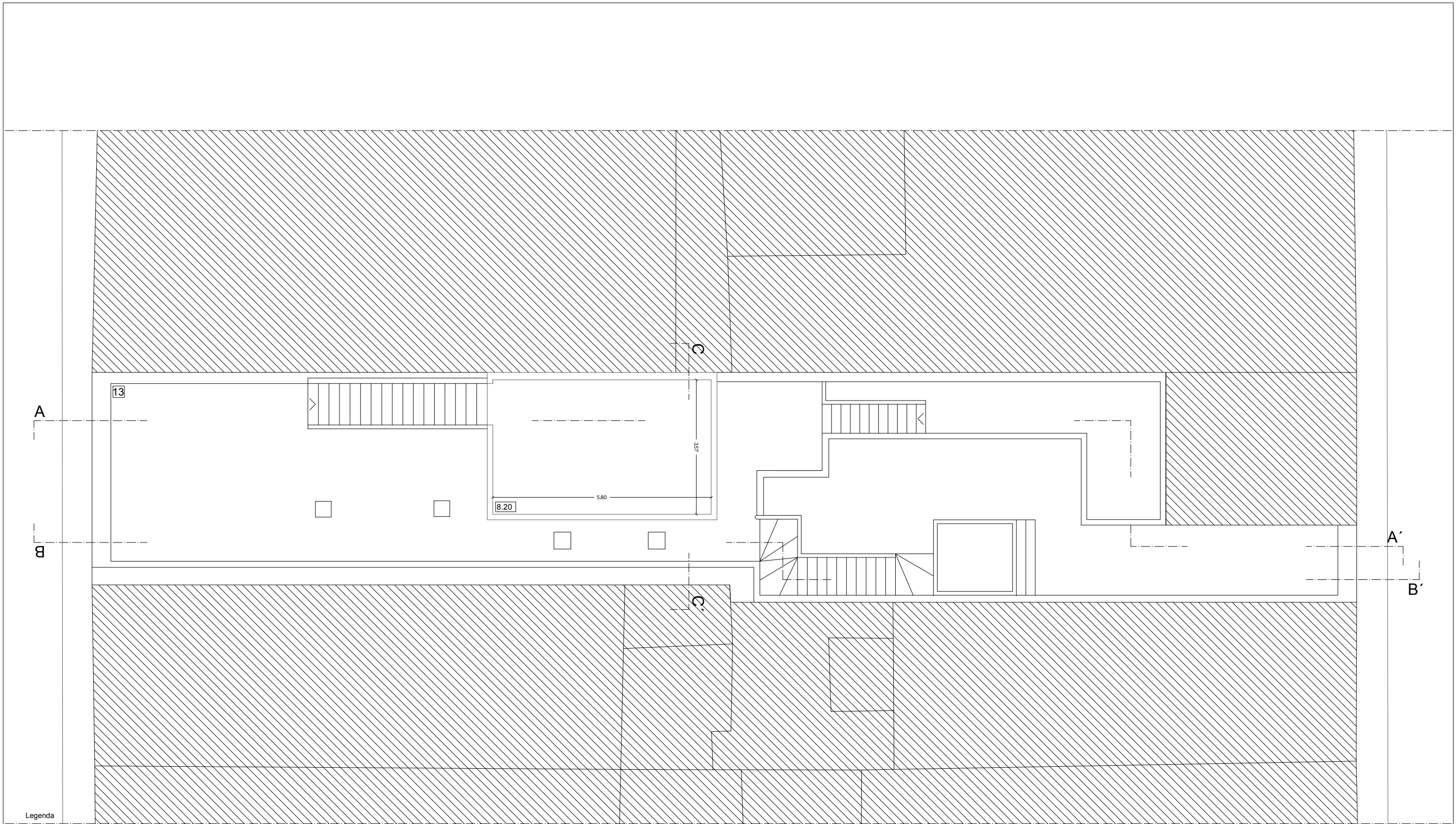


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso 2

1/100

3.1

Data: 17-09-20



Legenda

- Piso 1:
1. Hall - 12m²
 2. Quarto 1 - 11.8m²
 3. Instalação Sanitária - 5.25m²
 4. Arrumos - 3.5m²
 5. Quarto 2 - 9.2m²
 6. Sala - 23.7m²
 7. Cozinha - 10.5m²
 8. Arrumos - 2.4m²
 9. Quintal - 40.65m²
 10. Tanque - 5.4m²
 11. Lavandaria - 2.5m²
 12. Instalação Sanitária - 3.9m²
 13. Escritório - 7.2m²

Áreas Propostas

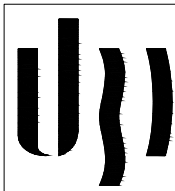
- Área do terreno - 167,50 m²
- Área de Implantação - 111,40 m²
- Área Coberta - 111,40 m²

- Área Bruta de Construção - 135,00 m²
- Piso 0 - 111,40 m²
- Piso 1 - 23,60 m²

- Piso 2:
14. Terraço - 54,5m²
 15. Quarto - 11,3m²
 16. Instalação Sanitária - 7,8m²
 17. Cozinha exterior - 7,7m²
 18. Terraço - 16,7m²

- Cobertura:
19. Açoteia - 20,9m²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

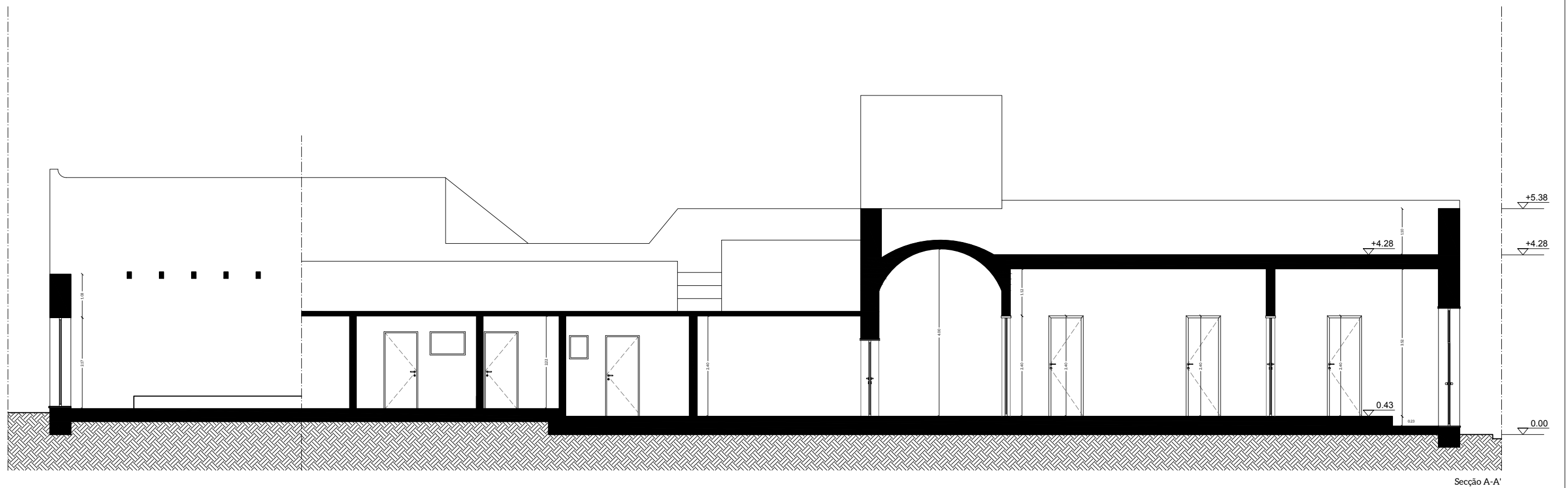


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso de cobertura

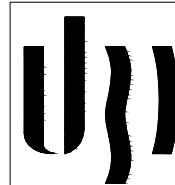
1/100

3.2

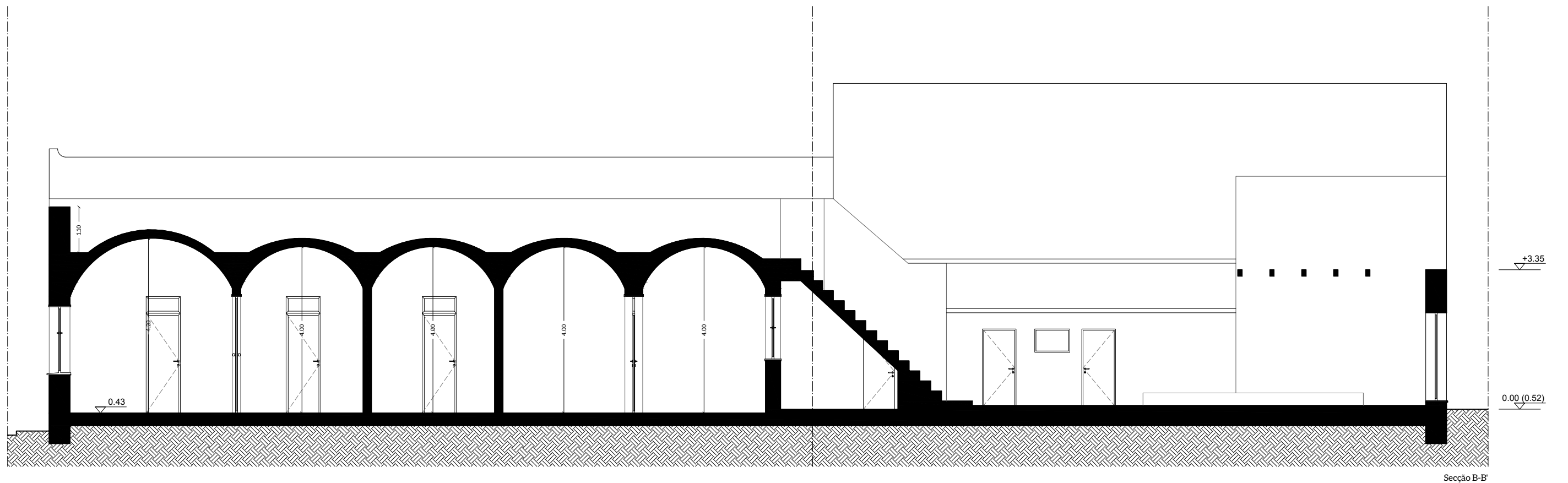
Data: 17-09-20



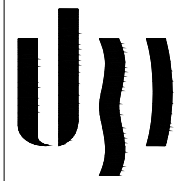
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura	1/100
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		4.0
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Data: 17-09-20



Seção B-B'



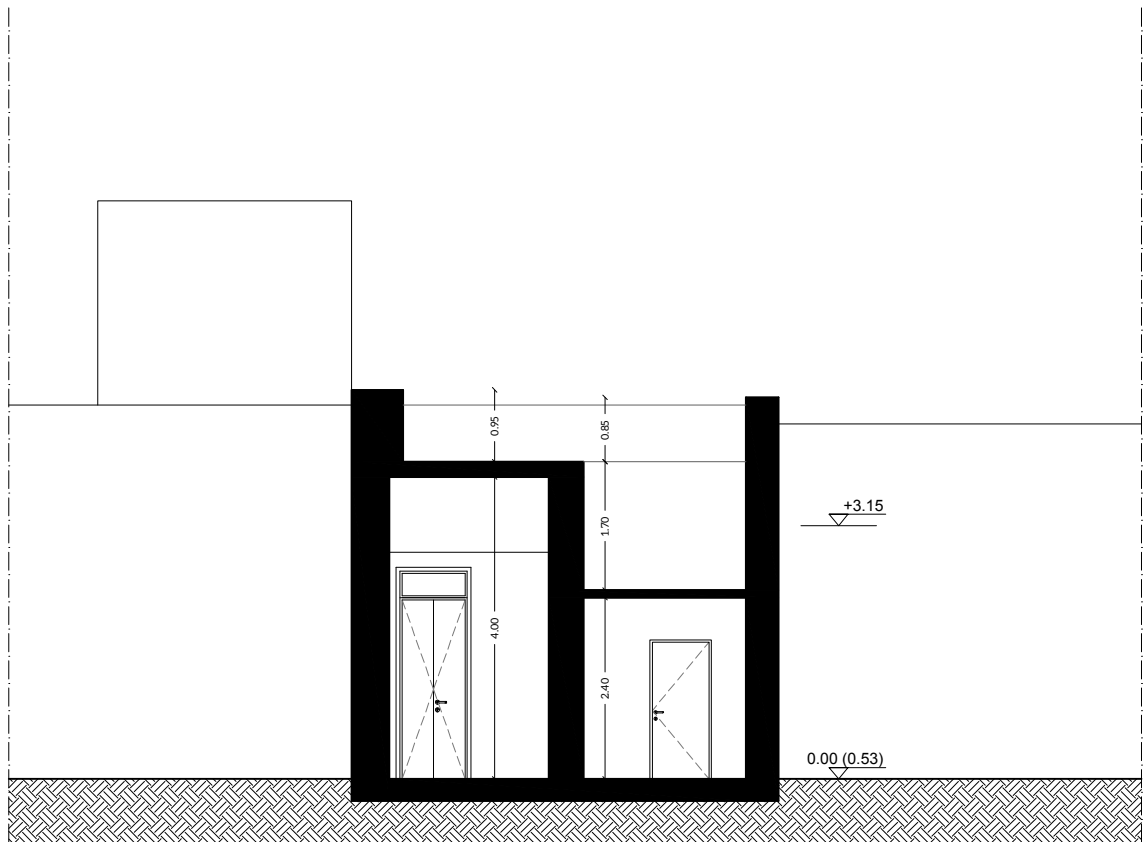
Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	Arquitectura existente - Secção BB'

1/100

4.1

Data: 17-09-20

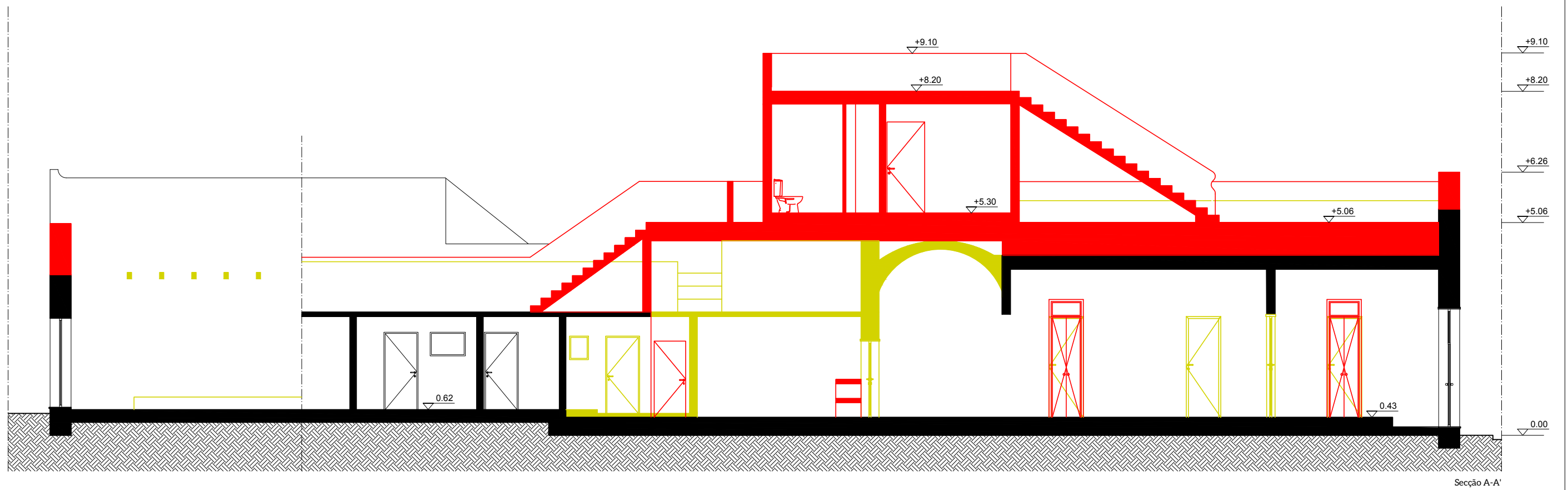
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



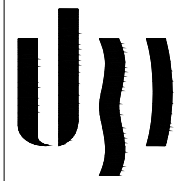
Secção C-C'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	1/100 4.2 Data: 17-09-20
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		ArquitECTURA existente - Secção CC'		



Seção A-A'



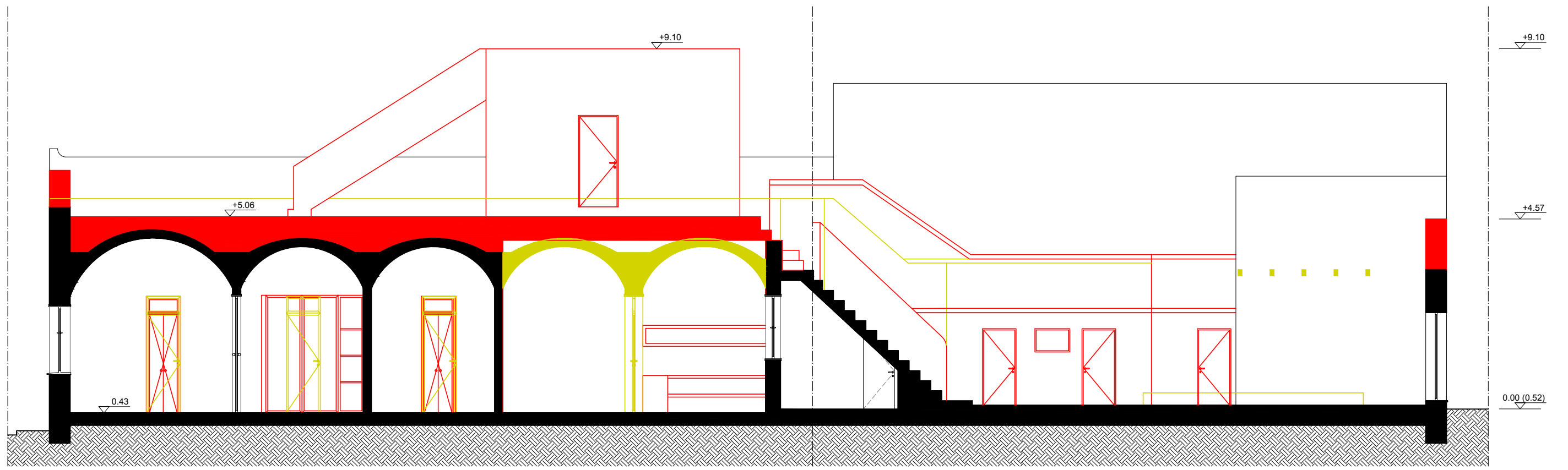
Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	Sobreposição de elementos - Secção AA'

1/100

5.0

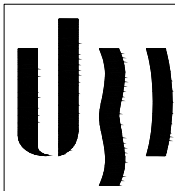
Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

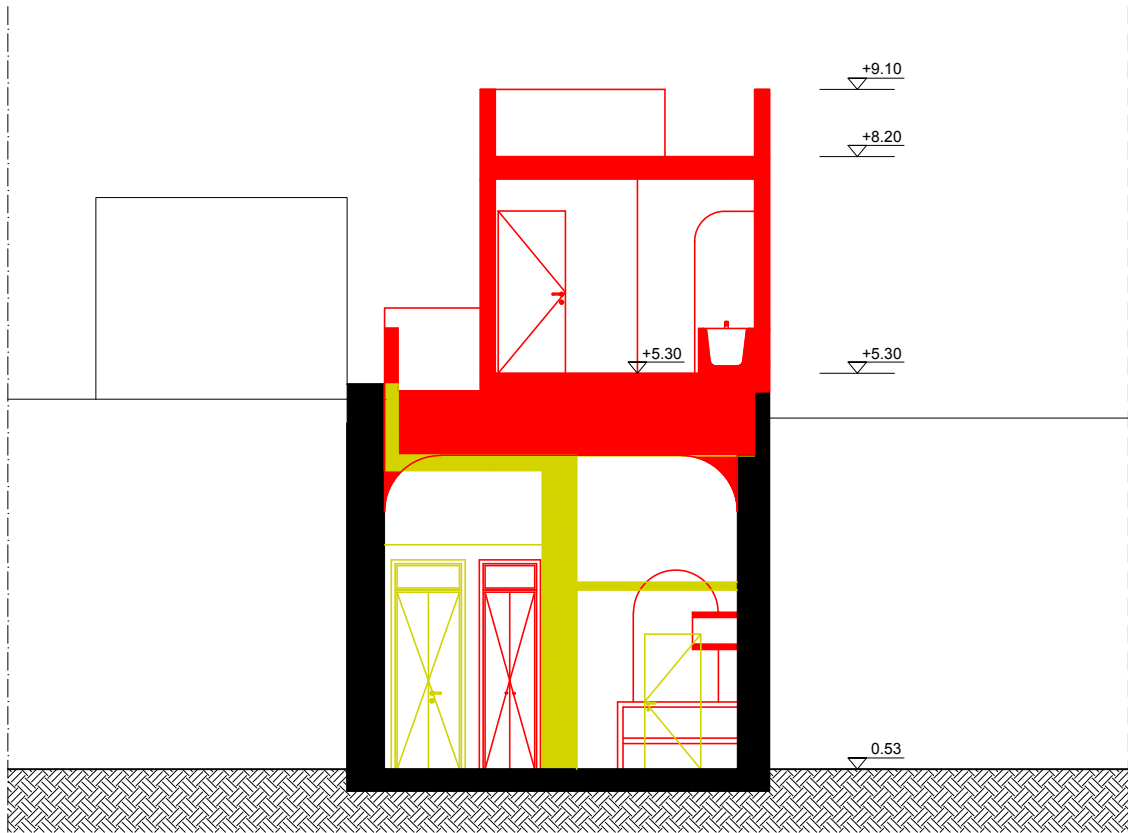


Seção B-B'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

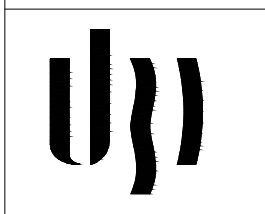


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Yilson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		5.1
Sobreposição de elementos - Secção BB'		Data: 17-09-20

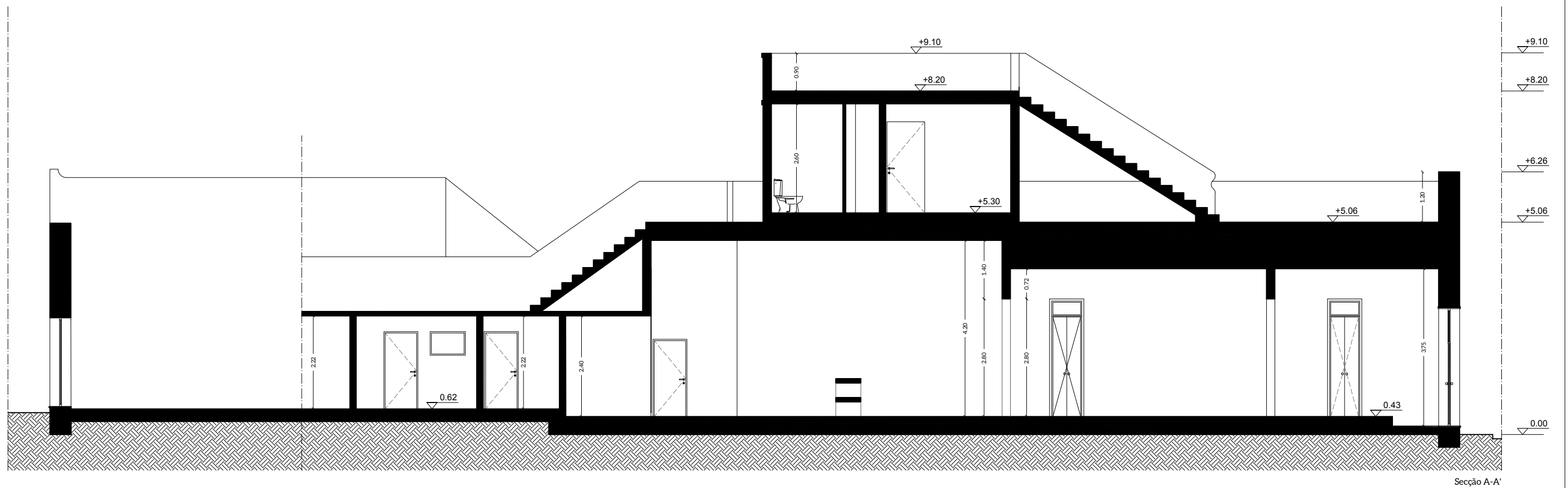


Secção C-C'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

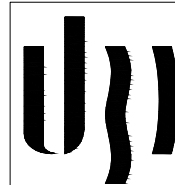


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Yilson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		5.2
Sobreposição de elementos - Secção CC'		Data: 17-09-20

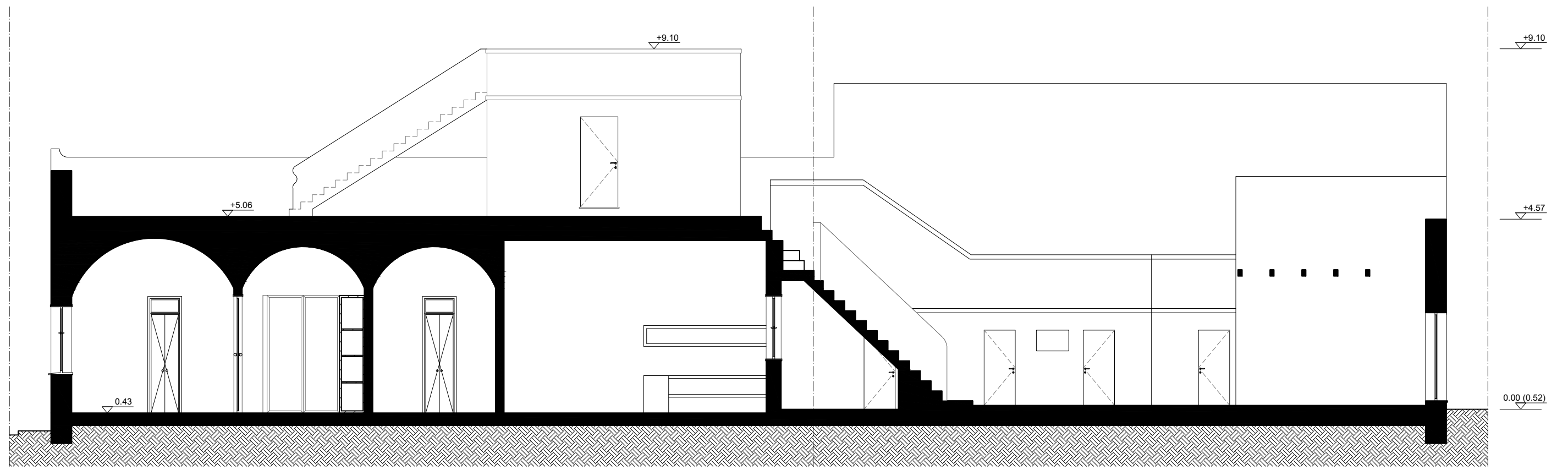


Secção A-A'

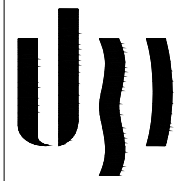
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura	1/100
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		6.0
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitectura proposta - Secção AA'
		Data: 17-09-20



Secção B-B'



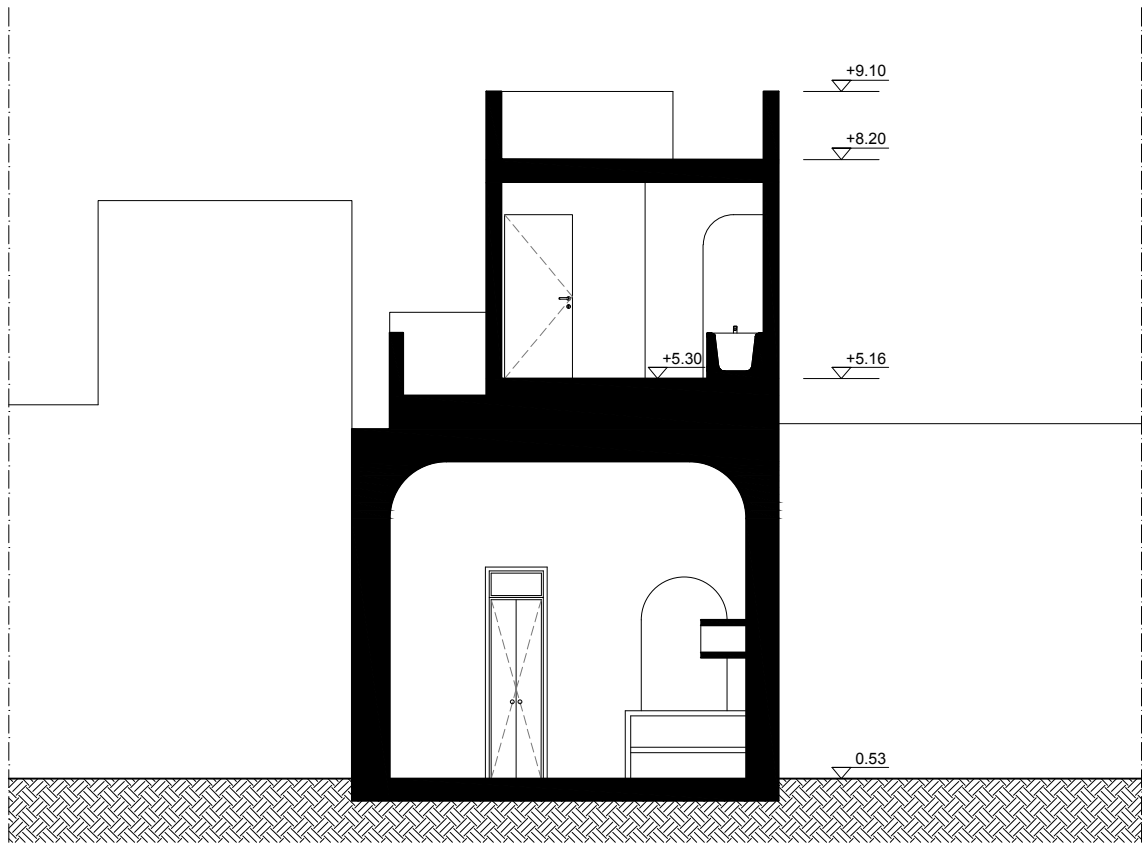
Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	
Arquitectura proposta - Secção BB'	

1/100

6.1

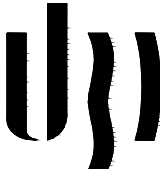
Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Secção C-C


COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

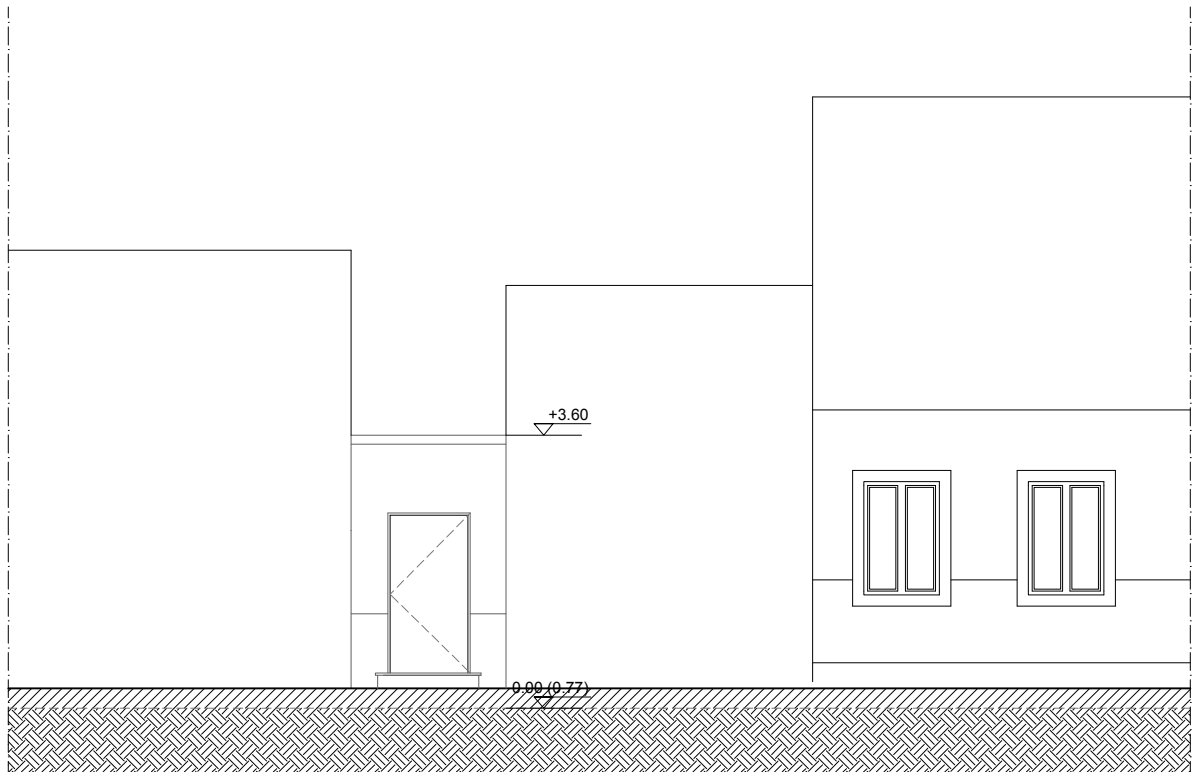
	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	6.2
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Arquitetura proposta - Secção CC'	Data: 17-09-20



Alçado Frontal

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	1/100
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			7.0
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Alçado frontal - Existente		Data: 17-09-20



Alçado Tardoz

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

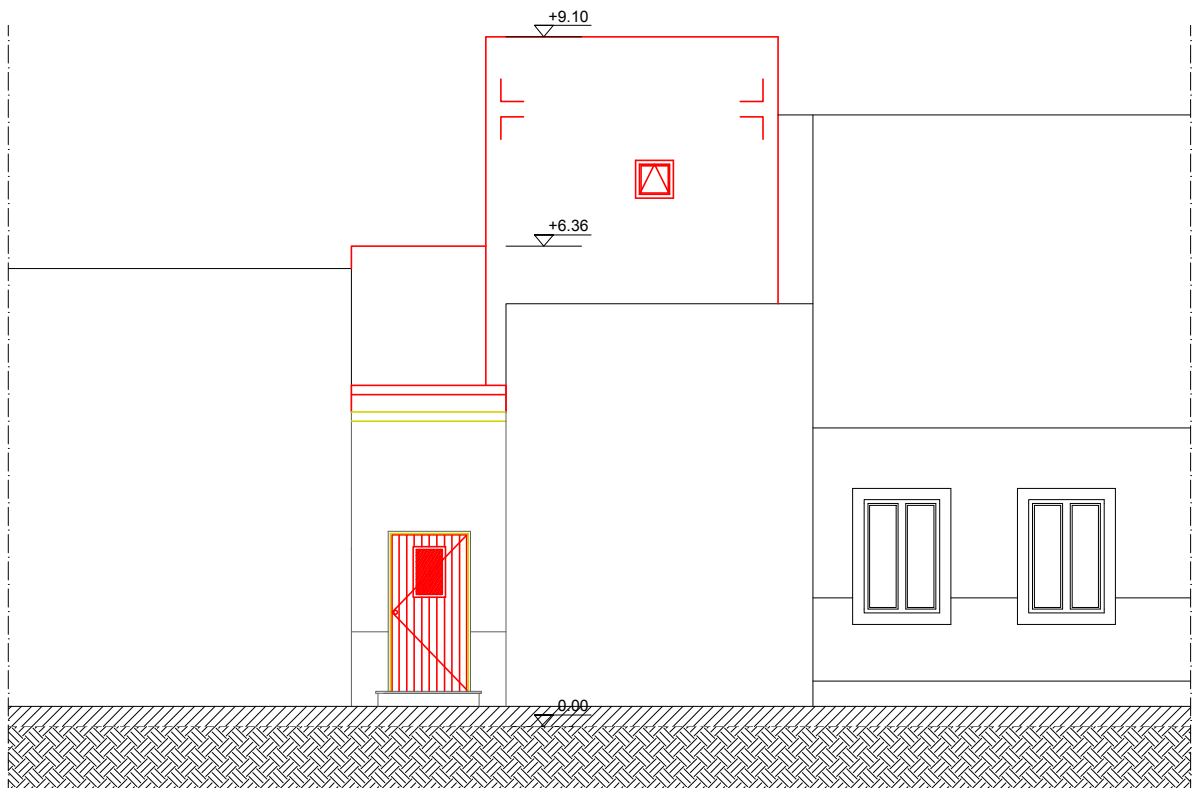
	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	7.1
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Alçado tardoz - Existente	Data: 17-09-20



Alçado Frontal

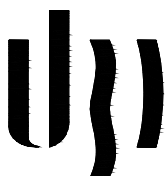
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	1/100
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		8.0
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Alçado frontal - Sobreposição de elementos		Data: 17-09-20



Alçado Tardoz

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão	
Alçado tardoz - Sobreposição de elementos	

1/100

8.1

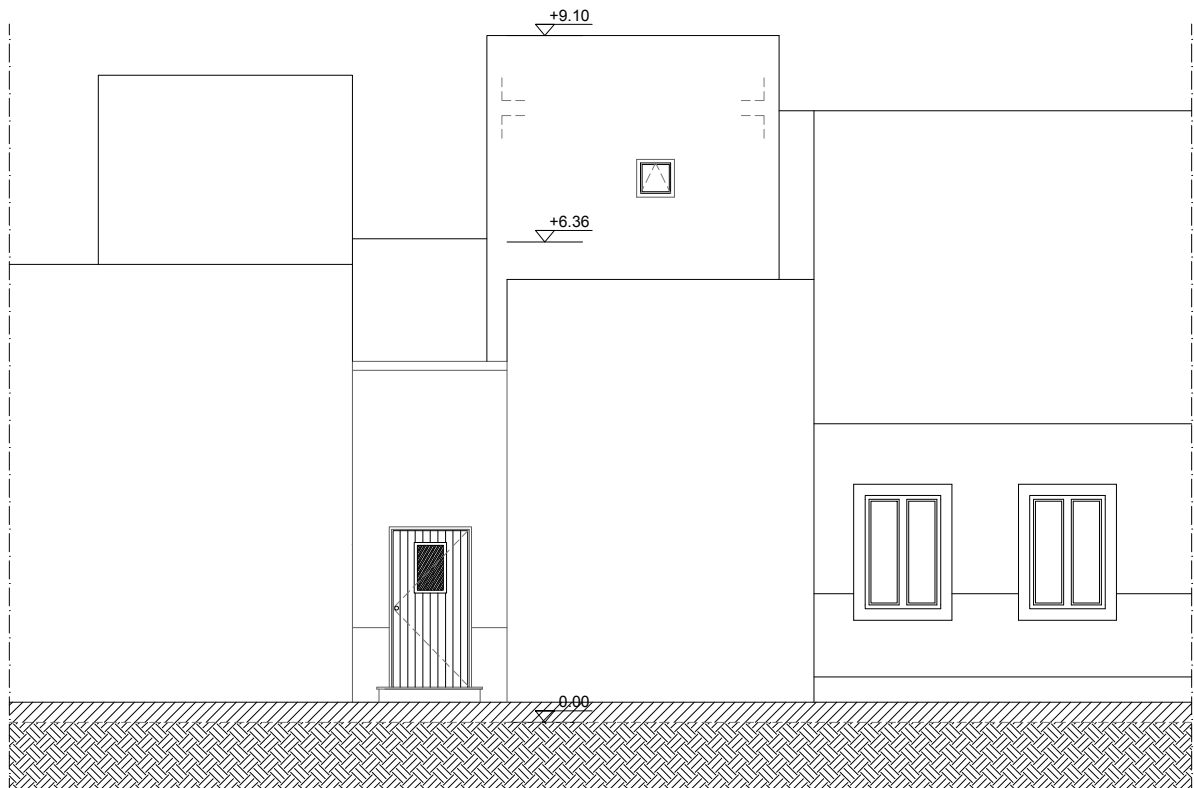
Data: 17-09-20



Alçado Frontal

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	<p>1/100</p> <p>9.0</p> <p>Data: 17-09-20</p>
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Alçado frontal - Arquitectura proposta		



Alçado Tardoz

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	<p>1/100</p> <p>9.1</p> <p>Data: 17-09-20</p>
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		
Caso de estudo 1: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Manuel de Oliveira Nobre nº 38 - Olhão		Alçado tardoz - Arquitectura proposta		

Caso de estudo 2

Projecto de alteração e ampliação de moradia unifamiliar.
Rua Serpa Pinto, nº. 18, Olhão.

Índice de peças desenhadas

1.0 Arquitectura existente – Piso 1;

1.1 Arquitectura existente – Piso 2;

1.1 Arquitectura existente – Piso de cobertura;

2.0 Sobreposição de elementos – Piso 1;

2.1 Sobreposição de elementos – Piso 2;

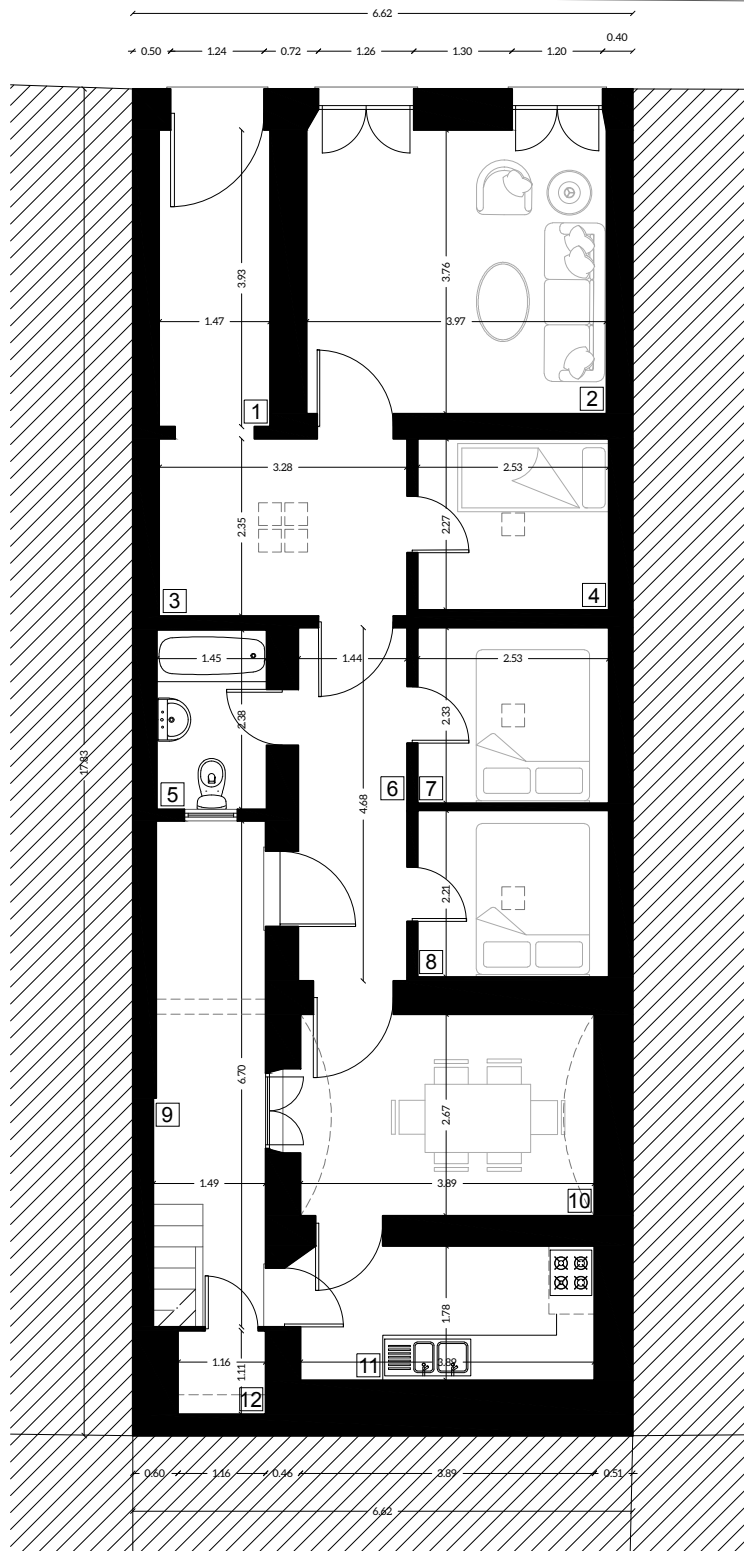
2.2 Sobreposição de elementos – Piso de cobertura;

3.0 Arquitectura proposta- Piso 1;

3.1 Arquitectura proposta- Piso 2;

3.2 Arquitectura proposta- Piso de cobertura;

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

- 1. Corredor de entrada - 5.7m²;
- 2. Sala - 15m²;
- 3. Hall - 7.5m²;
- 4. Quarto 1 - 5.7m²;
- 5. Instalação sanitária - 3.4m²;
- 6. Corredor central - 6.7m²;
- 7. Quarto 2 - 5.9m²;
- 8. Quarto 3 - 6.5m²;
- 9. Pátio - 9.8m²;
- 10. Sala de jantar - 10.4m²
- 11. Cozinha - 6.9m²;
- 12. Arrumos - 1.3m².

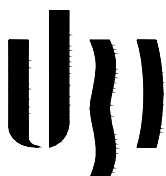
Piso 2

- 13. Açoteia - 72.5m²;
- 14. Arrumos - 5m²;
- 15. Quarto - 6.4m²;
- 16. Mirante - 6.4m².

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão		Arquitectura existente - Piso 1

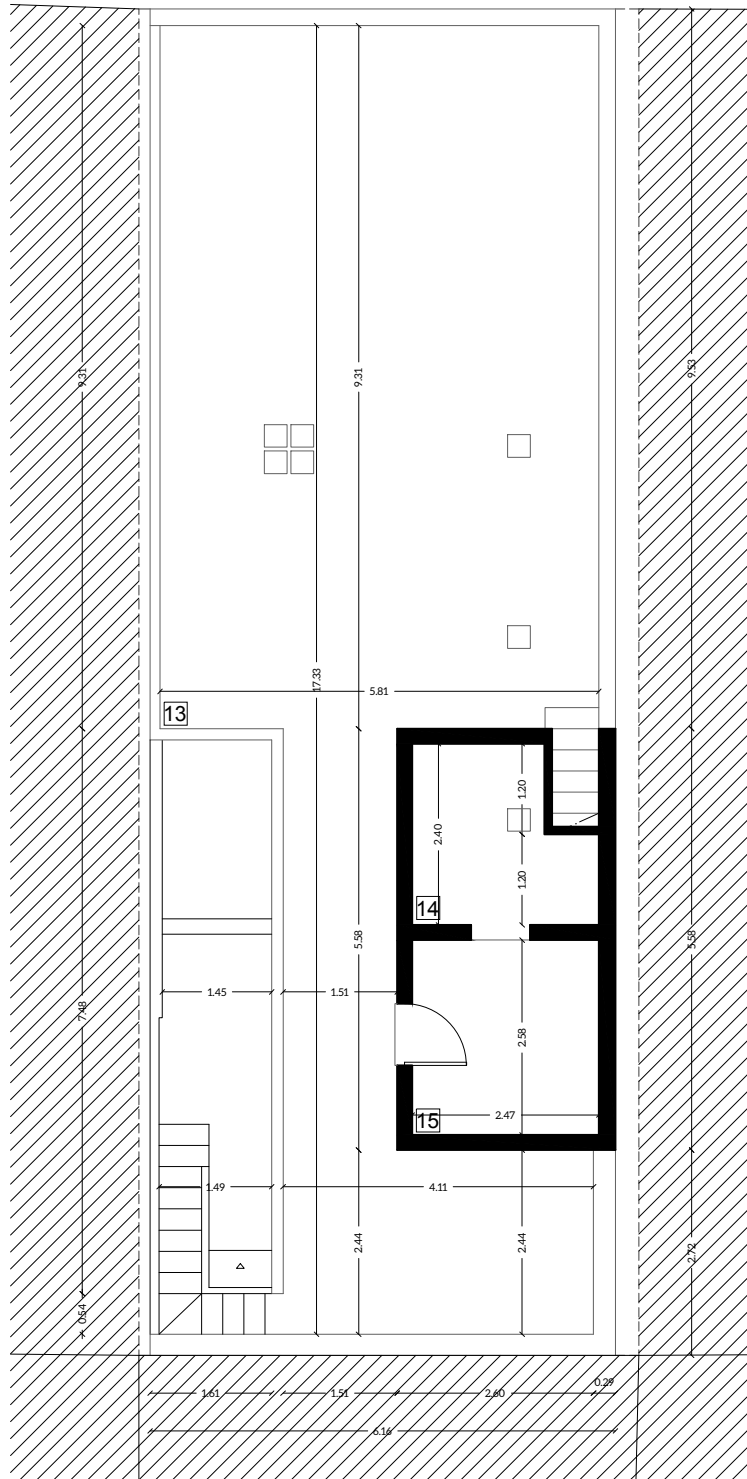
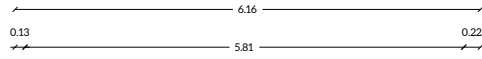


1/100

1.0

Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.7m²;
2. Sala - 15m²;
3. Hall - 7.5m²;
4. Quarto 1 - 5.7m²;
5. Instalação sanitária - 3.4m²;
6. Corredor central - 6.7m²;
7. Quarto 2 - 5.9m²;
8. Quarto 3 - 6.5m²;
9. Pátio - 9.8m²;
10. Sala de jantar - 10.4m²
11. Cozinha - 6.9m²;
12. Arrumos - 1.3m².

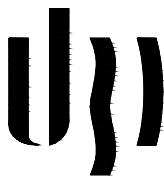
Piso 2

13. Açoteia - 72.5m²;
14. Arrumos - 5m²;
15. Quarto - 6.4m²;
16. Mirante - 6.4m².

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão		Arquitetura existente - Piso 2

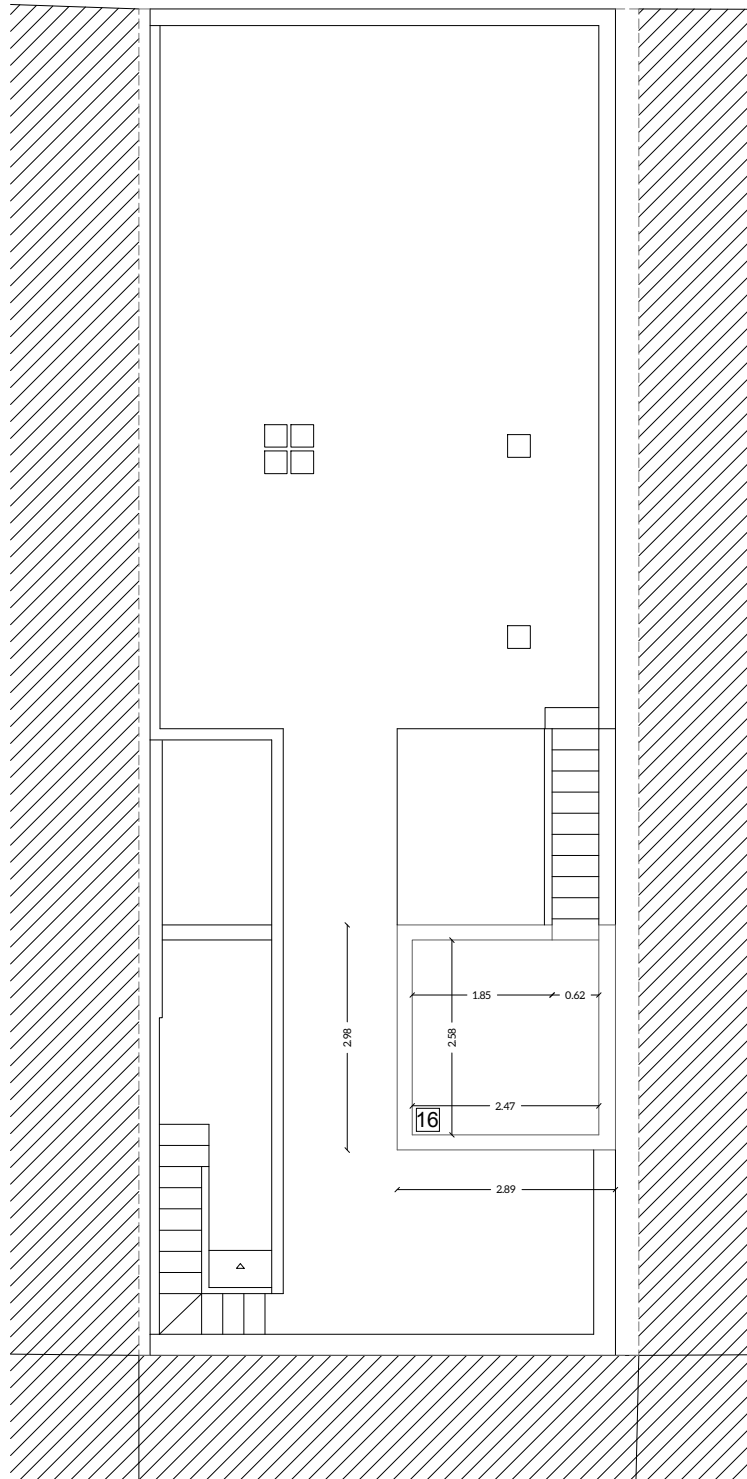


1/100

1.1

Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.7m²;
2. Sala - 15m²;
3. Hall - 7.5m²;
4. Quarto 1 - 5.7m²;
5. Instalação sanitária - 3.4m²;
6. Corredor central - 6.7m²;
7. Quarto 2 - 5.9m²;
8. Quarto 3 - 6.5m²;
9. Pátio - 9.8m²;
10. Sala de jantar - 10.4m²
11. Cozinha - 6.9m²;
12. Arrumos - 1.3m².

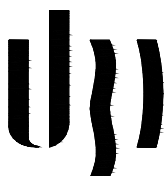
Piso 2

13. Açoteia - 72.5m²;
14. Arrumos - 5m²;
15. Quarto - 6.4m²;
16. Mirante - 6.4m².

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Arquitetura existente - Piso de cobertura

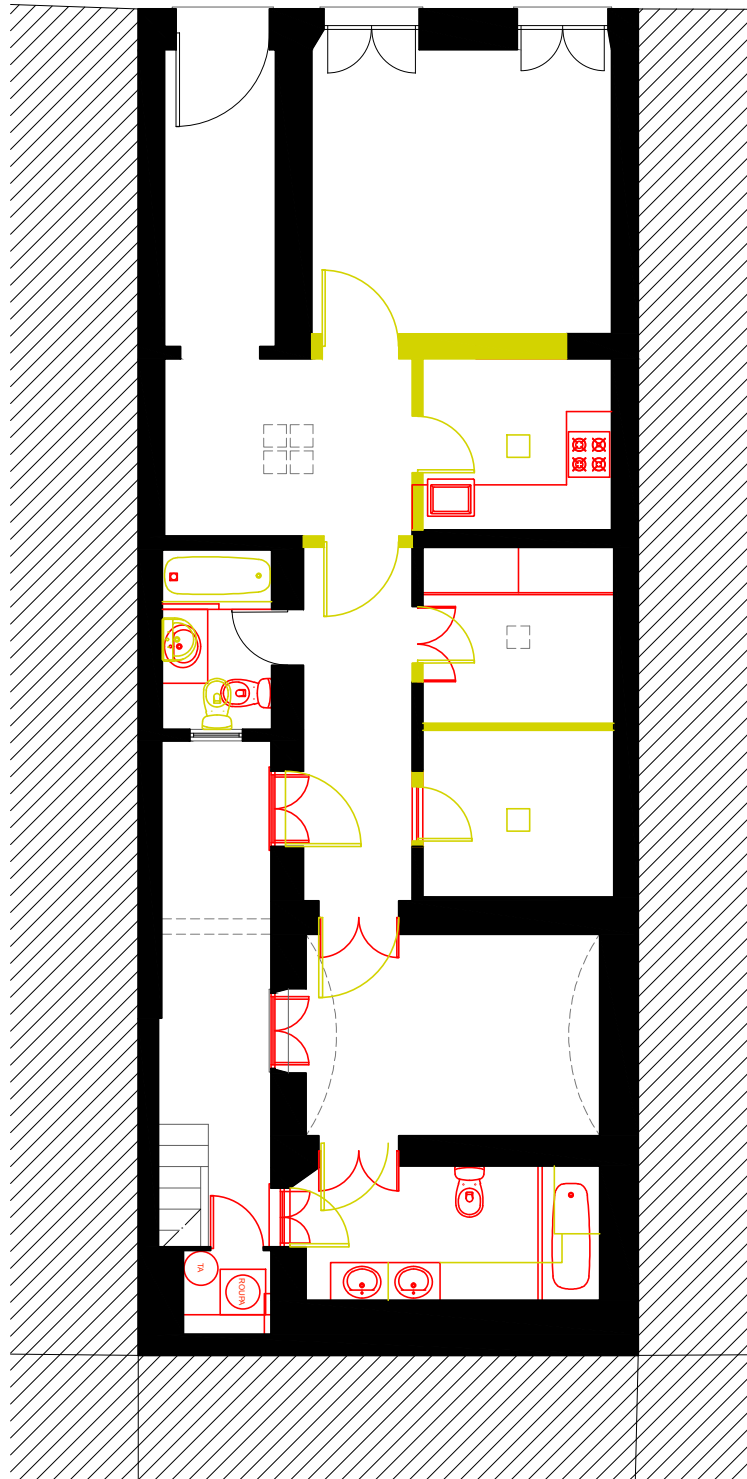


1/100

1.2

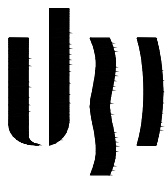
Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Sobreposição de elementos - Piso 1

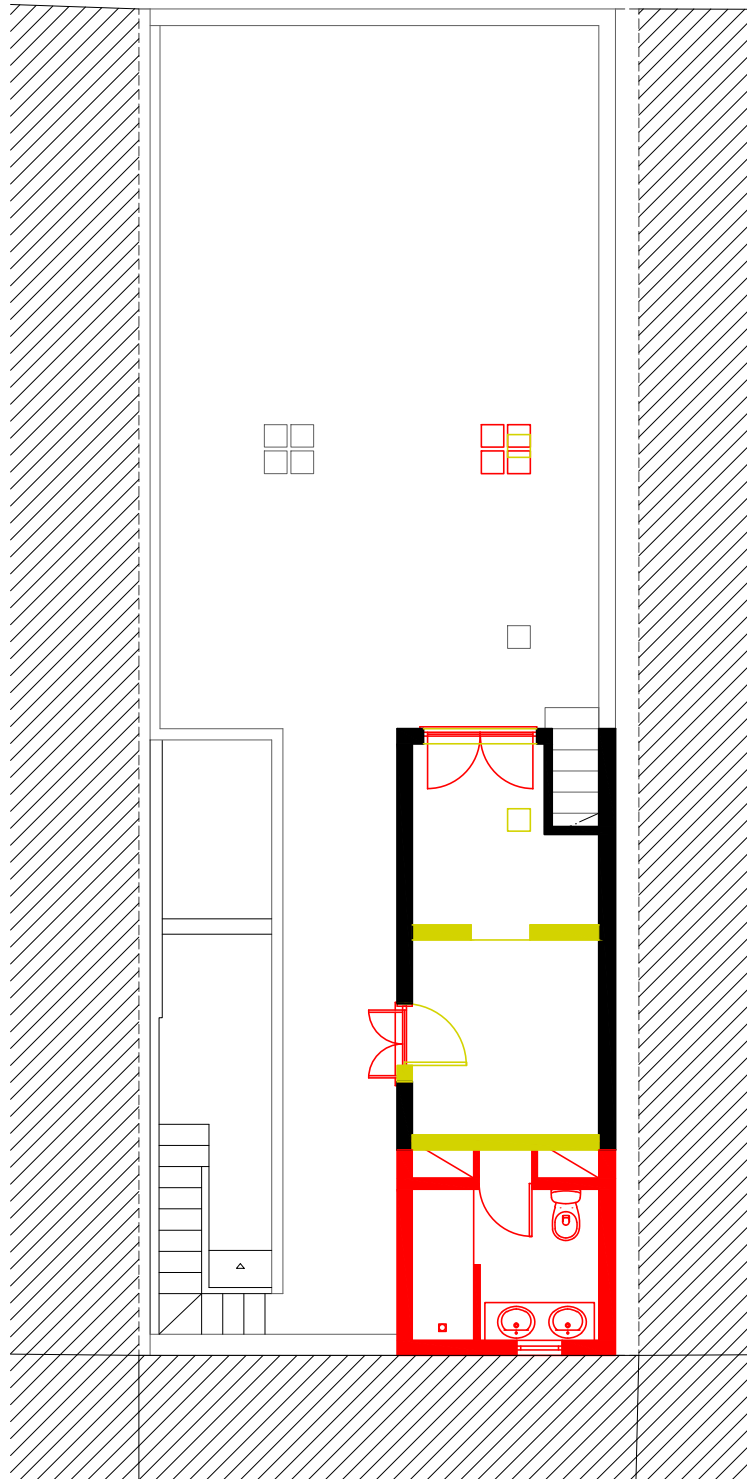


1/100

2.0

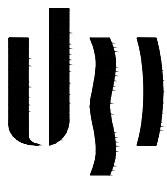
Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Sobreposição de elementos - Piso 2

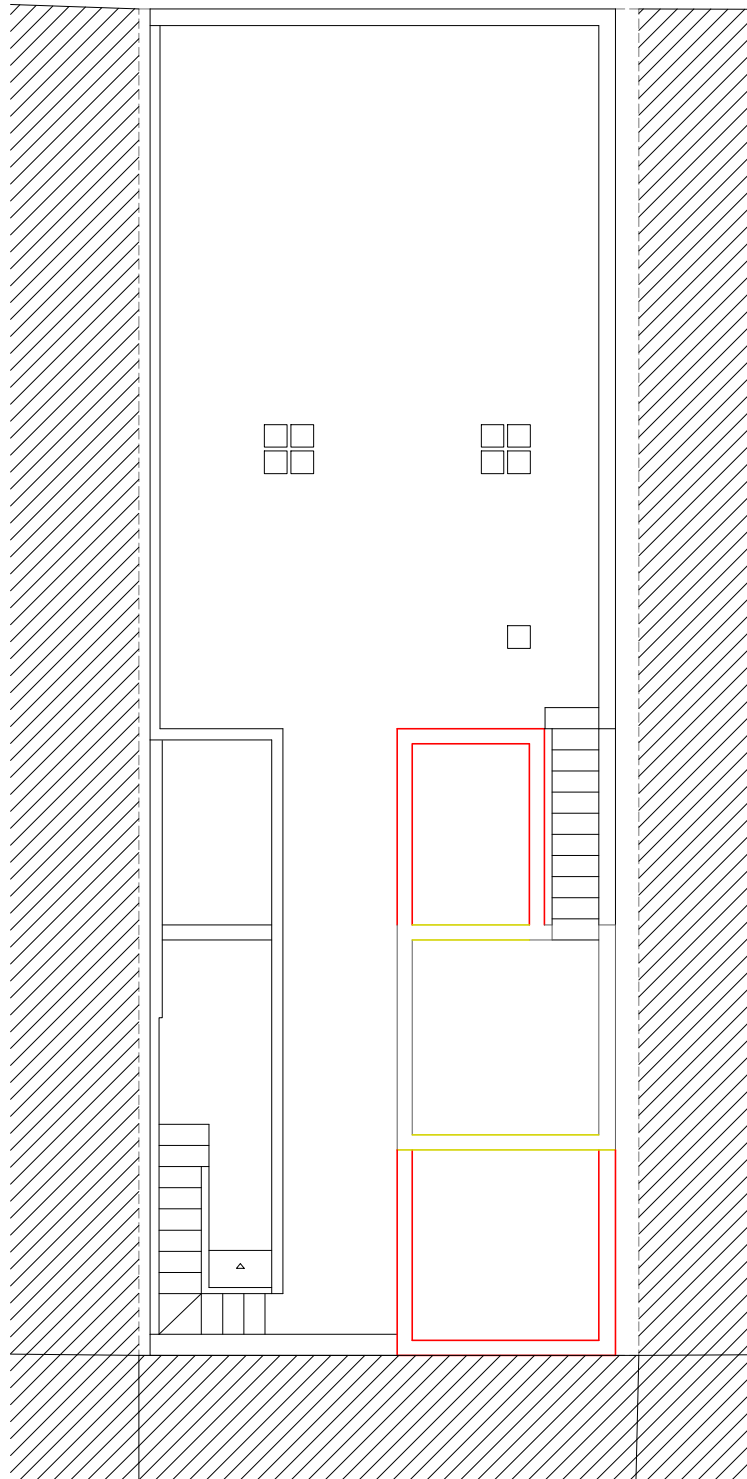


1/100

2.1

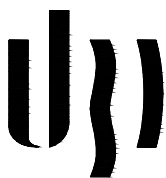
Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Sobreposição de elementos - Piso de cobertura

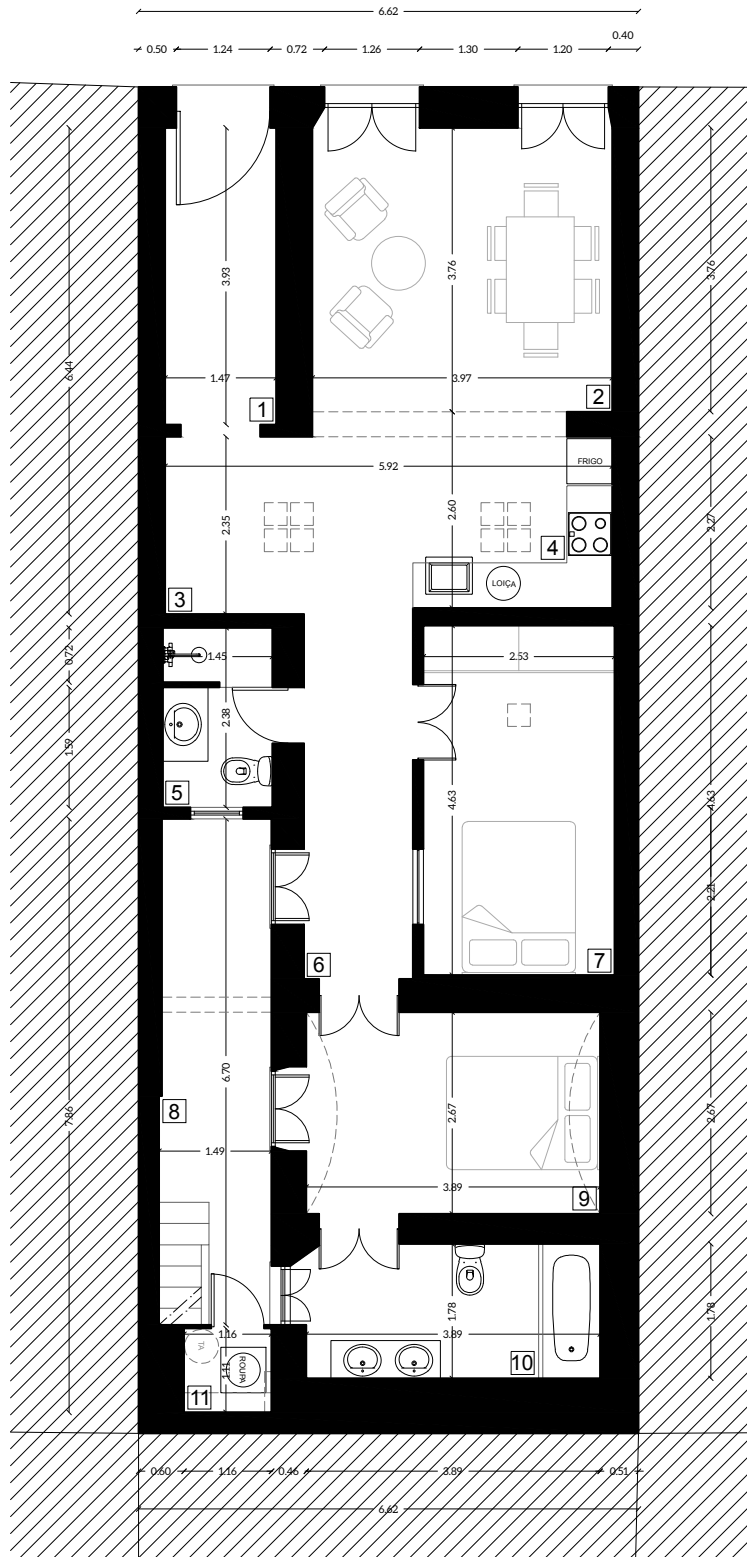


1/100

2.2

Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

- 1. Hall - 6m²
- 2. Sala - 16m²
- 3. Corredor central +
- 4. Cozinha - 13m²
- 5. Instalação sanitária - 3.5m²
- 6. Corredor central 2 - 6.7m²
- 7. Quarto - 11.6m²
- 8. Pátio - 10m²
(inclui S.M)
- 9. Quarto - 17m²
- 10. Instalação sanitária - 7m²
- 11. S.M. (1.3m² incluído no pátio.)

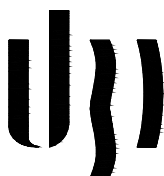
Piso2

- 12. Açoteia - 68.2m²
(área total do terraço e escadas)
- 13. Quarto - 13.3m²
- 14. Instalação sanitária - 5m²
- 15. Mirante - 19m²
(área total o mirante e escadas)

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Arquitetura proposta - Piso 1

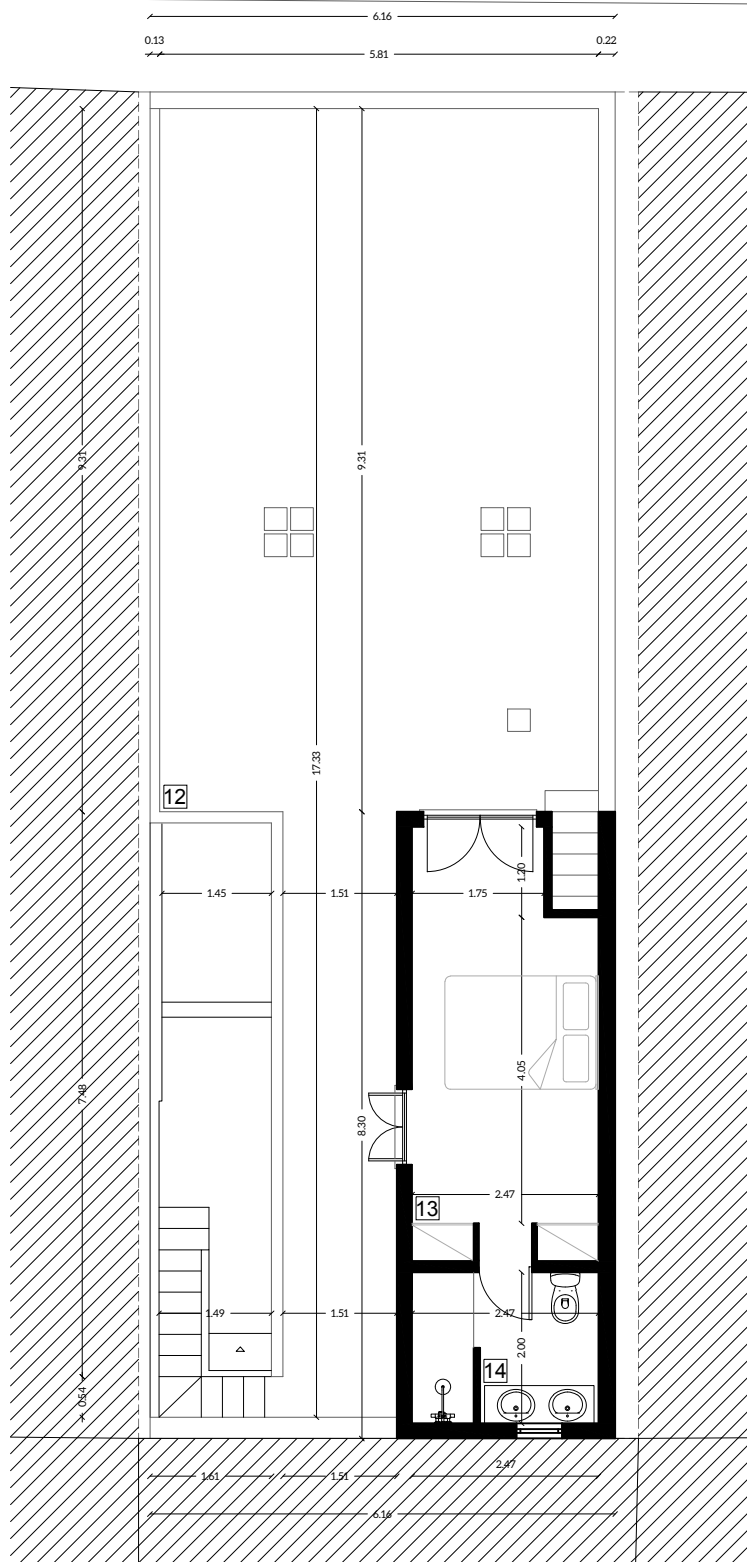


1/100

3.0

Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

1. Hall - 6m²
2. Sala - 16m²
3. Corredor central +
4. Cozinha - 13m²
5. Instalação sanitária - 3.5m²
6. Corredor central 2 - 6.7m²
7. Quarto - 11.6m²
8. Pátio - 10m²
(inclui S.M)
9. Quarto - 17m²
10. Instalação sanitária - 7m²
11. S.M. (1.3m² incluído no pátio.)

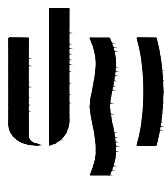
Piso2

12. Açoteia - 68.2m²
(área total do terraço e escadas)
13. Quarto - 13.3m²
14. Instalação sanitária - 5m²
15. Mirante - 19m²
(área total o mirante e escadas)

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Arquitectura proposta - Piso 2

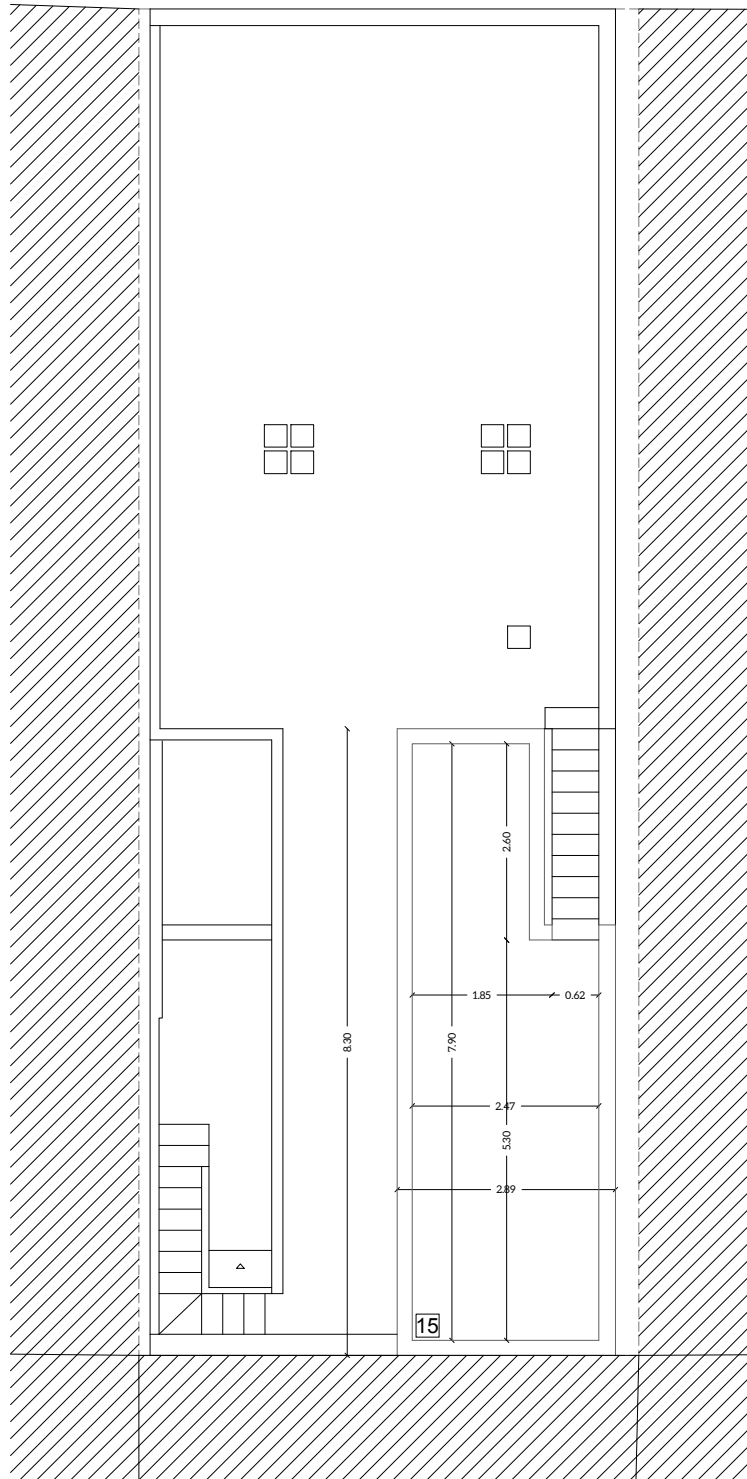


1/100

3.1

Data: 17-09-20

Rua Serpa Pinto



Legenda

Piso 1

1. Hall - 6m²
2. Sala - 16m²
3. Corredor central +
4. Cozinha - 13m²
5. Instalação sanitária - 3.5m²
6. Corredor central 2 - 6.7m²
7. Quarto - 11.6m²
8. Pátio - 10m²
(inclui S.M)
9. Quarto - 17m²
10. Instalação sanitária - 7m²
11. S.M. (1.3m² incluído no pátio.)

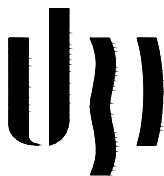
Piso2

12. Açoteia - 68.2m²
(área total do terraço e escadas)
13. Quarto - 13.3m²
14. Instalação sanitária - 5m²
15. Mirante - 19m²
(área total o mirante e escadas)

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	118,03 m ²
Área de Implantação.....	118,03 m ²
Área Coberta	103,00 m ²
Área Descoberta.....	9,85 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 2: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Serpa Pinto nº18 - Olhão

Arquitetura proposta - Piso de cobertura



1/100

3.2

Data: 17-09-20

Caso de estudo 3

Projecto de alteração e ampliação de moradia unifamiliar.
Rua dos Micanos, nº. 26, Olhão.

Índice de peças desenhadas

1.0 Arquitectura existente – Piso 1;

1.1 Arquitectura existente – Piso 2;

1.1 Arquitectura existente – Piso de cobertura;

2.0 Sobreposição de elementos – Piso 1;

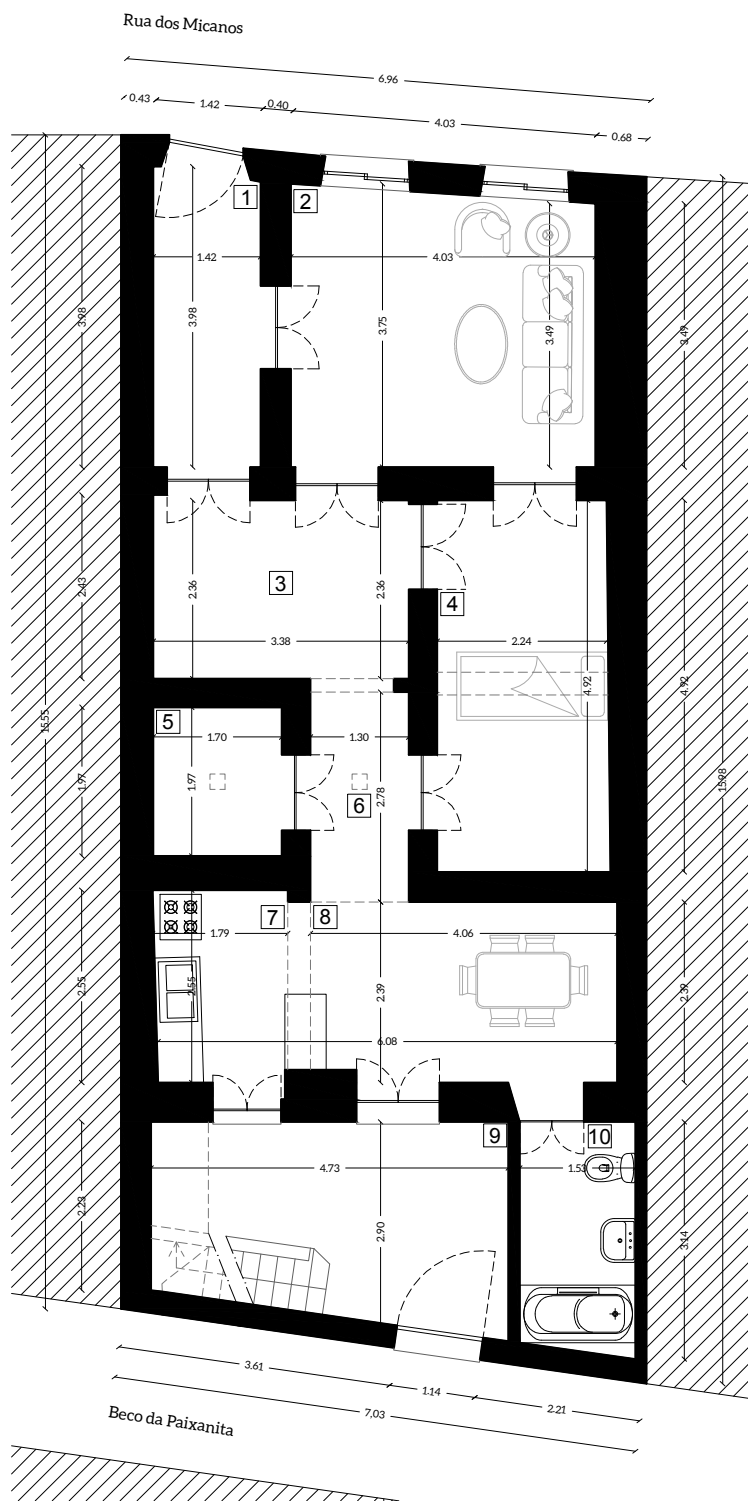
2.1 Sobreposição de elementos – Piso 2;

2.2 Sobreposição de elementos – Piso de cobertura;

3.0 Arquitectura proposta- Piso 1;

3.1 Arquitectura proposta- Piso 2;

3.2 Arquitectura proposta- Piso de cobertura;



Legenda

Piso 1

- 1. Corredor de entrada - 5.5 m²
- 2. Sala - 14.5 m²
- 3. Hall central - 8 m²
- 4. Quarto - 11.1 m²
- 5. Arrumos - 3.5 m²
- 6. Corredor central - 3.9 m²
- 7. Cozinha - 5.3 m²
- 8. Sala de jantar - 9.6 m²
- 9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
- 10. Instalação sanitária - 4.7 m²

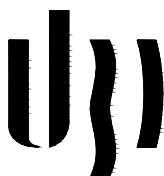
Piso 2

- 11. Açoiteia - 60.7 m²
- 12. Arrumos - 3.5 m²
- 13. Quarto - 11 m²
- 14. Cobertura - 18.8 m²

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Arquitectura existente - Piso 1



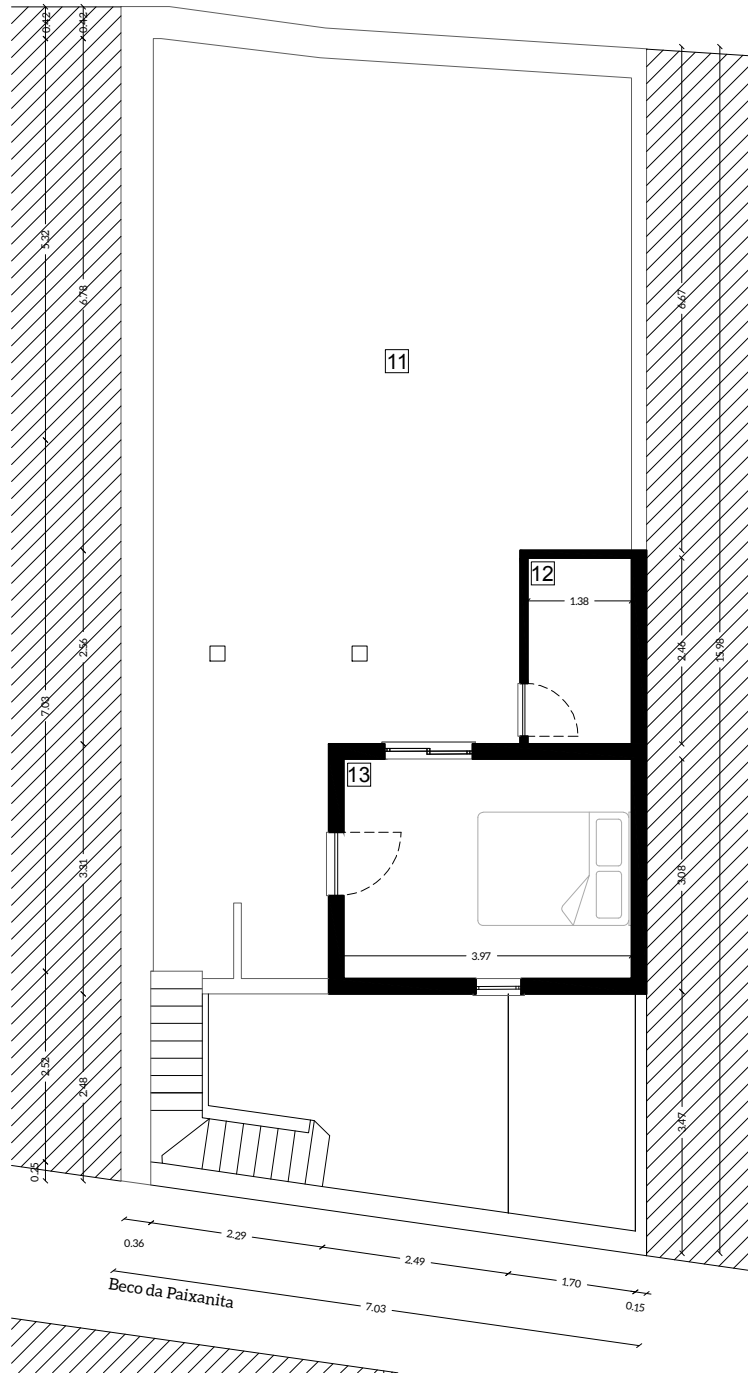
1/100

1.0

Data: 17-09-20

Rua dos Micanos

6.96



Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.5 m²
2. Sala - 14.5 m²
3. Hall central - 8 m²
4. Quarto - 11.1 m²
5. Arrumos - 3.5 m²
6. Corredor central - 3.9 m²
7. Cozinha - 5.3 m²
8. Sala de jantar - 9.6 m²
9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
10. Instalação sanitária - 4.7 m²

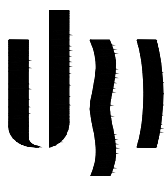
Piso 2

11. Açoiteia - 60.7 m²
12. Arrumos - 3.5 m²
13. Quarto - 11 m²
14. Cobertura - 18.8 m²

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta.....	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Arquitetura existente - Piso 2

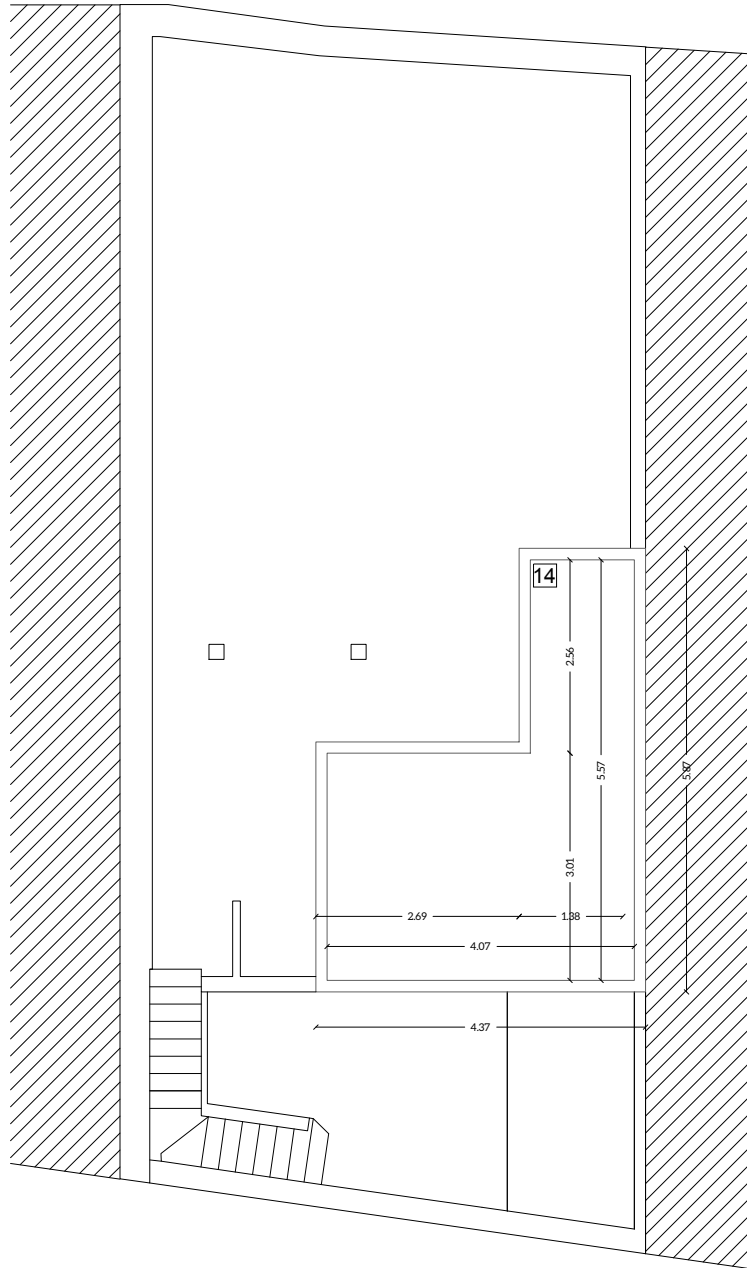


1/100

1.1

Data: 17-09-20

Rua dos Micanos



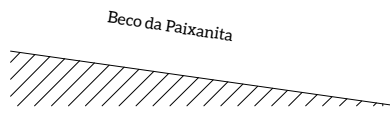
Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.5 m²
2. Sala - 14.5 m²
3. Hall central - 8 m²
4. Quarto - 11.1 m²
5. Arrumos - 3.5 m²
6. Corredor central - 3.9 m²
7. Cozinha - 5.3 m²
8. Sala de jantar - 9.6 m²
9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
10. Instalação sanitária - 4.7 m²

Piso2

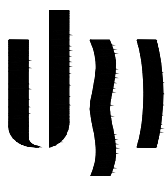
11. Açoiteia - 60.7m²
12. Arrumos - 3.5m²
13. Quarto - 11m²
14. Cobertura - 18.8 m²



Áreas Existentes

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta.....	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua dos Micanos nº26 - Olhão		Arquitetura existente - Piso de cobertura

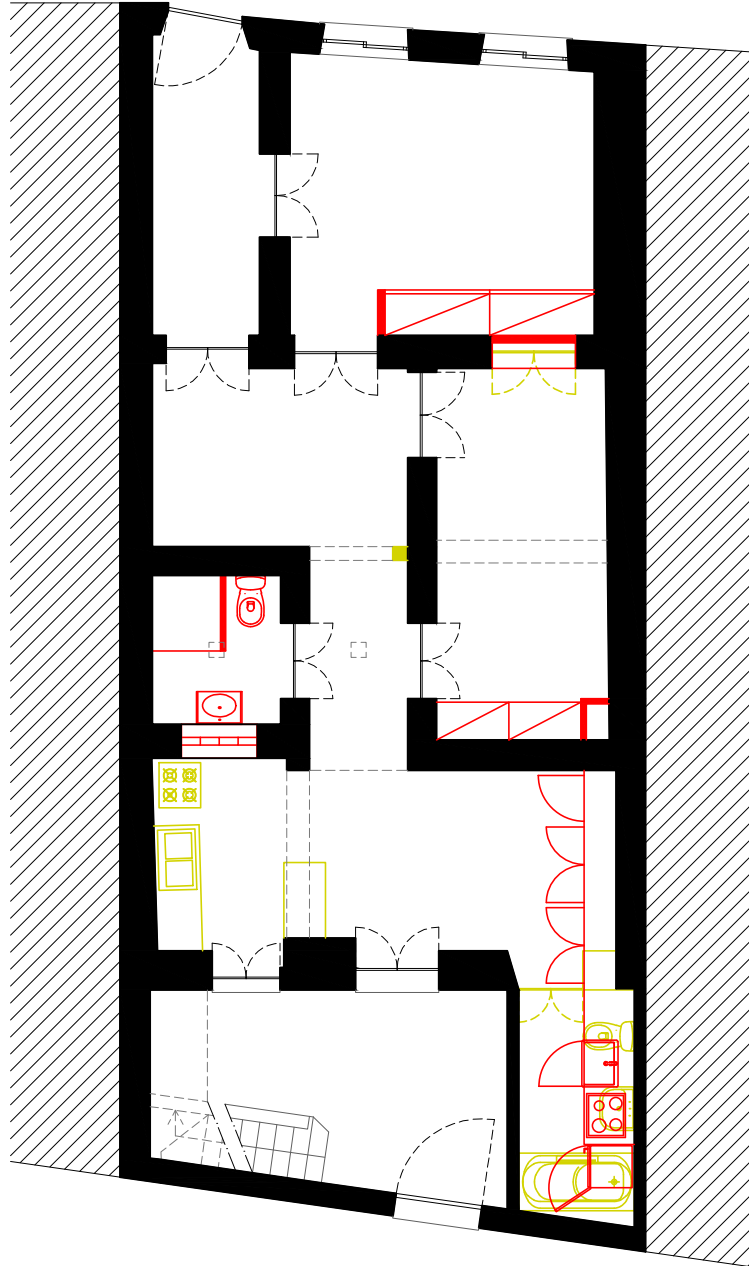


1/100

1.2

Data: 17-09-20

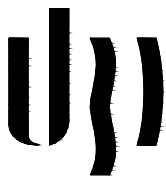
Rua dos Micanos



Beco da Paixanita

— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Sobreposição de elementos - Piso 1

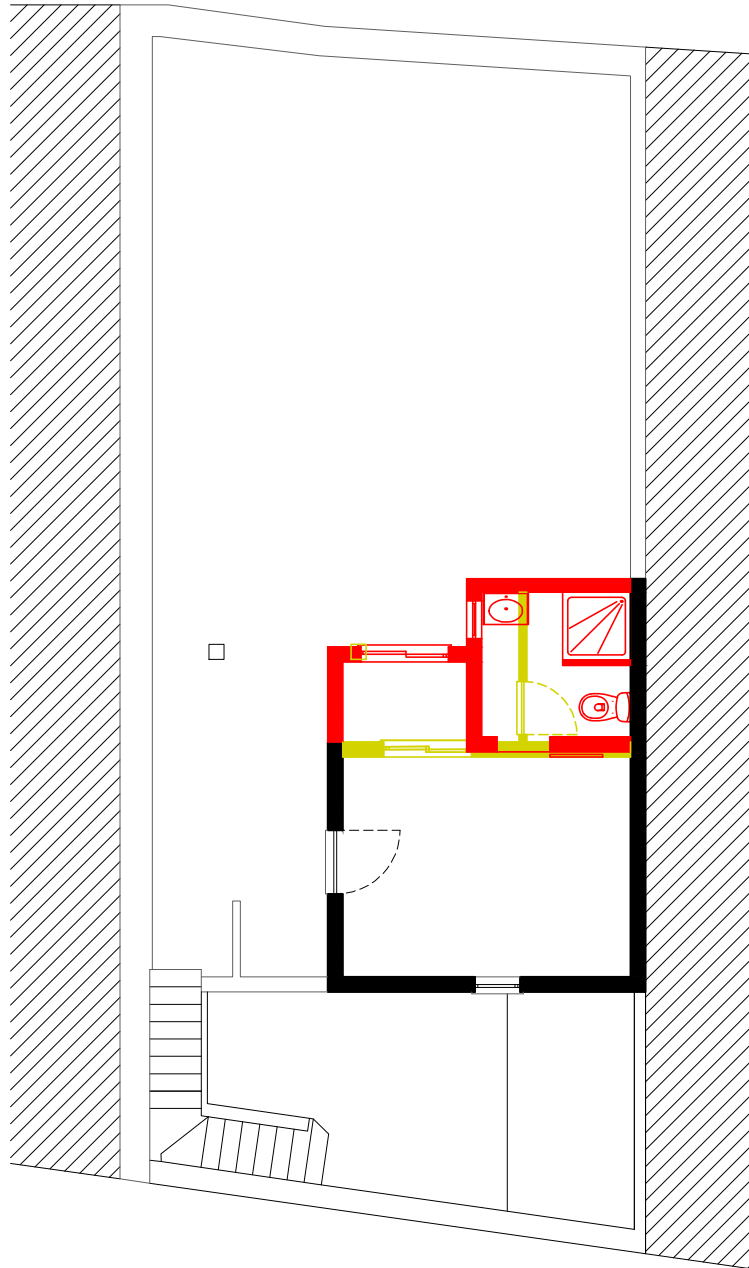


1/100

2.0

Data: 17-09-20

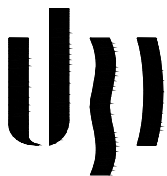
Rua dos Micanos



Beco da Paixanita

— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Sobreposição de elementos - Piso 2

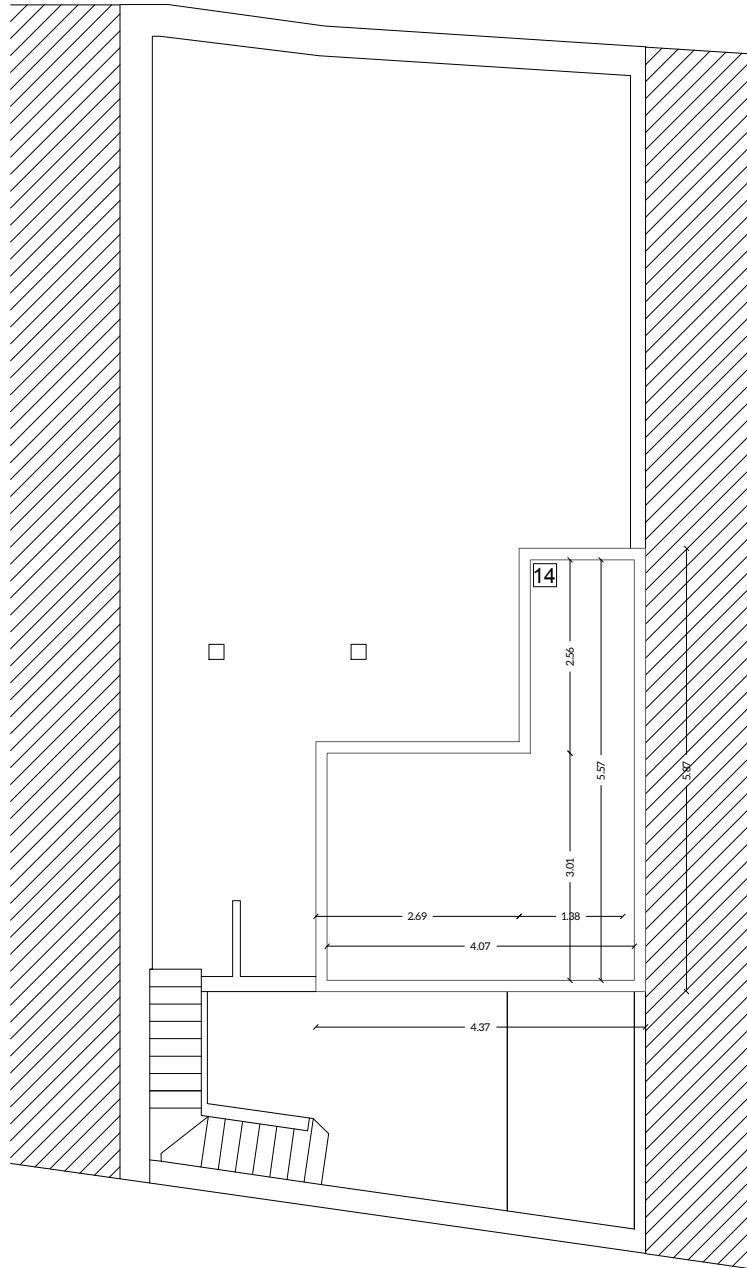


1/100

2.1

Data: 17-09-20

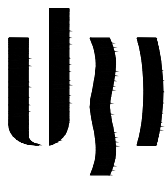
Rua dos Micanos



Beco da Paixanita

— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Yílson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

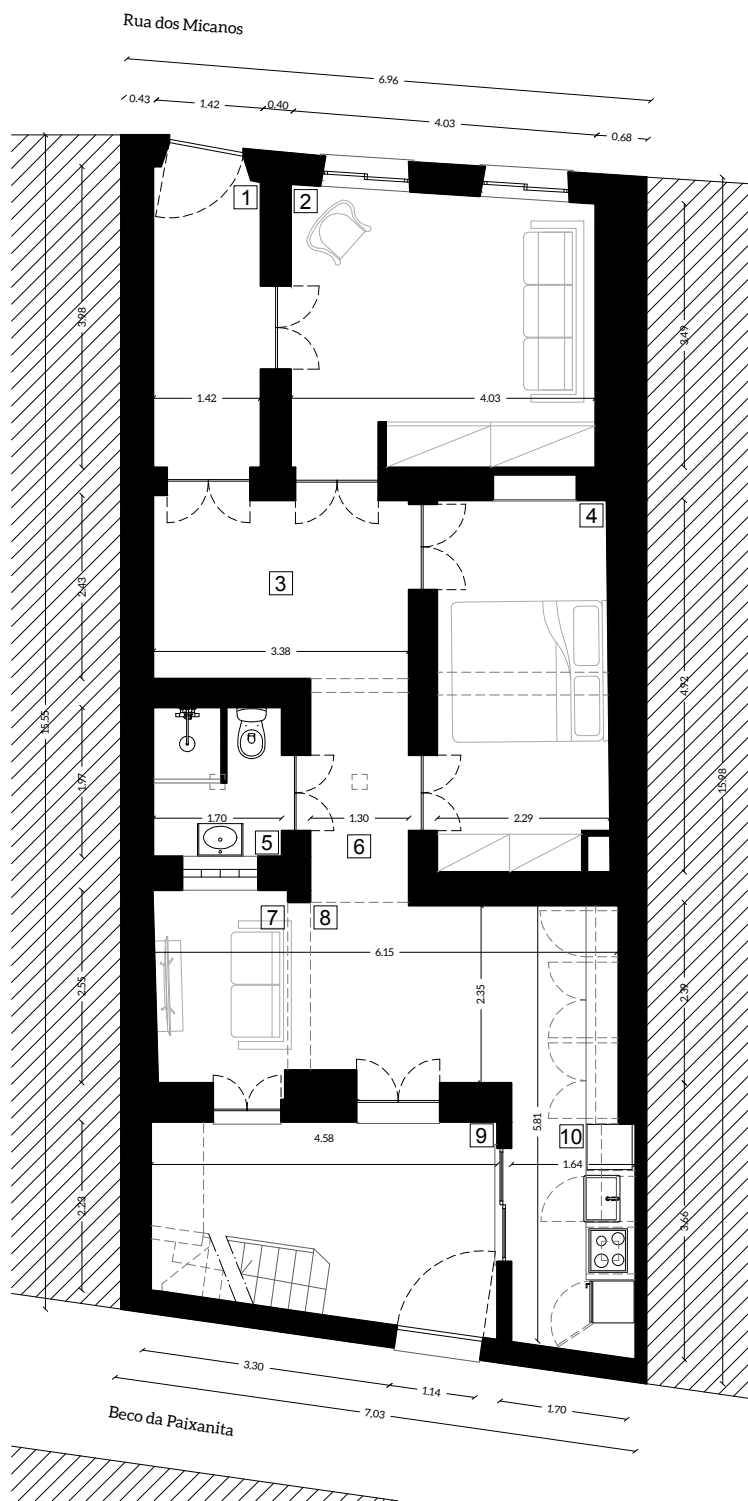
Sobreposição de elementos - Piso de cobertura



1/100

2.2

Data: 17-09-20



Legenda

Piso 1

- 1. Corredor de entrada - 5.5 m²
- 2. Sala - 14.5 m²
- 3. Hall central - 8 m²
- 4. Quarto - 11.1 m²
- 5. Arrumos - 3.5 m²
- 6. Corredor central - 3.9 m²
- 7. Sala de TV - 5.3 m²
- 8. Sala de jantar - 9.6 m²
- 9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
- 10. Cozinha - 5.7 m²

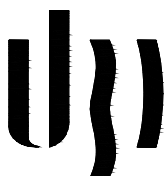
Piso 2

- 11. Açoteia - 57.6 m²
- 12. Arrumos - 3.8 m²
- 13. Quarto - 13.3 m²
- 14. Cobertura - 21.3 m²

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta.....	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

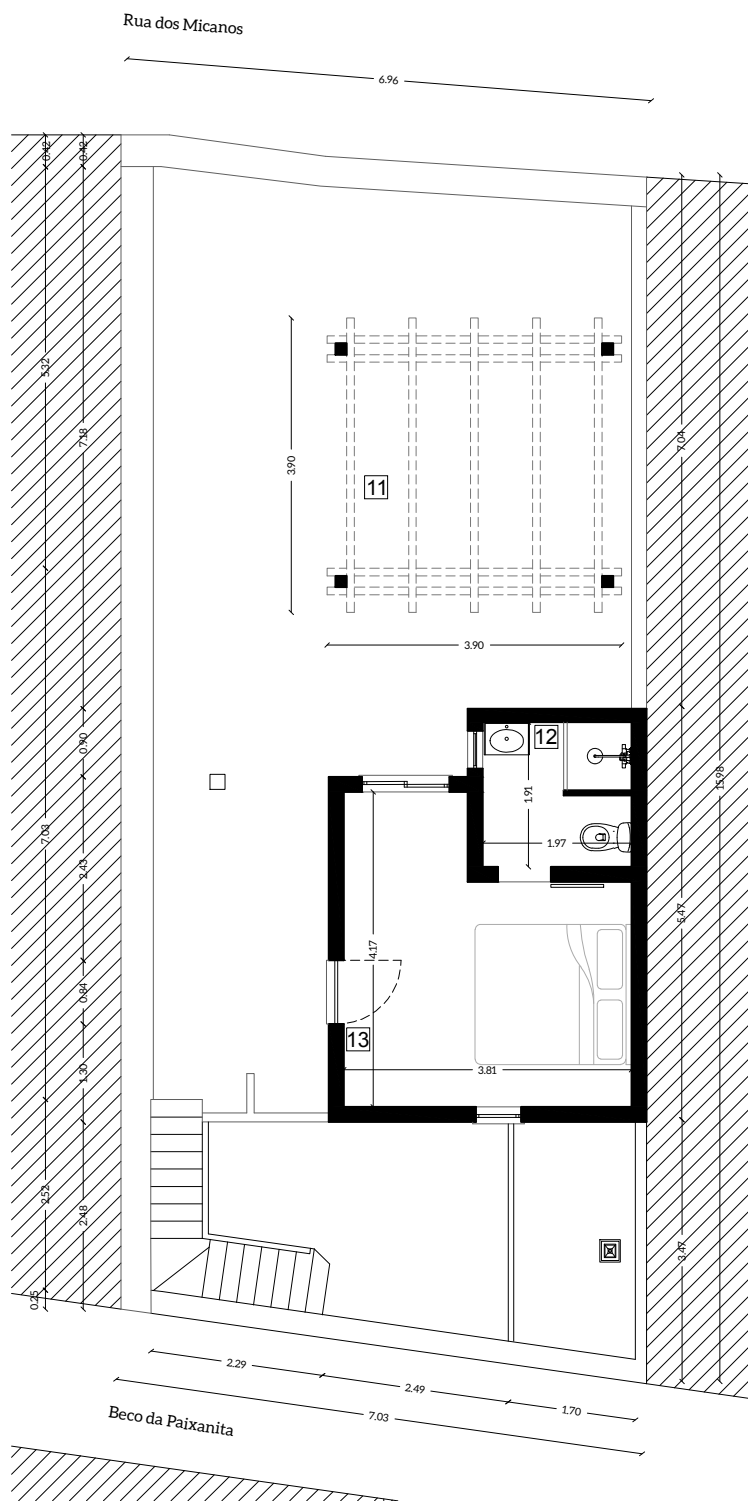
Arquitetura proposta - Piso 1



1/100

3.0

Data: 17-09-20



Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.5 m²
2. Sala - 14.5 m²
3. Hall central - 8 m²
4. Quarto - 11.1 m²
5. Arrumos - 3.5 m²
6. Corredor central - 3.9 m²
7. Sala de TV - 5.3 m²
8. Sala de jantar - 9.6 m²
9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
10. Cozinha - 5.7 m²

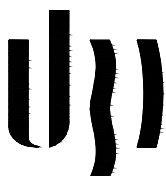
Piso2

11. Açoteia - 57.6 m²
12. Arrumos - 3.8 m²
13. Quarto - 13.3 m²
14. Cobertura - 21.3 m²

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta.....	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Arquitetura proposta - Piso 2

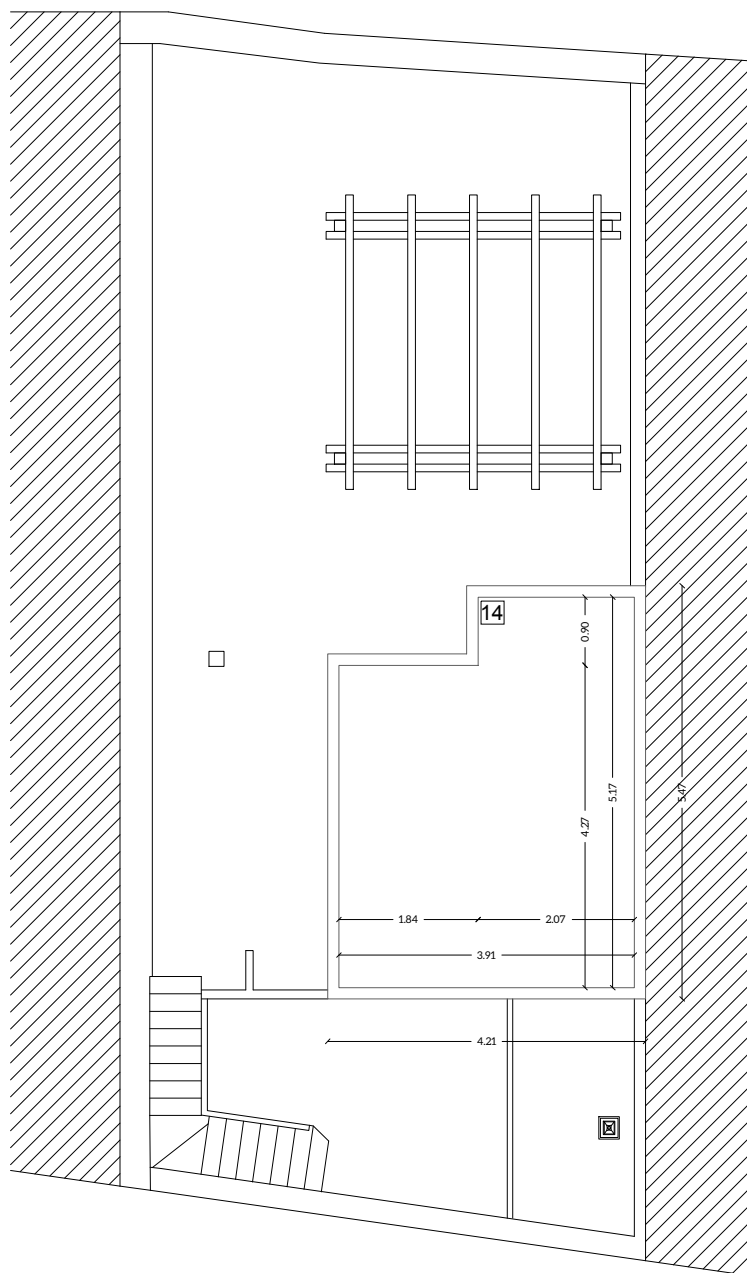


1/100

3.1

Data: 17-09-20

Rua dos Micanos



Legenda

Piso 1

1. Corredor de entrada - 5.5 m²
2. Sala - 14.5 m²
3. Hall central - 8 m²
4. Quarto - 11.1 m²
5. Arrumos - 3.5 m²
6. Corredor central - 3.9 m²
7. Sala de TV - 5.3 m²
8. Sala de jantar - 9.6 m²
9. Pátio - 12.9 m²
(inclui escadas)
10. Cozinha - 5.7 m²

Piso2

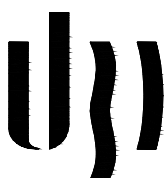
11. Açoiteia - 57.6m²
12. Arrumos - 3.8m²
13. Quarto - 13.3m²
14. Cobertura - 21.3 m²

Beco da Paixanita

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	109,90 m ²
Área de Implantação.....	109,90 m ²
Área Coberta.....	95,30 m ²
Área Descoberta.....	14,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Caso de estudo 3: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua dos Micanos nº26 - Olhão

Arquitetura proposta - Piso de cobertura



1/100

3.2

Data: 17-09-20

Projecto

Projecto de alteração e ampliação de moradia unifamiliar.
Rua Gonçalo Velho, nº. 42, Olhão.

Índice de peças desenhadas

1.0 Arquitectura existente – Piso 1;

1.1 Arquitectura existente – Piso de cobertura;

2.0 Sobreposição de elementos – Piso 1;

2.1 Sobreposição de elementos – Piso 2;

2.2 Sobreposição de elementos – Piso de cobertura;

3.0 Arquitectura proposta- Piso 1;

3.1 Arquitectura proposta- Piso 2;

3.2 Arquitectura proposta- Piso de cobertura;

4.0 Arquitectura existente – Secção AA’;

4.1 Arquitectura existente – Secção BB’;

4.2 Arquitectura existente – Secção CC’;

5.0 Sobreposição de elementos– secção AA’;

5.1. Sobreposição de elementos– secção BB’;

5.2. Sobreposição de elementos– secção CC’;

6.0. Arquitectura proposta – Secção AA’;

6.1. Arquitectura proposta – Secção BB’;

6.2. Arquitectura proposta – Secção CC’;

7.0. Alçado frontal – existente;

7.1. Alçado tardoz – existente;

8.0 Alçado frontal: sobreposição de elementos;

8.1 Alçado tardoz: sobreposição de elementos;

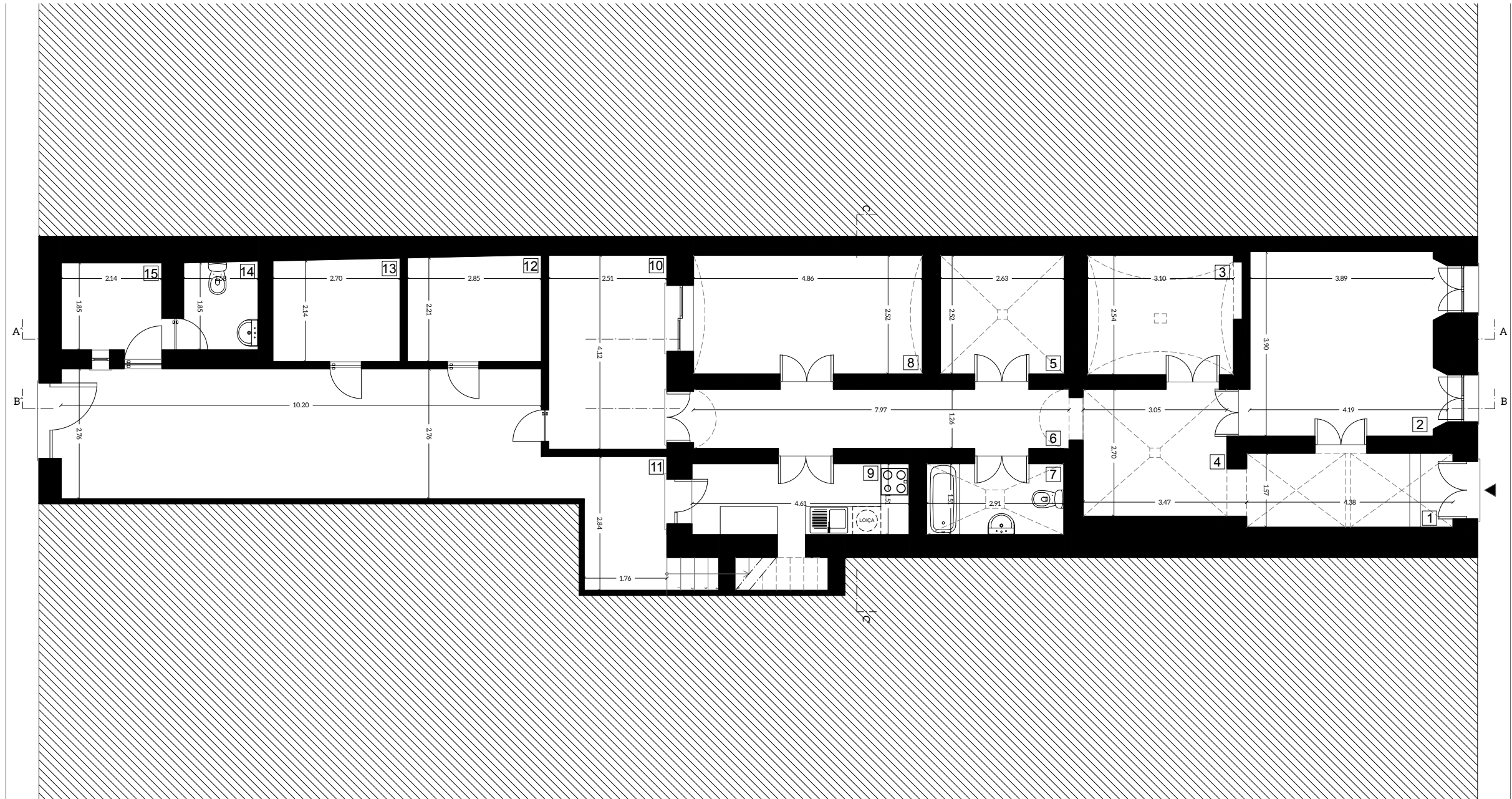
9.0 Alçado frontal: Arquitectura proposta;

9.1 Alçado tardoz interior: Arquitectura proposta;

9.2 Alçado tardoz: Arquitectura proposta;

Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



Legenda

Piso 1:

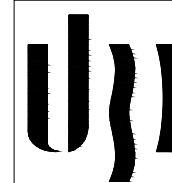
1. Corredor de entrada - 6,8m²
2. Sala - 16m²
3. Quarto 1 - 7,8m²
4. Hall central - 8,2m²
5. Quarto 2 - 6,6m²
6. Corredor central - 9,9m²
7. Instalação sanitária - 4,4m²
8. Quarto 3 - 12,2m²
9. Cozinha 7m² + 1,4m²
10. Sala 1 - 10,3m²
11. Pátio - 37m²
(+Circulação vertical)
12. Arrumos 1 - 6,4m²
13. Arrumos 2 - 5,8m²
14. Instalação sanitária de serviço - 3m²
15. Arrumos 3 - 4m²

Piso 2:

16. Açoteia - 103,4m²
17. Cobertura plana - 5,8m²

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	199,33 m ²
Área de Implantação.....	199,33 m ²
Área Coberta.....	132,20 m ²
Área Descoberta.....	56,50 m ²



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Arquitectura existente - Piso 1



1/100

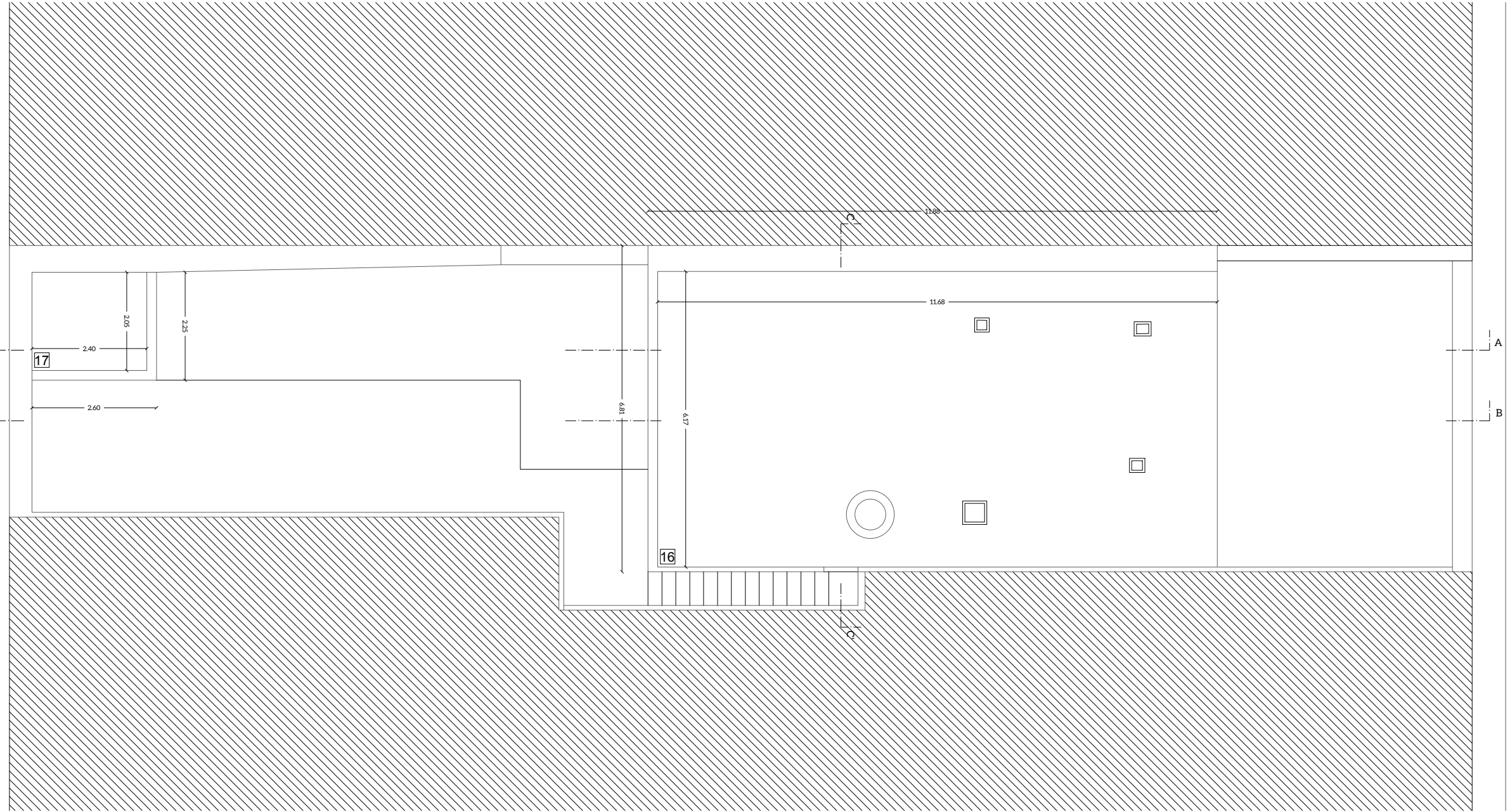
1.0

Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



Legenda

Piso 1:

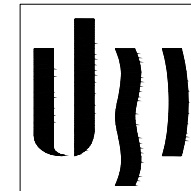
1. Corredor de entrada - 6,8m²
2. Sala - 16m²
3. Quarto 1 - 7,8m²
4. Hall central - 8,2m²
5. Quarto 2 - 6,6m²
6. Corredor central - 9,9m²
7. Instalação sanitária - 4,4m²
8. Quarto 3 - 12,2m²
9. Cozinha 7m² + 1,4m²
10. Sala 1 - 10,3m²
11. Pátio - 37m²
(+Circulação vertical)
12. Arrumos 1 - 6,4m²
13. Arrumos 2 - 5,8m²
14. Instalação sanitária de serviço - 3m²
15. Arrumos 3 - 4m²

Piso 2:

16. Açoteia - 103,4m²
17. Cobertura plana - 5,8m²

Áreas Existentes

Limite do terreno.....	199,33 m ²
Área de Implantação.....	199,33 m ²
Área Coberta.....	132,20 m ²
Área Descoberta.....	56,50 m ²



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Arquitectura existente - Piso de cobertura

1/100

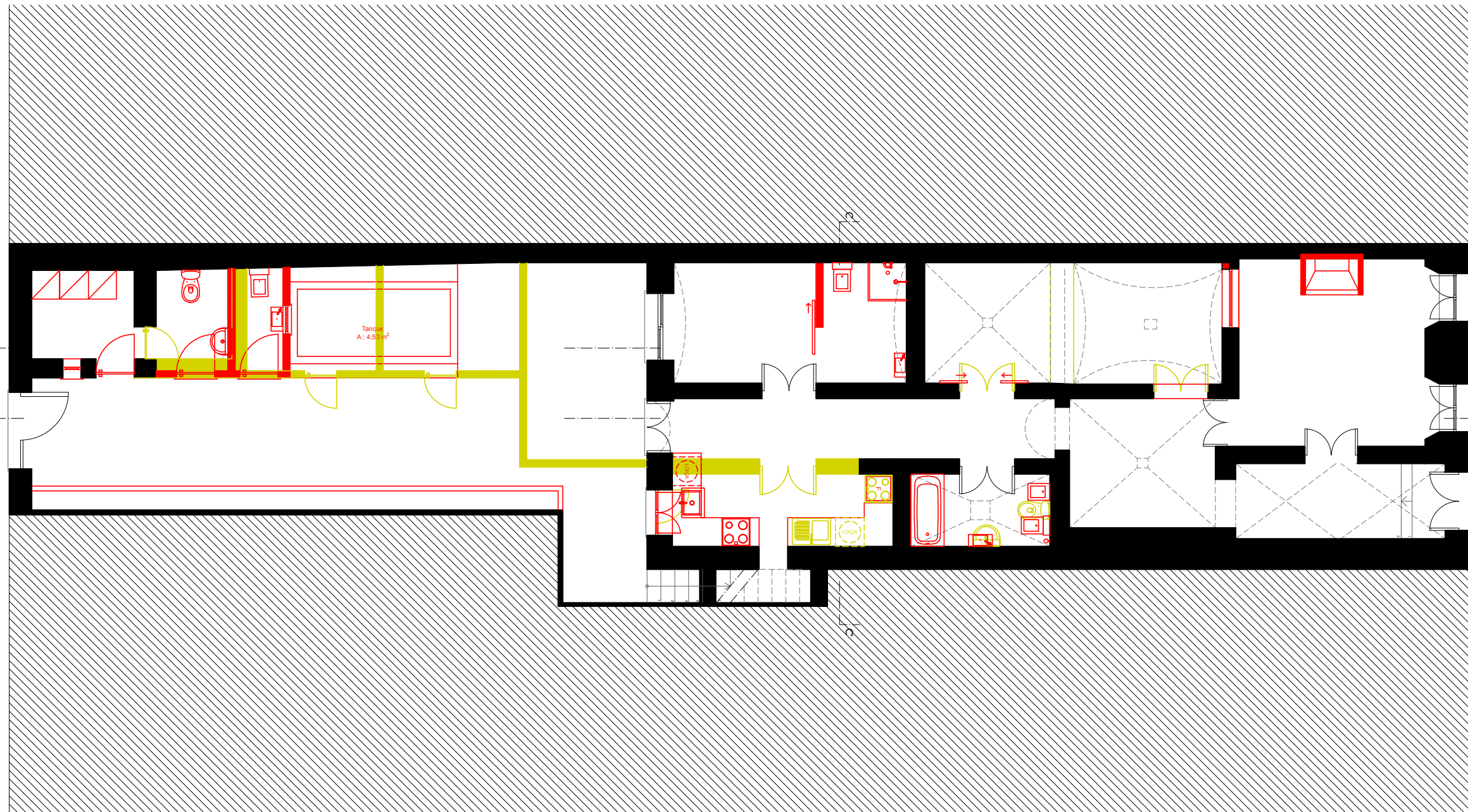
1.1

Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

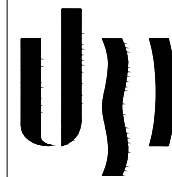
Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	Sobreposição de elementos - Piso 1

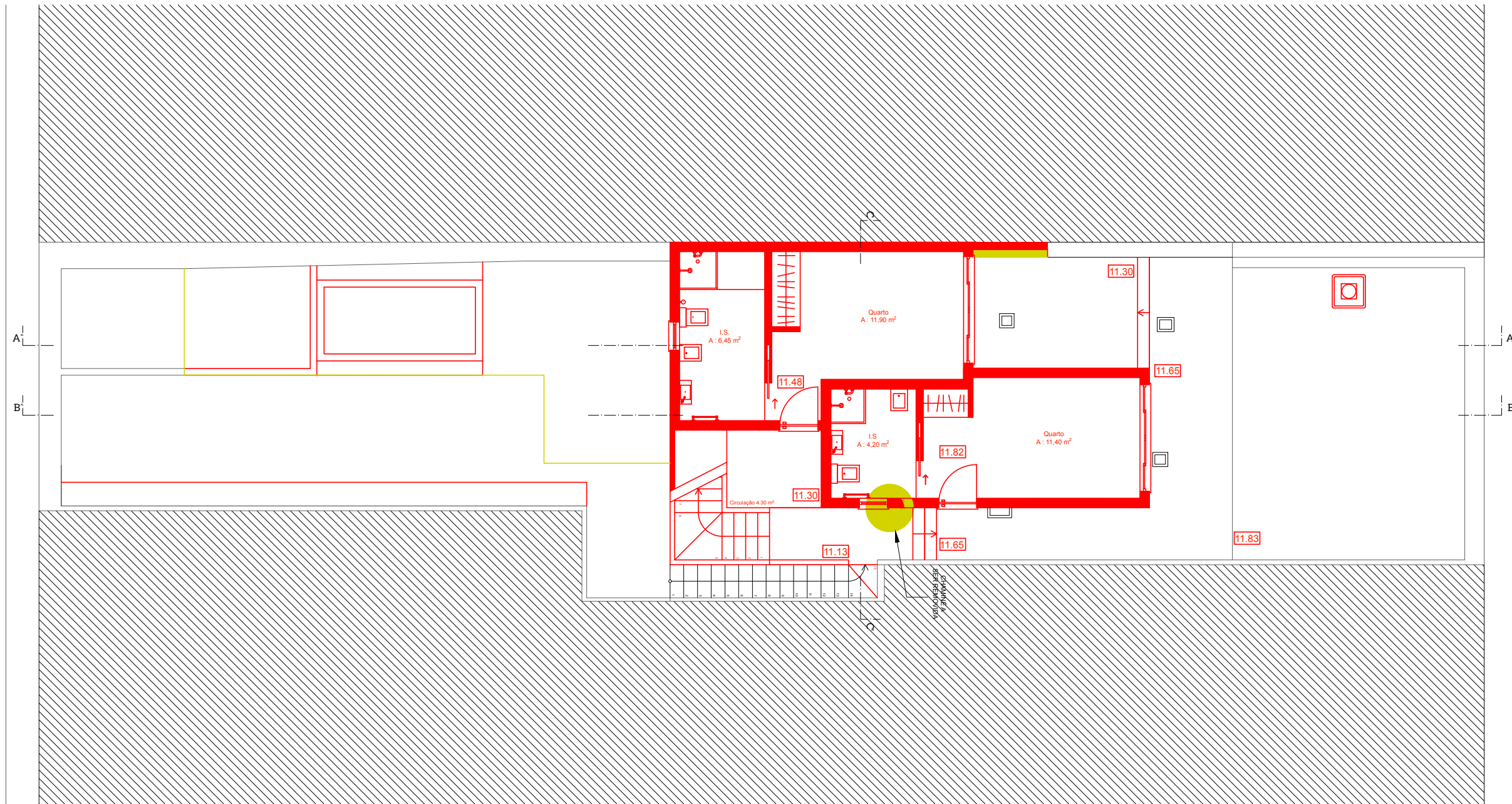
1/100

2.0

Data: 17-09-20

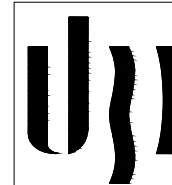
Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



— A demolir
— A construir

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Sobreposição de elementos - Piso 2

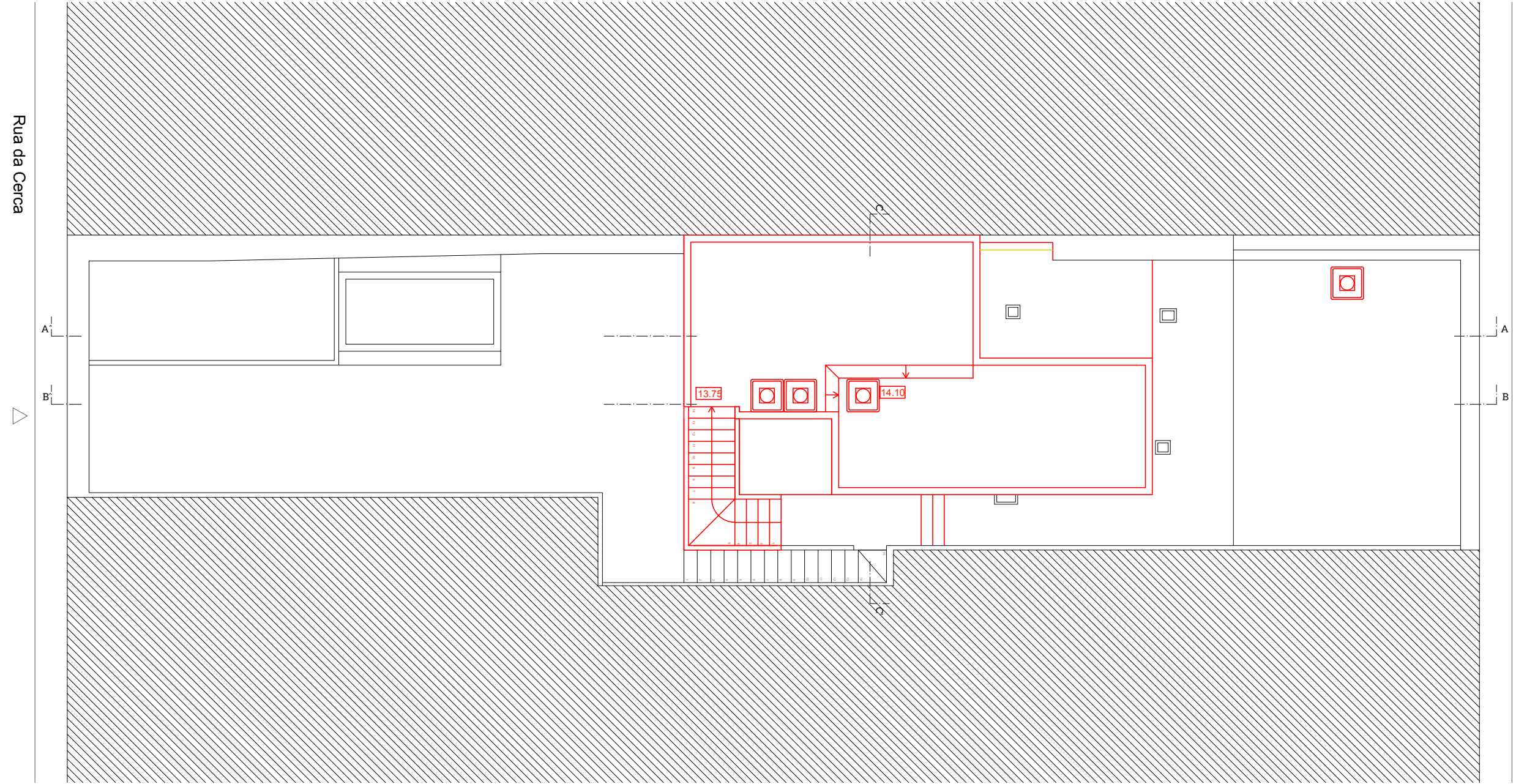
1/100

2.1

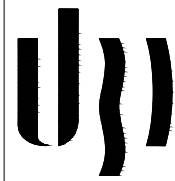
Data: 17-09-20

Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



— A demolir
— A construir



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	Sobreposição de elementos - Piso de cobertura

1/100

2.2

Data: 17-09-20

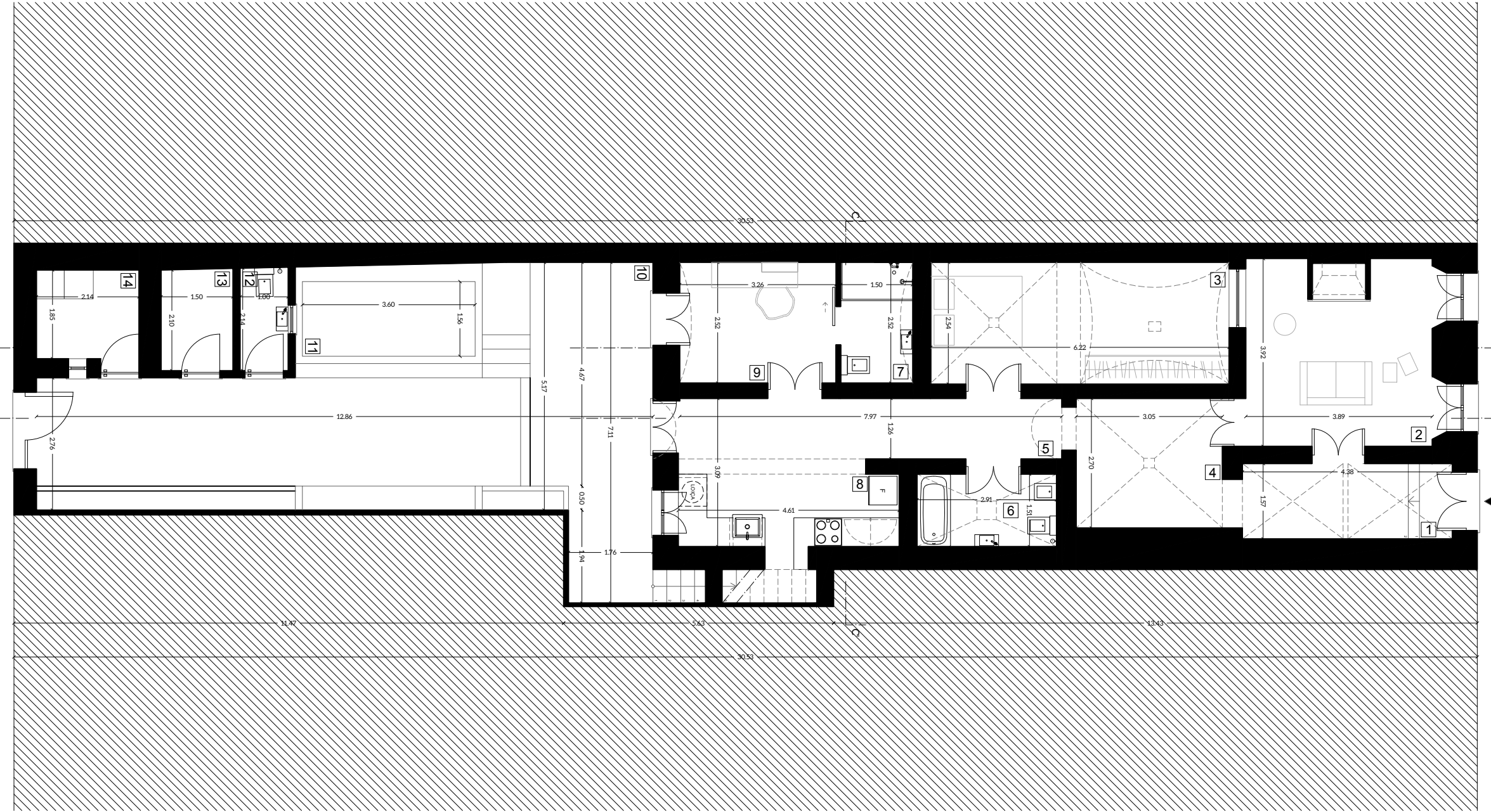
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

Rua da Cerca

311
5,67
1,40
0,96

Rua Gonçalo Velho

0,43
1,00
1,31
1,00
0,84
1,22
0,82



Legenda

Piso 1:

- 1. Hall - 6,8m²
- 2. Sala - 16m²
- 3. Quarto 1 - 15,5m²
- 4. Corredor - 8,3m²
- 5. Corredor central - 8,2m²
- 6. Instalação sanitária - 4,4m²
- 7. Instalação sanitária - 4,5m²
- 8. Cozinha 8,5m² + 1,4m²
- 9. Escritório - 8,9m²
- 10. Pátio - 45,1m²
- 11. Tanque - 11,5m²
- 12. W.C. - 2,2m²
- 13. Arrumo - 3,2m²
- 14. Lavandaria - 4m²

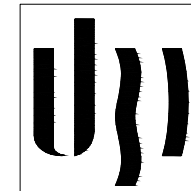
Piso 2:

- 15. Açoteia - 58,6m²
- 16. Pátio - 9m²
- 17. Quarto 2 - 11,4m²
- 18. Quarto 3 - 11,9m²
- 19. Instalação Sanitária - 4,2m²
- 20. Instalação Sanitária - 6,45m²
- 21. Cobertura plana - 11,2m²
- 22. Mirante - 36,9m²

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	199,33 m ²
Área de Implantação.....	199,33 m ²
Área Coberta	132,20 m ²
Área Descoberta.....	56,50 m ²

COTA 0,00 EQUIVALENTE A 7,18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso 1

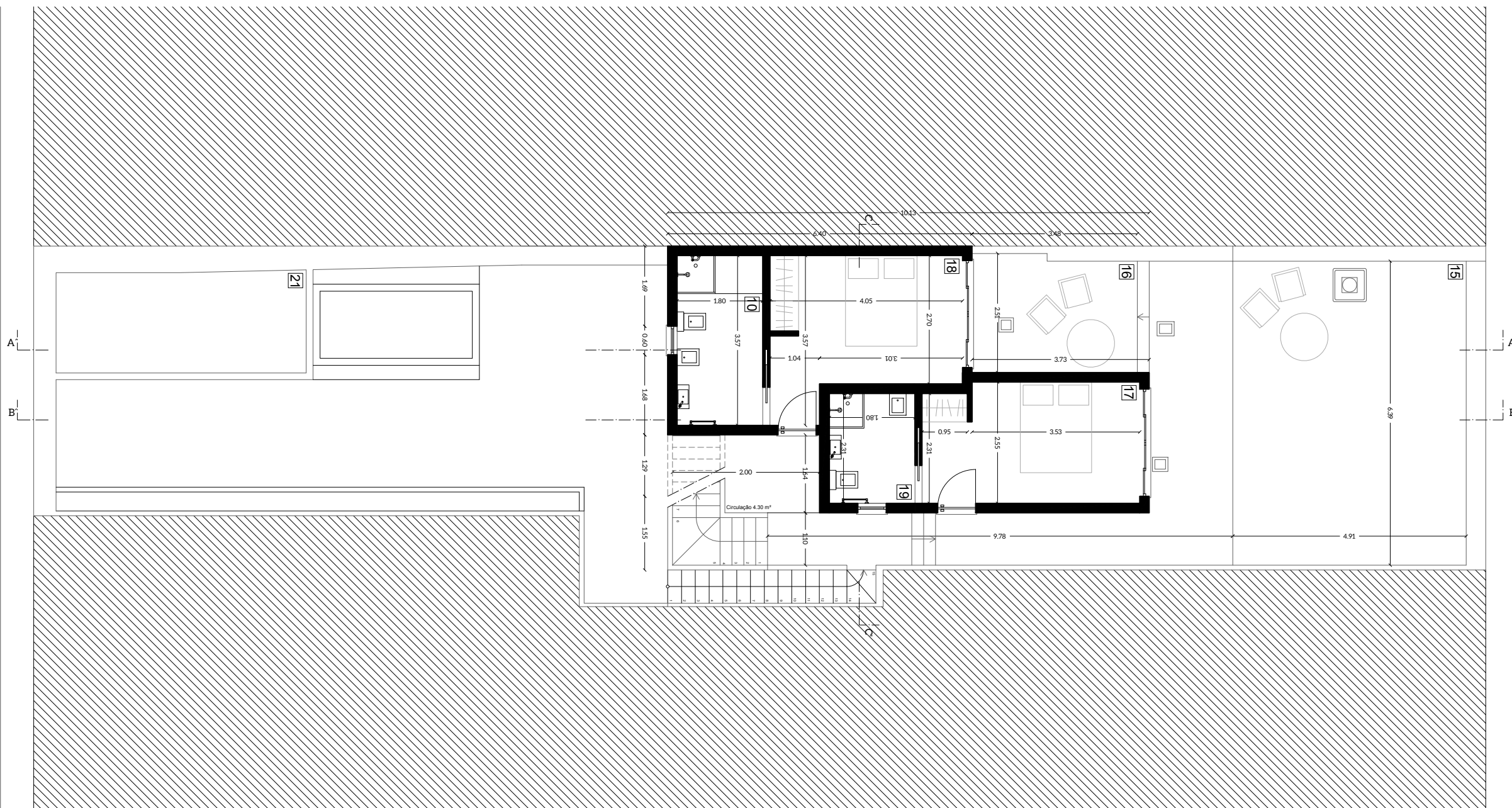
1/100

3.0

Data: 17-09-20

Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



Legenda

Piso 1:

1. Hall - 6,8m²
2. Sala - 16m²
3. Quarto 1 - 15,5m²
4. Corredor - 8,3m²
5. Corredor central - 8,2m²
6. Instalação sanitária - 4,4m²
7. Instalação sanitária - 4,5m²
8. Cozinha 8,5m² + 1,4m²
9. Escritório - 8,9m²
10. Pátio - 45,1m²
11. Tanque - 11,5m²
12. W.C. - 2,2m²
13. Arrumo - 3,2m²
14. Lavandaria - 4m²

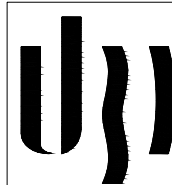
Piso 2:

15. Açoteia - 58,6m²
16. Pátio - 9m²
17. Quarto 2 - 11,4m²
18. Quarto 3 - 11,9m²
19. Instalação Sanitária - 4,2m²
20. Instalação Sanitária - 6,45m²
21. Cobertura plana - 11,2m²
22. Mirante - 36,9m²

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	199,33 m ²
Área de Implantação.....	199,33 m ²
Área Coberta	132,20 m ²
Área Descoberta.....	56,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso 2



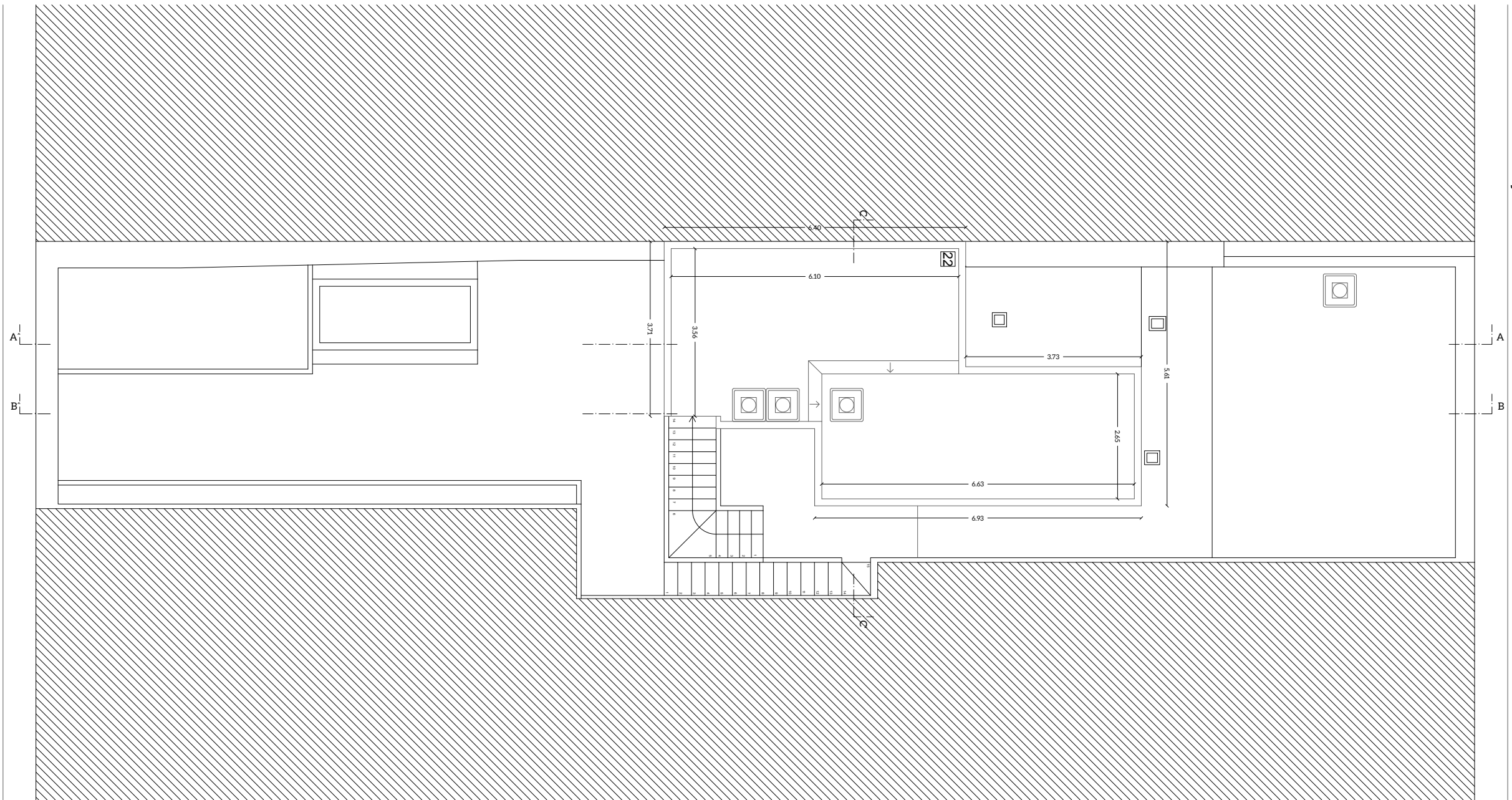
1/100

3.1

Data: 17-09-20

Rua da Cerca

Rua Gonçalo Velho



Legenda

Piso 1:

1. Hall - 6,8m²
2. Sala - 16m²
3. Quarto 1 - 15,5m²
4. Corredor - 8,3m²
5. Corredor central - 8,2m²
6. Instalação sanitária - 4,4m²
7. Instalação sanitária - 4,5m²
8. Cozinha 8,5m² + 1,4m²
9. Escritório - 8,9m²
10. Pátio - 45,1m²
11. Tanque - 11,5m²
12. W.C. - 2,2m²
13. Arrumo - 3,2m²
14. Lavandaria - 4m²

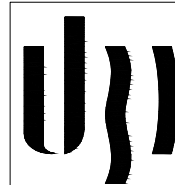
Piso 2:

15. Açoteia - 58,6m²
16. Pátio - 9m²
17. Quarto 2 - 11,4m²
18. Quarto 3 - 11,9m²
19. Instalação Sanitária - 4,2m²
20. Instalação Sanitária - 6,45m²
21. Cobertura plana - 11,2m²
22. Mirante - 36,9m²

Áreas Propostas

Limite do terreno.....	199,33 m ²
Área de Implantação.....	199,33 m ²
Área Coberta	132,20 m ²
Área Descoberta.....	56,50 m ²

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



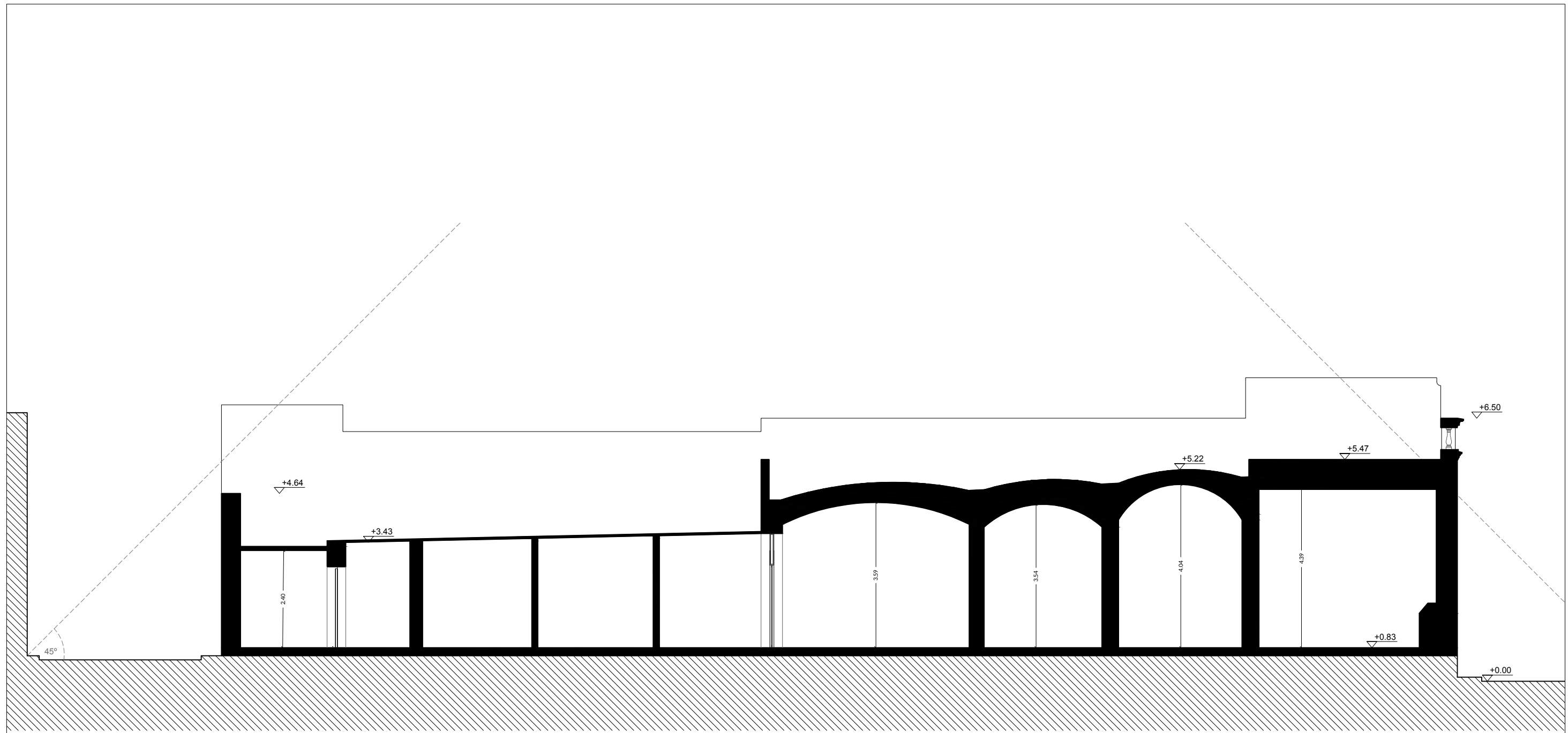
Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Arquitectura proposta - Piso de cobertura



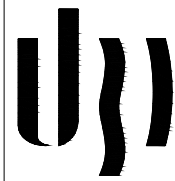
1/100

3.2

Data: 17-09-20



Seção AA'



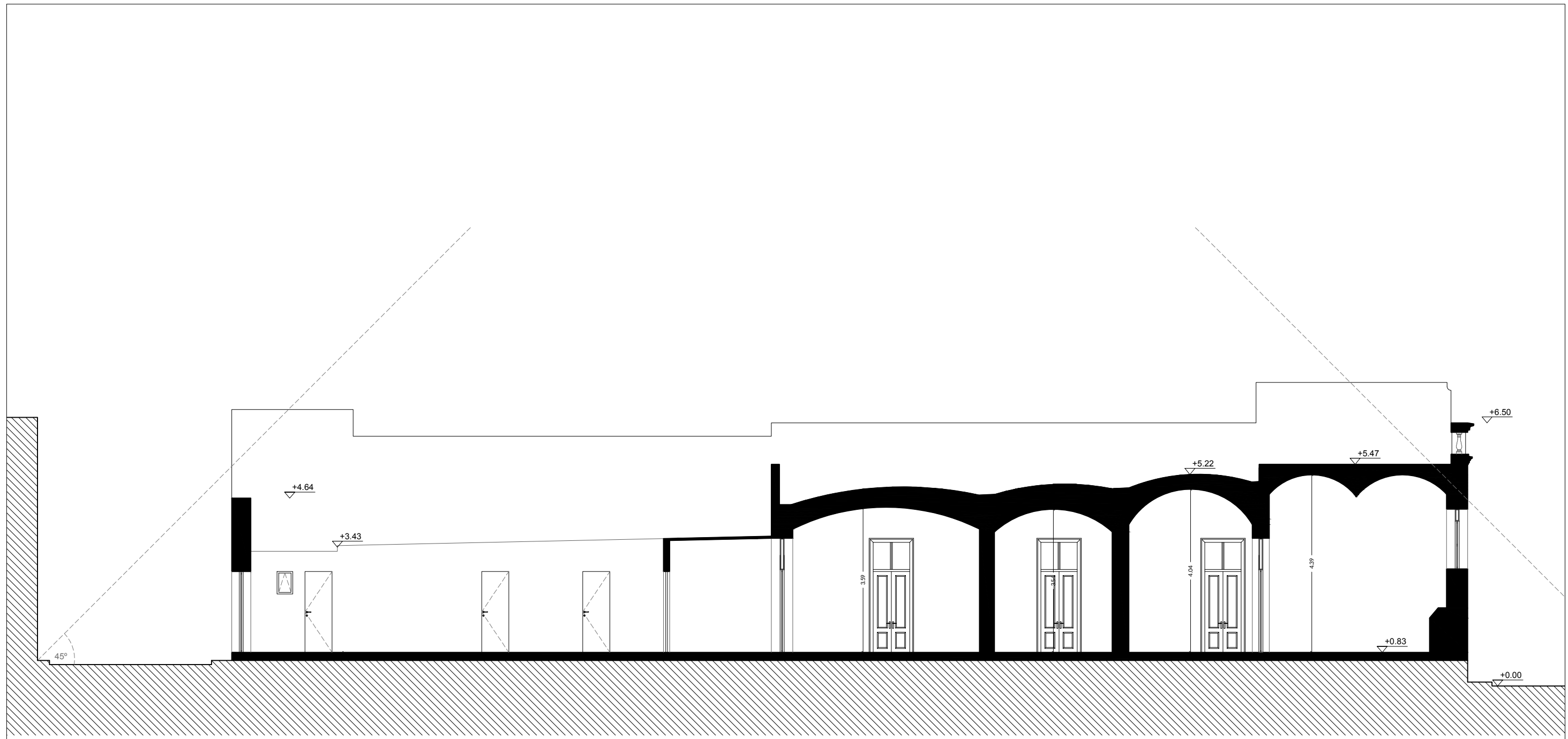
Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	Arquitectura existente - Seção AA'

1/100

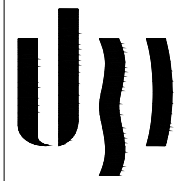
4.0

Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

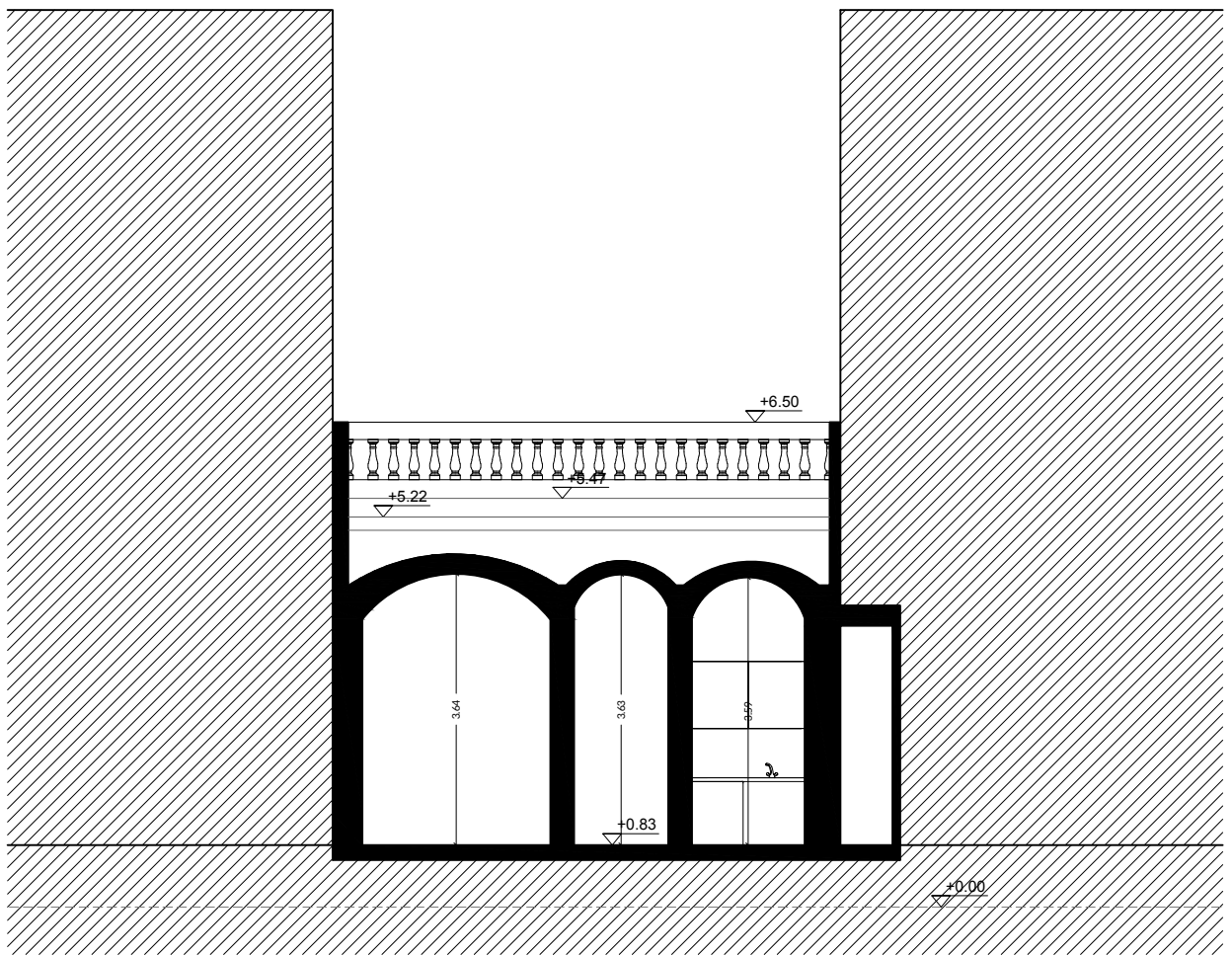


Seção BB'



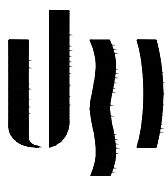
Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		4.1
Arquitectura existente - Seção BB'		Data: 17-09-20

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Seção CC'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

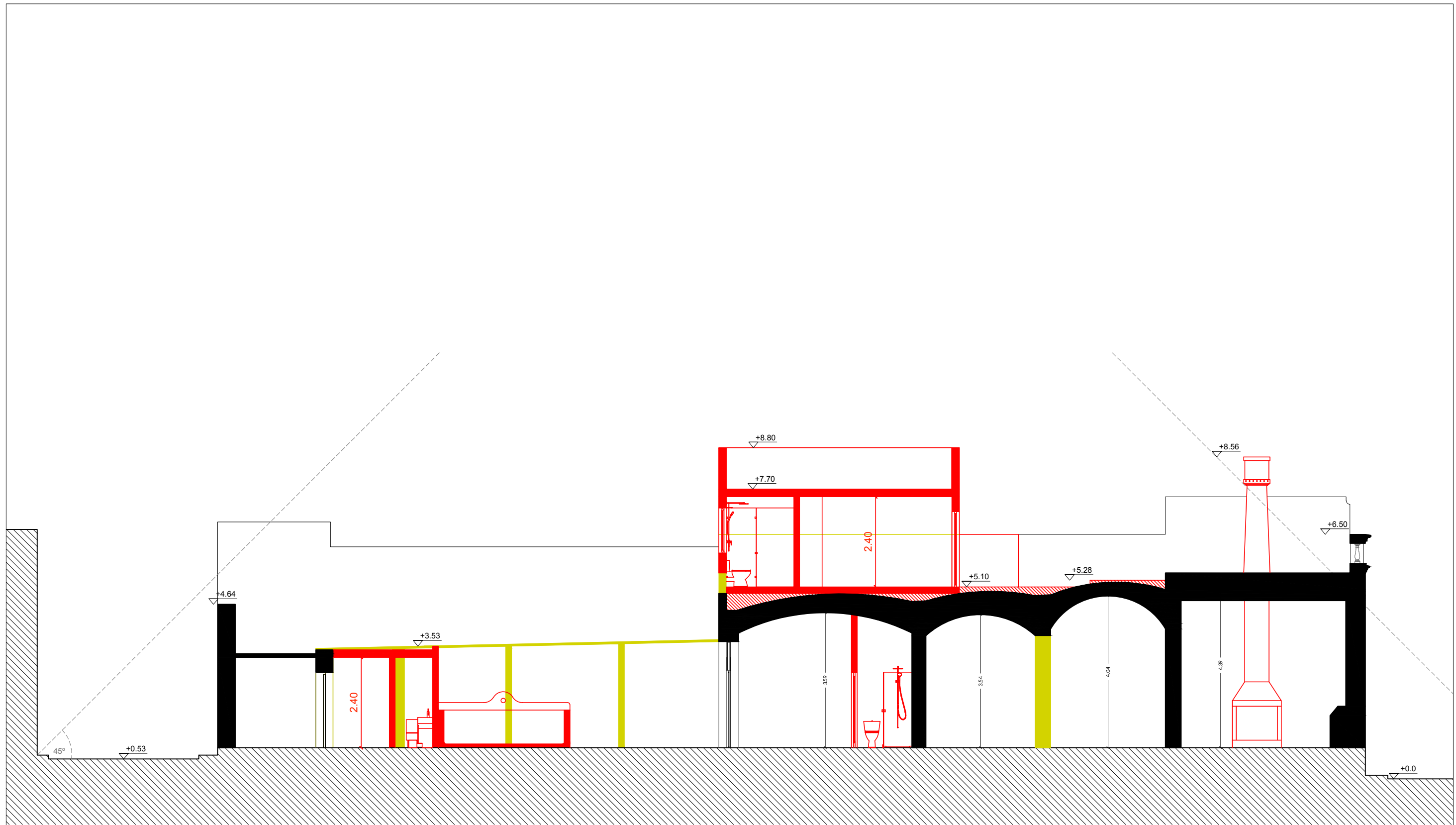


Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	ArquitECTURA existente - Seção CC'

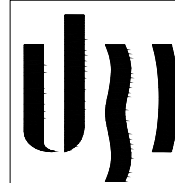
1/100

4.2

Data: 17-09-20



COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

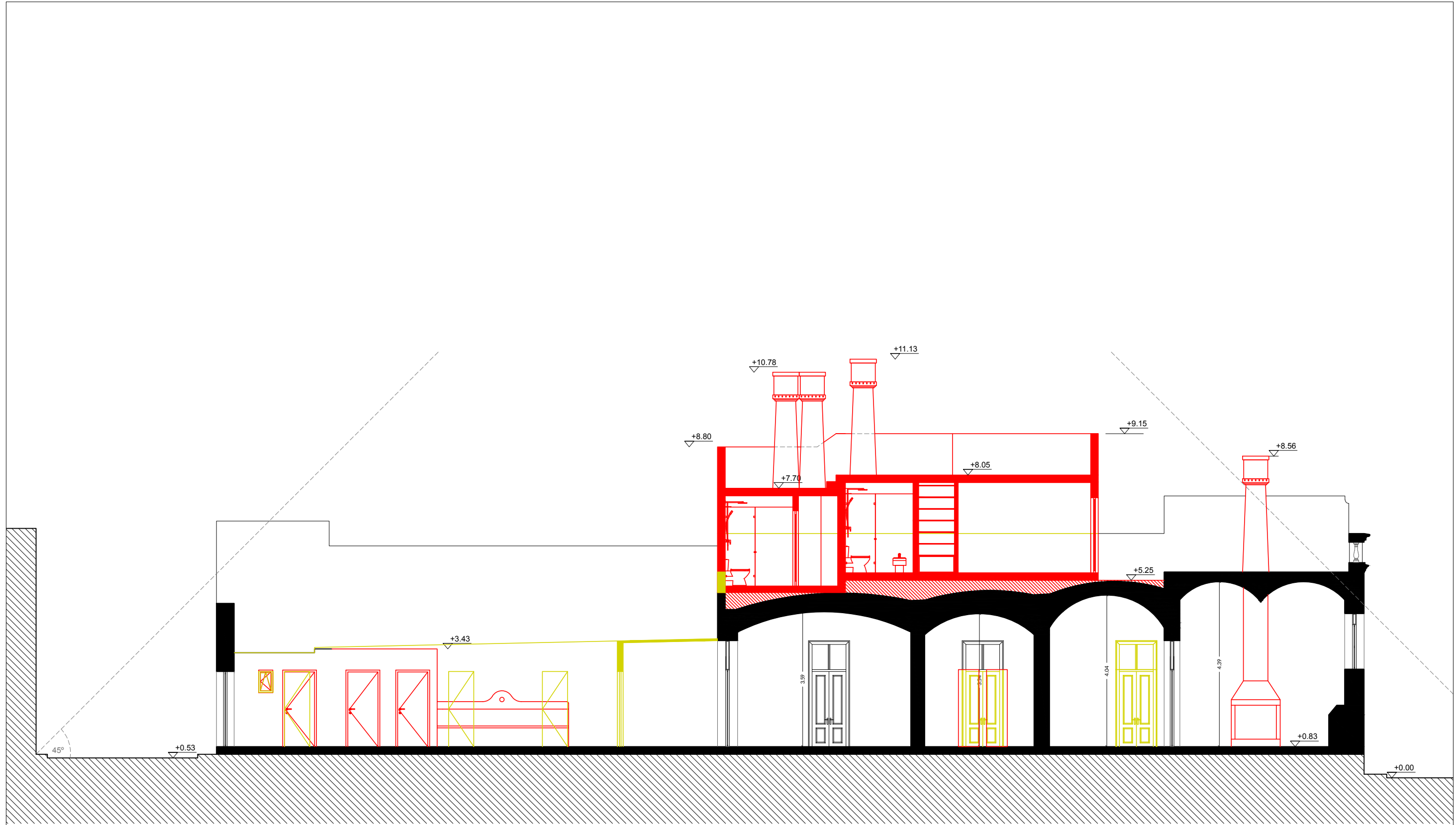


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Yilson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Sobreposição de elementos - Secção AA'

1/100

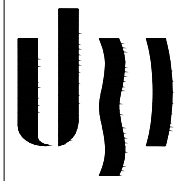
5.0

Data: 17-09-20

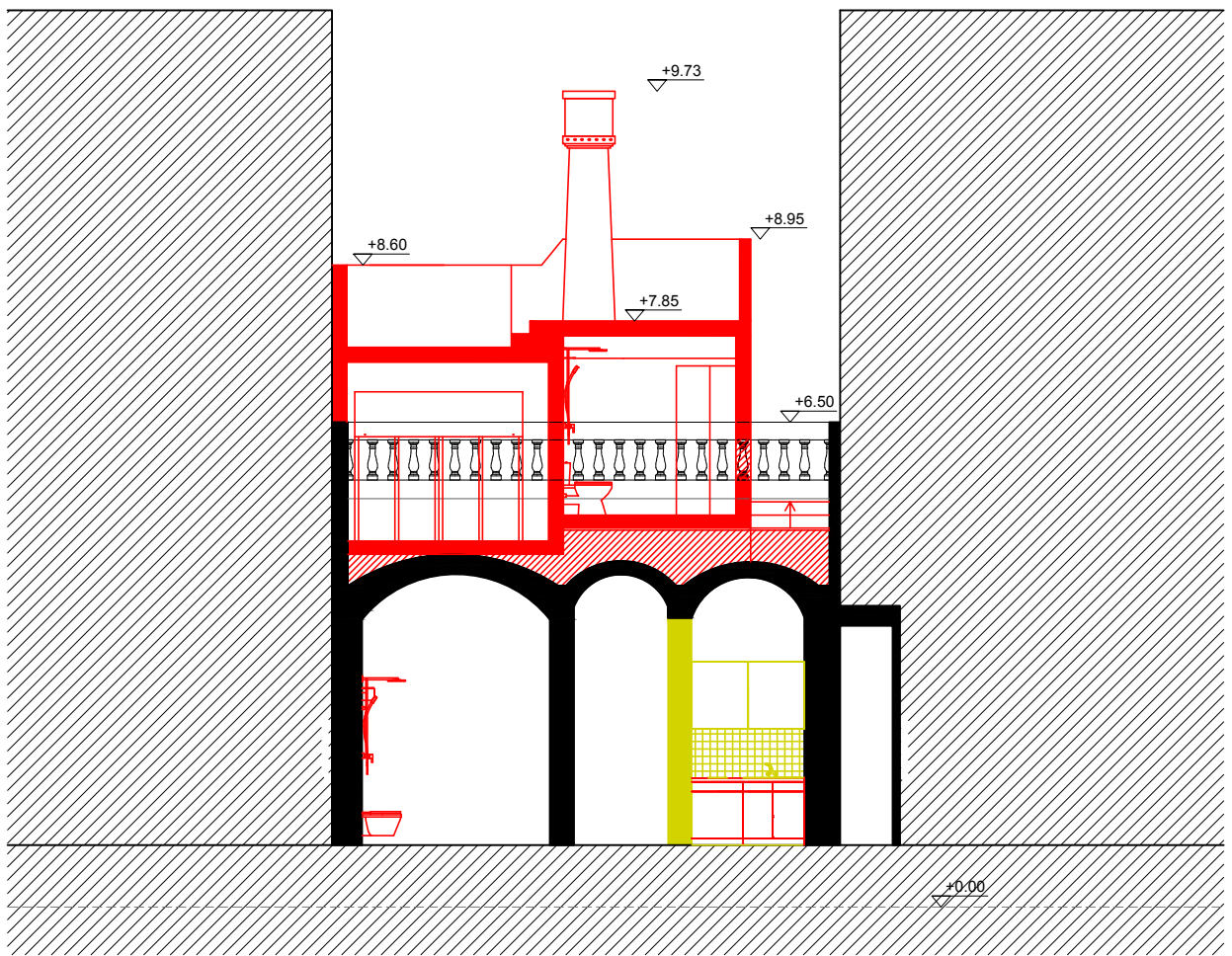


Secção BB'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

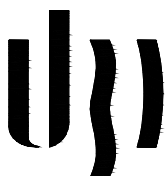


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		5.1
Sobreposição de elementos - Secção BB'		Data: 17-09-20



Seção CC

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

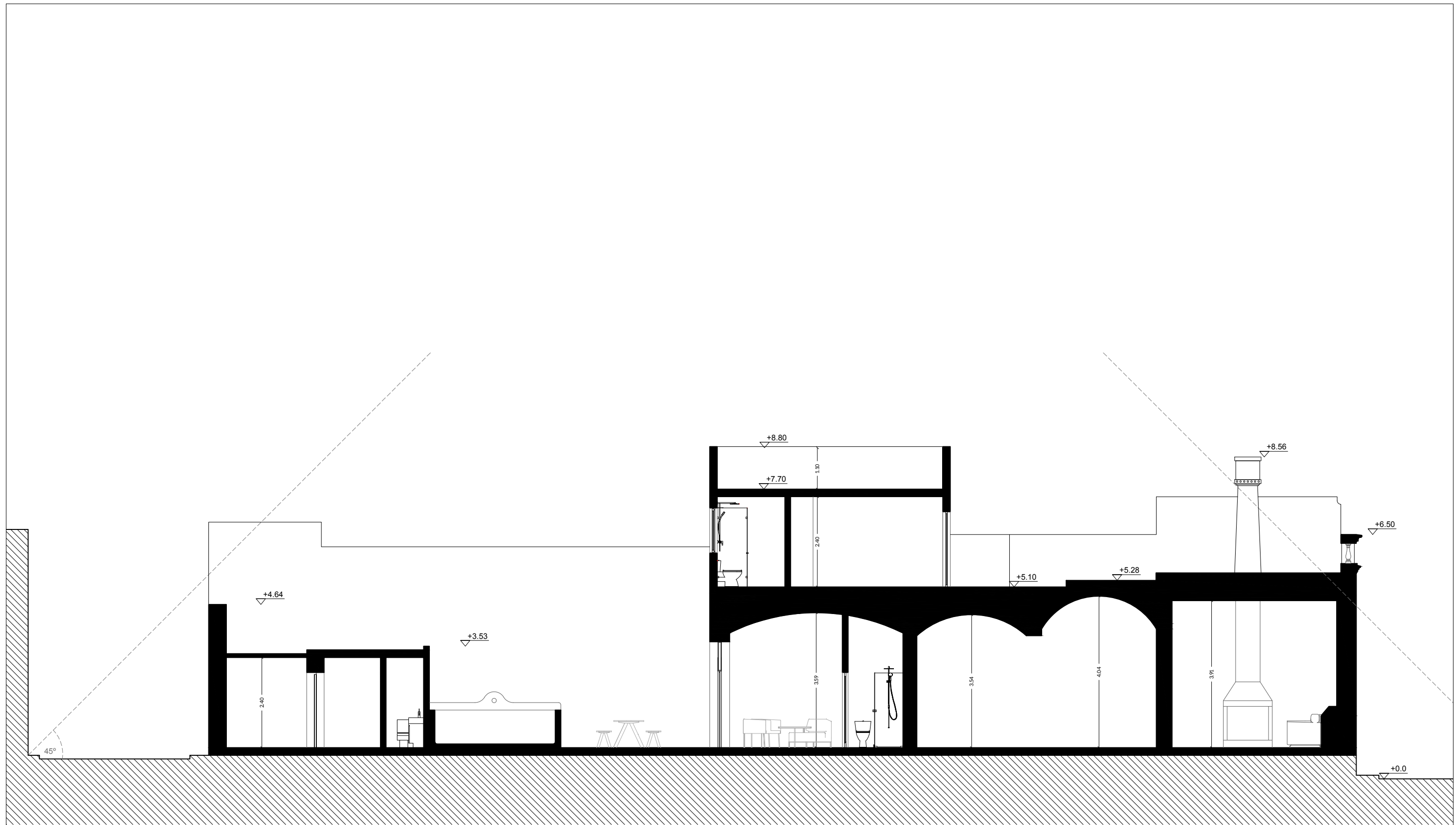


Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	Sobreposição de elementos - Seção CC'

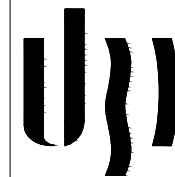
1/100

5.2

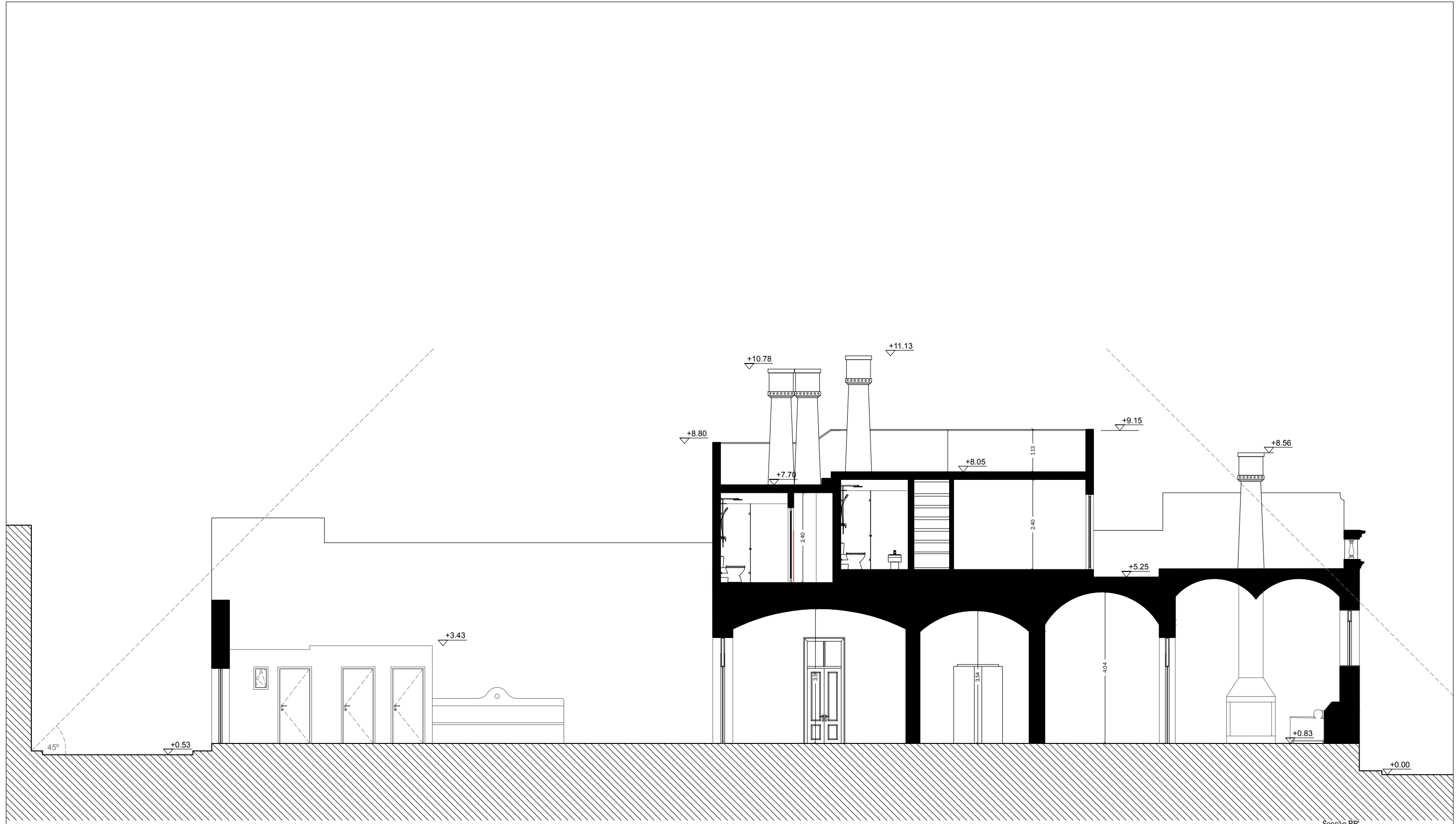
Data: 17-09-20



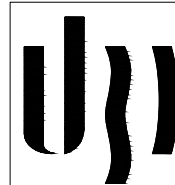
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



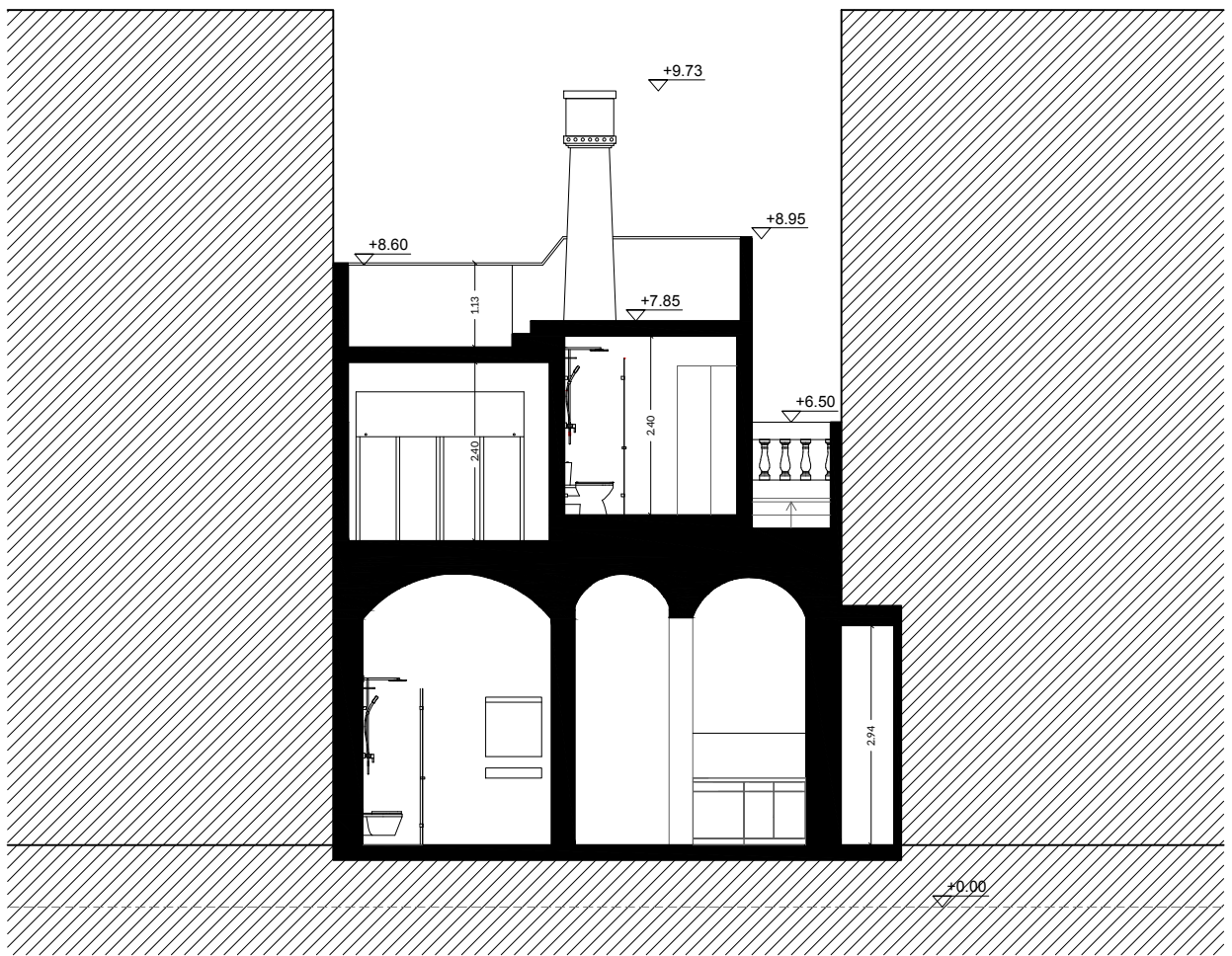
Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Yilson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		6.0
Arquitectura proposta - Secção AA'		Data: 17-09-20



COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

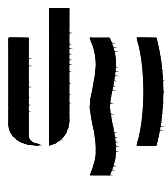


Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
Título da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		6.1
Arquitectura proposta - Secção BB'		Data: 17-09-20



Secção CC'

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã	Mestrado integrado em Arquitectura
Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura	
Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade	
Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez	
Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão	Arquitectura proposta - Secção CC'

1/100


6.2

Data: 17-09-20



Alçado Frontal

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

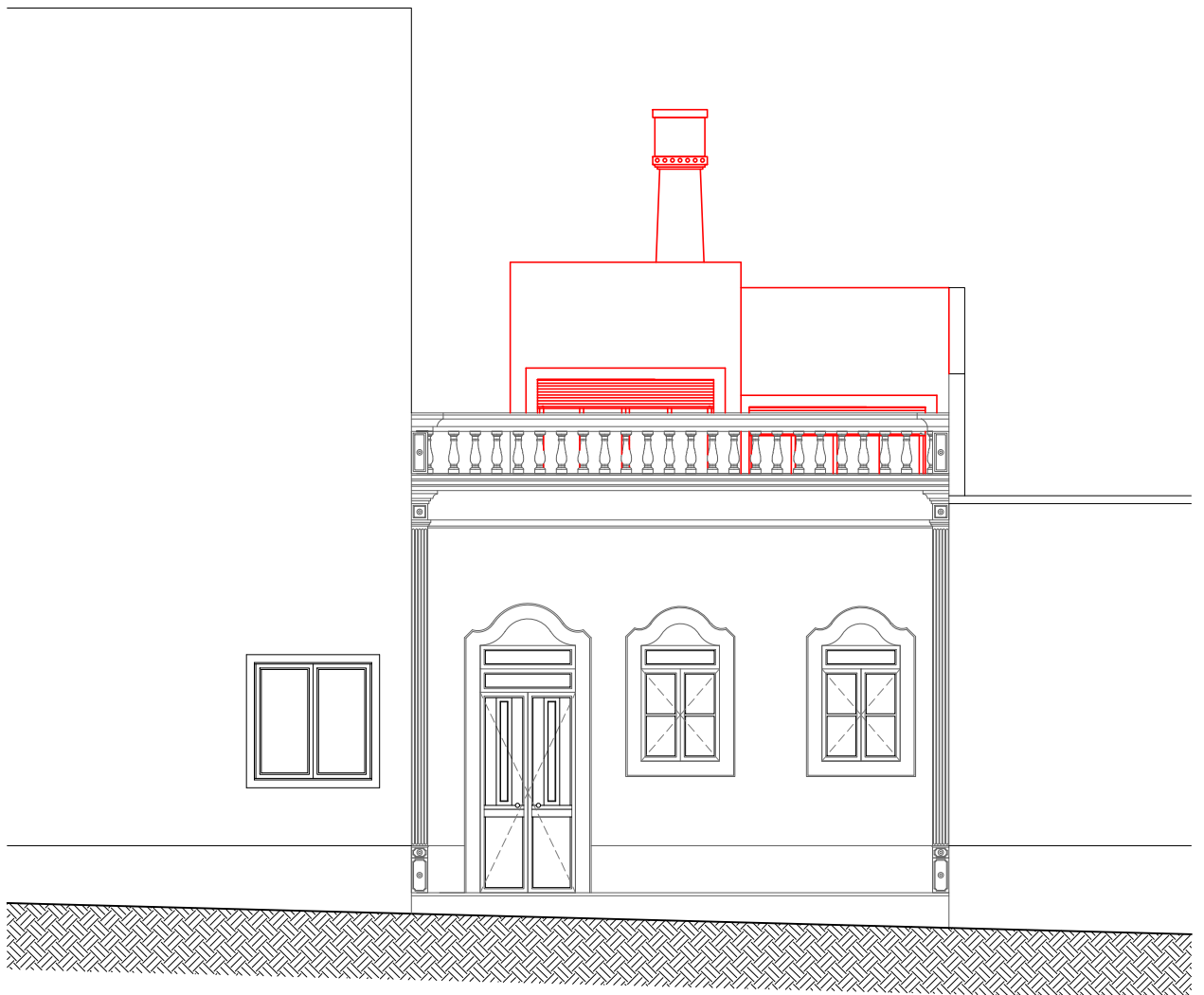
	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	7.0
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado frontal - Existente	Data: 17-09-20



Alçado Tardoz

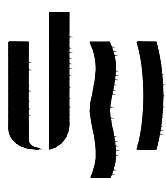
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		7.1
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado tardoz - Existente		Data: 17-09-20



Alçado Frontal

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL



Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestrado integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura

1/100

Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade

Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez

Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

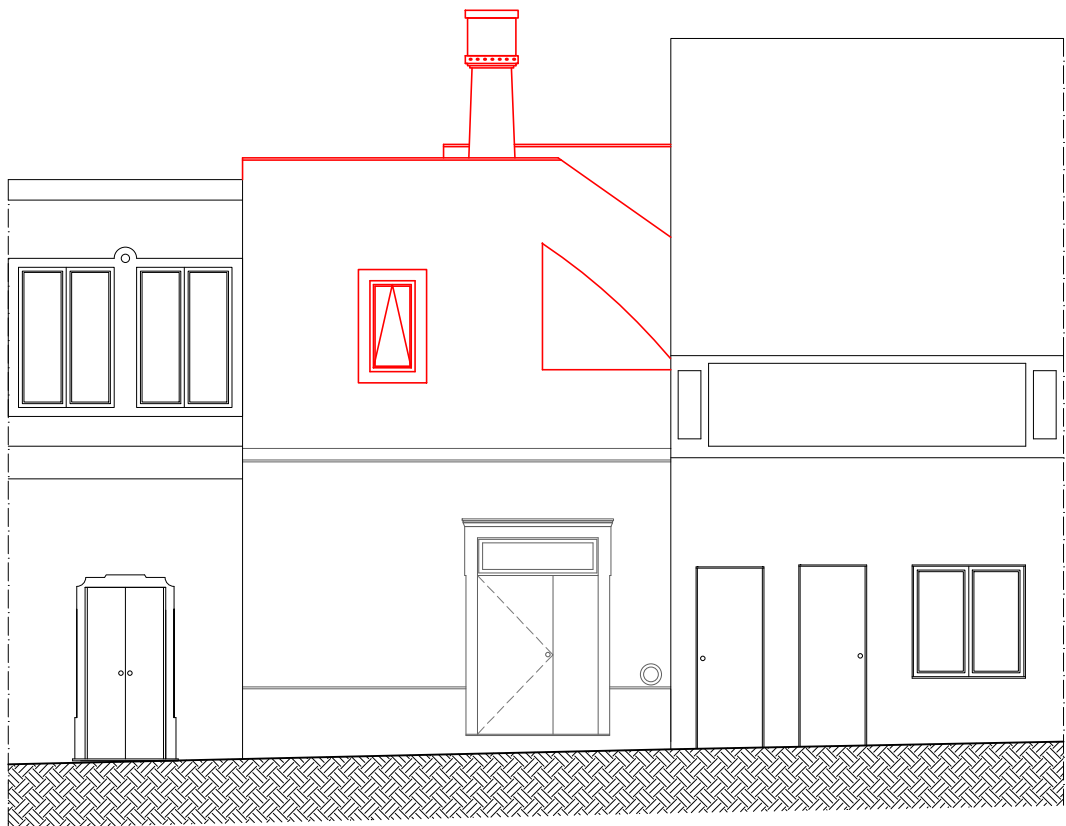
Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

8.0

Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar
Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão

Alçado frontal - Sobreposição de elementos

Data: 17-09-20



Alçado Tardoz

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	<p>1/100</p> <p>8.1</p> <p>Data: 17-09-20</p>
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins		Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado tardoz - Sobreposição de elementos		



Alçado Frontal

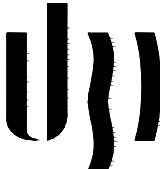
COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	9.0
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado frontal - Arquitectura proposta	Data: 17-09-20



Alçado Tardoz interior

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura	1/100
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura			
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade			
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez			
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno		9.1
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado tardoz interior - Arquitectura proposta		Data: 17-09-20



Alçado Tardoz

COTA 0.00 EQUIVALENTE A 7.18 REAL

	Universidade da Beira Interior - Covilhã		Mestrado integrado em Arquitectura
	Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitectura		1/100
	Titulo da dissertação: Olhão Cubista - Reabilitação no bairro histórico da cidade		
	Aluno nº 29054 - Ylson Stivel Ospina Gómez		
	Orientador Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins	Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno	9.2
Projecto: Alteração e ampliação de moradia unifamiliar Rua Gonçalo Velho nº 42 - Olhão		Alçado tardoz - Arquitectura proposta	Data: 17-09-20